

Itaytera

SESQUICENTENÁRIO DA INDEPENDÊNCIA

“Domingo, 1.º de setembro de 1822. A primeiro de setembro de 1822, nesta real vila do Crato do Ceará, comarca do Crato do Ceará, nas casas da câmara que servem de paço do conselho, onde se achava a câmara presidida pelo corregedor da comarca e mais autoridades, e cidadãos abaixo assinados, para efeito de se tratar, com parecer de todos, sôbre o cumprimento de um decreto (3 de junho) de S. A. R., tedendo a divisão do Brasil, nesta foi decidido por voto geral, que se devia cumprir o decreto de S. A. R., independente de mais nada e que se procedesse logo a eleição da paróquia e que na forma do decreto para não retardar de modo algum o fim, a que ele se dirige, e vermos mui depressa ao lado de S. A. R. os deputados desta provincia, para ali se tratar quanto antes os negócios tendentes à felicidade e prosperidade do Brasil, e que destinava o dia 7 do corrênte mês para se proceder à dita eleição, procedendo editais e avisos ao reverendo pároco, para ficar certo na parte que toca e também mandaram que o escrivão passasse certidão de todo o conteúdo, para ser remetida à junta provisória do govêrno, e outrossim outra igual certidão para se remeter à Câmara de Lavras, e outrossim, que se oficiasse às câmaras desta comarca de modo, porque neste caso se houve esta câmara.

E para constar mandaram fazer este termo que assinaram. (As assinaturas estão no texto, à pág. 200).

C O D E M A

Comércio de Madeiras Ltda.

Material de Construção:

F E R R O

C I M E N T O

A Z U L E J O S

PREÇOS SEM COMPETIÇÃO!

MATRIZ EM CRATO

Rua Bárbara de Alencar, 661-683

FILIAIS:

Juazeiro do Norte e Iguatu

ITAYERA

CRATO — N. 16 — ANO 1972 — CEARÁ

DIRETORIA DO

INSTITUTO CULTURAL DO CRATO

ELEITA PARA O ANO SOCIAL ENTRE
OUTUBRO DE 1970 A OUTUBRO DE 1971

PRESIDENTE :

JOSÉ ALVES DE FIGUEIREDO FILHO

VICE-PRESIDENTE :

PE. ANTONIO GOMES DE ARAUJO

SECRETARIO GERAL :

JOAO LINDEMBERG DE AQUINO

2.º SECRETÁRIO :

ZULEIKA PEQUENO DE FIGUEIREDO

TESOUREIRO :

ANTONIO CORREIA COELHO

COMISSÃO DA REVISTA "ITAYERA" :

J. DE FIGUEIREDO FILHO

PE. ANTONIO GOMES DE ARAUJO

J. LINDEMBERG DE AQUINO

COM. DE CIÊNCIAS, LETRAS E ARTES :

DR. RAIMUNDO OLIVEIRA BORGES

PROF. JOSÉ NEWTON ALVES DE SOUSA

DR. JEFFERSON DE A. E SOUSA

COMISSÃO DE SINDICÂNCIAS :

DR. JOSÉ DE PAULA BANTIM

PROFA. EDMÉIA ARRAES DE ALENCAR.

PROFA. MARIA DE LOURDES ESMERALDO

Sócios que tomaram posse em Cadeira com Patrono, na Secção de Letras :

N. 1 — João Lindemberg de Aquino

PATRONO — Padre Ibiapina

N. 2 — Dr. Raimundo de Oliveira Borges

PATRONO — Bruno de Menezes

N. 3 — J. de Figueiredo Filho

PATRONO — José Alves de Figueiredo

N. 4 — Edméia Arraes de Alencar

PATRONO — Alexandre Arraes de Alencar

N. 5 — Profa. Maria de Lourdes Esmeraldo

PATRONO — Mons. Pedro Rocha de Oliveira

N. 6 — Pc. Antônio Gomes de Araújo

PATRONO — Irineu Nogueira Pinheiro

N. 7 — Cap. Otacilio Anselmo e Silva

PATRONO — Barbosa de Freitas

N. 8 — Prof. José Newton Alves de Sousa

PATRONO — Alvaro Bomilcar

N. 9 — Mons. Rubens Gondim Lóssio

PATRONO — D. Francisco de Assis Pires

N. 10 — Tomé Cabral

PATRONO — Pe. Emilio Leite Cabral

N. 11 — Pedro Gomes de Matos

PATRONO — Raimundo Gomes de Matos

N. 12 — General Raimundo Teles Pinheiro

PATRONO — Leandro Bezerra Monteiro

N. 13 — Joaryvar Lobo de Macedo

PATRONO — Otacilio Macedo

N. 14 — Francisco S. Nascimento

PATRONO — Manuel Monteiro

SECÇÃO DE CIÊNCIAS :

N. 1 — Dr. Napoleão Tavares Neves

PATRONO — Dr. Barreto Sampaio

A Vila Real do Crato nas lutas da Independência	3
A Tragédia de Guaribas	9
SAUDANDO — Joaquim Lobo de Macedo	33
DISCURSO — Dr. Raimundo de Oliveira Borges	45
DISCURSO — Gen. Raimundo Teles Pinheiro	49
DISCURSO — Maria Sarah Esmeraldo Cabral	59
DISCURSO — Dr. José Newton Alves de Sousa	67
Lembrança do Cariri	69
Januária meu amor	70
Justa Homenagem	77
Troca de Correspondência entre Filólogo e um Provinciano Cearense	79
A Maior Riqueza Paleontológica do País	87
Proposições para um Super-Herói	89
A Girândola	91
Quixadá Felício	94
Icó dos Velhos Tempos	95
Notas Autobiográficas	97
Arte e Estilo	105
Um advogado aí pelos sertões	117
As Tradições Nacionais Valores Permanentes e Valores Transitórios	121
Melhoria da Agricultura no Sul do Estado	135
O Sesquicentenário da Independência do Brasil — 1822 — 1972 ..	137
Intercâmbio Cultural no Crato	149
A Meta é Educação	150
Filhos Ilustres de Maranguape	151
Folclore da Aguardente	155
A Cultura Brasileira e o Desenvolvimento Nacional	161
Nossos Municípios	167
DISCURSO — Martinho de Luna Alencar	169
ITAYTERA, N.º 15	175
Imagens do Sertão	176
NOTAS GENEALÓGICAS — Família Duarte Pinheiro	177
DISCURSO — Eduardo Campos	179
O Ceará antecipa-se à Abolição, no País	181
C O M E N T Á R I O	187
Um Poeta, um Músico e a Independência	188
PAULISTA — Amigo do Nordeste	191
C O M E N T Á R I O	193
Centenário de Nascimento — José Carvalho	195
O Lago que se tornou Sangrento	199

A Vila Real do Crato nas lutas da Independência

J. DE FIGUEIREDO FILHO

da Academia Cearense de Letras,
Presidente do Instituto Cultural do Cariri,
Professor da Faculdade de Filosofia do Crato

É acusação corriqueira, no Brasil, que os acontecimentos marcantes, de sua história, iniciaram-se de cima para baixo, isto é, das metrópoles para o interior. Há fatos, porém, que demonstram o contrário. No norte do país, onde as lutas pela emancipação não foram incruentas, o interior tomou parte ativa, e, algumas vezes, antecipou-se às capitais. Houve derramamento de sangue na Bahia, Ceará, Piauí, Maranhão e Pará.

Em S. Paulo, com a estrada preparada pelos Andradas e outros patriotas do Rio e Minas, deu-se em 7 de Setembro, o célebre grito de Pedro, Príncipe Regente, no momento. Ecoou pela jovem nação que surgia, à proporção que a distância permitia, pacífica ou pelas armas, conforme a preparação cívica de cada zona.

Em muitos pontos, o movimento nasceu no interior, disseminou-se pelo resto da província, através de mil sacrifícios, prova evidente de que o espírito de liberdade não era monopólio do litoral.

Na Bahia, o foco da irradiação foi Cachoeira, até que a vitória de 2 de Julho, já em 1823, esmagava a resistência portuguesa do General Madeira, abrindo as portas de Salvador, aos independentistas.

A então Vila Real do Crato, no sul cearense, nos limites de Pernambuco, de onde sempre recebeu influência, coube o papel principal, no movimento que incorporou o Ceará ao organismo nacional. Chegara o Brasil na idade de emancipar-se e viver às expensas próprias. E não ficou a Vila dentro das fronteiras da província. Influuiu, com chefes e grossos de tropas, para a libertação do Piauí e Maranhão, no ano de 1823.

O acontecimento que antecede, um pouco, até ao Grito do Ipiranga, é meio esquecido no país, pelos seus principais historiadores. Só João Ribeiro, em sua "História do Brasil" dá nota de ressalva, de autoria do crítico literário de renome nacional — Araripe Júnior, lembrando os feitos de sua família, em prol da Independência; Era êle filho do Conselheiro Tristão de Alencar Araripe, de atuação no Império, na política de S. Paulo e Pernambuco, neto do herói de 1817, 1822, 1823 e martir em 1824 — Tristão Gonçalves. Não esquecermos que foi bisneto da heroína Bárbara Pereira de Alencar, a primeira mulher republicana, em ordem cronológica, do país. O avô, de igual nome, fora martir da malograda Confederação do Equador, em Santa Rosa, Ceará.

Citemos alguns trechos do historiador cearense João Brígido dos Santos, nascido, eventualmente, no Estado do Rio, mas de família radicada ao Crato. Residiu cêrca de 10 anos nesta cidade e em Barbalha. Fundou o primeiro jornal cratense — O ARARIPE, intrépido defensor da zona, iniciou a sua história, indispensável aos estudiosos de hoje, com

CEARÁ, HOMENS E FATOS. Em parte, foi publicada no século passado, no mais antigo órgão da imprensa sul-americana — o DIÁRIO DE PERNAMBUCO —. Mudou-se para Fortaleza e ali criou o UNITÁRIO, que ainda hoje circula, da conhecida empresa DIÁRIOS ASSOCIADOS. Sobressaiu-se pela veemência de linguagem e tornou-se autêntico fazedor e destruidor de Presidentes do Estado.

No citado livro cito três notas, ou datas, pois sua segunda parte é escrita em ordem cronológica :

“3 de Maio de 1817 — Proclamada a República, pelo diácono José Martiniano de Alencar, seus parentes e amigos”.

“1.º de Setembro de 1822 — Filgueiras e Tristão fazem a Câmara do Crato e o Ouvidor Lagos cumprir o Decreto de 3 de Junho, a cuja execução o governo provisório demonstra infenso”.

“7 de Setembro de 1822 — Eleição dos eleitores que tinham de nomear os Deputados à Constituinte. Essa eleição foi retardada, adrede, na Comarca do Ceará”.

Naquela época, o Ceará dividia-se em duas comarcas, a de Crato, compreendendo os Municípios de Quixeramobim ao Cariri, nos limites com Pernambuco, e a outra, o restante da Província, com sede em Fortaleza. A primeira mencionada por efeito da revolta malograda em 1817, e pela influência dos Alencares, foi sacudida de ardor patriótico, combatente. Os representantes dos seus Municípios constituíram o GOVERNO TEMPORÁRIO DE ICÓ — em contraposição à JUNTA GOVERNATIVA pró Portugal, estabelecida em Fortaleza. A unanimidade da Câmara do Crato, a dar passo de rebeldia, a primeiro de Setembro, com voto unânime de seus membros, teve como mentores essenciais : Tristão Gonçalves de Alencar e o escrivão Francisco Miguel Pereira. Conseguiram aliciar os próprios adversários de 1817, a exemplo do Brigadeiro Leandro Bezerra Monteiro (SENIOR) José Pereira Filgueiras, Capitão-Mor do Crato, e José Vitoriano Maciel, amigo incondicional do segundo, em qualquer atitude que tomasse.

Tristão, no cerco de Caxias, em 1823, com o fim de libertar o Maranhão, de Fidié, o heróico comandante luso, adicionou ao seu nome o sobrenome nativista de Araripe, a lembrar o topônimo tupi da chapada que separa o Cariri cearense de Pernambuco. Francisco Miguel Pereira também nacionalizou o sobrenome com IBIAPINA, terra onde nasceu o seu filho, o futuro Apóstolo do Nordeste, antecessor da ação social da Igreja — o Pe. Ibiapina. Os dois heróis, companheiros de 1.º de Setembro, foram sacrificados estupidamente, após a derrota da república, em 1824, da qual foram esteios, de primeira ordem.

ICÓ foi escolhida para sede do Governo Temporário, pelos chefes cratenses, pelo fato de ser importante centro comercial, no tempo, dominado, ostensivamente, por negociantes lusos, por consequência, aferrados ao estado de cousas, prestes a mudar.

Tomemos conhecimento doutra opinião segura, do historiador caririense Irineu Pinheiro, pesquisador metódico e cuidadoso. Primava pela segurança em tudo, a par de pena brilhante, elogiada por vultos de destaque nas letras, como o escritor José Lins do Rêgo e outros. Autor de EFEMÉRIDES DO CARIRI, edição da Imprensa Universitária do Ceará, sua palavra merece fé. Ao contrário de João Brígido, escreveu suas notas no começo do livro e os comentários gerais no fim.

“1.º de Setembro de 1822 — Mandou a Câmara do Crato que se fizesse cumprir o decreto de 3 de Junho, marcando o dia 7 de Setembro

para a eleição dos deputados. O dia 1.º de Setembro deve ser considerado o dia da Independência, do Crato”.

O escritor Gustavo Barroso é da mesma opinião e chega ao ponto de proclamar que o caso se vinculava às maquinações secretas da Maçonaria, com esta escolha, de 7 de Setembro, para eleição dos eleitores que deveriam escolher os deputados à Constituinte Nacional. A de Lisboa estava totalmente desmoralizada aos brasileiros. A suposição do apreciado publicista cearense, de tanto renome, cai por si mesma, sem fundamento. Não havia presença de maçons em Crato, a não ser José Martinião de Alencar, então no Rio. O grito do Ipiranga, todos sabem, filiou-se ao gesto temperamental de Príncipe D. Pedro, ao receber correspondência, com ordens estapafúrdias das desatualizadas Cortes Portuguezas, mais incompreensíveis dos fatos que ocorriam, nas bandas de cá do Atlântico, do que o absolutista D. João VI. A maçonaria agia no espírito independentista do país, centralizada nas cidades grandes. Com o clero, fez a rebelião de 1817. No tempo, antes de ser proibida pela Igreja, aquela aliança era natural.

A atitude heroica da Câmara do Crato não foi platônica. Naquele ambiente estavam os antigos rebeldes de 1817, em consonância com seus antigos inimigos. Os revolucionários vinham dos cárceres da Bahia, anistiados, em consequência da revolução do Pôrto, em 1820.

João Brígido dos Santos, em sua efeméride de 9 de Setembro, acrescenta que a Câmara, como primeiro ato de hostilidade a Portugal, expulsou o comandante do destacamento, o alféres luso José Félix de Mendonça. Juntou-se ao seu compatriota o comandante do destacamento de Icó, Manoel Diniz. Ali, bafejados pelos portugueses, senhores do comércio local, dos mais ricos do Ceará, organizaram a resistência contra os independentistas, que cresciam, de dia para dia. Facilmente foram vencidos, não sem sacrifícios, pelas forças de Crato e seus aliados da segunda comarca do interior cearense.

Tudo isso comprova que, mesmo afastado do litoral, existia ardor cívico, fatigado da colonização, que se tornou intrusa, capaz de armar-se e lutar contra Portugal e partidários existentes ainda, no próprio Brasil. Tudo se passou em zonas longínquas de São Paulo e do Rio, de onde as notícias chegavam, via de regra, com dois ou três meses de atraso.

O acontecimento mais importante ocorreu a 16 de Outubro de 1822. O Colégio eleitoral de Crato rompe ostensivamente com a Junta Governativa de Fortaleza, pela sua tendência lusitana. Organizou GOVERNO PROVISÓRIO, sob a chefia do caudilho José Pereira Filgueiras, conhecido pela sua força moral e física, com representantes dos Municípios componentes da Comarca de Crato. Empossa-se a 21 de Outubro na vila de Crato, tornada líder do movimento, toma Icó, liberta os prisioneiros independentistas. Há demora suficiente para o preparo de tropas com o fim de dar início à célebre MARCHA DA LIBERDADE, a libertar a capital da Província e substituir a JUNTA GOVERNATIVA. Foi assim que, momentaneamente Icó se tornou a metrópole do Ceará.

Todos os membros do GOVERNO PROVISÓRIO e a coluna libertadora marcharam sobre Fortaleza, engrossados por centenas de adesistas, animados do mais ardoroso patriotismo. Ocuparam a capital cearense a 23 de Janeiro de 1823, data que alguns historiadores assinalam como da Independência da Província, esquecendo que a Comarca do Crato fazia parte, como o faz ainda, do Ceará. Hoje fragmenta-se em muitas.

Como citei, o historiador João Brígido dos Santos afirma, com

acêrto, que a adesão do Crato à Revolução Pernambucana de 1817, foi obra da família Alencar e seus amigos.

Não mentiu.

Qual o movimento ocorrido no planêta que não possuía seus líderes ?

O bêrço da família Alencar teve por origem Exu, em Pernambuco, e o Cariri cearense. Projetou-se, depois, pelo Brasil inteiro. Forneceu escritores, generais, estadístas, almirantes, políticos e até o Presidente da República, que chegou na hora mais necessária à nacionalidade — Marechal Humberto de Alencar Castelo Branco.

José Martiniano de Alencar, sub-diácono e não diácono, como diz João Brígido, quando dirigiu o movimento da Vila Real do Crato, a 3 de Maio de 1817, quase dois meses após Pernambuco, apesar de vencido 8 dias depois, projetou-se, mais tarde, no ambiente político nacional. Vencidos, facilmente, após reação armada do homem mais prestigioso do meio, José Pereira Filgueiras, os cabecilhas sofreram via de amargura, entre Icó, Fortaleza, Recife e Salvador. As agruras não lhe mataram o ideal de livrar o Brasil do jugo lusitano, que cumprira a missão de colonizar esta imensa faixa de terra da América Latina.

José Martiniano de Alencar fôra o mentor de tudo. Seus irmãos e amigos o acompanharam. Tristão, educado no cárcere, pela influência dos companheiros de prisão, Antônio Carlos de Andrada e Frei Caneca, agigantar-se-ia no futuro, até morrer trucidado, em Santa Rosa, no crepúsculo melancólico da Confederação do Equador, êle que fôra, no dizer de Lord Cochrane, o mais ardoroso dos republicanos daquela revolução.

A mãe daquêles herois e ancestral da família ilustre de projeção nacional tornou-se dos esteios básicos da revolta de 1817, em Crato. Foi a incentivadora do movimento, dando-lhe o prestígio pessoal e custeando-lhe todos os gastos, sem qualquer vacilação. Mulher de ânimo varonil, viuva de português, trabalhou de alma e coração pela implantação da independência política e pela república. Os preconceitos do momento não admitiam representante de outro sexo a ser partidário da República, regime considerado inimigo do rei e da Igreja. Matrona honesta, temente a Deus, caluniada, sofreu humilhações e foi sequestrada de todos os bens. Quem a quer destruir como heroína esquece que até a tropa improvisada, aliciada, na revolta, formou-se com os moradores, “cabras” de seus sítios de cana, vizinhos a Crato. Na volta do cárcere, no regime constitucional, trabalhou, de unhas e dentes, a reconquistar os bens espoliados pelo Pe. Francisco Gonçalves Martins, aventureiro comum ao tempo.

Daí a exacerbação do ódio contra ela.

Foi acusada de amôres ilícitos com o vigário local, implicado em 1817 e preso também, após a derrocada dos rebeldes — Pe. Miguel Carlos da Silva Saldanha. Era ela casada com o comerciante luso — José Gonçalves dos Santos, estabelecido na Vila Real do Crato, já falecido na rebelião de 1817, em adesão a Pernambuco.

A calúnia criou asas e chegou até nós. Seus descendentes defenderam Bárbara, entre os quais o escritor cratense José Carvalho, tabelião em Belém, primeiro libertador do Acre contra invasão de forças bolivianas. Travou polémica em torno do assunto com o historiador pernambucano Mário Melo.

Foi, no entanto, o emérito pesquisador da história, em nosso meio, Pe. Antônio Gomes de Araújo, quem destruiu a calúnia, por uma vez. Comprovou que Miguel Carlos da Silva Saldanha não era ordenado, na época da gestação de José Martiniano de Alencar, apontado como filho

adúltero, e residia em Jaguaribe, a dezenas de leguas do Crato, com estradas quase intransponíveis. A amizade com aquela mulher de idade já um tanto avançada, nasceu de dois irmãos do sacerdote casados com duas irmãs da heroína cratense, ou mesmo nordestina.

A família Alencar tomou parte na expedição contra Caxias, no Maranhão, último baluarte forte de Portugal, no país.

Tristão foi o Presidente do Ceará na Confederação do Equador, terminando trucidado em Santa Rosa, no Jaguaribe, em defesa do seu ideal.

José Martiniano de Alencar sobreviveu e tomou parte saliente no movimento cuja consequência foi a abdicação de D. Pedro I e nos acontecimentos que originaram a Maioridade.

Foi o melhor administrador que o Ceará possuiu no período monárquico.

Era pai do romancista José de Alencar.

Crato, por conseguinte, se constituiu no centro das lutas que provocaram a libertação de parte importante do Nordeste brasileiro.

CONTABILIDADE

Francisco Hélio de Sousa

C O N T A B I L I S T A

Contabilidade em Geral

Escritório :

Rua Dr. João Pessoa, 282 — altos

Telefone: 678

CRATO-Ceará

Mercantil Compre Bem

Agora em suas novas instalações!

MAIOR!

MAIS AMPLO!

MAIS MODERNO!

Rua Dr. João Pessoa, 360

Fone: 381 — Crato - Ceará

UMA GALERIA ÀS SUAS ORDENS!

Mercantil Compre Bem

CADA VEZ MELHOR!

CADA VEZ MAIS PERTO DO SEU LAR!

A Tragédia de Guaribas

OTACÍLIO ANSELMO

A memória de

Antônio DUARTE JÚNIOR
Antônio JOSÉ GESTEIRA
CELSONO Gomes DE MATOS
IRINEU PINHEIRO Nogueira
Joaquim FERNANDES TELES
JOSÉ Alves DE FIGUEIREDO
JUVÊNCIO FURTADO de Araújo
OTACÍLIO Sampaio MACÉDO
Raimundo QUIXADÁ FELÍCIO
MONSENHOR Pedro ROCHA de Oliveira

“Para poder, para ousar dizer
grandes verdades,
não se deve depender
da liberdade ou do
próprio sucesso”.
(JUSTINO MARTINS)

I

A exemplo da maioria dos acontecimentos que assinalaram a época do cangaçeirismo no Nordeste, a tragédia de Guaribas permanece isenta de um registro histórico, sendo apenas conhecida por reduzido número dos seus participantes e de alguns remanescentes de fatos relacionados diretamente com aquela funesta ocorrência, razão por que seus detalhes continuam ignorados e deturpados.

Como prova disso, basta lembrar o editorial de certo vespertino fortalezense, segundo o qual Chico Chicote fôra atacado e morto pelo grupo de Lampião.

Por sua vez, a escritora Aglae Lima de Oliveira, autora do livro “Lampião, Cangaço e Nordeste” (Empresa Gráfica “O Cruzeiro” S. A., Rio, 1970), ao responder uma das perguntas do Programa J. Silvestre (SHOW SEM LIMITE), na TV Tupi, incluiu Chico Chicote entre os inúmeros coiteiros do “Rei do Cangaço”.

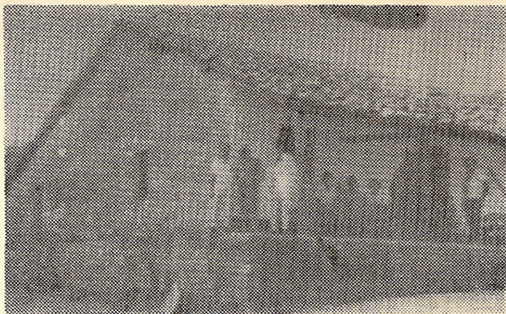
A propósito dessas afirmações inverídicas, torna-se necessária, desde já, a narração do que ocorreu entre Chico Chicote e Lampião, sem jamais haver contato pessoal de ambos.

Quando transitava pela serra do Araripe, ou lá permanecia por algum tempo, Lampião, para alimentar seu bando, matava réses do Cel. Pedro Martins de Oliveira Rocha, proprietário da fazenda Cacimbas, do município de Brejo dos Santos. (1)

No entanto, em carta dirigida ao dito fazendeiro, Virgulino afirmou que o autor de tais depredações era Chico Chicote.

1) Reafirmando minha discordância com a mudança de topônimo desse município, exposta em nota n.º 14 de “Esbôço Histórico de Brejo Santo” (separata da revista “ITAYTERA”, n.º 2, Crato, 1956, pp. 187/224), sômente o cito no presente trabalho com a sua denominação primitiva — Brejo dos Santos.

Casa residencial
de Antônio
Gomes Granjeiro



A partir daí, o boato alastrou-se no município e nas suas imediações, e, como não podia deixar de acontecer, provocou forte indignação ao caluniado.

De resto, o caso foi comunicado pessoalmente a Chico Chicote por Pedro Martins, para o que o convidara a ir a Cacimbas acompanhado do seu irmão Manoel Inácio de Lucena (Manuel Chicote).

Pouco depois, no intuito de evitar luta entre Lampião e Chico Chicote, Antônio Aristides Xavier, genro de Pedro Martins, conseguiu levar Lampião à fazenda Crioulo (município de Jardim) e convidou Chico para ir até lá, tentando, dêsse modo, fazer a paz entre ambos.

Lá chegando, e cientificado de tal intenção, Chico Chicote repeliu o intento, não entrando, sequer, na casa do fazendeiro, em cujo interior já se achava o famoso bandoleiro. Além disso, em voz alta — como sempre costumava falar — fez severas críticas à conduta de Virgulino, acrescentando que continuaria a tê-lo como inimigo. (2)

Sem nenhuma dúvida, a recusa de “Seu” Chico à sugestão de Antônio Xavier deixou Virgulino bastante preocupado, naturalmente pelo fato de não ter um só inimigo no Ceará, onde contava com seus mais prestigiosos coiteiros e onde se mantinha absolutamente inofensivo. Daí por que, decorridos alguns dias, Chico Chicote recebeu um convite do Coronel Antônio Joaquim de Santana para comparecer à sua casa, no sítio Serra do Mato.

Ao ser recebido pelo mandão do município de Missão Velha, “Seu” Chico perguntou-lhe para que fôra chamado. Em resposta, disse-lhe o Coronel que o convidara a pedido do cabra Sabino, que desejava conhecê-lo pessoalmente.

Como é sabido, êsse bandoleiro (Sabino Barbosa de Melo, mais conhecido por Sabino das Abóboras) era lugar-tenente de Lampião. E está evidente que êle apenas servira de intermediário para a conciliação almejada pelo “Rei do Cangaço”.

“Seu” Chico, porém, além de recusar-se à apresentação, não esperou nem pelo café-gordo que o Coronel mandara preparar, voltando incontinenti para Guaribas. (3)

2) Esse assunto é incontestável e nos foi detalhado por Antônio Lucena Cabral, sobrinho legítimo de Chico Chicote.

3) Informes dados por Pedro Celião de Moura.



Túmulo de Antônio Granjeiro, Louro, Joaquim de Barros e Aprígio Temóteo erguido exatamente onde eles foram degolados e incinerados.

II

Logo depois do dramático e sangrento episódio de Guaribas, recrudescceu a luta política entre as duas correntes adversárias de Brejo dos Santos — Amaro e Chicote — com grande repercussão na imprensa de Fortaleza.

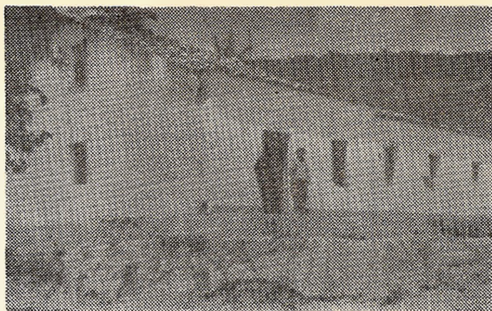
De início, os principais membros da família Amaro (Araújo Lima), Napoleão (Seunapo) e Joaquim Amaro, foram acusados de haverem aliado o Tenente José Gonçalves Bezerra para exterminar Chico Chicote, acusação esta feita por Joaquim Inácio de Lucena (Quinto Chicote), irmão da vítima e que, na época, exercia o cargo de prefeito de Brejo dos Santos.

Tais acusações, divulgadas inicialmente no jornal "O Ceará" de 8-2-1927, foram severamente repelidas por Joaquim Amaro (Joaquim de Araújo Lima), através de artigos publicados no referido matutino, os quais provocaram forte reação do próprio situacionismo estadual, a ponto de ser ele ameaçado de prisão, pessoalmente, pelo Chefe de Polícia. (4)

Mas aquela ameaça de medida ilegal não constituía surpresa, le-

4) Esse fato, de que fui testemunha pessoal, ocorreu na antiga Praça de Pelotas, pouco antes do espetáculo noturno de um circo lá instalado, nos últimos dias de dez. de 1927.

Visão parcial da
"casa grande" de
Guaribas
(reconstruída)



vando-se em conta o regime caudilhesco e corrupto em que vivia o País. Ademais, Joaquim Amaro pertencia, desde há muito tempo, ao partido oposicionista fundado e chefiado pelo Dr. Manuel do Nascimento Fernandes Távora. (5)

E uma das maiores provas de que os responsáveis daquele trágico acontecimento não pertenciam à Oposição está no fato de nada ter sido apurado na sindicância procedida em Guaribas pelo Major Alfredo Nunes Weyne, por determinação do Presidente do Estado, Desembargador José Moreira da Rocha.

Por sua vez, o Ten. José Bezerra, ao chegar de volta a Brejo dos Santos, exibiu uma carta que, segundo êle, havia sido encontrada no bolso de Chico Chicote, a quem ela era dirigida por Lampião, concitando-o para um encontro com êle na sua passagem pelas proximidades de Guaribas.

Positivamente, êsse falso documento, que foi visto, na ocasião, entre outros, por Pedro Celião de Moura, tinha o objetivo de ocultar a incumbência verdadeira da volante, que era eliminar Chico Chicote e não dar combate a Lampião, encobrindo, ao mesmo tempo, os reais subornadores do Ten. José Bezerra, conforme está esclarecido mais adiante.

Aliás, não fôra falsificada apenas uma carta para o desvio da verdade. José Bezerra fizera mais duas, ambas endereçadas a Chico Chicote e assinadas pelos cabras Nevoeiro e João Marcelino, conhecido por João Vinte-e-Dois.

O próprio Joaquim Amaro, em represália a acusações que lhe foram feitas por Joaquim Inácio de Lucena no "Jornal do Comércio" e transcritas no "O Ceará" de 13-12-1927, aproveitou-se daqueles falsos documentos — naturalmente para reforçar seus argumentos defensivos — por intermédio do seu advogado, Dr. Adauto Fernandes, que reproduziu as referidas cartas no "O Ceará" de 23-12-1927, conforme assim foi registrado pelo escritor Abelardo F. Montenegro :

"Ainda em dezembro, Adauto Fernandes, pelas colunas de "O Ceará", fazia a defesa da família Amaro e publicava cartas de Lampião, Marcelino

5) Diante disso, Joaquim Amaro dirigiu-se para Recife, de onde prosseguiu na sua defesa, por intermédio do advogado Adauto Fernandes, e onde encerrou sua campanha defensiva com a publicação do folheto "História do Banditismo da Família Santos Chicote", Tip. DIÁRIO DA MANHÃ, Recife, 1928.

e Nevoeiro dirigidas a Chico Chicote e que foram encontradas pelo tenente José Bezerra no sítio Guaribas". (6)

Sem nenhuma dúvida, esses falsos documentos foram feitos para colaboração da mentira principal de José Bezerra, dita por êle ao chegar de volta a Brejo dos Santos. De fato, antes de mostrar a tal carta de Lampião, êle afirmou que, ao aproximar-se da casa de Chico Chicote, foi recebido por vários tiros, o primeiro dos quais abateu Antônio Marrocos de Carvalho.

III

Um dos fatos mais estranhos do caso de Guaribas foi a atitude de Joaquim Inácio de Lucena, que só resolveu agir contra o cruel massacre do irmão após sua dramática morte, tentando apenas envolver seus adversários políticos como autores intelectuais do condenável crime policial, deixando de lado os Salvianos, inimigos figadais de Chico Chicote, desde que êle matara José Franklin de Figueiredo, vulgo José Franco, cunhado de Sinhô (Sebastião) Salviano.

Como sempre ocorre em casos semelhantes, as causas fundamentais da tragédia de Guaribas permanecem inteiramente confusas.

Mas a verdade é que Chico Chicote, apesar de haver cometido alguns crimes e vários atos de violência, foi vítima de ardiloso conluio promovido, sem nenhuma dúvida, pelos Salvianos, conforme está evidenciado pela presença do seu líder — Sinhô Salviano — à frente de um grupo de facinoras profissionais, junto à volante paraibana que se unira à força do Ten. José Bezerra, horas depois de iniciado o ataque a Guaribas.

Convém salientar que Sinhô Salviano, autor da morte de um tio e padrinho, (7) era lugar-tenente do famoso régulo paraibano José Pereira Lima, a serviço do qual, em 1930, comandou um dos bandos da legião de cangaceiros levantada contra o Presidente João Pessoa Cavalcante de Albuquerque.

Ademais, vale acrescentar que Chico Chicote, meses antes de sua morte, achava-se de relações interrompidas com seus irmãos Manuel e Joaquim Inácio de Lucena — os mais influentes e potentados — cujo motivo principal foi o fato que só agora vem a lume.

Enfurecido por não haver conquistado a viúva Nenen (Raimunda) Simplicio, João Gomes de Lucena mandou aplicar-lhe uma surra pelo seu empregado Ferrugem.

Dias depois de tal barbaridade — em tôrno da qual nenhuma providência foi tomada pelas autoridades policiais — Nenen dirigiu-se pessoalmente ao Prefeito Quinco Chicote e fêz-lhe um apêlo, tendo êle garantido-lhe que a surra seria vingada.

Com efeito, logo depois mandou chamar seu irmão Chico Chicote, a quem narrou a ocorrência e pediu para encarregar-se da vingança na pessoa de João Gomes. Chico, porém, ponderou-lhe que não devia agir de tal maneira, uma vez que se tratava de um sobrinho legítimo e, em qualquer situação, estava sempre ao lado de sua família.

Em aparte, "Seu" Quinco persistiu na sua intenção alegando que havia prometido vingança no responsável da bárbara violência e não podia quebrar sua palavra.

Diante de tamanha relutância, Chico Chicote concordou em executar a vingança, não na pessoa de João Gomes mas na do cabra Ferrugem.

6) "História do Cangaceirismo no Ceará", Tipografia Minerva, Fortaleza, 1955, p. 109.

7) Cf. José Américo, "O Ano do Négo", Gráfica Record Editôra, Rio, 1968. p. 178.

Um ou dois dias depois, Chico Chicote deslocou-se do seu sítio Guaribas, município de Porteiras, acompanhado de dois capangas e, nos arredores de Brejo dos Santos — bairro do Sapo — deparou-se com o autor da surra.

Naquele instante, Ferrugem foi submetido a violentíssimo espancamento, vindo a falecer no dia seguinte. (8)

Feita a represália, Chico Chicote penetrou na vila e, em regozijo pelo castigo, comemorou o fato com prolongada bebedeira na mercearia de José Alves de Moura (Zé Pitoco). Em meio àquela exaltação, no auge do seu regozijo pela vingança, êle mandou seus cabras dar um banho nos animais e nas chibatas com cerveja, vinho e conhaque.

A exemplo do que sempre acontecia, ninguém agiu contra a ação punitiva de Chico Chicote. Apenas o seu irmão João Inácio de Lucena, decorridas várias horas daquele autêntico desafio, dirigiu-se à mercearia e o retirou para sua residência.

Inconformado com vários atos de violência praticados pelo irmão e sem dúvida influenciado por João Gomes, que participaria do ataque a Guaribas, Manuel Chicote dirigiu um telegrama ao Presidente do Estado solicitando providências. Em resposta, Manuel Chicote recebeu um despacho do Presidente Moreirinha pedindo confirmação do seu telegrama, o qual foi feito sem demora, fato revelado, na mesma data, ao farmacêutico João Anselmo pelo telegrafista Osório de Assis Leite, segundo testemunho de Manuel Inácio Tôrres, a quem devemos êste detalhe.

IV

No dia 28 de janeiro de 1927, procedente de Jardim, chegava a Brejo dos Santos uma volante policial sob o comando do Primeiro-Tenente José Gonçalves Bezerra, com o objetivo — segundo era comentado e confirmado pelo citado oficial — de perseguir e combater o grupo de Lampião.

Naqueles dias, o Ceará — notadamente o Cariri — atravessava a pior época de insegurança, violência e perseguições políticas, como está evidenciado no seguinte fato igualmente só agora revelado.

Antônio Marrocos de Carvalho, que era cobrador do Imposto de Renda Estadual no distrito de Macapá (Jati), município de Jardim, foi surpreendido, certa noite, pela visita de Lampião, levado à sua casa por Manuel (Né) Pereira, que exercia o cargo de subdelegado daquele povoado. (Como é sabido, Lampião era ligado à família Pereira por forte amizade.)

Fiel à tradição sertaneja e por ser parente e amigo de Né Pereira, Marrocos recebeu a visita com bastante cordialidade.

A partir de então, tendo fracassado em duas emboscadas contra Marrocos, no caminho de Jardim, os seus adversários políticos denunciaram-no ao Chefe de Polícia como coiteiro de Lampião, razão pela qual êle passou a ser fortemente perseguido.

Meses depois, novamente à meia-noite, Né Pereira bateu à porta de Marrocos. Ao abri-la, verificou a presença de Virgulino. Sem convidá-los a entrar, Marrocos explicou-lhes o que lhe vinha ocorrendo. A seguir, dirigindo-se a Lampião, sugeriu-lhe que, embora contasse com sua atenção, não voltasse a visitá-lo, a fim de não confirmar as acusações que lhe estavam sendo feitas pelos chefes situacionistas de Jardim.

8) A iniciativa dessa vingança sempre foi atribuída a Chico Chicote, de vez que o seu entendimento com o irmão permaneceu em segredo, e só agora foi revelado pelo nosso depoente Pedro Celião.



Retrato de Antônio Marrocos reproduzido de uma carteira de identidade encontrada com os seus restos mortais.

Em resposta, Lampião pediu-lhe que telegrafasse ao Chefe de Polícia comunicando que ele, naquela noite, passava em Macapá com destino ao Cariri. Tal sugestão foi ratificada na manhã do dia seguinte, quando Marrocos, dirigindo-se a Brejo dos Santos, de onde enviaria o despacho, passou pelo grupo estacionado no local Barra-de-Aço. (9)

Apesar de tudo isso, quando o Ten. José Bezerra chegou a Macapá, no rumo de Brejo dos Santos, foi à casa de Antônio Marrocos e sugeriu-lhe que, para desmentir as acusações de que estava sendo alvo, deveria unir-se à sua tropa na perseguição ao bando de Virgulino.

Logo de início, alegando tratar-se de uma calúnia já desmentida, Marrocos recusou a sugestão. Mas, após prolongada polêmica, para não

9) Informes do próprio Antônio Marrocos aos seus familiares. Foi nesse local, a cerca de 1 km de Jati, que morreu numa emboscada, na primeira década deste século, o célebre cangaceiro Barra-de-Aço.



Parte traseira da casa de Chico Chicote, em cujas paredes ainda são vistas marcas de balas.

demonstrar covardia, êle resolveu incorporar-se à volante, o que resultaria no seu fuzilamento pelas costas, como será descrito oportunamente.

V

Ao amanhecer do dia 31 de janeiro de 1927, absolutamente livre de perseguição, Virgulino Ferreira da Silva chegou ao sítio Salvaterra, o que resultou na fuga imediata de Antônio Gomes Granjeiro, temeroso de um atentado por ser amigo de Chico Chicote.

Chegado à casa de Antônio Granjeiro, Lampião foi recebido por sua esposa, Maria Celina Granjeiro, a quem manifestou o desejo de vê-lo. Sem demonstrar perturbação, mesmo porque o bando se mantinha em verdadeira tranquilidade, ela informou-lhe que o marido se achava viajando.

Após saborear, com o seu grupo, uma cesta de mangas que lhe fôra ofertada por Da. Celina, Lampião despediu-se dela e pediu-lhe para dizer a Antônio Granjeiro que não o temesse mas tivesse cuidado com os "bonzinhos" que vinham atrás.

Está claro que Lampião referia-se aos policiais. E aí está mais uma prova do conluio elaborado para o ataque a Guaribas, levando-se em conta a sua proximidade de Salvaterra (menos de uma légua) e a

passagem de Lampião por este sítio, o que justificaria a ida da volante cearense aos referidos locais, em combinação com as de Pernambuco e da Paraíba.

Embora ocultamente, é provável que o Ten. José Bezerra tinha ordem de desarmar e prender Chico Chicote, em virtude do pedido de providências feito por Manuel Lucena ao Presidente do Estado. E não deixa de ser incontestável que sua anunciada perseguição ao grupo de Virgulino não foi outra coisa senão uma fingida manobra, porquanto, após o ataque a Guaribas, ele retornou a Brejo dos Santos com sua tropa, a exemplo das demais volantes, enquanto Lampião, cometendo suas primeiras violências em território cearense, abandonava livremente a chapada do Araripe, de onde ouvira, de pouca distância, o início do cruento tiroteio.

Afinal de contas, a maior comprovação de que José Bezerra fôra subornado pelo grupo de Salviano — tendo este o apóio irrestrito do Cel. José Pereira — ficou patenteado no massacre por ele feito no sítio Salvaterra, pouco antes do cerco de Guaribas.

V I

Reafirmando sua falsa missão (dar busca ao "Rei do Cangaço"), o Ten. José Bezerra partiu de Brejo dos Santos aos primeiros minutos da madrugada de terça-feira, 1.º dia de fevereiro de 1927, comandando cerca de 70 praças, tendo como auxiliar o Segundo-Tenente Verissimo Alves Gondim e como guia e agregado à tropa, voluntariamente, o já citado João Gomes de Lucena.

Claro que se o seu objetivo era dar combate a Lampião, êle teria subido a serra do Araripe, indo diretamente, e em pouco tempo, ao local Malhada Funda, onde o famoso bando se achava acantonado. Ao invés disso, o lombrosiano oficial tomou o rumo de Guaribas.

Ao chegar no sítio Salvaterra, minutos antes do amanhecer, José Bezerra cercou a casa de Antônio Gomes Granjeiro, quando então cometeu os maiores e mais bárbaros crimes ocorridos no Ceará, sobre o que nem sequer foi aberto inquérito.

Achavam-se na casa de Antônio Granjeiro o seu sobrinho Louro, Raimundo Madeiro de Barros, vulgo Mundeiro, (10) e o morador Aprígio Temóteo.

Feito o cerco, a casa foi invadida. A seguir, sob a mais brutal e súbita violência, Antônio Granjeiro, Louro, Joaquim de Barros e Aprígio foram dominados fisicamente, com os pés e as mãos amarradas de corda.

O que justificaria tamanha barbaridade, visto que não havia nem mesmo uma só suspeita de qualquer crime ou desordem contra nenhuma dessas vítimas?

Como já foi afirmado, êsse atentado, que antecedeu o ataque a Guaribas, evidencia o suborno já esclarecido.

Antônio Granjeiro era ligado a Chico Chicote por grande amizade. Tanto assim que, em consequência de forte intriga entre Antônio Granjeiro e José Franco, proveniente duma questão de terra, Chico Chicote penetrou na casa de José Franco e matou-o barbaramente. Daí por que Sinhô Salviano retirou-se para Princesa Isabel, aonde passou a viver sob a proteção do seu donatário, José Pereira Lima.

10) Mundeiro, vizinho e amigo de Antônio Granjeiro, era filho de Joaquim de Barros, morto em Fortezas por uma volante policial comandada pelo Ten. José Galdino de Sousa, no ano de 1919.

Feito o aprisionamento de Antônio Granjeiro e dos seus companheiros, a volante prosseguiu para o sítio Guaribas. Ao atingir cêrca de dois quilômetros, houve um "pequeno alto". Nessa ocasião, à retaguarda do grosso da tropa e devidamente instruído, o Cabo João da Conceição (11) degolou os quatro prisioneiros, cujos caáveres, num só bloco, foram incinerados numa fogueira prèviamente ensopada de álcool.

VII

Francisco Pereira de Lucena (Chico Chicote), nascido a 7 de janeiro de 1879, era o mais jovem dos filhos do casal Capitão Francisco Pereira de Lucena-Donina Maria de Jesus (Rita).

(DIOCESE DE CRATO-CE. Paróquia do Sagrado Coração de Jesus (Brejo Santo-Ce.) Certifico que revendo os livros de têrmos de Batizados realizados nesta Paróquia Sim foi encontrado o do teor seguinte: (Livro 1879, fls. 36, S/N.) Aos vinte e um (21) de Janeiro de mil oitocentos e setenta e nove (1879), na Igreja Matriz do Sagrado Coração de Jesus de Brejo Santo-Ceará, o Rvmo. Pe. Francisco Lopes Abath, batizou solenemente o "Francisco", nascido a sete (7) de Janeiro de mil oitocentos e setenta e nove (1879), filho legítimo de Francisco Pereira de Lucena e de Donina Maria de Jesus e sendo seus Padrinhos Antônio Augusto de Araújo Lima e Argina Joselina de Araújo Lima. Nada mais se continha no dito têrmo a que me reporto, o qual foi fielmente copiado do original. ITA IN FIDE PAROCHI. Brejo Santo, 30 de julho de 1971. Pe. Dornival Gondim-Vigário. OBSERVAÇÕES: Ext. 29.771.)

Ao contrário dos irmãos, êle era rebelde e autoritário. Talvez por isso, o seu pai matriculou-o no Seminário São José, da cidade do Crato. E foi naquele tradicional estabelecimento de formação eclesiástica que, pela primeira vez, Chiquinho revelou a sua índole de lutador violento. De fato, certo dia, num atrito de troca de palavras com o seminarista Horácio Teixeira, êle sacou de um canivete e tentou feri-lo, sendo, porém, dominado pelo Monsenhor Quintino Rodrigues de Oliveira e Silva, diretor do Seminário, que o puniu com expulsão imediata. (12)

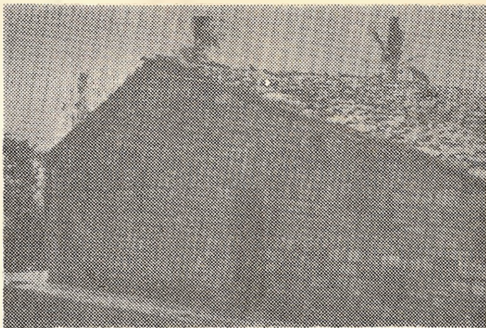
De uma estatura pouco acima da média, esbelto e espadaúdo, Chico Chicote só falava gritando. Tinha uma capacidade física idêntica à sua coragem excepcional, podendo, sem exagêro, ser denominado de super-homem.

Embora sem o domínio do vício, costumava alcoolizar-se, preferencialmente nos dias-de-feira em Brejo dos Santos, quando se tornava mais agressivo e perigoso, não aceitando interferência de ninguém em suas atitudes, a não ser a do seu irmão João Inácio de Lucena (João Chicote), conforme presenciei certo dia do ano de 1921, em meio de prolongada bebedeira na mercearia de Zé Pitoco, a única que êle frequentava. E foi naquela ocasião que testemunhei o gesto mais característico de Chico Chicote. Acompanhado por João Chicote, Zé Pitoco e pelo Ten. Peregrino Montenegro, ao defrontar-se com o edificio da Prefeitura, em volta do qual, em perspectiva, achava-se a maioria do Destacamento Policial (cêrca de 20 soldados), "Seu" Chico censurou aquela reunião e, simultaneamente,

11) Natural de Milagres e reformado na graduação de sargento, João da Conceição faleceu em janeiro de 1971, em Fortaleza, vítima de câncer.

12) Informes do Pe. Antônio Gomes de Araújo.

Oitão esquerdo
da casa de
Chico Chicote



saltou ao lado, retirou do ombro o seu inseparável “cano-de-mamão” (rifle de 8 tiros) e fêz fogo na soldadesca, sendo, porém, imediatamente refreado por João Chicote, que ocupava o cargo de prefeito municipal.

Apesar de suas atitudes perigosas e violentas, que o tornavam implacável para inimigos, sempre praticou lealdade para com os amigos e parentes. Além disso, era um dos mais hospitaleiros coronéis do sertão, conforme vi e senti por ocasião da excursão do Colégio 24 de Abril, de Jardim, pelos sítios principais do município de Porteiras. Mas o que mais o distinguia era o seu desinteresse político bem como o seu total desdém a qualquer autoridade.

Eis aí, sinteticamente, as razões por que, para sua eliminação, fôra escolhido o Ten. José Gonçalves Bezerra — “um dos maiores bandidos-autoridades de que já se teve notícia no Ceará”.

Essa classificação imparcial e justa foi dada ao Ten. Bezerra pelo escritor Nertan Macêdo de Alcântara, num artigo intitulado “O Beato Zé Lourenço”, publicado no “Diário de Pernambuco” e transcrito nas páginas 223/5 do livro “Lampião”, da autoria do Major Optato Gueiros. (13)

Realmente, José Bezerra era um policial arbitrário e cruel, do que fui testemunha duas vezes, no decorrer do meu tempo de serviço na Polícia Militar. Sua primeira violência que presenciei, ocorrida num domingo de 1924, foi uma pancadaria de espada que êle, como oficial-de-dia, aplicou no corneteiro Dias, quando êste, que chegara alcoolizado ao quartel (atual Centro de Saúde), já era conduzido para o xadrez. A segunda aconteceu em 1927, durante uma briga que êle travou com quatro soldados do Exército, iniciada numa bodega ao lado de sua residência (“areia” da Rua B. do Rio Branco), para onde, como êle, fui atraído à meia-noite por intensa gritaria.

VIII

Ao saber da passagem de Lampião pela vizinhança de Guaribas, Chico Chicote mandou chamar Antônio Piçarra à sua residência e, com base na amizade que os unia, pediu-lhe que rompesse as ligações que mantinha com o citado bandoleiro, ou, pelo menos, deixasse de homisiá-lo

nas suas passagens pela fazenda Piçarra, sob pena de um rompimento entre ambos. Antônio Piçarra, porém, desculpou-se alegando não ter condições nem dispor de garantias para um rompimento formal com Lampião, uma vez que tal procedimento poderia acarretar-lhe perigo da própria vida. De resto, "Seu" Chico conformou-se com êsses argumentos. (14)

Naquele mesmo dia (31-1-1927), Chico Chicote determinou a ida dos seus filhos Antônio Inácio de Lucena (Totonho) e Pedro Inácio de Lucena (Peixe) à residência do seu genro Joaquim Miranda Campos (Sinhô Miranda), residente no sítio Saquinho, de Porteiras, avisá-lo da passagem de Lampião por Salvaterra e convidá-lo a vir com a família para sua casa, onde estariam mais garantidos.

Os portadores chegaram à casa de Sinhô Miranda à tardinha. No dia seguinte (1º-2-1927), cêrca das 8,30, quando se preparavam para viagem de volta, foram avisados do cêrco de Guaribas, ao que se dizia, pelo grupo de Lampião.

Diante disso, em vez de se dirigirem para Guaribas, Sinhô Miranda e seus cunhados rumaram para Porteiras, aonde se juntaram ao Destacamento Policial, já acrescido com um grupo de civis que se uniram para atacar o cêrco. (15)

IX

A fim de não provocar reação em Guaribas e concluir o plano elaborado para eliminar Antônio Marrocos, o Ten. José Bezerra, antes de lá chegar, manteve longa conversa com êle, manifestando, a certa altura, o desejo de conhecer o aludido sítio e travar relações amistosas com o seu proprietário. A seguir, referindo-se à sua missão e expondo razões de ordem tática, pediu-lhe que fizesse um desenho da "casa-grande", das habitações vizinhas e das elevações e depressões do terreno em seu derredor. E para que Marrocos não pusesse em dúvida suas intenções, afirmou-lhe que deixaria a tropa distante do sítio, e somente êle, o Ten. Veríssimo, o Sarg. Antônio Gouveia (Antônio Pereira de Lima) e o corneteiro Louro iriam à residência de Chico Chicote, tendo à frente o próprio Marrocos, a fim de não haver desconfiança e possível reação à sua presença ali.

Amigo de Chico Chicote, de quem havia recebido, uma semana antes, um rifle de presente, que conduzia a tiracolo, Marrocos traçou a lápis, num pedaço de papel de embrulho, um ligeiro croqui de Guaribas.

Com efeito, pelas 7 horas, ao aproximar-se do sítio, a tropa fêz alto e Zé Bezerra pôs em execução o que havia planejado com o seu colega Veríssimo. (Êsses detalhes foram dados pelo Cabo Pedro Alves à viúva de Marrocos, Mundinha (Raimunda) Piancó, bem como outros pormenores sôbre o seu fuzilamento.)

Percebida a aproximação do reduzido grupo, uma das mulheres que faziam colheita de café, naturalmente para esclarecer Chico Chicote e outras pessoas que se achavam com êle, disse em voz alta:

— É o "Nêgo" Marrocos! (16)

Imediatamente, o Ten. Veríssimo disparou um tiro de revólver nas

14) Informe de Antônio Piçarra por intermédio de Manuel Inácio Tôrres.

15) Id.

16) Informe de Da. Geracina Gomes da Silva a Mundinha Piancó.

costas de Antônio Marrocos, que tombou de frente, abaixo de um pé-de-café, atingido no pulmão direito, vindo a falecer três horas depois. (17)

Confirmando as suspeitas sobre a causa desse fuzilamento, o Cel. Francisco de Sá Roriz declarou a Mundinha Piancó, ao visitá-la em Macapá, que os situacionistas de Jardim haviam subornado Veríssimo com CINCO CONTOS DE RÉIS para eliminar Marrocos.

X

Na manhã daquele dia, Chico Chicote estava cortando manivas de macaxeira para plantação, em companhia do seu filho Vicente Inácio de Lucena e dos seus moradores Manuel Vicente, vulgo Mané Caipora, e Sebastião Cancão, com os quais, uma hora antes, havia abatido dois porcos selecionados, preparando o festejo que programaram para o dia seguinte, 2 de fevereiro, em homenagem a N. S. das Candeias, sua santa predileta.

Ao escutar o disparo e ver o tombo do "Nêgo" Marrocos, "Seu" Chico armou-se de rifle e voltou à frente da casa, sendo acompanhado dos dois auxiliares e do filho.

Simultaneamente, de ordem do Ten. Bezerra, o corneteiro Louro (João Alves Feitosa) empunhou a corneta e iniciou o toque "Avançar". Mas não concluiu, porque foi abatido com um tiro na testa, disparado pelo cabra Sebastião Cancão.

Apesar disso, a tropa avançou de onde ficara, tendo à frente o Sarg. Firmino Zeferino da Rocha, mais conhecido por Firmino Gago, e o já citado João Gomes de Lucena. Mas ao chegar à casa de Joaquim Moraes, morador de "Seu" Chico, a uns 100 metros da "casa-grande", foi recebido a bala, travando-se cerrado tiroteio.

Embora totalmente cercado, Joaquim resistiu até morrer, sendo queimado logo depois num depósito de milho em espigas existente nas proximidades da residência do seu patrão.

Entrementes, a tropa cercou a casa de Chico Chicote e desfechou verdadeira chuva de balas.

Exatamente naquele instante, Lampião se achava com seu bando na chapada do Araripe, acantonado no local denominado Malhada Funda, a pouca distância de Guaribas. Ao escutar o tiroteio, e certo de que se tratava do ataque policial a Chico Chicote, êle assim manifestou-se: "Se êle fôsse meu amigo, eu ia lá". E foi na mesma data — 1.º de fevereiro de 1927 — que Lampião passou a cometer selvageria no Ceará, sequestrando, no lugar Baixa das Cacimbas, município de Jardim, os caririenses Pedro Vieira, fuzilado no dia seguinte — após o fracasso do ataque a Ipueiras, na fronteira de Pernambuco com o Ceará — e Vicente Venâncio, que conseguiu fugir do bando logo depois do sequestro.

Como ficou esclarecido, só havia três combatentes ao lado de Chico Chicote — Manuel Caipora, Sebastião Cancão e o seu filho Vicente.

Quanto aos seus outros familiares, lá só se achavam sua esposa, Geracina Gomes da Silva, e a filha Josefa, as quais permaneceriam ao seu lado até o fim da luta, auxiliando-o com o carregamento e a refrigeração dos rifles.

Momentos depois do cerco, dois moradores e leais amigos de Chico

17) Depoimento do Cabo Pedro Alves a Mundinha Piancó, confirmado à mesma pelas moradoras que colhiam café, as quais, por se acharem entre o cruzamento de fogos, permaneceram deitadas onde estavam até o fim do tiroteio.

Visão da parte inferior de um coqueiro cravejado de balas



Chicote — Francisco Luís, vulgo Fiapo, e José Francisco — atacaram os sitiantees pela retaguarda, abatendo algumas praças. A certa altura, insatisfeito por não encontrar-se ao lado do patrão, Fiapo rompeu o cerco, sendo abatido por uma saraivada de balas ao atingir os fundos da casa. Por sua vez, José Francisco permaneceu atirando até disparar o último cartucho.

X I

Na vila de Porteiras, ao ser ouvida a repercussão do tiroteio, vários amigos de Chico Chicote, convictos de que êle estava sendo atacado pelo bando do "capitão" Virgulino Ferreira da Silva, resolveram fazer um contra-ataque, para o que efetuaram rápida convocação de voluntários e se reuniram ao Destacamento Policial, com exceção do seu comandante, Sarg. Alfredo de Araújo Costa. (18)

Esse grupo misto de homens armados, ao qual se juntaram o gênero e os dois filhos de "Seu" Chico (Sinhô Miranda, Totonho e Peixe), atingiu um efetivo de aproximadamente 50 combatentes. Entre outros, integravam êsse grupo de voluntários os seguintes civis :

Antônio Piçarra, Urias Novais Panta, João Pereira de Menezes, Bispo Inácio, Francisco Tavares de Quental, Arcôncio Cornélio de Miranda, vulgo Doutor, Antônio Pires Pedrosa, José Nunes de Lima (hoje sarg. reformado da PM), Manuel Alves de Luceña, João Pereira de Sousa, José Malaquias, Alvino Pereira, Raimundo Telha, José Patriota, Raimundo Bila, Raimundo Cavalcante Sampaio (delegado civil e mais conhecido por Bidu) e mais dois ou três moradores dos Caldas.

Quanto ao Destacamento Policial, estava constituído das seguintes praças :

Cabos José Cesário e Joaquim Ferreira; soldados Luis Francisco, Josias Pires Pedrosa (atual 1.º ten. reformado), José Vasques (hoje reformado no pòsto de 2.º ten.), José Pequeno, Manoel Favela, João Mitrado, Francisco Santos (morto em combate) e mais quatro ou cinco, de cujos nomes Antônio Piçarra — o informante — não se recorda por terem chegado a Porteiras pouco antes daquele acontecimento.

18) Para quem o conheceu de perto, a exemplo de mim, essa atitude de Alfredo Costa não constituiu novidade, porquanto êle era verdadeiramente inapto para combater.

Tronco de coqueiro
derrubado a tiros
vendo-se à sua
esquerda Antônio
Lucena, tirador das
presentes fotos, e à
direita Pedro Celião,
um dos informantes
verídicos desta
narração.



Sob geral expectativa, o grupo partiu de Porteiras mais ou menos às 10 horas. E ao atingir a área do cêrco, entrou em forte luta para rompê-lo.

Logo aos primeiros disparos, o Cabo José Cesário, que substituíra o Sarg. Alfredo Costa, amedrontou-se com a reação dos sitiantes e fugiu disparadamente, abandonando o fuzil e o bernal de munições.

A fuga de Cesário provocou certo impacto à maioria dos seus ex-comandados. Eles, porém, foram imediatamente controlados por vibrantes gritos do soldado Josias Pires Pedrosa. E foi a partir daí que a luta desenvolveu-se violentamente, resultando num considerável avanço dos contra-atacantes, ocasião em que foi abatido o soldado Francisco Santos.

Pelas 4 horas da tarde, após um avanço "passo a passo", o grupo aproximou-se da traseira do casarão, quando Antônio Piçarra notou que os atacantes estavam desanimados, demonstrando a intenção de um recuo. Naquele momento, não só Antônio Piçarra como outros amigos de "Seu" Chico convidaram-no para sair do cêrco e juntar-se a eles. Mas Chico Chicote, gritando como sempre, recusou o convite alegando que não abandonaria sua família, a não ser depois de morto.

Aproximadamente às 17 horas, chegaram a Guaribas uma volante de Pernambuco, ao comando do Ten. Arlindo Rocha, e outra da Paraíba, comandada pelo Ten. João Costa e, como já foi dito, reforçada com uma cabroeira chefiada por Sinhô Salviano. (19)

Segundo Optato Gueiros (*op. cit.*, p. 172), ao chegarem as duas volantes a Guaribas, assim falou José Bezerra aos seus comandantes:

— Colegas, vocês chegaram em boa hora. Estamos aqui com o bandido Chico Chicote debaixo de cêrco há mais de seis horas e é muita gente que está com êle. Creio que se trata de um grupo de cem bandedeiros.

Sômente com essa suposição de Zé Bezerra pode-se avaliar quanto fôra extraordinária a combatividade de Chico Chicote. Na realidade, o

19) Sôbre o momento em que chegaram essas volantes a Guaribas há várias versões contraditórias. O ten. Arlindo, por exemplo, em declaração ao Pe. Antônio Gomes de Araujo, afirmou haver chegado lá entre 11 e 12 horas. Por sua vez, na sua obra já citada, Optato Gueiros indica o Ten. Antônio Francisco como comandante da volante pernambucana. A verdade, porém, é o que afirmamos, baseado em depoimento de Antônio Piçarra. E mais: segundo declaração incontestável de pessoa fidedigna, Pedro Salviano, irmão de Sinhô, participara do ataque a Guaribas.

efetivo suposto por Zé Bezerra corresponde à metade da força que, a partir daquele momento, passou a atacar o reduto, visto que o contingente pernambucano, constituído de quarenta praças, somava mais de uma centena com o da Paraíba.

XII

Com a chegada das duas volantes, José Bezerra reanimou-se e a luta recrudescceu, sobretudo com a tentativa da força pernambucana de envolver em um cerco o grupo de contra-atacantes, o que custou à aludida força a perda do soldado João Melquiades.

Só então eles tomaram conhecimento de estarem lutando contra policiais, razão porque trataram logo dos preparativos de sua retirada, o que conseguiram ao anoitecer, deixando Guaribas às mãos de verdadeiro déspota.

A partir daquele instante, Chico Chicote recrudescceu sua capacidade combativa redobrando a execução de tiros em vários setores, para o que passou a movimentar-se com maior velocidade, ressurgindo, sem demora, aqui, ali e acolá, num revide fora do comum, convencendo os atacantes que o reduto estava defendido por numeroso grupo de combatentes.

Momentos depois, naturalmente convicto de sua derrota, êle determinou aos seus dois auxiliares que o abandonassem. Sem vacilar, e pela primeira vez, Mané Caipora desobedeceu ao patrão, manifestando-se com estas palavras:

— Eu sempre lhe disse que no lugar onde lhe matassem o meu cadáver seria encontrado a duas braças do seu. Agora, chegou a hora de cumprir a minha palavra.

Por sua vez, em face de imposição irrevogável de Chico Chicote, Sebastião Cancão abandonou o reduto correndo e rolando em ziguezague até jogar-se sobre denso arvoredor situado numa baixada vizinha, de onde saiu ferido apenas por espinhos e galhos de árvore.

Enquanto isso, segundo informações de Antônio Piçarra, o cabra Nevoeiro (não confundí-lo com Navieiro), fugitivo do grupo de Lampião e homiziado em Porteiras, disfarçado de camponês, empunhando um fuzil arranjado com alguém e colocado num ponto do pé-de-serra do Araripe, causou sérios transtornos à força de José Bezerra e às praças da volante pernambucana.

Maiores distúrbios cometeu Cícero Prêto — agregado dos Liberatos, de Goianinha, atual Jmacaru, distrito de Missão Velha — que, de outro local da serra, disparou cerca de 300 tiros de fuzil contra os policiais, fato comprovado com as cápsulas encontradas no lugar por Pedro Celião de Moura. Conforme depoimento do Ten. Josias Pires Pedrosa, Cícero Prêto saiu de Goianinha com a intenção de juntar-se a Chico Chicote. Ao aproximar-se de Guaribas, êle reuniu-se às Praças do destacamento de Porteiras, sendo envolvido pela tropa paraibana, quando, aproveitando a treva da noite, simulou estar morto. Visto como cadáver, Cícero Prêto foi deixado em abandono, depois do que alojou-se no local citado.

XIII

Depois do genocídio levado a cabo por Zé Bezerra, circulou uma versão segundo a qual o prefeito Quinco Chicote, ao tomar conhecimento do ataque policial a Guaribas, dirigiu-se às pressas a Juazeiro e solicitou do Padre Cícero sua intervenção junto ao Presidente do Estado para suspender a luta, não sendo, porém, atendido pelo sacerdote.

Provavelmente, caso esse apêlo fôsse feito, o Padre Cícero atendê-lo-ia. Por sua vez, o Presidente Moreirinha não deixaria de providenciar a suspensão do ataque.

A propósito de tal invencionice, eis o que realmente aconteceu no sítio Pau-Branco, de propriedade do Coronel Quinco.

Quando chegaram à vila de Brejo dos Santos as primeiras notícias da ocorrência, Manuel Tiburtino Filho, Pedro Celião de Moura, Vicente Benedito, Francisco Carlota (Francisco Gomes de Sousa), Manuel Curica, Zuza Félix e Vicente Carlota (Vicente Gomes de Sousa) armaram-se e rumaram a galope para a residência de Quinco Chicote. Lá chegados, puseram-se ao seu dispor para lutarem em favor do seu irmão.

Em resposta àquele notável ato de solidariedade, eis o que disse Quinco Chicote :

— Eu não darei um passo nesse sentido.

Surpreendidos e decepcionados com essa atitude absolutamente estranha ao meio sertanejo, os devotados amigos de Chico retornaram imediatamente a Brejo dos Santos. (20)

Levando em conta apenas o que já foi dito sôbre a lealdade que caracterizava a personalidade de Chico Chicote, podemos afirmar que, se porventura o assédio de Guaribas tivesse sido efetuado no sítio Pau-Branco, êle teria corrido imediatamente, e por iniciativa própria, em socorro do irmão.

Em tôrno da atitude de "Seu" Quinco para com Chico Chicote, houve ainda dois fatos comprobatórios de sua deslealdade.

Logo no 1.º dia de fevereiro, Isaías Arruda, prefeito de Missão Velha, telefonou a Chico Chicote oferecendo-lhe homens armados para um contra-ataque, mas êle recusou a oferta. No mesmo dia, o Coronel Pedro Velhinho (Pedro Furtado de Lacerda), chefe político de Milagres, mandou o seu sobrinho Antônio Miguel de Lacerda oferecer-lhe 20 homens para o socorro de Guaribas, oferecimento êste que, como os anteriores, não foi aceito. (21)

XIV

O combate de Guaribas, que se caracterizou pela troca de tiros a curta distância, teve a duração de trinta-e-uma horas, visto que começou às 7 horas do 1.º dia de fevereiro e terminou exatamente às 14 do dia seguinte.

A certa altura do tiroteio, já em plena noite, ocorreu com Chico Chicote o que acontecera com Henrique Dias na batalha de Pôrto Calvo (18-2-1637), porquanto foi êle atingido por um tiro na mão esquerda. Ainda por estranha coincidência, êle tentou reproduzir o ato espantoso do bravo pernambucano, mandando Mané Caipora amputar-lhe a mão, em face de sua inutilidade. Conscientemente, porém, Mané Caipora desobedeceu o patrão pela segunda e derradeira vez.

Pouco depois, quando se movimentava conduzindo uma caneca d'água para seu genitor, Zefinha (Josefa) caiu ao solo com a perna direita varada por uma bala, provavelmente perdida.

Ao ver a filha abatida, Chico Chicote atingiu o mais alto grau do seu rancor e da sua indignação, a ponto de repelir com tiros as sugestões que o Ten. Veríssimo lhe vinha fazendo para render-se.

20) Informes de Pedro Celião de Moura por intermédio de Manuel Inácio Torres.

21) Id.



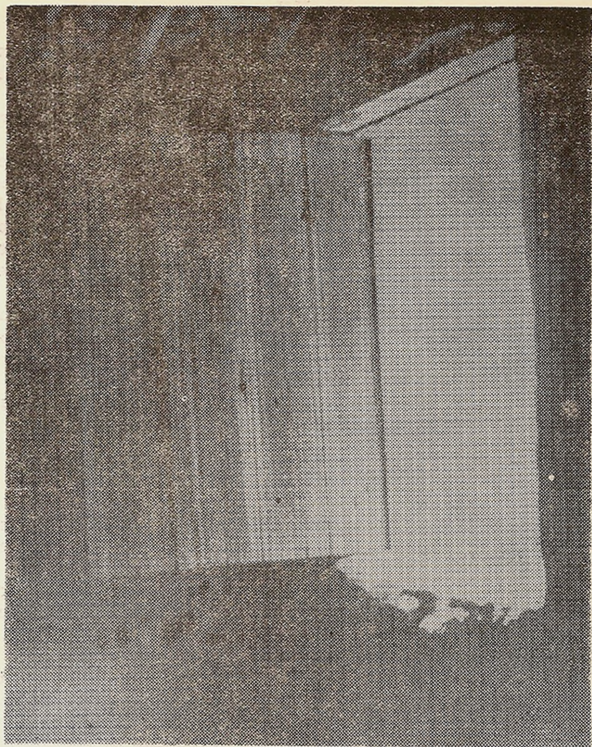
Janela de onde Chico Chicote demonstrou grande parte de sua resistência

Está claro que, se ele houvesse concordado com a proposta de Veríssimo, teria sido eliminado sumariamente, a exemplo do que ocorreria com Marrocos, Antônio Granjeiro e as demais vítimas daquele autêntico "Esquadrão da Morte".

Igual atitude teve Chico Chicote para com o 1.º Sarg. Manuel Neto, da volante pernambucana, que, empolgado pela sua bravura, sugeriu-lhe pôr fim à resistência, comprometendo-se até lutar pela sua segurança. (22)

Apesar da enorme disparidade com que enfrentava seus atacantes e do desmedido esforço que vinha fazendo para repelir a "barragem de fogos" desencadeada ininterruptamente sobre sua mansão, já completamente destelhada e totalmente perfurada, Chico Chicote, naquele momento, estava perfeitamente enquadrado na sua vocação de combatente resolutivo.

22) Declarações prestadas pelo antigo Sarg. e atual Cel. Manuel Neto ao meu informante Antônio Lucena Cabral, em janeiro de 1971, em Jati. É oportuno salientar que se trata de um dos raros oficiais da PM pernambucana que realmente perseguiram e combateram Lampião, ao contrário, por exemplo, do Maj. Teófanos Torres, que chegou a vender munições ao referido bandoleiro, conforme está dito comprovadamente pelo escritor Rodrigues de Carvalho, no seu importante livro "Serrote Preto", Sociedade Editora e Gráfica Ltda., Rio, 1961, pp. 293/6.



Janela do sótão da "casa-grande" de Guaribas

Aquela altura, sem dúvida envolvido pelo sentimento paternal, vendo, a cada instante, Zefinha ensanguentada, êle obrigou seu filho Vicente a abandoná-lo.

Essa resolução de Chico Chicote haveria de trazer mais um testemunho da trama já esclarecida, como veremos a seguir.

Ao saltar no terreiro do fundo da casa, o rapazote foi atingido por uma bala na coxa da perna esquerda. Mesmo assim, Vicente conseguiu embrenhar-se no mato e esconder-se, sendo, porém, descoberto por alguns soldados que ameaçaram matá-lo. Tudo indica que o comandante das referidas praças era o Sarg. Manuel Neto, porquanto, ao vê-lo ameaçado, não só repeliu o atentado como também o socorreu, deitando-o sobre uma pilha de fôlhas de bananeira.

Terminada a luta, Vicente foi aprisionado pela volante da Paraíba até o dia seguinte, sofrendo vexames e ameaças de morte, tudo por influência de Sinhô Salviano.

Ao amanhecer do dia 2 de fevereiro, a paisagem de Guaribas resurgiu transmudada, demonstrando o trágico desenlace daquela luta desigual, notadamente com a revoada de urubus em seu derredor.

Pelas 8 horas, Mané Caipora foi pôsto fora de combate por violenta saraivada de balas.

A partir daquele momento, Chico Chicote começou a abater-se por grande cansaço, reduzindo, em consequência, a área de sua heróica resistência. Daí por que alguns atacantes conseguiram atingir a calçada do casarão, aonde se entrincheiraram, enquanto outros, pelo lado oposto, subiram a parede, passando a efetuar tiros sôbre o sótão e o interior de várias dependências. Apesar de tudo isso, nenhuma das volantes teve a audácia de efetuar um assalto àquele reduto.

Talvez porisso, aos berros, certos sitiantes fizeram uma celeuma de pilhérias e palavões. O próprio João Gomes, que se achava ao pé da calçada, assim manifestou-se:

— Tio Chiquinho desta vez está frito.

Embora já se achasse rouco, Chico Chicote foi ouvido claramente ao replicar o sobrinho, após fazer dois ou três disparos de rifle:

— Se eu escapar, te furo o buxo com pela!

XVI

Por volta do meio-dia, quando padecia de enorme cansaço, sobretudo por falta de alimento, Chico Chicote recebeu um tiro no maxilar inferior, continuando, porém, a reagir assustadoramente.

Afinal, às 2 horas da tarde, absolutamente exausto, e com apenas uma carga de cartucho, êle penetrou no primeiro quarto do lado norte, aonde foi obrigado a fixar-se, sendo, logo depois, varado por uma descarga de fuzil na região torácica.

Ao penetrar ali, o Ten. Veríssimo encontrou-o de joelho em terra, encostado à parede, em posição de tiro, com um só cartucho na culatra do rifle, e com a face inteiramente enegrecida pela fumaça da pólvora.

Incontinenti, rematando sua missão facinorosa, os atacantes invadiram a casa e iniciaram violento saque, apoderando-se de jóias, dinheiro e objetos de valor, inclusive vários cortes de sêda "Palha", adquiridos, dias antes, para o casamento de Zefinha, fato êste ratificado pelos próprios policiais, que chegaram a Brejo dos Santos com improvisados lenços do referido tecido no pescoço. (23)

Tendo-se juntado à primeira onda de invasores, Sinhô Salviano dirigiu-se diretamente ao quarto onde tombara Chico Chicote. Ao defrontar-se com o cadáver, traspassou-lhe o tórax com brutal punhalada na axila esquerda. Conforme ainda é comentado, êsse ato monstruoso fôra uma represália ao morto, acusado de haver assassinado José Franco com idêntico ferimento.

Em suma, Guaribas foi alvo de autêntico vandalismo, visto que não foi apenas saqueada mas também destroçada com incêndio em suas ve-

23) Conforme é comentado ainda hoje, entre o saque figurou um pacote contendo ONZE CONTOS DE REIS, importância esta proveniente da venda de uma propriedade de Chico Chicote realizada às vésperas do ataque. Daí por que um dos assaltantes, sem demora, prosperou financeiramente... E foi em meio à balburdia dos saqueadores que Da. Geracina, com tiras de pano, ocultou certo número de cédulas numa das pernas, segundo afirmou à Srta. Laura Anselmo e Silva.

getações agrícolas e abatimento de criações domésticas, que, juntamente com os dois porcos abatidos no dia anterior, foram devoradas, logo ao amanhecer, pelos cruéis sitiantes. E mais: além desse rancho irregular, os policiais se utilizaram de rédes e lençóis como selas nos animais arrebanhados em Guaribas e suas vizinhanças, nos quais se transportaram a Brejo dos Santos.

Por seu turno, os Salvianos apossaram-se de 60 equinos declarando aos respectivos donos que, se quisessem reavê-los recorressem ao Coronel José Pereira, na Paraíba. (24)

Ao retornar à vila de Brejo dos Santos, aonde chegou antes do anoitecer, a volante cearense dispersou-se e permaneceu nas ruas como legítimo bando de desordeiros. De início, várias praças locupletaram algumas mercearias evitando o seu fechamento, com o objetivo de beberem cachaça, enquanto outras, divididas em grupos e percorrendo as ruas a cavalo, cometiam insultos e ameaças, principalmente quando passavam sobre as calçadas residenciais de pessoas da família Chicote.

Tais provocações chegaram a causar decisiva reação de Inácio Pereira Lucena, que armou-se de rifle e, gritando, saiu à rua disposto a lutar contra os desafiadores. De imediato, porém, Inácio foi contido por Heráclito Alves de Moura e outras pessoas.

XVII

Finda a tragédia de Guaribas, partiram para lá — a fim de conduzirem a Brejo dos Santos o corpo de Chico Chicote — Pedro Pereira de Lucena (Pedro Chicote), José Inácio e Silva (Ioiô), Domingos Gomes da Silva (Domingos Lourenço), Francisco de Araújo Lima (Chico Amaro), Manuel Tiburtino Filho e Pedro Celião de Moura. Mas só por volta da meia-noite, acompanhados de numeroso grupo de camponeses do município de Porteiras, eles regressaram do devastado sítio. Isto porque, com o auxílio de Urias Novais e alguns moradores daquele pé-de-serra, efetuaram o sepultamento, lá mesmo, dos mortos no prolongado tiroteio, entre os quais, segundo depoimento de Pedro Celião, foram encontrados vinte e sete policiais.

O séquito chegou a Brejo dos Santos entre 4 e 5 horas do dia 3 de fevereiro, trazendo, também, a moça Joséfa Inácio de Lucena, conduzida diretamente à residência de Domingos Lourenço, no bairro Araújo, quando então ela passou a ser medicada e posta fora de perigo pelo jovem prático de farmácia Manuel Inácio Torres.

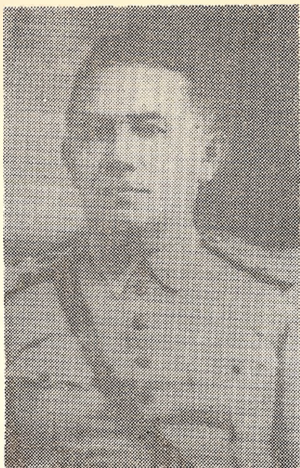
Quanto ao corpo de Chico Chicote, foi pôsto em câmara-ardente na casa do irmão Pedro Pereira de Lucena, à Rua da Taboqueira (atual Cel. Basílio Gomes), que logo passou a ser visitada até por policiais.

Um destes, entretanto, causou indignação e nojo aos presentes, em face da ironia e basófia com que manifestou-se ao ver o semblante danificado e enegrecido do cadáver, pois assim falou a um dos seus colegas: "Ele morreu de bexiga?"

O sepultamento de Chico Chicote realizou-se às 9 horas, com o comparecimento de regular número de populares e destacadas figuras brejo-santenses, entre as quais Manuel Inácio de Lucena, Pedro Pereira de Lucena, João Inácio de Lucena, Domingos Gomes da Silva, Manuel Tiburtino Filho, José Inácio e Silva, Pedro Celião de Moura, Eliseu Gomes

24) Cf. Djalir Menezes, "O Outro Nordeste", 2a. ed., Editora Artenova Ltda., Rio. 1970. p. 154.

Dez anos depois da tragédia de Guaribas (1936), José Gonçalves Bezerra, no posto de capitão, foi morto bárbaramente no município de Crato, a caminho do sítio Caldeirão, por um grupo de fanáticos do Beato Zé Lourenço, durante sangrenta luta.



de Lucena, José Luís Tavares, Tiago Inácio Bezerra, Antônio Bastos dos Santos, José Celião de Moura, João Gomes de Moura Neto (Jaru), Heráclito Alves de Moura, José Alves de Moura, Pedro Cândido de Sousa, Inácio Pereira de Lucena, Antônio Madeiro de Moura, Basílio Gomes da Silva Neto, José Inácio Basílio, Gerson Gomes de Lucena e João Anselmo e Silva.

De um modo geral, a tragédia de Guaribas entristeceu e contrariou a população de Brejo dos Santos, sobretudo pelo fato de que, naquela época, as principais famílias do município constituíam um só bloco de parentes consanguíneos e afins. E, conforme verifiquei, teve repercussão desagradável no seio da própria Força Pública, cujo quadro de oficiais (como o de sargentos) era constituído, em sua maioria, de elementos dignos, a partir do comandante-geral, Cel. João Fonteles Linhares.

Aliás, naquele quadriênio do Presidente Moreirinha, a própria Polícia foi enlutada pelo assassinato, em Missão Velha, do Tenente Fernando Pôrto e do Sargento José Pereira, ambos abatidos traiçoeiramente por cangaceiros do prefeito Isaiás Arruda, crimes estes que ficaram impunes como os que ocorreram em Guaribas e Salvaterra.

Finalmente, convém acrescentar que, dez anos depois daquele revoltante acontecimento (10-05-1937), José Gonçalves Bezerra, no posto de capitão e à frente de 10 praças, foi morto a golpes de facões e foices no lugar Mata dos Cavalos, município de Crato, ao sopé da serra do Araripe, por um grupo de fanáticos do Beato José Lourenço, durante rápida e sangrenta luta, cujos detalhes principais foram dados pelo escritor José Alves de Figueiredo Filho no jornal "Diário Carioca" e transcritos in "História do Fanatismo Religioso no Ceará" (Editora A. Batista Fontenele, Fortaleza, 1959, pp. 163/4), da autoria do historiador Abelardo F. Montenegro, fato este integrante da destruição de Caldeirão, cujos pormenores permanecem desconhecidos...

Clínica Radiológica Dr. Macário

Credenciada pelo INPS e pela Caixa de Assistência do
Banco do Brasil

D I R E Ç Ã O :

Dr. Heron Macário de Brito

Aparelho de 250 MA

Radiografia do crânio e face.

Estudo radiológico do esôfago, estômago e duodeno

Estudo radiológico do intestino delgado e grosso

Radiografias da coluna vertebral.

Urografia excretôra, etc.

Clínica Radiológica Dr. Macário

RUA SENADOR POMPEU, 420 — TELEFONE : 523

C R A T O

— o —

C E A R Á

BANCO DE CRÉDITO COMERCIAL

“CRESCENDO COM O CEARÁ
FAZENDO O CEARÁ CRESCER”

Todos os negócios bancários com rapidêz e eficiência

AGÊNCIA DO CRATO :

RUA DR. JOÃO PESSOA N.º 246 — TELEFONE : 440

C R A T O

— o —

C E A R Á

SAUDANDO

Joaquim Lôbo de Macêdo

J. de Figueiredo Filho

Presidente do Instituto Cultural do Cariri
Professor da Faculdade de Filosofia do Crato
da Academia Piracicabana de Letras

O Instituto Cultural do Cariri, cumprindo programa de ordem cultural, empossa hoje duas figuras de destaque em cadeiras com patronos. Um é o escritor Joaquim Lôbo de Macedo, com o pseudônimo de Joaryvar Macêdo, na de Otacilio Macêdo, e o velho companheiro de jornada Gal. Raimundo Teles Pinheiro, na de seu parente—Leandro Bezerra Monteiro.

O que vale à nossa terra, é que sobram filhos ilustres a patrocinar cadeiras no I. C. C. e outros tantos a defendê-las, com brilhantismo, nos tempos presentes.

Cabe a mim fazer a saudação ao consócio Joaquim Lobo de Macêdo que preencherá a cadeira patrocinada pelo jornalista de renome, o médico, dr. Otacilio Macêdo.

Foi êle escolhido, com justiça para a cadeira da figura empolgante de Otacilio, pelos aprimorados dotes de espírito e de inteligência. É filho quase do Cariri. Nasceu em Lavras da Mangabeira e integra-se ao magistério, tanto de Crato, como de Juazeiro do Norte. Acaba de lançar o livro genealógico — “OS AUGUSTOS”, com a repercussão merecida. Aliás, é ramo de ciência que cultiva, com proficiência incontestável e nesse assunto especializado, escreve em ITAYTERA, na REVISTA DO INSTITUTO DO CEARÁ, e na REVISTA GENEALÓGICA, de S. Paulo.

No magistério caririense, destaca-se como mestre consumado, bom orientador de sua cadeira. Homem calmo, de sólida cultura, não sabe fazer alarde pessoal de seus conhecimentos. É valor autêntico da cultura caririense, que começa a espriar-se por aí afora.

Seu patrono foi dos jornalistas mais seguros que tivemos, em Crato. Dirigiu por vários anos a antiga GAZETA DO CARIRI, fundada por Bruno de Menezes, dando-lhe renome em todo o Ceará, dados os métodos modernos que nela introduziu. Foi o denodado jornalista cratense e oftalmólogo de nomeada, que colheu entrevista com o celebre bandoleiro Lampião, que esteve, na vizinha cidade de Juazeiro do Norte. Hoje corre mundo, transcrita em várias publicações, aquela entrevista.

Cabe agora a Joaryvar falar pormenorizado e com segurança, sobre o seu patrono, o inolvidável Otacilio Macêdo :

CURRICULUM VITAE

DE

JOAQUIM LÔBO DE MACÊDO

(JOARYVAR MACÊDO)

1 — JOAQUIM LÔBO DE MACÊDO, conhecido por Joaryvar Macêdo, nasceu em Lavras da Mangabeira-Ce., aos 20 de maio de 1937, filho legítimo de Antônio Lôbo de Macêdo e Maria Torquato de Macêdo.

Curso Primário: na terra natal; Ginásio: no Seminário Diocesano do Crato e no Seminário Arquidiocesano de Fortaleza; Cursos de Filosofia e Teologia (até o 2.º ano, inclusive), nos Seminários Arquiepiscopais de Olinda e Recife-Pe. e de João Pessoa-Pb.

Licenciado em Letras pela Faculdade de Filosofia do Crato, em 1968, tendo sido orador oficial da turma.

2 — ASSOCIAÇÕES CULTURAIS A QUE PERTENÇA:

a — Sócio Correspondente do Instituto Paraibano de Genealogia e Heráldica (João Pessoa).

b — Sócio efetivo do Instituto Genealógico Brasileiro (S. Paulo).

c — Diretor da Associação de Cultura Romana Antiga (ACRA), da Faculdade de Filosofia do Crato.

3 — TRABALHOS PUBLICADOS:

a — Caderno de Loucuras — Versos — Empresa Gráfica Ltda., Crato-Ce. 1965.

b — Rolins, Cartaxos e Afins — na Revista do Instituto do Ceará, Fortaleza — V. 83, 1965, págs. 334-337.

c — Lôbo de Macêdo ou Macêdo Lôbo — Itaytera, N.º 12, 1968, pp. 179-182.

d — O Capitão-Mor Francisco Xavier Ângelo — em Itaytera, N.º 13, 1969, pp. 193-198.

e — D. Marica e a Questão de 8, em Aurora — em Itaytera, N.º 14, 1970, pp. 61 a 64.

f — Patrimônios de Capelas — em Itaytera, N.º 15, 1971, pp. 147-149.

g — Discurso de Orador Oficial de Turma de 1968 — Publicação da Faculdade de Filosofia do Crato, 1968.

h — Apresentação de Fagundes Varela — Publicação da Faculdade de Filosofia do Crato, 1971.

i — Os Augustos - Imprensa Universitária do Ceará, Fortaleza, 1971.

OBS.: — Colabora em Jornais da Região.

4 — ATIVIDADES PROFISSIONAIS:

Exerce o magistério, como professor de Português, na Faculdade de Filosofia e no Colégio Estadual Wilson Gonçalves, em Crato; no Colégio Salesiano S. João Bosco e no Ginásio Municipal Antônio Xavier de Oliveira, em Juazeiro do Norte.

Ex-professor dos seguintes estabelecimentos de ensino: Seminário Diocesano de Cajazeiras-Pb., Colégio Pe. Félix — Recife-Pe., Colégio Agrícola e Escola Normal, em Lavras da Mangabeira-Ce., Colégio Diocesano, Seminário Diocesano e Escola Técnica de Comércio, em Crato, Colégio Menezes Pimentel, em Juazeiro do Norte. Ex-vice-diretor do Colégio Menezes Pimentel de Juazeiro do Norte.

O Instituto Cultural do Cariri, por iniciativa do Dr. José de Figueiredo Filho, seu digno Presidente, me dá a honra de uma cadeira. Ao tomar posse, não me apresento com as costumeiras palavras, ditadas por modéstia artificial com que se disfarça, muita vez, a ânsia de fazer parte das sociedades literárias.

Ufano-me de, no trato com as agremiações de cultura, não tomar a atitude ridícula do desdém, por não lhes pertencer, e de não ombrear com aquêlê que as requesta, insistentemente, forçando-as a aceitarem-no, sendo esta a única maneira de livrar-se dêle. Restrinjo-me a reconhecer-lhes, sem eclipsar os possíveis erros, "o alto valor que representam para a vida das letras e defesa dos ideais literários".

Só com serem as minhas aspirações as mesmas do Instituto, já estaria justificado meu ingresso na "mais alta assembléia cultural do Cariri".

Para mim, cujos "sonhos de tímido e medroso", à feição dos do Poeta, "foram sempre modestos e serenos", grande é a glória e maior a responsabilidade. A escolha aceitei-a como estímulo.

Ao Dr. José de Figueiredo Filho, meu duplo e profundo agradecimento pela honra de ser, talvez sem tom nem som, o primeiro ocupante da cadeira patrocinada por meu ilustre parente Otacílio Macêdo, médico e jornalista.

Grato me confesso ainda ao Presidente do Instituto Cultural do Cariri, pela saudação generosa sôbre medida, bem como a tantos quantos vieram prestigiar esta solenidade.

OTACÍLIO MACÊDO

DADOS BIOGRÁFICOS

Nasceu Otacílio Sampaio de Macêdo, em Crato, aos 14 de maio de 1895. Teve como genitores José Joaquim de Macêdo (Cazuza) e D. Francisca Nogueira Sampaio (Chiquinha). Vincula-se, por vias paternas e maternas, a famílias históricas do Vale Caririense, a poderosos clãs do passado, influentes em sua colonização.

A influência viveu-a no Sítio Fernando e foi idêntica à de qualquer menino de engenho. Na cidade natal assimilou os rudimentos escolares, seguindo depois para o extinto Colégio S. José, na Serra do Estêvão, em Quixadá. Em Salvador, porém, concluiu os preparatórios. Lá reponta sua extraordinária vocação para o jornalismo e começa a trabalhar de repórter. Ingressa na tradicional Faculdade de Medicina da Bahia, indo, todavia, perfazer o curso, em outra não menos gloriosa Faculdade de Medicina, a do Rio de Janeiro, onde defendeu tese, em 1917.

Doutorado, voltou ao Crato, onde convolveu a núpcias com Maria Pessoa da Rocha, filha do Bacharel Joaquim Olímpio da Rocha e de D. Maria Pessoa da Rocha. Viúvo, desposa a Adelide Pessoa da Rocha, irmã de pai e mãe, da primeira mulher. Rebentos houve, sômente do primeiro matrimônio. Dez ao todo, dos quais sobreviveram cinco: Terezinha, Regina Helena, Bolívar Eugênio, Francisquinha e José.

Em clinicando, causou sucesso em sua especialidade — oftalmologia. Mas com cedo abandonou a clínica. Não acreditava na eficiência

dos medicamentos. Formara-se em medicina, aliás, em ordem a satisfazer à vontade da mãe, influenciada pelo fato de haver vários clínicos em sua família — os Sampaio de Barbalha. Êle desenhara seguir engenharia.

Relegando a medicina, com incalculável prejuízo para a clientela, dedicou-se à agricultura canavieira, no sítio Fernando, quase dentro da cidade do Crato e nos brejos do Batateira. Por êsse mister sentia verdadeiro fascínio. Tanto assim que transformou o seu sítio na mais bem organizada propriedade rural do Município.

Salvo a agricultura, só o jornalismo o prendeu por algum tempo. Professor em Colégio do Estado que teve o nome de "Curso Secundário do Crato", inaugurado no Governo João Tomé, pouco se demorou no ofício.

Serviu como secretário da Prefeitura Municipal na gestão de José Horácio Pequeno.

Ressalte-se ainda, que assistiu os flagelados da chamada Concentração do Buriti, quando o Ceará foi sacudido por uma das maiores calamidades de sua história, a sêca de 1932. No distrito de Muriti, então Buriti, concentraram-se populações famintas. Proporcionava-lhes Otacilio os socorros médicos. E, diga-se de passagem, como capelão, deu assistência espiritual àquela desgraçada gente, outro homem notável, um dos mais insignes filhos do Cariri, o Padre Antônio Gomes de Araújo.

Velho e fatigado enfim, das lides agrícolas, vendeu o sítio ao irmão, Brigadeiro José Sampaio de Macêdo, passando a residir em pleno centro da Princesa do Cariri.

Em 1966, aos 5 de janeiro, na Casa de Saúde São Raimundo, na Capital do Estado, faleceu na mesa de operação. A gravidade do estado de saúde não permitiu sequer a intervenção cirúrgica. E teve sepultura na terra que lhe servira de berço.

Conforme testemunho do professor e historiador Denizard Macêdo, seu sobrinho, quando se lhe aprontava o corpo para o ataúde, não lhe fôra encontrado a gravata. Outro sobrinho, irmão do precedente, o escritor Nertan Macêdo, cedeu a sua. Honra para ambos. Releva notar que Otacilio é um dos três que já baixaram ao túmulo com gravata de Nertan. Glória de uns poucos.

TRAÇOS DA PERSONALIDADE

Auscultando pessoas da família, e amigos seus, atendendo quanto sôbre êle escreveram, principalmente J. de Figueiredo Filho e Quixadá Felício, tento traçar, à ligeira, a personalidade do homenageado. Esclareço que os conceitos emitidos pelos dois referidos jornalistas, aqui se reiteram quase à letra.

Otacilio, como acadêmico, já revelava uma inteligência privilegiada, formando na linha de frente mais primorosa de sua turma, onde se destacava como orador e perfeito manejador da pena. Portador de memória fabulosa, ouvia um discurso e o repetia com a mesma ênfase do orador.

Talhado para vencer em qualquer setor da existência, tinha, no entanto, pendor marcante para a boêmia. Não só não ecreditava na eficácia dos remédios, mas também na própria vida. De um ceticismo tal

que olhava a vida com desprezo soberano, jamais lhe concedendo qualquer valor. Seu comportamento era de absoluta indiferença a fatos de relêvo ou a simples sucedidos de rotina. Para êle, tudo ou nada. Não lhe importava que se agitassem reis ou mendigos. Sabia que todos passam num instante fugaz.

Era um boêmio do melhor estilo, um filósofo, êsse ilustre homem desleixado. Parecia mesmo, no trajar, um matuto pobretão. Seus olhos contudo, eram penetrantes. Iam ligeiro à alma dos outros. Viam dentro.

Segurança pasmosa quando conceituava sôbre filosofia, medicina, matemática, problemas da atualidade social ou econômica. E fazia-o com uma displiscência que assombrava. Um letrado de raça, com um talento fabuloso, uma existência que teve luminosidades esquisitas. Orador de invulgares recursos, esquivava-se aos fulgores da Tribuna. Professor competente e de difíceis disciplinas, furtava-se a colaborar no setor intelectual. Conversador exímio, com conceitos próprios, mas muitas vêzes pessimistas. De espírito sempre vivo e de um raciocínio que tinha profundas raízes numa cultura que ilustrava o Ceará, sendo-lhe um dos filhos mais brilhantes.

Ao lado de tudo isto, ardia-lhe nas veias o sangue abrasado da boêmia.

Se houvesse vivido em centro dos mais adiantados, teria sido conhecido e admirado, em âmbito nacional. Mas em qualquer parte em que vivesse, seria o mesmo e inconfundível Otacilio.

Assim viveu sempre. Viveu sem acreditar. Aceitava, contudo, a vida com desprezo lindo. Por isso mesmo viveu à vontade, sem pedir licença à vida. Viveu, de fato, como quis. Sempre um original.

Não se curvava a quem quer que fôsse. Sincero e coerente consigo mesmo, até o extremo, abraçando uma causa, certa ou errada, agia com entusiasmo.

Esteio principal da administração, em Crato, de José Horácio, contra quem surgiram certos rumores, propalou-se a vozes, pronto a defendê-lo de qualquer ataque, partisse de onde partisse. Era assim Otacilio. Não escondia os seus sentimentos, a despeito de fazer inimizadas com essa atitude. Rancoroso por vêzes, confundia em sua ojeriza, idéias com pessoas.

Inimigo do Integralismo de Plínio Salgado e do Comunismo, combatia-os, envolvendo desafetos em seu ódio.

Altamente liberal e democrata poderia ter sido, mas não o foi. Tornava-se intransigente como um totalitário. Altivo com os inimigos, não se submetendo a opinião de ninguém, jamais teve atitudes de covarde.

Combateu a religião e o clero em polêmicas célebres, não se preocupando com o meio hostil. A Deus chamava sempre "o Padre Eterno". Com êste era duro e intolerante. A um amigo que deplorava a sêca em sua presença, respondeu: "Não culpado de sêca, a culpa é do Padre Eterno".

Mudou de idéias, mas depois de convencido, através do tempo e da dura experiência da vida. É que a velhice o foi humanizando. O gênio amenizou-se. Procurou destruir velhas incompatibilidades individuais. Quebrou a onda de desafetos. Tornou-se afetivo com todos.

Quando voltou ao seio da Igreja, o fez espontaneamente e propagou alto e bom som, sua conversão.

Tinha tudo para vencer, não quis o galardão da vitória. Poderia ter tudo nas mãos, inclusive renome, mas abandonou tudo, displicentemente. Nada disso, entretanto, alteraria a marcha normal de sua existência. Preferiu sublimar-se pela bondade.

ALGUNS FATOS DE SUA VIDA

Certos fatos da vida dêsse boêmio ilustram êsses assertos. Vejamos alguns.

A tese de doutoramento "apresentada à Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro no dia 14 para ser defendida no dia 27 de dezembro de 1917", encerra uma dissertação intitulada de "Ensaio de Uma Psicologia Nacional". Impressa pela Tipografia Revista dos Tribunais — Rio de Janeiro — 1917, traz esta dedicatória: "À minha mãe, única razão da existência dêste trabalho".

Êsse interessante documento da mocidade de Otacilio, enfeixando dez capítulos, em 58 páginas, não se pode porventura, afirmar que é um monumento. Sua dissertação, porém, sob a epigrafe um tanto genérica, revela a cultura geral assimilada, já àquele tempo, como também uma pesquisa exaustiva. Cita inúmeros autores estrangeiros e brasileiros, concordando, objetando, criticando e corrigindo. Discorre em linguagem elegante e escorreita, acêrca de vários temas: medicina, biologia, educação, inteligência, vontade, hereditariedade, história, literatura, colonização, etc. etc.

A tese, sob todos os aspectos, retrataria a personalidade original do autor. Nela procura ser fiel a si próprio e demonstra sua independência de ação. Não sabendo encobrir o que pensava, Otacilio tinha expressões assim:

"Condoreira com Castro Alves, a poesia brasileira foi uma mentira arrogante, uma insinceridade, com feição de condor e aspecto verdadeiro de cegonha".

"O descobrimento do Brasil foi uma aventura como de aventuras têm sido todos os nossos atos, por isso que a psicologia só encontra na história da formação da racionalidade aventuras e aventuras..."

Chega o doutorando às fronteiras da irreverência. Não o amedrontou a Comissão Julgadora, de que fazia parte Afrânio Peixoto, figura monumental e cultura polimorfa que honrou a inteligência brasileira. Irreverentemente se exprime Otacilio, preludiando nestes termos:

"O trabalho que ora apresento à Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, à guisa de tese de doutoramento, sôbre estar eivado de êrros, se acha incompleto. Porque? Os erros, reconhecendo-os, talvez não os soubesse corrigir, e o complemento da obra não foi executado porque, apesar de dispor do tempo necessário, dêle me utilizei.

Assim confessando honesta e publicamente, suponho merecer de mim mesmo indulgências confortadoras, pois as penitências impostas por apesar de dispor do tempo necessário, dêle não me utilizei.

Êste trabalho, disse, está incompleto. Falta-lhe a segunda parte: aquela em que procuraria aplicar os ensinamentos e as opiniões emitidas nos capítulos anteriores, coletiva ou individualmente, ao povo brasileiro. Mas, quem sabe? Talvez eu lucrarei com esta falta. Esperando publicar posteriormente o que, agora, não escrevi, é possível então fazer trabalho de melhor orientação.

O que está escrito, se não vale um caracol, tem para mim o poder de um programa. E assim compreendido, reflete uma opinião, um modo de sentir e de analisar e portanto requer o respeito. Não tendes o direito de me julgar em erro, mas de tirar uma conclusão diferente da vossa”.

Com firmeza tal houve-se Otacílio. Os examinadores procuram derrotá-lo a todo custo e com ironia, dissecando-lhe a tese que foi também motivo de hilaridade. Os títulos da cada capítulo, entregues com retardamento, ao editor, saíram todos trocados. Tanto assim que ali se lê a nota explicativa: “Devido a um descuido de tipografia, cada sumário de capítulo, na 2.a parte, pertence ao capítulo seguinte. Assim o sumário do capítulo I pertence ao capítulo II, etc.”

O trabalho revelava, efetivamente, o homem tal qual seria na vida cotidiana. De qualquer forma, como não poderia deixar de acontecer, a tese foi aprovada.

* * *

O caráter pitoresco do clínico em tela, manifesta-se em ocorrências semelhantes a esta :

Em seu casal, certo dia, se lhe apresenta um operário queixando-se de impossibilidade para o trabalho por encontrar-se enfêrmo. O médico o examina cuidadosamente. Findo o exame escrupuloso, receita-lhe um vidro de CRETINOL. E saiu o palerma, pelas ruas do Crato, de farmácia em fanácia, a procurar, em vão, o remédio.

* * *

Acontecimento que confirma a independência de atitudes do nosso homenageado, vem narrado em artigo do jornal — “Meu Conhecimento Pessoal com o Padre Cícero” — por J. de Figueiredo Filho. (Em “O PADRE CÍCERO — Edição Comemorativa do I Centenário de Ordenação Sacerdotal do Padre Cícero Romão Batista — 30 de novembro de 1970, pág. 6).

Passemos-lhe a palavra :

“Revi Padre Cícero, em várias outras vêzes, sem falar com êle, em minha cidade e em Juazeiro. Noutra feita, eu já adulto, tive ocasião de frequentar-lhe a residência e auscultar-lhe melhor o espírito. Fui acompanhado do médico e jornalista cratense — dr. Otacílio Macêdo.

Naquela época, surgira no Brasil, entidade nova, de orientação católica, tendo, a pretensão de guiar para princípios melhores os eleitores nacionais. No Ceará, transformara-se em autêntico partido político, aproveitado por elementos espertos da politicagem.

Otacílio, no tempo, espírito rebelde, diretor da “GAZETA DO CARIRI”, revoltou-se com a deturpação da nova cidade. Muita gente da linha de frente dos partidos, passou a frequentar missas e até a confessar-se ostensivamente. Não se contentou êle só a combater, em seu jornal, aquelas manifestações que chamava de hipocrisia. Resolveu apresentar-se candidato a deputado estadual, com plataforma ostensiva contra a Liga Eleitoral Católica.

Na época eu também era metido a rebelde e não custei a apoiá-lo.

Em belo dia, resolvemos nos dirigir ao próprio Padre Cícero Romão Batista que sabíamos ser meio independente das autoridades eclesiásticas, no momento. O projeto entrou logo em execução. Fomos a Juazeiro. Não foi difícil sermos recebido pelo Padre Cícero com tãda a lhaneza de trato. Otacílio, sempre foi muito franco, externou-lhe logo a causa da visita, traçando o programa que cumpriria, caso fõsse eleito e não se esqueceu de externar-lhe a repulsa à nova entidade — LEC.

O padre ouviu tudo sem interromper. Depois chegou a sua vez. Não olhou para Otacílio fixamente. Passou a falar como se fõsse a um auditório mais amplo. Éramos os únicos ouvintes. Disse que o Cardeal Arcoverde estava a mobilizar os católicos do Brasil para votarem em defesa da Igreja. Não se referiu ao Bispo do Crato, nem ao Arcebispo do Ceará. Acho que isso não deixava de ser bom para impedir o divórcio e outros males. Discorreu sãbre assuntos políticos do momento e nada tocou na candidatura de Otacílio. Não aprovou e nem desaprovou. Desconversou.

Nas entrelinhas, deu a entender que o dever do católico era ficar com o Cardeal. Para o bom entendedor meia palavra basta. Terminamos cansando. A despedida foi amável, sem o mínimo compromisso. Otacílio não passou a simpatizar com a LEC do Cardeal. A candidatura dêle, sem eco, com o Crato a fazer profissão de fé cristã, por parte dos chefetes, não abria lugar para candidato hostil à LEC. Com alguns eleitores sem prestígio de minha marca, ainda sob pressão da família, o resultado das urnas seria fatal para Otacílio. Preferiu influir, na cidade, unicamente na veemência das colunas de seu valente jornal”.

O JORNALISTA

Médico, professor, epistológrafo, orador, só numa atividade o espirito, o jornalismo, Otacílio haveria de realizar-se em plenitude.

Foi diretor e proprietário da GAZETA DO CARIRI, fundada em Crato aos 17 de setembro de 1916, dirigida pelo saudoso Bruno de Menezes e continuada por Loyola de Alencar. Foi-lhe fácil dar continuidade à obra dos predecessores, “porque no jornal tinha tema e adubo para plantar a semente da rebeldia aos desmandos dos poderosos”, como assegura Quixadá Felício.

Como jornalista e polemista, marcou época sua atuação brilhante e intemorata. Fêz do seu jornal um paladino de reivindicações para o Cariri. Deu-lhe orientação clara, honesta, segura e forte quando necessário. Sua pena esteve, ininterruptamente, a serviço das causas justas e nobres.

Quando da inauguração da segunda fase da GAZETA DO CARIRI, na edição de 7 de junho de 1942, transcreveu-se o conceito de Bruno de Menezes a respeito de Otacílio: “Quero particularizar o nome de Otacílio Macêdo, porque com êle privei durante vários anos. Culto, inteligente, perspicaz, é por excelência o que podemos afirmar um jornalista nato, capaz de concorrer com os mais eminentes profissionais dos grandes centros publicitários”.

Com efeito dera Otacílio o fôro de independência política e social àquela fôlha, fazendo dela um dos mais atuantes jornais do Ceará. Dinamizara-a e imprimara-lhe um cunho diferente.

Tinha realmente a vocação natural do jornalista, destacando-se inclusive, como comentarista de primeira. "No jornal punha as vibrações de uma inteligência fora do comum, anematizando, com sobranceira a espezteza da política e os costumes mambembes de um meio que êle muito contribuiu para que evoluisse". (Quixadá Felício).

Sal e mão pouca pimenta era o que recomendava para o jornal. Insistia no máximo de crítica contundente, no combate frequente às velhacarias dos governantes. Insurgia-se com veemência, contra a expansão do integralismo que considerava uma embrulhada semelhante ao comunismo.

Independente em seu jornal, absolutamente independente, em meio totalmente católico, lutou contra o clero e contra a Liga Eleitoral Católica.

Eis-lhe a linguagem franca, pessoal, forte, intrépida, escrevendo contra o socialismo :

"Os charlatães socialistas, desde os antigos aos mais modernos, em escala por Luis Blanc, Marx, Leão XIII, Lenine até a prata de casa, representada pelos catrevages Getúlio Vargas e Carlos Prestes, pregam utopias mirabolantes com desprezo manifesto pela natureza humana. Êles nunca cultivaram mandioca no Araripe e por isso estão completamente alheios à realidade das cousas..."

"O marxismo ou comunismo, socialismo cristão, nazismo ed emais satélites e variantes que prometem dignificar a pessoa humana, criar fórmulas para distribuição de riqueza e justiça sociais, e educar as massas, e outras cretinices, são tôdas veredas estreitas que levam por atalhos diversos ao El-Dorado de todo mundo: O prato feito. Êles açulam o naufrago da sorte, o vencido da vida, enfim, todos aquêles que não demonstram capacidade de viver pelo esforço pessoal, a pecarem contra o décimo Mandamento que, segundo a lei mosaica, não é só a mulher, mas também o boi, a casa e a terra do próximo.

Esta gente vê exploradores por todos os cantos, quando os pseudo-exploradores são na realidade os verdadeiros exploradores".

E mais adiante :

"O Governo deve gerar, criar, manter e suprir as mais elementares necessidades da vida. Com os detentores do poder são sempre, e em toda parte amadores e teóricos, as maiores iniquidades são praticadas, e criados males maiores do que aquêles que se pretende corrigir". ("Contra o Socialismo", em GAZETA DO CARIRI, edição de 7 de julho de 1942).

Dêsse feitio o jornalismo de Otacílio, vibrante, contundente.

Fato, amplamente divulgado, com relação a Otacílio jornalista e repórter é sua entrevista com Lampião, publicada em "O CEARÁ", em duas edições sucessivas, 17 e 18 de março de 1926.

O encontro dos dois efetivou-se em Juazeiro do Norte, quando da estada ali, do famoso bandido, em março do citado ano. O local da conferência foi o modesto sobradinho, conhecido vulgarmente como "o Palácio das Águias", do poeta popular João Mendes de Oliveira, e situado na Rua Boa Vista.

Em Otacílio conversando, demoradamente, com o Rei do Cangaço, não poucas perguntas formulou e ouviu outras tantas respostas, as mais curiosas, sôbre variados assuntos. Notável o momento em que o repórter indaga do entrevistado: "Não pretende abandonar a profissão?" Incontinenti Lampião retruca, com outra interrogação cabulosa, convincente, fulminante: "Doutor, se o senhor estiver bem em um negócio e fôr se dando bem com êle, pensará porventura em abandoná-lo?"

Vale salientar ter sido a única entrevista que o homem-terror dos sertões concedeu à imprensa. Sempre a isto se recusara, frisando que os jornais mentiam muito. Ele tinha razão.

E o rapsodo do povo João Martins de Atayde na "Entrada de Lampião na Cidade do Padre Cícero", vai, em redondilha maior, relatando assim, o episódio:

"Num tamborete sentado
Lampião só respondia
As perguntas que o repórter
Com acento lhe fazia,
Sempre de arma na mão
Prestando muita atenção
Ao movimento que havia.

Assim naquela atitude
Rosto firme, olhar insano
Quem o visse não dizia
Ser um ente desumano
Prestava atenção a tudo
Com um caráter sisudo
Parecia um soberano.

O repórter perguntou
A Lampião sua idade,
Tenho vinte e sete anos
Com tôda sinceridade
Sinto-me bastante forte,
Não tenho medo da morte
Não fujo da autoridade".

Paro aqui, Senhores, com êste desalinhado debuxo sôbre Otacílio Macêdo. Isto talvez nada valha. Válida, porém, a homenagem que lhe presta o Instituto Cultural do Cariri. E sôbre válida, justa. Já tardava até. O Cariri solve hoje, um dever — oficializar a imortalidade, ao que fêz jus Otacílio, não obstante certas excentricidades de sua lustrosa existência. Desaparecendo, reconciliando com Deus e com a opinião pública, granjeara uma aura de simpatias verdadeiras, conquistadas graças à inteligência e à bondade do coração, na expressão de J. de Figueiredo Filho.

Otacílio Macêdo foi, inquestionavelmente, dos grandes e bons filhos do nosso Cariri.

Casa de Saúde Santa Teresa

TRATAMENTO PSIQUIÁTRICO COMPLETO

Direção do

DR. MAURICIO MONTEIRO TELES

Médicos :

DR. FRANCISCO RIDALVO ROCHA

DR. ELIGIO DE FIGUEIREDO ABATH

DR. CARLOS BARRETO DE CARVALHO

EM LOCAL APRAZIVEL, NO BAIRRO DO SEMINARIO

CONFORTO E TRANQUILIDADE

CREDENCIADA PELO I. N. P. S.

RUA SÃO JOSÉ
CRATO — CEARÁ

○

Banco do Juazeiro S. A.

Saúda

a intelectualidade cearense,

an ensêjo do lançamento de mais um número
de ITAYTERA.



Dr. Raimundo de Oliveira Borges faz o discurso de posse do General Raimundo Teles Pinheiro na cadeira n. 12 do Instituto Cultural do Cariri

Discurso de recepção proferido pelo Dr. Raimundo de Oliveira Borges na posse do General Raimundo Teles Pinheiro na Cadeira de Dr. Leandro Bezerra Monteiro do Instituto Cultural do Cariri

O Instituto Cultural do Cariri abre mais uma vez, de par em par, as suas portas para recepcionar e imortalizar numa de suas cadeiras um dos mais eminentes filhos da terra.

Enriquece-se, destarte, o patrimônio intelectual desta Casa, cujo nome já transpaz fronteiras da região, projetando-se, não direi em pé de igualdade, mas condignamente, entre as suas congêneres dos centros adiantados do país.

Pena é que, nesta oportunidade, haja recaído sôbre mim e não sôbre outro confrade melhor prendado, intelectualmente, a tarefa nobilitante, e, por isto mesmo, difícil, de traçar em côres vivas, fortes, indelêveis, o perfil inconfundível do homenageado, cujas virtudes, de militar e de cidadão, exigiram para exalçá-las à altura de seus méritos, pensamentos altos, louçanias de estilo que não possuo.

Por coincidência feliz, o General Raimundo Teles Pinheiro, que o Instituto, não satisfeito de tê-lo como sócio fundador, quer, ainda, vê-lo integrando o elenco dos que devem honrar aqui a memória dos antepassados que engrandeceram a terra pela cultura, vem ocupar justamente a cadeira de um seu ancestral, dr. Leandro Bezerra Monteiro, figura que pontificou, como parlamentar e advogado, no cenário intelectual do país,

entre os maiores do seu tempo, pelo zelo inexcedível com que se entregava às suas causas, notabilizando-se, sobretudo, pela indômita bravura com que defendeu no Parlamento e no Fôro, os Bispos de Olinda e do Pará, dom Vital Maria de Oliveira e dom Macêdo Costa, no célebre processo que agitou o país de norte a sul na chamada Questão Religiosa. Questão Religiosa, diga-se de passagem, que a História registra como uma das causas determinantes da queda do Trono, pela atuação que teve êste, desfavorável, aos antístites, afinal condenados a trabalhos forçados, de que se viram livres graças à simpática decisão do Duque de Caxias, então Ministro do Império, que os anistiou.

Coincidência feliz, dizia eu, porque dentro de suas atividades específicas, o General Teles Pinheiro constituiu-se também, como o seu antepassado, um servidor extrênuo da pátria, pela fôlha inestimável de trabalhos prestados ao Exército, que lhe reconheceu os méritos pelo Generalato; pela formação cívica e intelectual da mocidade, que edificou nos institutos militares que dirigiu; pela cooperação, honesta e decisiva, na administração pública, a que devotou o melhor dos seus esforços na implantação de métodos novos na área desenvolvimentista, iniciada, recentemente, no nosso Estado; pela dedicação às letras, de preferência no setor da História, de que se fez exímio pesquisador, saciando a curiosidade de estudiosos através de inúmeros trabalhos que honram e ilustram a nossa historiografia.

Co-responsável pelo preparo de uma geração que hoje comanda, na terra cearense, a administração pública, a sua voz, em que pese a justa e merecida trégua em suas atividades militares, é ouvida ainda e acatada por vezes até em tom imperativo, nas decisões dos problemas mais sérios que afligem o processo desenvolvimentista do Ceará.

Um traço, ao meu ver, que mais o engrandece e o recomenda à admiração dos seus conterrâneos, é o do seu apego permanente, de corpo e alma, à terra que lhe serviu de berço e à qual dedica um extremado amor.

De corpo e alma, dizia, porque, é surgir-lhe uma oportunidade, para aqui se desloca, rever os velhos sítios onde mourejam seus maiores e defluiu, descuidada, a sua infância farta, e porque, onde quer que se encontre, palpitam, vivas, no seu espírito, as reminiscências da terra natal, no que foi, no que é e no que há de ser, versando-lhe a história com acentos de filho extremoso, sondando-lhe os problemas na ânsia inconcisa de vê-la prosperar, preparando-lhe o futuro que as gerações atuais têm o dever de preservar, garantindo-lhe a continuidade histórica que há de mantê-la, como até agora, em destaque na caminhada do Novo Nordeste que estamos forjando, mesmo que seja, não importa, com sangue, suor e lágrimas... símbolo do sacrifício redentor que o gigante da Albion criou para luta dos povos indomáveis.

Sou, como Diretor da Faculdade de Filosofia do Crato, testemunha insuspeita do seu indormido devotamento às coisas desta terra. Fez-se, espontaneamente, arauto das nossas necessidades junto aos Poderes Públicos do Estado e à Direção da Universidade Federal do Ceará, acompanhando ali, com o maior interesse, os processos de ajuda indispensáveis à nossa manutenção e ao nosso desenvolvimento.

Soldado, cidadão, homem de pensamento, homem de sociedade, homem de ação.

Digno representante, nesta Casa, de Leandro Bezerra Monteiro, cuja bravura moral, cívica e profissional, exsurge, apoteoticamente, das páginas da nossa História, que dignificou no exercício do Ministério Público, da Magistratura, nas Câmaras Provincial e Imperial, onde, pelo seu desassombro, chegou a denunciar Ministros face às suas dúvidas, parciais, inconfessáveis atitudes para com a Igreja, revelando-se ainda, no Pretório, advogado de recursos largos na combatividade e na ciência do Direito, que constituem, ao lado da ética, o apanágio do profissional verdadeiramente digno deste nome.

A fama daquele varão ilustre, que tanto honrou a nossa terra, não poderia deixar de receber aqui as altas homenagens de merecida glorificação.

Assim, entre outras, a Prefeitura do Crato, pelo Decreto N.º 7, de 21 de Novembro de 1944, deu a uma das ruas desta cidade o nome do insigne homem público. Era, então, Prefeito Municipal o Dr. Wilson Gonçalves, atual Senador da República, ao qual prestava eu a minha colaboração como Secretário. Tive, assim, a honra de referendar aquêlê diploma legal, ligando destarte o meu modesto nome a um acontecimento histórico desta terra, que tanto amo, apesar de não dever-lhe o berço, mas que é o dos meus filhos, e à qual, em paga do bem que me tem prodigalizado, tenho dado, perdoai-me a vaidade, o que permitem as minhas fracas forças, já como funcionário público estadual e municipal, Presidente de Clubs de Serviço, da Sub-Secção do Cariri da O. A. B., de representante Municipal na Câmara de Vereadores, de Diretor de Escolas Superiores, com militança ininterrupta no Fôro como advogado já por 30 anos.

Por sua vez, aplausos os mais vibrantes merece o Instituto Cultural do Cariri perpetuando a memória de Leandro Bezerra Monteiro como patrono de uma das suas poltronas, justamente aquela que, nesta noite memorável, vai ser ocupada pelo nobre General Raimundo Teles Pinheiro, cujo *curriculum vitae* tenho neste instante a honra de apresentar à culta assistência que me ouve:

Nasceu o homenageado nesta cidade do Crato no dia 20 de Março de 1910, filho legítimo de Cícero Pinheiro Bezerra de Menezes e de Tereza de Jesus Teles. Iniciou aqui os seus estudos no Colégio Diocesano do Crato, primeira fase, então em pleno e vitorioso funcionamento no Seminário que domina do alto do morro a cidade Princesa do Cariri. Em 1922 matriculou-se no Colégio Militar do Ceará, formando-se ali agrimensor em 1928. Foi aluno da antiga Escola Militar do Relengo, no Rio de Janeiro, dela saindo aspirante a Oficial da Arma de Infantaria em 1932. Promovido ao posto de 2.º tenente em 1933, 1.º tenente em 1934, capitão em 1939, major em 1948, tenente-coronel em 1953 e coronel em 1959, obtendo as três últimas promoções por merecimento. Serviu no 23.º Batalhão de Caçadores de Fortaleza, no 21.º Batalhão de Caçadores de Natal, no 3.º Batalhão do 4.º Regimento de São Paulo, 7.ª Região Militar do Recife, 25.ª Circunscrição de Recrutamento, onde executou e preparou a convocação dos reservistas da FEB no Ceará, seguindo depois, para a

Escola de Comando e Estado Maior do Exército, chefiando na 10.ª Região Militar em Fortaleza, diversas Secções, o Serviço Militar e comando do Centro de Preparação de Oficiais (CPOR). Dirigiu ainda o Colégio Militar, com a extinção da Escola Preparatória de Fortaleza, que também comandou. Quando no Estado Maior do Exército, no Rio, foi representante do Ministério da Guerra no Conselho Nacional de Geografia, até 1966, e então, promovido a General de Brigada, foi transferido para a Reserva de Primeira Classe no Pôsto de General de Divisão.

Possui os cursos de aperfeiçoamento, de Estado Maior, da Escola de Infantaria de Fort Eening na Georgia, Estados Unidos, enriquecendo a sua fôlha de serviços no Exército com inúmeras medalhas e condecorações, entre as quais a do Mérito Militar, do Pacificador, de Maria Quitéria, Medalha Marechal Hermes, do Jubileu de Prata do CPOR, e outras justas honorarias que seria longo enumerar.

O quadro, aqui descrito, demonstra, eloquentemente, o brilho da passagem do General Teles pelos diversos departamentos do nosso Exército.

As preocupações, de ordem profissional, não desviaram todavia o homem do seu irresistível pendor para o cultivo das letras, prendando-nos com a leitura de obras de real valor, já pelo leveza do estilo, já pela profundidade dos conhecimentos, que encerram, através de conferências, palestras, monografias e trabalhos esparsos em jornais e revistas.

Entre elas destacam-se :

"A Heroína e os Bravos" — Conferências — Imprensa Oficial, 1957.

"Esboço Histórico do Crato" — Imprensa Universitária, 1959.

"Aspectos Políticos da Guerra do Paraguai" — Conferência — Imprensa Universitária, 1967.

"A Dezembrada", conferência, separata da Revista Itaytera, 1970.

"Guerras Platinas no Segundo Reinado — Projeção de Caxias na Guerra contra o Governo do Paraguai" — conferência, Imprensa Universitária, 1970 e Itaytera, 1971.

"As Tradições Nacionais. Valores Permanentes e Valores Transitórios", conferência proferida na Faculdade de Medicina da Universidade Federal do Ceará, em Maio de 1971, na Faculdade de Filosofia do Crato em Junho de 1971 e no C. P. O. R., de Fortaleza, em Agosto de 1971, Imprensa Universitária.

Meus senhores :

Êstes, em síntese, os traços biográficos do General Teles e a resenha de suas obras, predominantemente históricas, que o projetam no meio intelectual do Ceará como figura das mais expressivas.

Está assim de parabens o Instituto Cultural do Cariri, por incorporar ao seu sodalício acadêmico homens da estrutura moral, intelectual e cívica do homenageado, a quem, no encerramento da minha descolorida apresentação, quero também felicitar pelo merecido prêmio com que o distingue o mais autorizado grêmio de homens de letras em terras caririenses. E, por outro lado, agradeço com tôdas as veras de minha alma ao grande Figueirêdo Filho, órgão de solidificação e de ressonância da cultura cratense, a honra insigne que me conferiu de saudar o eminente confrade que nesta noite de festa espiritual recebemos nesta Casa de braços e corações abertos.



O General Raimundo Teles Pinheiro felicita e agradece o discurso do Dr. Raimundo de Oliveira Borges

Discurso de Posse do Sócio General Raimundo Teles Pinheiro, na Cadeira N.º 12, do Instituto Cultural do Cariri, patrocinada pelo Dr. Leandro Bezerra Monteiro

Exmos. Srs. :

Presidente do I. C. C., Dr. J. de Figueiredo Filho
Vice-Presidente do I. C. C., Pe. Antônio Gomes de Araújo
Prefeitos do Crato e Juazeiro do Norte
Presidente da Câmara Municipal do Crato
Brigadeiro José Macêdo
Demais autoridades presentes
Senhoras — Senhores
Ilustres Confrades
Dr. Raimundo de Oliveira Borges

Atendendo a insistente e persistente convocação do querido amigo José de Figueiredo Filho, posta por mim em hibernação por mais de três anos, aqui me encontro diante de tão seleta assistência para saldar, embora relutante ainda, tão distinto e honroso compromisso.

Filho desta querida cidade do Crato, descendente dos seus primeiros e indômitos povoadores, conterrâneo daqueles heróicos e bravos patriotas que “orquestraram a sinfonia de gloriosos feitos político-sociais” que reboaram por todo o imenso território nacional, procurei, honesta e lealmente, percorrer os ásperos e tortuosos caminhos da vida, cumprindo rigorosamente o sacrosanto dever. Na meninice ou na juventude, no Colégio Diocesano do Crato, no saudoso Colégio Militar do Ceará, na inesquecível Escola Militar de Realengo, ou na maturidade, no exercício de inúmeras funções de responsabilidade e destaque, como chefe do Estado Maior da 10.ª Região Militar, de Seção e Subseção de Regiões Militares e do Estado Maior do Exército, ou no comando sucessivo do C.

P. O. R. de Fortaleza, da Escola Preparatória de Cadetes e do Colégio Militar de Fortaleza, que tive a subida honra de instalar, guiei-me sempre pelo exemplo daquêles inolvidáveis caririenses “encarnados no solo, na raça, nas tradições e portadores das memórias e das esperanças de um povo decisivo modelador da substância”, da segurança e da vivência da Nação e da Pátria.

Em síntese: empenhei toda a minha capacidade física, moral e intelectual buscando alcançar, total e permanentemente a correta compreensão do Dever, a Verdade, a Justiça e a Sabedoria, que concretizam as mais dignas e luminosas aspirações do gênero humano, por forma a não deslustrar os feitos heróicos daquela brava gente que dinamizou a política independentista, impulsionou a exploração das fontes de riqueza, perpetuou o escriptorio da cultura e expargiu pelas regiões circunvizinhas as iniciativas bemfazejas do progresso, firmando uma brilhante destinação histórica, política e social para a querida e distinguida comunidade cratense. Daí porque, provavelmente, e por generosa bondade dos companheiros e amigos que amam e batalham pela dinamização e vitalidade do “Instituto Cultural do Cariri”, o que reconheço e proclamo, achar-me aqui neste momento solene, em que pese a humildade da minha produção de trabalhos intelectuais, para assumir, prioritariamente, a cadeira patrocinada pelo meu ilustre parente, Dr. Leandro Bezerra Monteiro, qualificado pelo amado, saudoso e inesquecível Dom Francisco de Assis Pires, como “cratense insigne, católico de fibra vigorosa, intemorato paladino da Santa Igreja de Deus”...

Cearense que honrou as mais gloriosas tradições da terra do bêrço, nasceu Leandro Bezerra Monteiro, primogênito do casal José Geraldo Bezerra de Menezes — Jerônima Bezerra de Menezes, na então vila real do Crato, aos 11 de junho de 1826, herdando o nome completo e as convicções do seu avô paterno, o notável brigadeiro Leandro Bezerra Monteiro, que “sempre soube defender todos os bons princípios que fazem a glória e o orgulho da família brasileira”, como proclamaram alhures, e foi, na expressão vigorosa de José Denizar Macêdo de Alcântara, “um dos mais distintos e prestimosos varões cratenses, que ligaram seu nome, de maneira indelével, aos acontecimentos de um passado glorioso, que tanto enobrece, orgulha e exalta a nossa cidade do Crato”.

Um parêntese: sou trineto do brigadeiro Leandro Bezerra Monteiro, casado com Rosa Josefa do Sacramento, pais, também, do meu bisavô paterno Joaquim Antônio Bezerra de Menezes, e, conseqüentemente, primo em terceiro grau do Dr. Leandro, que “foi batizado por seu primo-irmão Padre Pedro Ribeiro da Silva, filho de sua tia Luiza Joana Bezerra de Menezes e fundador de Juazeiro”.

Prossigamos. De sua infância, sabemos que viveu em companhia dos seus genitores, agricultores neste município, dêles recebendo, presumivelmente, a influência benéfica das virtudes que constituiriam as sólidas bases da sua formação espiritual, que permitiria, muitos anos depois, no Parlamento, proclamar enfático:

“Sou Monarquista sincero, mas, antes de tudo pertença com alma e coração à religião que, por assim dizer, bebi com o leite de minha mãe, e aprendi nas primeiras palavras que me ensinou meu pai”. Influenciou-o, por igual, o meio físico e social do seu Cariri, de vez que passagens da sua vida, quase tôda ausente do torrão natal, comprovam tê-lo sempre presente no seu pensamento e no seu coração.

Iniciou os seus estudos no Crato, com o renomado Dr. Marcos de

Macêdo, prosseguindo-os em Jardim, no Icó, depois em Fortaleza, transferindo-se finalmente, para Olinda, onde concluiu, com notas distintas o curso de humanidades, no Colégio de Artes.

Em 1847 matriculou-se na tradicional Faculdade de Direito daquela cidade, conquistando o grau de bacharel em Ciências Jurídicas e Sociais, após brilhante curso, no decorrer do qual dirigiu uma revista da classe e colaborou na imprensa, com tal destaque por forma a um seu contemporâneo afirmar "não haver em Olinda sociedade literária ou científica de que Leandro não fôsse fundador ou presidente".

Com as credenciais auridas na Faculdade, elegeu a província de Sergipe para palco das suas atividades e essa lhe propiciou o ingresso na magistratura, a que êle serviu durante seis anos, com a fortaleza e inteireza da sua cultura e carater, no Juizado sucessivo, de Estância, Maroim, Santo Amaro e Lagarto.

Casou-se em 1852 com Dona Emrenciana de Siqueira Maciel, e não tardou a ingressar na política, na qual entrou e nela se manteve desprovido de ambições pessoais, sacrificando, por vezes, interêsses particulares ou de partido aos imperativos da sua consciência.

Como presidente da Câmara de Maroim, iniciou a sua carreira política, seguida pela de Japarutuba, e já no final da mesma exerceu igual cargo na cidade fluminense de Paraíba do Sul, onde deixou traços marcantes da sua robusta personalidade de probo e eficiente administrador. Eleito deputado à Assembléia Sergipana, concorreu para a transferência da Capital de São Cristovão para Aracaju, trabalhou eficazmente pelo seu engrandecimento e ampliou a organização judiciária da província.

Em 1861 foi eleito Deputado geral pelo partido conservador, a que se filiara, e, no exercicio dêsse mandato, pela sua conduta ilibada, desde cêdo conquistou a confiança das mais altas personalidades do poder central.

As regalias e a grandeza do cargo não o afastaram do povo; pelo contrário, juntaram aos seus destacados sentimentos de solidariedade humana o senso dos deveres do mandato, que o levaria a arriscar até mesmo a vida, em beneficio da gente modesta e boa que representava com autenticidade, como ocorreu em 1862, com o surto epidêmico de cólera morbus, que ceifou inúmeras vidas em Sergipe, e êle dava assistência aos coléricos da população desvalida, ajudando, inclusive, a sepultar cadáveres.

Com a dissolução da Câmara em 1863, um ano antes de terminar o seu mandato, transferiu Leandro sua residência para a cidade fluminense de Paraíba do Sul, onde encontrou o seu primo e conterrâneo Dr. Leandro de Chaves e Melo Ratisbona, a quem dedicou grande estima, e ali, por longos anos viveram irmanados, quer por interêsses conjuntos, quer pelas lembranças da distante terra que lhe servira de bêrço.

Sergipe não o esquecera, porém, e o encaminhou novamente ao Parlamento em 1872, proporcionando-lhe a fase culminante da sua brilhante trajetória política, quando na Câmara se agitou violentamente a crise episcopo-maçônica, conhecida por "Questão Religiosa".

A atuação de Leandro na malfadada questão teve uma evidência sobremodo honrosa: num Palamento constituído por algumas centenas de membros que haviam jurado a fé católica como religião do Estado, apenas êle e mais dois ou três honraram êste juramento. Honrou-o êle, combatendo veementemente a perseguição desencadeada contra os bispos diocesanos de Olinda e do Pará, tornando-se, então, representante da consciência católica de tóda a Nação, estigmatizando o êrro, revelando as suas

funestas consequências, ao mesmo passo que indicava e denunciava os responsáveis.

É nesse transe angustiante que o grande Caxias, após assumir a Presidência do Conselho, encerra de modo honroso a famigerada e dissolvente questão, que envenenava e inquietava a alma nacional.

Há nos discursos de Leandro muitas lições de marcante atualidade e o ponto culminante da sua atuação parlamentar se encontra, precisamente, na denúncia que, "pelo crime de maquinarem a destruição da religião do Estado", apresentou à Câmara em sessão de 2 de setembro de 1874, contra o Visconde do Rio Branco, o Conselheiro João Alfredo e o Visconde de Caravelas, respectivamente, Presidente do Conselho de Ministros e Ministros do Império e dos Negócios Estrangeiros. Convém divulgá-la, em parte: "Não querendo que esta denúncia de modo algum ofenda as conveniências políticas da oposição e para que qualquer de seus membros fique fora e livre da mais leve responsabilidade, declaro que o ato é meu tão somente, tendo por conselheiro a própria consciência e por apoio os católicos do Ceará, aos quais busquei representar".

Em 1877, pela terceira vez, volta Leandro Bezerra ao Parlamento temporário, já agora eleito pela província do Ceará, sua terra natal. Entretanto, seu mandato foi interrompido outra vez, como em 1863, pela dissolução da Câmara, porém o exerceu durante o tempo suficiente para revelar a riqueza dos seus sentimentos cristãos e patrióticos. No decorrer da famigerada terrível seca de 77, o cruzado parlamentar, arauto autêntico dos sentimentos religiosos de sua gente, transforma-se, agora, em intérprete da miséria e dos sofrimentos dessa mesma gente, apelando para o socorro público, mendigando a caridade particular, transformando sua casa e suas terras numa imensa hospedaria, para abrigar a quantos cearenses procuram o seu amparo certo. E amparou a inúmeras famílias, radicando-as nas fazendas fluminenses, graças ao prestígio desfrutado como chefe do partido conservador, e, bem assim, como portador de incontestável influência na área das suas atividades. Influência essa que não utilizou em proveito próprio, a fim de voltar ao Parlamento como representante da Província do Rio de Janeiro, preferindo promover a eleição de amigos de sua confiança, como fez em mais de uma legislatura com o Conselheiro João Manoel Pereira da Silva. Preferiu candidatar-se mais uma vez pelo Ceará distante, em cujos sofrimentos e energias buscavam-se os grandes incentivos de sua ação. E em 1881 apresentou-se ao eleitorado do 6.º distrito cearense, do Cariri Nôvo, com objetivo e honesto manifesto. Mas as conveniências partidárias não permitiram a sua eleição; porém afastado da órbita parlamentar, não lhe pareceu demérito exercer cargos administrativos de menor porte e evidência, e durante doze anos participou da Câmara Municipal de Paraíba do Sul, dos quais, oito como seu presidente.

No decorrer da sua gestão, disseminou a instrução pública, fundou e manteve um Jornal, fomentou e praticou a agricultura, e procurou introduzir o hábito das feiras do Cariri às margens do Paraíba.

Em 1880, com a valiosa colaboração financeira da Condessa do Rio Nôvo, do Barão Ribeiro de Sá e de outros aristocratas rurais fluminenses, fundou a Casa de Caridade e Asilo Nossa Senhora da Piedade, obra notável pelos benefícios que vem distribuindo e pelo valor patrimonial, tudo, presumivelmente, inspirado na obra benemerita do inolvidável Pe. Ibiapina.

Em que pése a relevância indiscutível desta e de outras iniciativas

de utilidade e bemfazeja, recusou peremptoriamente tôda e qualquer homenagem, que, por mais de uma vez, lhe quiseram prestar os beneficiários dessas mesmas obras sociais e os proclamadores dos seus autênticos méritos, inclusive recusando o título de Barão da Piedade, com que teria sido agraciado.

Com a proclamação da República, encerrou definitivamente Leandro Bezerra suas atividades políticas, deixando-as sem resquício de qualquer constrangimento, mas fiel ao regime decaído, ao qual servira fielmente, mesmo quando combatendo os seus erros.

Desligado totalmente da política, foi-se desligando, pouco a pouco, da advocacia e da lavoura, como a despedir-se do mundo tranqüila e lentamente, com a paz dos bons, dos justos.

Atribuiu-se a êle a iniciativa da criação de uma diocese no Cariri, interessando-se pelo assunto em 1907, como se constata em correspondência da época, quando já residia em Niterói, na companhia dos filhos, empregando seus lazares de venerando octagenário ensinando catecismo às crianças, até que na manhã de 15 de Novembro de 1911, aos 85 anos de idade, um colapso o abateu para sempre.

E em seu túmulo, no cemitério de Maruí, consoante o saudoso e boníssimo José Bonifácio de Souza, fonte principal das minhas pesquisas, ficaria bem aquêlê testamento de São Paulo: "Combati o bom combate, terminei a minha missão, guardei a fé".

Poderia continuar, enunciando o pronunciamento de eminentes personalidades, como Dom Luiz Antônio dos Santos, Carlos de Laet, Frederico Borges, Padre Julio Maria, Barão de Studart, etc., etc., mas prefiro indicar a leitura do Decreto número 7, de 21 de Novembro de 1944, do Prefeito Municipal do Crato, que dá nome de rua a Leandro Bezerra Monteiro, nesta cidade (1), e divulgar o pronunciamento do virulento crítico literário Agripino Grieco, ainda vivo, mordaz e farpeante, publicado no "Paraíba do Sul":

"... Quanto à Casa de Caridade, recorde-se que, para sua fundação, fôram utilíssimos êsses fidalgos de última hora, cujos braços improvisados se devem à ação humanitária do velho Leandro Bezerra Monteiro. Êsse varão, com suas barbas argêntas de Patriarca da Bíblia ou da Odisseia, foi o autêntico fundador daquela Casa.

"... Defensor dos Bispos Dom Vital e Dom Antônio de Macedo Costa, na célebre Questão Religiosa, representante que era de Sergipe na Câmara, caricaturado por Angelo Agostini e louvado por Senna Freitas e Julio Maria, êsse ultramontano intransigente, descendente de uma irmã de Frei Vicente do Salvador e parente do nosso primeiro Cardeal, mobilizava, de sua habitação no Inhema, rio sinuoso que os helenistas comparariam ao Meandro Grego, o partido conservador da região, sendo Presidente perpetuo da Câmara Municipal e mentor de todo o movimento bancário do município. Enquanto, para obter donativos, enobricia os ricos da zona, recusava terminantemente os títulos e as veneras com que o queriam distinguir e, na própria Casa de Caridade, só depois de morto foi inaugurado o seu retrato devido ao pincel de Gutimann Bicho.

"Hoje, o lidador generoso descansa no Cemitério de Maruí, em Niterói, onde também repousam Varella e Ribeiroles".

Minhas Senhoras

Meus Senhores

Sejam as minhas palavras finais um sincero e especial agradecimento ao amigo e companheiro do "Instituto Cultural do Cariri", Dr.

Raimundo de Oliveira Borges, que de mim disse, exageradamente, aquilo que inspirou e ditou a sua excessiva generosidade e simpatia demonstradas há muitos anos, antes mesmo de ter sido eu comandante e guia de um seu querido filho, hoje brilhante oficial do nosso amado Exército; e ao dileto amigo e velho companheiro José de Figueiredo Filho, imortal neste "Instituto", na "Academia Cearense de Letras", na imprensa de quase todas as Capitais do país, notadamente nas páginas da conceituada ITAYTERA, e, sobretudo no coração, no conceito, na admiração e na estima dos seus sinceros e permanentes amigos.

A eles, pois, a esses homens bons, cultos, simples e cordiais, o meu mais profundo agradecimento e uma explicação: a minha presença humilde no tablado das conferências e nas páginas da magnífica ITAYTERA não justificam a distinção que me é conferida, nem o prêmio ao mérito que não conduz.

Aos demais membros do Instituto e às autoridades e diletos amigos presentes, o meu cordialíssimo muito obrigado.

Feliz e venturoso 1972.

Crato, 28 de dezembro de 1971.

GENERAL RAIMUNDO TELES PINHEIRO

(1) — DECRETO N.º 7, DE 21 DE NOVEMBRO DE 1944

Dá o nome "Dr. Leandro Bezerra Monteiro" à atual Rua da Glória, nesta cidade.

O Prefeito Municipal do Crato, na conformidade do disposto no art. 12, N.º 111, do Decreto-Lei N.º 1.202 de 8 de abril de 1939 e

Considerando que a Ação Católica Diocesana do Crato, num movimento de vivo patriotismo e catolicidade, vai promover nesta cidade, no dia 27 deste mês, em que comemora o centenário de D. Vital, justas homenagens à memória do Dr. Leandro Bezerra Monteiro.

Considerando que o ilustre morto, preclaro filho do Crato, é merecedor da admiração dos seus pósteros pelos relevantes serviços prestados à Pátria, através de uma atuação brilhante, fecunda e destemida no Parlamento brasileiro e em outros setores da vida nacional, jurídica e religiosa do País, na qual deixou patente, por mais de uma vez, o seu talento, a sua bondade e a sua inexcedível honestidade;

Considerando que o seu nome constitui, na verdade, uma legítima glória para o Crato, que lhe deu o bêrço, e que, com êle, teve enriquecida a sua galeria de vultos eminentes;

Considerando finalmente, que ao poder público cumpre ressaltar a obra meritória dos verdadeiros patriotas, dando aos seus nomes o merecido relêvo e à memória a necessária perpetuidade, para estímulo dos contemporâneos e veneração dos homens do futuro;

DECRETA:

Art. 1.º — Passa a ter a denominação de "Dr. Leandro Bezerra Monteiro", como homenagem ao ilustre cratense, a atual Rua da Glória.

Art. 2.º — O presente decreto entrará em vigor na data da sua publicação, revogadas as disposições em contrário.

Prefeitura Municipal do Crato, em 21 de Novembro de 1944.

WILSON GONÇALVES — Prefeito Municipal
RAIMUNDO DE OLIVEIRA BORGES — Secretário

ATA DA SESSÃO SOLENE, NO INSTITUTO CULTURAL DO CARIRI, PARA A POSSE DE DOIS NOVOS MEMBROS DE SUAS CADEIRAS NA SECÇÃO DE LETRAS, O GENERAL RAIMUNDO TELES PINHEIRO E O PROF. JOAQUIM LOBO DE MACÊDO

Aos 28 dias do mês de Dezembro de 1971, às 19 horas, no salão nobre da Faculdade de Filosofia do Crato, gentilmente cedido pela sua direção, teve lugar a sessão solene do Instituto Cultural do Cariri, para dar posse aos dois novos ocupantes de cadeiras, em sua Secção de Letras, que são o General Raimundo Teles Pinheiro e o Professor Joaquim Lôbo de Macêdo.

Iniciando os trabalhos, o Presidente do I. C. C., escritor e imortal, J. de Figueiredo Filho, fez a chamada para a composição da mesa, das seguintes personalidades: Pe. Antônio Gomes de Araújo, Vice Presidente; Gal. Raimundo Teles Pinheiro; Prof. Joaquim Lôbo de Macêdo; Revmo. Mons. Raimundo Augusto de Araújo Lima; Dr. José de Paula Bantim, Presidente da Câmara Municipal e representante do Prefeito de Crato, Dr. José Miguel Soares; Sr. Orlando Bezerra, Prefeito Municipal da cidade de Juazeiro do Norte; Sr. Euclides Francelino de Lima, Presidente do Rotary Club do Crato; Prof. João Pierre, Vice Prefeito Municipal do Crato; Dr. Raimundo de Oliveira Borges, Diretor da Faculdade de Filosofia do Crato; Dona Adelide Rocha Macêdo, viúva do Dr. Otacílio Macêdo. Composta a mesa, o Presidente dos trabalhos manifestou o contentamento do I. C. C. pela presença, no auditório de dezenas de personalidades da nossa cidade e de Juazeiro do Norte. Registrou dois fatos: o aniversário da inauguração da CELCA em nosso meio e o prenúncio de inverno, com a grande chuva caída hoje que alegrou todos os espíritos. Depois de ressaltar as atividades que vem desenvolvendo o I. C. C. e dos seus planos para 1972, convidou para fazer uso da palavra o Dr. Raimundo de Oliveira Borges, Diretor da Faculdade de Filosofia, nosso consócio, ocupante da Cadeira de Bruno de Menezes, para fazer a saudação ao Gal. Raimundo Teles Pinheiro, a ocupar a Cadeira que tem como Patrono, o Dr. Leandro Bezerra Monteiro. O seu discurso, bastante eloquente, será publicado na íntegra, no próximo número da Revista "Itaytera", daí deixarmos de lado as considerações sobre essa importante peça literária da qual será dada, posteriormente grande divulgação. O Presidente da mesa convidou ainda para fazer parte da mesma o Brigadeiro José Sampaio de Macêdo, o Sr. Tomás Osterne de Alencar e a Dra. Silmia Sobreira, representante do Centro Juazeirense de Cultura. A seguir, tivemos o magnífico discurso do Gal. Raimundo Teles Pinheiro, que falou sobre a vida e a obra do Dr. Leandro Bezerra Monteiro, grande Cratense do passado, ocupando assim, a Cadeira N.º 12, da Secção de Letras do I. C. C. O seu discurso sólido e expressivo, merecerá, também, ampla divulgação na imprensa, e será publicado na íntegra na Revista "Itaytera". Continuando os nossos trabalhos, assumiu a Presidência da Mesa, o Revmo. Pe. Antônio Gomes de Araújo. Este ainda convidou para a mesa o Dr. Jósio de Alencar Araripe e anunciou a palavra do Dr. José Alves de Figueiredo Filho. O Presidente do I. C. C. saudou o Prof. Joaquim Lôbo de Macêdo que, nesta noite, tomava posse na Cadeira N.º 13 da Secção de Letras. O seu *curriculum vitae* foi lido pelo Secretário Geral do I. C. C. Logo depois o nosso imortal do Instituto Cultural do Cariri falou sobre a vida e a obra do Dr. Otacílio Macêdo, patrono de sua cadeira. Seu trabalho, como os demais, terá posterior divulgação

GOMES DE MATOS

R O Q U E M A C E D O

Nestas linhas, algo do que vi e ouvi do professor Gomes de Matos ao longo de um convívio de mais de 30 anos e durante os quais bem conheci este meu amigo de saudosa memória que, pela inteligência, ardor cívico, caráter e boníssimo coração, soube conquistar um largo círculo de amigos sinceros, e foi estimado por grandes e pequenos.

* * *

Certa vez (eu vi) em Quixadá Gomes de Matos recebeu certa quantia de um cliente seu, pessoa abastada; eis que, logo após, surge um grupo de irmãs de caridade e pedem-lhe um auxílio para a instituição delas. Levem esse "bolinho" — disse Gomes de Matos — pois eu não sei de Fulano ficou satisfeito com a defesa que eu fiz dela no júri.

* * *

Em Juazeiro, ao lado do Padre Cícero, Floro e Dr. Santana, ouvi Gomes de Matos dizer, depois de uma conversa reservada com Meu Padim: Padre Cícero eu não recebo dinheiro de padre e muito menos de Você que não o possui para que a beata Mocinha lhe compre o café.

* * *

Certa ocasião em Morada Nova, berço da tradicional família Girão, ouvi-o afirmar: não há quem vença a dialética e a sabedoria de Eduardo Girão. E disse, em certa altura, Morada Nova nunca será Vovó.

* * *

Certa vez, entrei quase correndo na Redação da TRIBUNA, do Dr. Távora. Gomes de Matos escrevia, e, sem ardoes, lhe dei a notícia, que me parecia muito importante: Dr. Gomes de Matos um grupo de bandleiro está saqueando as fazendas do Rio Grande do Norte. É uma depredação completa, que matam até cabritos. Bote uma nota, e forte. Gomes de Matos, calmo, me respondeu (sou farmacêutico): Roque, vá estudar mais química com o Rodrigues de Andrade, e fique tranquilo. Dos bodes pretos de seu pai e sua mãe só vai escapar você porque vive aqui em Fortaleza.

e publicação integral na Revista "Itaytera". Todos os discursos pronunciados, nesta noite memorável, receberam entusiásticos aplausos da assistência. Reassumindo a Presidência dos trabalhos o Prof. e Dr. Figueirêdo Filho agradeceu a presença de todos, os que estavam no auditório e aduziu comentários às duas personalidades enfocadas pelos novos imortais. Anunciou para breve a ocupação de outras Cadeiras do I. C. C. Empossou solenemente os dois novos recepiendários, o Gal. Raimundo Teles Pinheiro, na Cadeira N.º 12 e o Prof. Joaquim Lôbo de Macêdo, na Cadeira N.º 13. Encerrando os trabalhos dessa sessão solene que será por todos assinada.

JOSÉ ALVES DE FIGUEIREDO FILHO — Presidente
Pe. ANTONIO GOMES DE ARAUJO — Vice Presidente
JOÃO LINDEMBERG DE AQUINO — Secretário Geral
Seguem-se outras assinaturas.

Fábrica Fortaleza

M. DIAS BRANCO S. A. - Comércio e Indústria



A MAIOR FÁBRICA DE MACARRÃO E BISCOITOS
DO NORDESTE DO BRASIL

SÓ FABRICA PRODUTOS DE SUPERIOR QUALIDADE

DEPÓSITO DO CARIRI:

RUA SENADOR POMPEU N.º 11

C R A T O



C E A R Á

USINA BEZERRA

Melhores prêços para o seu algodão

Avenida Teodorico Teles

CRATO

—

CEARÁ

DISCURSO

MARIA SARAH ESMERALDO CABRAL, oradora oficial da IX Turma de Licenciandos da Faculdade de Filosofia do Crato, em solenidade realizada em auditório da Rádio Educadora do Cariri, em 11.12.72, presidida pelo Governador César Calls, representante do Presidente Médici, Paraninfo da Turma.

Exmo. Sr. Cel. César Calls de Oliveira Filho, DD. Governador do Estado do Ceará.

Exma. Sra. Dona Mariêta Cals, dd. Primeira Dama do Estado.

No ilustre casal, temos a honra de saudar S. Excia. o Sr. Presidente da República, o General Emilio Garrastazu Médici e Exma. Espôsa Dona Sylla Medici que se dignaram paraninfar a turma que hoje cola grau.

Exmos. Sr. e Sra. Prof. José Newton Alves de Sousa, nossos queridos Patronos.

Exmo. e Rvmo. Sr. Dom Vicente de Paulo Araújo Matos, DD. Bispo Diocesano e Presidente do Instituto de Ensino Superior do Cariri.

Exmo. Sr. Dr. Raimundo de Oliveira Borges, DD. Diretor da Faculdade de Filosofia do Crato.

Egrégia Congregação da Faculdade de Filosofia do Crato.

Exmo. Sr. Dr. José Miguel Soares, DD. Prefeito Municipal do Crato.

Demais Autoridades que honram a Mesa.

Minhas Senhoras.

Meus Senhores.

Distinto público cuja presença, hoje, aqui é, para nós licenciandos, uma honra e um apoio; para a Faculdade de Filosofia do Crato, o reconhecimento e valorização do que ali se tenta fazer na ordem cultural; e, para si mesmo, sinal de inteligência e fuga de uma mediocridade que às vezes, pretende "anestesiá-lo" o homem.

Há, na vida, momentos de emoção que nos abatem ou enlevam; ou momentos de realidade que nos assombram ou advertem; ou ainda momentos históricos que marcam definitivamente uma existência.

Hoje, aqui e agora, vivemos um momento de emoção que nos enleva, diante de uma realidade que nos deslumbra mas nos adverte, na qual escrevemos a nossa própria história.

Há um caminho em nossa frente. São pistas que se abrem, que convidam a uma jornada gloriosa para a construção de um futuro, futuro que já não será só nosso, pois somos educadores e o educador não caminha só. Ao seu lado seguem homens, pessoas em busca de afirmação para quem é preciso olhar. Com êle seguem raças e nações, o próprio mundo caminha nas suas pegadas, e de sua ação depende a felicidade dos povos.

Esta afirmação, aparentemente superficial e extremista ganhará nova dimensão quando expressada em outras palavras.

Já se disse, e não há o que refutar, que "a maior riqueza do mundo reside na pessoa humana".

Ora, se a "construção" da pessoa humana está nas mãos do educador, êste, logicamente, é responsável pela maior riqueza do mundo, com

implicações diretas na felicidade dos povos.

RIQUEZA — na conceituação consagrada, significa: “abundância, fertilidade, magnificência”. Em relação ao mundo-natureza, podemos traduzir o sentido da palavra como **VIDA, POSSIBILIDADES, TRANSFORMAÇÃO**, ao que, no homem, corresponderiam à: **EXISTÊNCIA, POTENCIALIDADES, ATUALIZAÇÃO**.

Se o mundo tem vida e tem possibilidades, deve sofrer transformações que o façam grande. Isto, porém, só será possível se houver um ser existente, inteligente, capaz, que raciocine e que se modifique, modificando consigo, o mundo que o cerca.

O mundo sem o homem seria pobre. Que o digam a Antropologia e a Etnologia quando descem na escala do tempo e nas eras remotas, vão encontrar-se com um mundo árido, terrível, quase morto pela ausência do ser racional.

Onde se encontra a riqueza da
pessoa humana,

Onde se situa o educador, para
descobri-la e explorá-la:

Eis dois aspectos importantes que merecem a nossa atenção.

A história da humanidade se encarrega de atestar a importância da pessoa e o seu valor como elemento de vida.

Na concepção cristã, pelo Gênesis, o homem foi criado à imagem e semelhança de Deus. Isto só lhe bastaria para fazê-lo depositário de toda a riqueza do mundo.

A Ciência humana, porém, mesmo que disorde desta origem, consegue acrescentar dados que confirmam a soberania da pessoa na escala da criação: depois do homem nenhum ser o superou até hoje, na teoria da evolução.

A grandeza do homem mede-se pelo seu potencial, inatingível na sua totalidade, porém, magnífico naquilo que se consegue conhecer: capacidade de refletir, de prever, de sentir, de querer, de optar, de responsabilizar-se; capacidade de vencer o tempo e o espaço, de independêr das “várias estruturas que o compõem: estrutura fisiológica, psíquica, cultural e moral”. Mas, na grandeza do homem há, sobretudo, a capacidade de “vivendo agora, limitado pelo meio natural”, conseguir se “projetar para valores ausentes”, transcendentês, espirituais, na convicção de que só ali atingirá “ao seu termo de verdadeiro homem”.

Entende-se que tantos atributos reunidos podem resultar num elemento simples. Não, o homem é um complexo, mas pode ser também um valor. Não valor, aqui, no sentido axiológico, mas **VALOR**: conjunto de caracteres positivos que adornam uma personalidade.

Se pudéssemos usar uma linguagem filosófica, diríamos que, no homem, o complexo é o valor em potência; e o valor é o complexo em ato.

Em todo o seu mérito e, certamente, por causa dêle, a pessoa humana foi sempre alvo de atenções e de estudo.

Filosofia e Ciência, através dos séculos sempre partiram do homem ou a êle chegaram nas suas especulações ou teorias.

O caminho da Filosofia é longo e rico; rico, sobretudo de sentimento humano, cheio de elementos que dignificam o homem e cheio de homens que dignificam o pensamento.

Uma rápida análise dessa trajetória deixa no leigo a idéia de uma finalidade última, intencional ou não, nem sempre considerada como tal pelos filósofos ou críticos filosóficos: é a de que a Filosofia é o pensa-

mento a serviço do homem.

Quando a Filosofia se voltou para o problema cosmológico, na antiguidade, ou quando considerou Deus como centro das atenções filosóficas, não estava senão servindo ao homem. Deus, único ser necessário, não tem necessidades, não precisa ser servido. Uma das grandes coisas que a Filosofia fez, então, foi ensinar ao homem quem é Deus e quais as relações que deveriam existir entre os dois. Serviu ao homem, atendendo-o nos seus anseios espirituais, facilitando a sua busca de algo infinito que lhe desse segurança e preenchesse, na sua alma, um vácuo que o material não conseguia.

Quando a Filosofia quis explicar a origem do mundo e, através da ciência, ensinar como usar este mundo, prestou também um serviço ao homem. O mundo não faz interrogações e nem tem dúvidas, não precisa, que se ocupem d'êlo. Portanto, foi para "responder" ao homem que o homem pensou, experimentou e teorizou conceitos que ajudaram a resolver dificuldades.

Se nem sempre os eternos problemas filosóficos ou a problemática DEUS-HOMEM-MUNDO conseguem se comunicar, mas se perdem e se distanciam, reencontram-se cada vez que se trata de promover a felicidade do homem. Convergingo ou divergingo, procuram estudar a pessoa em todo o seu complexo: quem é o homem, sua origem, seu fim, suas relações com um ser supremo, Criador, suas faculdades, possibilidades e limitações; como êle conhece, como percebe, como raciocina.

E o homem caminha através dos tempos, ora colocado num trono, ora levado ao pelourinho, de um extremo ao outro, sempre em foco, influenciando o pensamento.

Ao materialismo do século XIX, que desvalorizou o homem, opõe-se o humanismo contemporâneo, levado ao exagêro no existencialismo, porém, restituindo, ao homem o seu direito de pessoa.

Homem e Ciência, esta em função daquêlo, para servi-lo e dar-lhe segurança. De tal forma nos colocamos dentro dêste contexto que, agora, indagamos angustiadamente: por que o homem vai à lua? Que bem virá daí para a humanidade? Seria esta interrogação um pragmatismo exagerado? Talvez não; é mais aceitável que esta dúvida se prenda à idéia da possível desproporção entre o esforço despendido e os resultados obtidos, pois, não é prejudicando uns que se deve servir a outros.

No mundo das ciências, uma houve que iluminou o século XX — a Psicologia, a ciência do homem que, com ela, subiu um trono que o materialismo não alcança.

Poderíamos desejar mais clara evidência da grandeza do homem? Uma ciência para ocupar-se exclusivamente da pessoa humana — isto já é riqueza em si, e dispensa até considerarmos aqui, o imenso bem que ela tem feito à humanidade. Em cada recanto da alma humana ou em cada encontro de pessoas, ela penetra com ares de Rainha, mas com gestos de Mãe, para ajudar, para ajustar, para tornar o homem feliz.

Homem, êste complexo
que é preciso ajustar,

Homem, êste valor
que é preciso desenvolver!...

É aí, senhores, onde se situa o educador — Pai ou Professor. Nas suas mãos está a maior riqueza do mundo.

AJUSTAR e DESENVOLVER, duas palavras que encerram todo um conceito de educação. Só se ajusta aquilo que se conhece, que se ana-

lisa, que se experimenta; só se desenvolve aquilo que é ajustado. No trabalho do educador, podemos distinguir: uma TAREFA, uma RESPONSABILIDADE, uma MISSÃO e um SACERDÓCIO.

TAREFA, quando algo tem de ser feito em determinada época, durante determinado tempo. A Psicologia Evolutiva facilita a tarefa do educador, conferindo a cada idade aquilo que lhe é devido.

É RESPONSABILIDADE, sim. Cada educando reflete a personalidade do seu Mestre. Um continua no outro, com repercussões eternas.

A MISSÃO do educador, incumbência que tem de nobre o que tem de difícil, é um encontro do mestre com o indivíduo e com o "socius" que há em cada homem. Dêste encontro, ambos devem sair engrandecidos, pois dando, também se recebe.

Seria longo enumerar aqui, tudo o que se refere à missão do educador. Porém, se numa frase pudéssemos defini-la, diríamos: é o trabalho do ajustamento do homem a si e ao seu meio.

Os elementos de personalidade — inteligência, sentimento, e vontade; as implicações psíco-somáticas ou ainda os elementos de interação social, são preciosos instrumentos com os quais o educador constrói uma personalidade, ajustando e desenvolvendo.

Se na ação educativa há um SACERDÓCIO a realizar, quase tudo se restringirá a uma resposta à interrogação do jovem que, hoje mais do que nunca, procura Deus. Ali há um "JESUS CRISTO EU ESTOU AQUI"; aqui bem entre nós, o grito da geração afirma com segurança: "só em Deus há salvação"; ou ainda é uma "Bandeira Branca" que se levanta pedindo paz. É como se o poeta de hoje repetisse, para o mundo, o grito do poeta de ontem: "Deus, ó Deus, onde estás que não respondes?"

No entanto, Deus está perto. É preciso descobri-lo e, para o educador, é importante saber revelar ao jovem, a riqueza do espiritual. Por sua própria condição de angústia, de insegurança, de tédio, de revolta, de insatisfação, o adolescente é levado a procurar Deus, ou um ideal, uma transcendência, enfim, que lhe traga uma promessa de paz.

Meus prezados companheiros: nós somos educadores. O que aca-potencialidades e atualizações, desde o inconsciente profundo até o consciente ativo e operante; nisto consiste a missão do educador: formar êste homem, conscientizando-o do que é e do que poderá ser.

Meus prezados companheiros s nós somos educadores. O que acabamos de dizer refere-se à arte de educar, de modo geral. No nosso caso, porém, algo de especial nos envolve.

Deus nos colocou neste século, nesta Pátria, nesta cidade. Hoje e aqui há uma missão definida para cada um de nós, e a "tarefa a escolher é a mais próxima".

Êste século XX, em que a inteligência a serviço da ciência e esta a serviço do homem, impulsionaram o progresso e a evolução da humanidade, a arte de educar tem uma nova dimensão. Não é fácil preparar o homem para êste tempo, mas, é necessário.

Século XX — máquina fazendo guerra. Poderia ser: máquina trazendo paz. Mas, nossa sociedade industrial ainda é uma joia sem lapidação. Há desvantagens dentro das vantagens e uma delas, que atinge diretamente a pessoa humana, é a que Pierre Weil chama de "coisificação" ou "reificação" da pessoa. O homem é considerado como objeto, coisa que se pode usar, manobrar, manipular, trocar, dispensar, conservar, comprar ou possuir". Felizmente já se começa a identificar êste absurdo e um esforço já existe para superá-lo. Com Elton Mayo, surgiu a ciência

das Relações Humanas, um ramo da Psicologia Social, tentando humanizar o trabalho e os trabalhadores.

Também a guerra é repudiada por muitos. Infelizmente, porém, pelos que não têm a força da arma e para quem as forças da razão e do coração não são suficientes.

É preciso que a educação, hoje, procure ajustar o homem ao homem e faça com que ele troque o canhão por um cérebro. Quando as Nações líderes forem capazes de resolver seus impasses internacionais sem apelar para as armas, então, só então, poderemos acreditar em países desenvolvidos, no mundo.

Neste nosso país, meus amigos, há muito o que fazer.

Se a maior riqueza do mundo está na pessoa humana, a maior riqueza do Brasil está no brasileiro.

Antes de Emílio Garrastazu Médici, o Brasil era país pobre, subdesenvolvido, internacionalmente desrespeitado. Mas a riqueza que há neste homem que hoje lhe dirige o destino, o redescobriu e o impulsiona para um futuro de glória entre os mais gloriosos povos da terra.

O Sr. Presidente da República, numa hora feliz, pressentiu o mal da dispersão de valores e quis um país integrado. Voltou-se para as regiões marginalizadas, transmitindo-lhes, numa mensagem de confiança e de fé, um convite para uma participação efetiva na vida brasileira. A Pátria precisa de todos, os homens se devem completar. E determinou uma *integração nacional*.

Hoje, cruzam-se estradas, unem-se oceanos para unirem terras e homens do Brasil.

Ao Governo da Nação compete construir uma Pátria para o homem; ao educador do Brasil compete preparar o homem para esta nova Pátria.

O trabalho do educador brasileiro já tem rumos certos que lhe facilitarão a tarefa, pelo menos na escola. A Lei de atualização e expansão do ensino do 1.º e 2.º graus aí está para orientar a formação do jovem e o seu preparo profissional.

O termo do momento é *integração*. Pela lei do ensino, realiza-se uma *integração vertical*, isto é, o preparo do aluno através de uma cultura geral, nos 8 primeiros anos de estudo; e uma *integração horizontal*, pela diversificação do estudo com vistas a uma profissionalização.

Em relação à Pátria, há uma ordem de comando: **INTEGRAÇÃO NACIONAL**. Nesta, por analogia, podemos também distinguir uma *integração vertical*: pela descoberta e exploração das riquezas naturais na profundidade do solo e dos mares; e uma *integração horizontal*, no magnífico programa de comunicações.

Não se pode, porém, construir a Nação sem antes construir o homem, sem realizar nele próprio os dois aspectos da integração.

Na sua profundidade psíquica, no campo insondável da inteligência e da razão ou no domínio consciente da vontade, o homem realizará sua *integração vertical*. No entanto, ser eminentemente social, não pode demorar-se em si. Assume uma dimensão social, pela comunicação com outro homem, realizando a sua *integração horizontal*.

Eis o homem para o nosso tempo e para a nossa terra. É preciso formá-lo.

Na primeira vez em que se dirigiu à Nação, o Sr. Presidente da República, num apelo aos brasileiros de boa vontade, assim falou: "Em vez de jogar pedras no passado, vamos aproveitar tôdas as pedras disponíveis e construir o futuro".

A Desolação

Ao querido mestre J. DE FIGUEIREDO FILHO

EM MEIO AO MATAGAL, ÀS VÉZES, TÃO FLORIDO,
À TARDE QUANDO O SOL ESCONDE SEU CLARÃO
TUDO É TORNADO ALI NUM MANTO COLORIDO,
QUE LOGO SE DESFAZ NO CENTRO DA AMPLIDÃO.

SENTADO NA CALÇADA ANTIGA DO SALÃO
DAQUELE CASARÃO, OUTRORA, BEM QUERIDO
EU OUÇO RETUMBAR, ASSIM COMO TROVÃO
OLHANDO, LONGO TEMPO, UM POBRE COMOVIDO.

OH! POVO SOFREDOR, DE LUTA DESTEMIDA!
COITADO, DESPREZOU, A TERRA MUI QUERIDA,
PORQUE NOTOU NÃO TER DINHEIRO, ROUPA E PÃO.

FICOU NOSSO SERTÃO, ASSAZ DESABITADO
JÁ TRANSFORMADO ATÉ, ESPAÇO ABANDONADO
LAMENTO POR DEMAIS TANTA DESOLAÇÃO.

JOSÉ ESMERALDO DA SILVA

Sr. Governador :

Nós estamos aqui. Vamos recolher as pedras do nosso caminho e, a partir de hoje, em vez de *falar*, vamos *fazer*. Agiremos dentro das nossas possibilidades, concordando com D. Maloch: "se não pudermos ser um pinheiro no cume da montanha, seremos uma ervazinha no vale, mas seremos a melhor ervazinha à beira do riacho; se não pudermos ser a estrada real, seremos um atalho; se não pudermos ser o sol, seremos uma estrêla. Em grandeza não é que se perde ou se ganha. "O importante é fazermos o melhor possível aquilo que fizermos.

Sr. Governador: para a construção do Ceará, conte conosco.

À Direção da Faculdade de Filosofia do Crato, aos nossos professores, aos membros da Administração e a todos os que compõem a nossa Escola, o nosso agradecimento profundo e comovido.

As nossas famílias, que têm parte integrante na nossa vitória, a nossa homenagem filial e amiga.

Diante dos nossos Paraninfos e Patronos, nos curvamos agradecidos pela generosa aquiescência ao nosso convite e pela presença nesta solenidade.

Queremos envolver a todos no otimismo que nos enche a alma neste momento em que a Pátria caminha por caminhos certos, em busca de um futuro brilhante.

Depois de formar a Cruz da nova *Redenção*, cruzando o horizontal com o vertical, no Plano de Integração Nacional, na lei do ensino e no próprio homem, a Pátria retorna ao *Cruzeiro* e, sob sua sombra, desenha os caminhos do futuro. Estes caminhos serão abençoados, pois onde houver uma Cruz, ha sempre a soma dos ângulos que se perde no infinito, e o infinito é Deus.

E o brasileiro que educarmos seguirá em frente, integrado, participante, impávido, confiante, olhando no céu a cruz de estrêlas e pisando, no chão, a cruz de estradas.

Tenho dito.

Aliança de Ouro S.A.

Indústria e Comércio

MATRIZ : Rua São Pedro, 379 — Fones : 340, 539 e 549
Telegrama : ALIANÇA — Caixa Postal, 17
JUAZEIRO DO NORTE — CEARÁ

Distribuidora da

C I A . S K F D O B R A S I L
ROLAMENTOS.

Distribuidora da

C I A . S I D E R Ú R G I C A N A C I O N A L
CHAPAS PRÊTAS E GALVANIZADAS

Distribuidora da

C I A . G O O D Y E A R D O B R A S I L
CORREIAS INDUSTRIAIS E MANGUEIRAS

AGENTES EXCLUSIVOS OLIVETTI

E mais :

CASA ROSADA — ARMAZÉM FEIJÓ — CASA SAMPAIO
TECIDOS E CONFECÇÕES

AGÊNCIA CRATO :

RUA DR. JOÃO PESSOA N. 246

AGENTE EXCLUSIVO OLIVETTI

MATERIAL PARA CONSTRUÇÃO

Indústria de Massas Alimentícias GESSI

I M A G

Esmerada fabricação dos
mais afamados biscoitos e
macarrões.

Produtos de alta qualidade

À venda nas principais
mercearias e
super-mercados.

Rua Santos Dumont, 20/22

FONES: 647 e 386

Crato :—:—: Ceará

Discurso de posse na Secretaria de Educação (acumulando a de Cultura) do Município do Crato

Assumo livremente o comando desta Secretaria. Nenhuma vinculação de ordem política, familiar ou econômica a êle me prende. Nem mesmo um liame decorrente da simples amizade pessoal. Recebo o cargo para servir minha terra, e faço-o sem nenhum *ônus* para a Municipalidade. Agradeço a confiança do Exmo. Snr. Prefeito Humberto Macário de Brito e desejo receber o apoio de tôdas as pessoas de boa vontade capazes de colaborar nos setores da Educação e Cultura.

É tempo de se reconhecer de fato que o desenvolvimento, sem Educação, além de utópico, é absurdo.

Falo de Educação em sentido amplo, mas não indisciplinado. Educação que tome o homem todo e a totalidade dos homens e os faça ontologicamente mais realizáveis, levando-os a subordinar o *ter* ao *Ser* e o *efêmero* ao *Eterno*.

O Município é a unidade fundamental do organismo pátrio. Nêle existem e coexistem, vivem e convivem, na intimidade do cotidiano tangível, os indivíduos e os grupos. Nêle se forma a solidariedade das famílias e das classes, pelo trabalho, pelo comércio do espírito, pela contiguidade física, pelo amor à terra e pela Fé. Nêle, a Pátria se condensa na síntese do território imediato onde todos tiveram berço e amanhã terão túmulo. O Município, êle próprio é escola onde se feiçoa e aprimora o sentimento nativista, as virtudes costumeiras, o sentido de honra e probidade, o comportamento político, o espírito de luta, defesa e altivez cívica. Fortalecê-lo é robustecer a Pátria.

Eis porque uma Secretaria Municipal de Educação (sobretudo quando se lhe junta, como em nosso caso, a de Cultura) assume dimensões bastante significativas para a própria segurança e engrandecimento do País.

...Cada Município deve sentir-se responsável pela obra comum da Educação. Ninguém tem o direito de omitir-se ou esquivar-se neste campo.

O Organismo que ora me foi entregue precisa de todos, vai exigir de todos, vai servir a todos.

Duas linhas básicas vão dar-lhe sentido e orientação.

A primeira será a Educação sistematicamente escolar, abrangente dos três graus de ensino: o primário, o secundário e o superior.

A segunda será a Educação extensiva aos espaços sociais não escolares.

Esta segunda modalidade atingirá tôdas as formas de cultura passíveis de manifestar-se em arte, desporto, recreação, cursos, e conferências, teatro, cinema, imprensa e folclore, discoteca, biblioteca e museu.

O município, em sua globalidade, merecerá o interêsse e o desvêlo desta Secretaria. O território urbano e o rural terão tratamento específico subordinado a uma filosofia de integração, como imperativo de justiça e ideal de equilíbrio geopolítico.

Há-de dar-se o maior aprêço aos mestres, a quem vão ser oferecidas condições positivas de aperfeiçoamento e atualização.

A rêde escolar de responsabilidade do Município deverá sofrer uma

revisão permanente e, dentro das possibilidades reais, uma expansão sempre mais vasta, concomitante com a elevação do índice de eficiência técnico-pedagógica, a fim de mais e melhor atender aos objetivos para que foi instituída.

Cada grupo escolar, cada escola isolada ou cada conjunto zonal deverão funcionar como centros onde as respectivas comunidades tenham vez e voto, mas, também, responsabilidade e trabalho.

A figura da ociosidade e a da incompetência deverão desaparecer gradativamente, até onde fôr a jurisdição desta Secretaria.

Uma de nossas metas será a instalação de um Centro Cívico e outro de Educação Física, onde a infância e a juventude se preparem para mais válida e conscientemente servir o Município, o Nordeste e o Brasil.

Os desportos merecerão o aprêço a que tem direito.

E como Educação e Cultura não são ilhas nem compartimentos estanques, esta Secretaria procurará unir-se às pessoas e instituições que, em Crato ou fora d'êlo, se dedicam a êsses elevados misteres.

A partir de agora, procurarei solicitar a inestimável colaboração das Exmas. Autoridades, da imprensa escrita, falada e televisionada, bem como a das classes sociais e profissionais, a dos clubes de serviço, a dos estabelecimentos de ensino, a de outros organismos públicos ou particulares, a da juventude e a do povo em geral.

Aos professores, a minha melhor homenagem, por serem êles os artífices da Educação e da Cultura e, assim, constituírem o esteio e garantia do desenvolvimento e do progresso de cada povo.

Aos que vão trabalhar comigo, a minha confiança, com o desejo de que saibamos colocar os interesses gerais acima dos pessoais.

Estou certo de que a nobre Câmara Municipal legislará sábiamente para o campo de interesse desta Secretaria.

Não militando eu em nenhum partido político, sinto-me inteiramente à vontade para servir sob as ordens do esclarecido Prefeito Dr. Humberto Macário de Brito. Êle sabe quem eu sou, quais os meus limites, só não sendo capaz de medir meu desejo de ser útil a minha terra e minha gente.

Darei expediente normal nesta séde. Não poderei desempenhar minha função de Secretário em minha residência ou nos outros lugares onde trabalho. Mas o fato de, administrativamente, só responder por meu cargo neste lugar, não significa que eu deva ser um ausente do resto do território municipal, onde meu comparecimento se faça necessário.

Senhores :

Tomo posse num Domingo da Ressureição. Num Domingo de nossa Fé tradicional.

Sob a proteção de Deus, nosso Senhor e Salvador, e seguro da colaboração de todos, espero cumprir, sem decepcionar, os meus novos deveres.

Tenho dito.

Crato, 29 de março de 1970.

JOSÉ NEWTON ALVES DE SOUSA

NOTA — Retardado, porém oportuno pelos concertos emitidos, o lugar é hoje ocupado pela digna substituta Profa. Lucia. O autor exerce o magistério, com proficiência, em Salvador. N. R.

Lembrança do Cariri

J. DE FIGUEIREDO FILHO

O Vale Caririense, zona de encantos múltiplos, com paisagens naturais e humanas, de características especiais, não tem dado romances, nem romancistas. Seus escritores sobresaem-se, no campo da história, do ensaio, poesia e noutros assuntos. Por último, vem passando por transformação radical, no campo das letras e das artes, podendo equiparar-se a centros importantes do país.

Só agora surgiu, pujante, o romance do Cariri. Trata-se de "RECORDAÇÕES DA COMARCA", de Odílio Cardoso de Alencar. Caririense da gema, procede da família Alencar, de influência vital na zona, agora disseminada em todo o Brasil, tendo lhe doado, através dos tempos, figuras de destaque, em todos os ramos de atividade.

Há meses, recebi um volume. Li-o, quase de uma só vez, e nêle senti palpitante, o Vale que se estende ao sopé da chapada do Araripe, com tôda a pujança, sobretudo, com as mazelas que se encravam na terra abençoada, onde deveria ser paraíso contínuo, dadas as bençãos que recebeu de Deus.

O romancista, filho de meu velho amigo e parente, Dr. Florêncio de Alencar, inteligência que marcou época, nesta redondeza, soube retratar a terra. Com êle revivi o passado. Lembrei-me dos velhos engenhos de rapadura, quando andei a aboiar, com vara de ferrão, sôbre almanjarra, as juntas de bois mansos de olhares plangentes, indiferentes ao mundo, aos castigos e ao trabalho pesado, jungidas em cangas. E as intrigas das cidadezinhas do interior, forjadas na capital, tão provinciana de então! Matuto era e continua a ser, bicho para sofrer. Imita até as juntas de bois, ou os burros do cambito dos engenhos de rapadura, de outrora, tão saudosos para nós, de tôda a gleba caririense.

Odílio nasceu vencedor, no romance que nos faltava. Seu livro tem raízes profundas na zona dos canaviais, que fazem a rapadura que dá o alimento ao sertanejo, ou a cachaça que lhe tira o juízo, a fim de esquecer a vida, tão cheia de amarguras.

Odílio filma, naquelas páginas empolgantes, as festas antigas do padroeiro. Eram tôdas iguais, em Barbalha, Crato, Juazeiro ou Missão Velha. E as beatas, sempre a fuxicarem, e a encherem de coisas, envenenadas a cabeça do vigário? Não se contentavam em relatar os próprios pecados, como as faltas do próximo. Mesmo com tantas coisas ruins, no meio de outras tão singelas e puras, a gente sente saudades! Se pudéssemos, o tempo seria ressuscitado, neste Cariri, com energia elétrica, ônibus, boas estradas e meio alfabetizado.

Reapareciam, como se fôsse agora, os antigos engenhos de cana, os banhos de bica, os passeios a cavalo, aos pés-de-serras, brejos, com seus fruteirais inesgotáveis. Mas, a mocidade moderna não pensa à nossa maneira. Prefere as festas quase contínuas, dos clubes de Crato, Juazeiro e Barbalha.

No romance de Odílio, retrato fiel da terra dos canaviais, o tipo mais original, afora o promotor que, em parte, representa Odílio, é BIS-PIM. Já mostra a impregnação da luta social, no meio da água parada. As outras figuras, embora bem atuantes, são criaturas que vivem, em Barbalha, ou noutro local do Cariri, apenas com nomes mascarados.

Januária meu amôr

FRANCISCO DE VASCONCELLOS

Foi por causa do meu tio Amaro, que me apaixonei por Januária.

Amaro era um cabra bom, um puro. Tinha a volúpia das experiências agrícolas, e por isso andou comprando propriedades rurais por esses Brasis, onde dava largas ao seu espírito sonhador. Era quase um Policarpo Quaresma, criação do imortal Lima Barreto.

Súbito cismava que determinado lugar era bom para tal ou qual cultura. Saía de malas e bagagens, carregado de instrumentos e de material de pesquisa. Depois das primeiras constatações, parecia um atuado e nada mais via que não o novo mundo a conquistar. Não falava em outra coisa. Adquiria terras, revolvía terrenos, comprava adubos e máquinas e entregava-se de corpo e alma aos afazeres agrários. Obtidos os primeiros resultados, colimado enfim o seu objetivo, o da experiência pelo prazer dela, começava a minguar a paixão. Os sítios viravam tapera e suas vistas voltavam-se para outros rincões ainda não estudados.

Nunca visava lucro. Vivía de sonhos. Coisa de doido.

A justiça que descreve é a mesma distribuída em quase todos os recantos do Brasil, cheia de falhas, atrelada à politicagem. O magistrado, por melhor boa intenção que possua, esbarra-se dentro de mil empecilhos, vinculados intimamente aos interesses dos chefetes locais, ou dos chefes do litoral.

A filmagem de Odílio é perfeita e nos empolga do comêço ao fim do romance, mesmo quando os transporta ao Rio, cheio de encantamentos e de mil e tantas dificuldades, mais angustiantes do que no interior longínquo.

O Autor, com sua simplicidade de estilo, mereceu bem o prêmio que lhe concedeu a Academia Cearense de Letras. O Vale Caririense, que Barbalha representa, com tanta autenticidade, possui seu romancista e bom.

Barbalha é gleba original, integralmente caririense. Ali ainda existe aristocracia canavieira. É gente dotada de inteligência, sobressaindo-se em todos os estabelecimentos de ensino, onde estuda. Sou testemunha dêsse fato. Tôdas as minhas alunas de Barbalha destacam-se pelo cumprimento fiel do dever e pela lhaneza de trato. Em Crato, de moças bonitas e elegantes, as barbalhenses, de quando em quando, fisgam um marido da terra, em competição sentimental ao elemento feminino local.

Em tom de brincadeira, digo sempre ao grupo de minhas alunas, na Faculdade de Filosofia :

— Façam o possível para impedir a entrada dessas jovens barbalhenses, em nossa terra. Fazem enorme concorrência a vocês, em matéria de casamento. Tiram-lhes os rapazes casadouros, em pleno Crato. Invadem também Juazeiro do Norte.

Na realidade, são ótimas esposas, bem educadas. Cooperam bastante para o entendimento amistoso, entre as três cidades.

Quanto aos rapazes, arranjam sempre canudo de doutor e, em parte, emigram para o Sul e Centro do país. Às vêzes, mantem-se em política, ocupam cargos eletivos, sempre em lugar de destaque na sociedade, onde fixam residência, com a máxima dignidade.

Assim foi em Ipameri, no Estado de Goiás, em Londrina no Paraná, em Silva Jardim, no Estado do Rio e em Januária, lá na margem esquerda do São Francisco na região norte mineira.

Mas, em fevereiro de 1967 a morte o colheu em viagem. Morreu em Macaé, vítima de desastre rodoviário. E, o inventário veio ter às minhas mãos.

Dados os primeiros passos, comecei a viajar afim de cumprir precatórias para que fossem avaliados todos os sítios e fazendas que espalhou por aí.

E foi então, que em setembro daquele ano parti para Januária, por quem me apaixonei de inopino. Procurando unir o útil ao agradável, enquanto passava a precatória por todos os trâmites legais, entreguei-me de corpo e alma à cidade, colhendo tudo que pudesse haver de interessante acêrca de sua história, de seus costumes, de sua cultura, de seus artistas e intelectuais.

Depois daquele primeiro encontro, já nos revimos três vêzes. O namôro tornou-se sério demais para que eu continuasse em silêncio, deixando na gaveta tudo aquilo que havia colhido de minha namorada.

Resolvi trazer a lume seu passado, seus encontros presentes, suas esperanças futuras.

A origem do nome é incerta. Segundo um de seus filhos mais ilustres, o historiador e folclorista Saul Martins, a cidade ficou assim batizada, por causa de u'a mulher de vida livre que deixou fama naquelles rincões, uma espécie de Dona Beja no Araxá. Mas, os habitantes da terra, não muito felizes com topônimo de origem tão espúria, pretendem que o nome Januária foi dado à cidade em homenagem a uma de nossas Princesas. E talvez por isso, chamem-na de Princesa do São Francisco.

Percorrendo uma distância de 2.624 km., o rio São Francisco, através dos séculos, praticamente a única via de comunicação sertaneja, possibilitou o aparecimento de incontáveis núcleos populacionais, muitos dêles hoje transformados em promissôras cidades. Uma delas é sem dúvida Januária, plantada à margem esquerda de seu curso médio.

Distando 180 km. por rodovia não asfaltada da cidade mineira de Montes Claros, o Município de Januária possui área equivalente a duas vêzes o território da Holanda.

Sua população é de aproximadamente 80.000 habitantes.

Preponderantemente mestiça, é ela resultante do cruzamento do caiapó, do negro de vária procedência e do português metropolitano. Além de mineiro propriamente dito, alí vivem baianos em profusão, oriundos não só das barrancas do rio, como também de outras regiões do Estado, inclusive da beira mar.

A fala tem sabôr nordestino, inúmeros são os arcaísmos usados na conversa comum e há muitos têrmos da área do Nordeste no linguajar quotidiano.

Januária não nasceu propriamente na barranca do rio e sim a cêrca de 6 km. para dentro, no lugar que tomou o nome de Brejo do Amparo, onde Borba Gato implantou diminuto núcleo populacional, sob a invocação da Virgem do Amparo.

A resolução régia de 2 de janeiro de 1811, erigiu em Distrito a pequena localidade. Em 30 de junho de 1833 surgia o Município de Brejo do Amparo.

Pela lei provincial n.º 3.297 de 27 de agosto de 1855, a sede do Município transferiu-se para Porto Salgado, nome pelo qual era conhecido

o sítio onde atualmente se encontra a cidade de Januária. A sede do Município, adquiriu foros de cidade pela lei provincial n.º 1.093 de 7 de outubro de 1860.

Sua primeira capela foi construída sob a invocação de Nossa Senhora das Dóres. Depois foi a vez da Santa Cruz, festejada condignamente entre 22 de abril e 3 de maio em simpática igreja, tendo à frente tóscico cruzeiro, hoje criminosamente demolido. Saul Martins em seu livro "Os Barranqueiros", dedica à Festa de Santa Cruz expressivas páginas.

Januária é atualmente cidade em desenvolvimento, atingida pelo raio de ação da Sudene, com muita fé na recém criada Provale, de quem espera antes de tudo, uma ponte sobre o rio São Francisco, para maior facilidade de escoamento de seus inúmeros produtos, assim também dos de toda a região da qual é vanguardeira.

Comarca de 3a. entrância, é Januária verdadeira cabeça no médio São Francisco. No setôr educacional são expressivos os números referentes a estabelecimentos de ensino. Lá existem 2 Jardins de Infância, 5 Escolas Primárias, 4 Ginásios, 1 Escola Normal, 1 Escola Agrotécnica e 1 Escola para Aperfeiçoamento de Jovens do Campo (Caio Martins).

Econômicamente falando, Januária ainda vive da agricultura e da pecuária. Com um solo ubérrimo quer nas terras de vazante como nos tabuleiros, Januária produz excelente lavoura branca, frutas de todo o gênero, notadamente cajú, uva, melão, melancia e abacaxi, hortigranjeiros, algodão, mamona e cana. Infelizmente, algumas dessas culturas ainda estão em fase embrionária ou quem sabe prejudicadas por um arcaico e rotineiro sistema de trabalho. O certo é que o mercado local é desestimulante e o externo desencorajante, pois muitas são as dificuldades para atingi-lo a começar pela quase inexistência de vias de escoamento, rápido e seguro. No setor da pecuária, o comum é a criação pura e simples. Nada de recria ou de engorda.

Um elemento verdadeiramente forte da economia local é a aguardente. Lá existem em torno, 200 destilarias e cêrca de 18 marcas. E a pinga de Januária é de fato famosa. O difícil é saber qual a melhor. Para os interessados aí vão os nomes Claudionor, Aquino, Novaquino, Caribé, Ferreira, Velha Ferreira, Januária Única, Torpedo, Januarense, Januária, Januária Centenária, Nova Estrela, Dominante, Insinuante, Rodrigues, Motinha, Januária Bacana, Caravela e Puluzinha.

Funcionam também em Januária quatro torrefações de café.

Com subsolo inexplorado, já foram, entretanto, registrados em seu território: jazidas de chumbo, depósitos de urânio, lençóis petrolíferos, cristal de rocha e minas de prata.

Energia elétrica não é problema em Januária. A Usina de Pan-deiros, a 60 km. do centro da cidade, se encarrega de iluminá-la e de dota-la de força suficiente para rodar seus pequenos negócios.

Apesar da deficiência das estradas, todas de terra, algumas somente trafegáveis na seca, partem da cidade, diariamente, dois ônibus para Belo Horizonte, outro para Montes Claros, além de transporte para diversas comunas circunvizinhas. Antigamente havia linha regular de avião para Belo Horizonte, agora somente taxi aéreo. E o rio está ali mesmo, para propiciar viagens mais pitorescas, se bem que mais demoradas e repletas de riscos.

Do ponto de vista assistencial, Januária possui dois hospitais e dois asilos para velhos desvalidos.

Jornal não há, nos dias que correm. Mas, em outros tempos, brotaram em quantidade. O pioneiro da Imprensa januarense foi Manoel Ambrósio que fundou "A Luz" em 1901. Arauto do partido político conhecido por Luzeiro, fez época em renhidas lutas contra a oposição, grupada no chamado Escureiro. Depois surgiram: "A Pena" em 1913, "O Norte Mineiro" em 1917, "O Planalto" em 1923, "O Crisol" e "A Cidade" em 1926, "O Olho", "A Época" e "O Momento" em 1927, "O Flirt e A Voz do Norte" em 1930, "Norte Jornal" em 1934 e ainda "A Mocidade", "O Comércio", "O Sol", "O Colibri", "O Alfinete, Itabiçaba, O Binóculo, "Folha de Januária", "Correio do Vale" e "A Tribuna".

E Januária possui inúmeros atrativos. O visitante terá obrigatoriamente que saborear surubim frito no Restaurante Carranca do amigo Donald, terá que percorrer o Mercado repleto de cestaria, cerâmica utilitária e lúdica, gamelas, pilões e alforjes de couro cru, tudo cheirando à fruta da terra, notadamente o buriti, vendido seco ou em pasta.

Para o turista de junho, a grande pedida é a romaria à Serra das Araras, no dia 13. Cento e cinquenta quilômetros separam a cidade da serra, que tecnicamente já se encontra no Município de São Francisco.

Para quem gosta de grutas, a do Tatú, também conhecida como dos Monges, está ali a 18 km. do perímetro urbano.

Se alguém quizer se transportar ao período paleolítico, basta chegar até o Coxá. Para isto, é preciso percorrer 140 km. de chão batido.

E se o negócio for cerâmica popular, basta viajar 54 km., para chegar no Candéal, também chamado Cruz dos Araujos, lugarejo que já bateu o recorde mundial de tracoma. Ali, uma família de olhos pelados (vítima da terrível doença), se dedica ao artesanato de cerâmica, produzindooringas, pratos, etc. Tudo muito tóscio, trabalho exclusivamente manual. As peças recebem uma decoração de elevado sabor primitivo, feita com um barro especial chamado tauá ou toá, que produz excelente tinta vermelha.

Renda de bilro ainda se encontra em Januária. A baiana de Xi-quexique conhecida por Maria do Rosário, residente na rua Padre Henrique, é a rendeira por excelência.

E o visitante não poderá ir-se embora sem visitar o meio rural, sem penetrar no intrincado dos cipoais exuberantes, sem pisar o chão fôfo e ubérrimo das vazantes sem ouvir a terminologia típica quando alguém se refere à "fazenda de viuva" — fazenda abandonada ou à "bebida franca" — lugar onde o gado de toda uma região vem beber água.

O folclore de Januária é rico. Dele já se ocuparam o pioneiro Manoel Ambrósio sobre quem ainda dedicarei alentado trabalho e, mais recentemente, mestre Saul Martins, autor de "Os Barranqueiros", edição do Centro de Estudos Mineiros — 1969 e Joaquim Ribeiro, através sua obra póstuma — "Folclore de Januária", editada pela Campanha de Defesa do Folclore Brasileiro em 1970.

Os folguedos populares ainda vivos são: Reis dos Cacêtes, Dança de São Gonçalo, Folia de Reis, Reis de Boi, Tamanduá e Mulinha de Ouro.

As Festas de Santa Cruz e do Divino, tiveram sua época e hoje estão praticamente desaparecidas em virtude da pressão dos padres locais. Já não se podem ver as Cavalhadas e os Impérios do Divino. Desaparecem as bandeiras peçadas de fitas fruto de promessas.

TEREZINHA ESCOPAR CORRÊA

— “Tenho o curso ginásial incompleto, mas pretendo fazer o normal”. Isso me dizia a simpática Terezinha, quando nos conhecemos em 1967, em Januária, sua terra natal.

Triste destino da moça mineira. Procura no magistério a única saída para a libertação econômica, saída que nunca encontra, pois além da péssima remuneração, o atraso no pagamento é crônico e institucionalizado.

E, a rigor, Terezinha não precisaria de nada disso. Artista sem necessidade de recorrer a outros expedientes.

Quando de nosso encontro inicial, contou-me dos sacrifícios que fazia para conseguir tintas e pinceis. Sem muitos recursos financeiros, costumava recorrer aos amigos que porventura fossem a Belo Horizonte. Mas, apesar de tudo, sempre tinha algum material, para dar vazão à sua veia artística.

Hoje, graças a ingentes esforços, vive na capital mineira, onde, segundo me informaram, vai produzindo regularmente.

Só espero que não esqueça sua origem barranqueira, afim de não traír as paisagens e cenas de sua terra, as quais, nos bons tempos januarenses, costumava reproduzir em tela, ou mesmo para decorar gamelas, cestas, urupemas e sacas de palha.

Os tipos humanos em sua intimidade cotidiana são o seu forte. Apesar de originária de uma terra luminosa, usa e abusa de sombras. Parece colocar nelas toda a angústia e a incerteza do barranqueiro. Suas figuras têm marcado sabor regional, completamente integradas em seu meio de origem.

Quando ainda em Januária, montou o Bar Escobar, ponto de encontro dos jovens de espírito. Ali expunha seus trabalhos e sempre faturava uma coisinha, mormente quando aparecia um forasteiro. Hoje o bar desapareceu e com êle Terezinha, que em Belo Horizonte procura os caminhos para um aperfeiçoamento acadêmico, para que estribada em títulos possa subir os degraus da glória, glória que por todos os motivos, já de certo modo lhe pertence.

DIOCLÉCIO ANDRADA E SILVA

Sobrinho bisneto de José Bonifácio, baiano de Correntina, onde nasceu em 7 de maio de 1893, é entretanto januarenses adotivo, pois na terra da pinga chegou ainda criança e lá vive até hoje.

Já foi barbeiro e viajante comercial, mas não são esses fatos que o trazem a estas páginas. O velho Dioclécio é acima de tudo artista. Umburana vermelha em suas mãos, vira escultura e para tanto bastam lixa, canivete e seu talento inexcedível.

Não costuma fazer peças em série. É antes de tudo artista e quase nada artesão. Trabalha via de regra para a família e tem um fraco por São Geraldo, por achar que a dificuldade em retratar-lhe a figura, valoriza sua arte.

Para entretenimento dos netos e para lembrança dos filhos, esculpe vêz que outra cabôculos, bichos e até bustos de pessoas ilustres.

A catarata, veio ultimamente roubar-lhe esse gostinho de artista. Já não mais produz e os privilegiados que possuem alguma obra, que se cuidem, pois a cotação vai subir.



Comércio de Veículos
C r a j u b a r s . a .

AVENIDA PADRE CÍCERO, 2.030

Telegrama : "CRAJUBAR"

Telefones : 958 - 377

JUAZEIRO DO NORTE - CEARA

C. G. C. (MF) 07.042.807 / 001

C. G. F. 2.15.06015.2

INSCRIÇÃO MUNICIPAL 501

Produtos

FORD WILLYS

Pronta entrega

— Participe do Consórcio Nacional FORD
através da Com. de Veículos Crajubar S. A.

CIA. SUL CEARENSE DE PAPEIS

SULCEPA

Fabricamos, em Crato,
papéis de excelente
qualidade.

Valorizamos o produto
da terra.

Bairro do Muriti

Crato — Ceará

Justa Homenagem

J. DE FIGUEIREDO FILHO

A 5 de dezembro, o Hospital S. Francisco prestou comovente homenagem ao aniversário de ordenação sacerdotal, do seu pranteado e inesquecível Provedor — Monsenhor Pedro Rocha de Oliveira. Houve aposição de seu retrato ampliado, no salão de honra e missa concelebrada pelo Exmo. Sr. Bispo Diocesano, D. Vicente, Mons. Raimundo Augusto, Pe. Antônio Gomes de Araújo, Francisco Montenegro. A Igreja do Hospital estava superlotada.

Na inauguração da fotografia, além de crescido número de médicos, pessoas gradas, irmãs, compareceram D. Vicente, o Prefeito Miguel Soares, o atual provedor Mons. Raimundo Augusto e Pe. Gomes. Usaram da palavra — Mons. Raimundo Augusto, Dr. Macário de Brito, representando a classe médica, J. de Figueiredo Filho, em nome do povo e o Prefeito Miguel, na qualidade de chefe da comuna.

Procurei nesta crônica, sintetizar minha palestra, omitindo alguma coisa e acrescentando outras, que a emoção do momento não me permitiu externar :

Falo diretamente a você, como em palestra que muitas vezes tivemos, no Seminário, em minha casa e neste hospital. Sua figura sobrevive entre nós. Ainda ouvimos seus passos nos corredores dessa casa e gargalhadas eufóricas nos apartamentos.

Você tinha o dom de fazer-se igual aos pobres, compreendendo-os e sanando-lhes as dores do corpo e do espirito. Ao mesmo tempo, entendia-se com os grandes, com tôda a naturalidade, a fim de arrancar-lhes o necessário para a manutenção desta obra gigantesca.

Ainda no Seminário começou a nossa velha aproximação. Confiei-lhe a educação de meu filho Caubi. Não se ordenou, mas hoje faz parte do apostolado leigo em S. Paulo, sendo do Cursilho, da Sociedade de S. Vicente, sediados naquela grande metrópole. Com a espôsa dá cursos para noivos, de acôrdo, com o programa atual da Igreja. Naquele educandário, não formou você unicamente sacerdotes bons, como cidadãos para o futuro.

Você sabia compreender a Religião na integração mais completa do termo. Odiava o pecado e amava o pecador.

Seu trabalho, neste hospital é imorredouro. Trabalhamos em "A AÇÃO", harmonica e com identicos pontos de vista.

Atribulado, algumas vezes, o procurava para pedir-lhe o bálamo consolador. Como prova de nossa amizade, bem alicerçada, também deram suas angústias, em meu coração, com o fim de eu minorá-las, com a experiência de meus anos. Todos nós, por mais otimista, temos dias de vicissitudes.

Depois que você desapareceu, eu que vinha aqui, visitar doentes, palestrar em quarto, ou no do velho amigo Padre Gomes, estive interno neste hospital. Ao entrar com meus familiares, implorei o auxilio de

Viagem ao Cariri

(Do livro PÁSSARO ERRADIO, pág. 107)

A J. DE FIGUEIREDO FILHO

DA JANELA DO TREM, OLHO A TARDE QUE DESCE,
ENVOLTA NUM LENÇOL VIOLÁCEO DE AMETISTA.
HORA DE SOLIDÃO. VOA NO AR UMA PRECE.
A PAISAGEM DE EM TÓRNO A MINHA ALMA CONTRISTA.

DO IMENSO CAMPO EM FLOR A VERDEJANTE MESSE
MOSTRA DO SERTANEJO A FECUNDA CONQUISTA.
O ALTO CÉU, TODO AZUL, AOS POUCOS, ESCURECE,
ESTRÉLAS DE OURO, AQUI E ALI, A GENTE AVISTA.

O CLARO ESPÊLHO DE UM AÇUDE ALÉM CINTILA,
E, ANTE AS SOMBRAS QUE VÊM, SE ENLUTA E TRANSFIGURA,
NO SERENO TORPOR DA TERRA ÊRMA E TRANQUILA.

E, SEM QUE A LUZ DO OCASO AO LONGE SE DISSIPE,
COMO CAMELIA IDEAL DE ESTRANHA FORMOSURA,
SURGE A LUZ POR TRÁS DA SERRA DO ARARIPE.

CARLYLE MARTINS

Deus, acima de tudo, a intercessão da Virgem e de meu padrinho S. José. Sabia que você era um justo e pedi-lhe que me acompanhasse, naquele momento decisivo.

Criei coragem. Nunca pensei em morrer naquela ocasião. Fui tratado com o máximo carinho pelas enfermeiras, irmãs de Caridade e Filhas de Santa Teresa. O médico Dr. Maurício, com outros colegas, foi de dedicação fora do comum. No Pe. Gomes nem se fala. Duplo compadre pelos netos, considero-o membro de minha família.

É incrível, mas o hospital fez o milagre de eu sentir saudade até do sofrimento, daqueles dois meses que passei aqui. Visitas de fora e doentes faziam roda, em meu quarto, passados os momentos mais angustiosos.

Ao sair, quando pedi a conta do restante das despesas a Madre Superiora, figura de prol das irmãs de Caridade com seu espírito de S. Vicente de Paulo, disse-me apenas:

O sr. é amigo do Mons. Rocha e quem paga o restante é S. Francisco. Tive a certeza absoluta de que meu amigo Mons. Rocha velava sobre minha humilde pessoa, não com essa presença, quase material do espiritismo, mas pela bondade emanada, em todos os séculos e através do além-túmulo, dessa igreja imperecível de Cristo N. Senhor. ("Crônica da Cidade", lida na Rádio Educadora do Cariri, no dia 06.12.71).

Troca de correspondência entre Filólogo e um Provinciano Cearense

PRIMEIRA CARTA

Juazeiro da Bahia 15 de junho de 1970

Sr. Dr. Francisco da Silveira Bueno — Catedrático de
língua e Filologia Portuguesa da Faculdade de Filosofia,
Ciências e Letras da Universidade de São Paulo.

Meus respeitosos cumprimentos

Como conhecedor do âmbito da capacidade intelectual de V. Sa., como também do quilate da educação que possui com ampliada pureza, peço-lhe vênha para dirigir-me, fazendo uma análise respeitosa sobre a significação de um termo do Dicionário do Senhor.

Ele: — Jacareí, s.m. Rio, cidade paulista; significa: o rio do jacaré. Isto, de conformidade com o referido Dicionário e interpretação dos seus colaboradores.

Com muito respeito e acatamento ao seu cabedal intelectual, acho que, não está condizente ou harmônico.

Ao meu ver, o termo jacareí, não se harmoniza com real sinonímia com a que lhe foi dada.

Não sou indianista, sou admirador da língua do amerígena brasileiro, conhecendo alguns vocábulos.

Poderia ser "o rio do jacaré" se, grafássemos assim deste modo: Jacareú ou Jacarehú pela ortografia antiga.

Porém, jacareí ou jacarehy; exprime: JACARÉ PEQUENO, eis o caso em tela. Vossa Senhoria sabe que o sufixo I ou HY, tem o sentido diminutivo.

Antônimo: açu ou assú como escrevíamos nos velhos tempos de saudosa memória.

Os silvícolas também empregavam o vocábulo *mirim*, para indicar pequenez. Todavia, hy era mais preferido por eles.

Hu pela antiga ou ú pela moderna, no fim de algumas palavras, indicam rio. É muito fácil distinguir-se.

O vocábulo que termina em ú agudo, anteposto pelas vogais a ou e, revela rio.

Há outros termos em que o acidente geográfico figura no meio, porém, acho que, nesta carta, devo fugir desse assunto, porque o sentido dela é outro. Vejamos — Jaú ou Jahú (nosso ou meu rio).

Este nome me faz lembrar do grande AS e patriota paulista, RI-BEIRO DE BARROS. Pajehú ou Pajeú (rio feiticeiro ou das mandingas).

Maracanhú ou Maracanaú, topônimo cearense. Significa: rio das maracanãs. Peço-lhe permissão, para citar mais três palavras dos habitantes primitivos desse Brasil que tanto amo.

Cambuhy — Cambu pequeno, fruto que abunda no interior do coração do Brasil (SÃO PAULO).

Imbuhy — Imbu pequeno, fruto saboroso ao paladar, que existe em grande quantidade no sertão onde moro.

Cajuhy — Caju pequeno por natureza sua e, da própria Natureza que o criou.

O Dicionário de Vossa Senhoria é o da 5a. edição, do Ministério da Educação e Cultura.

Gostaria que, o Senhor por fineza sua, acuse o recebimento desta missiva dêste vetusto sertanejo.

Ao receber resposta do Senhor, farei solicitação ao Dr. Figueirêdo Filho, Presidente do Instituto Cultural do Cariri, para publicar nossas missivas na Revista Itaytera.

Com muita satisfação, mandar-lhe-ei um exemplar.

Assino-me atenciosamente —

(a) JOSÉ DOS ANJOS DIAS

RESPOSTA DO Dr. SILVEIRA BUENO

São Paulo, 24 de julho de 1970

Ilmo. Sr. José dos Anjos Dias

Saudações

Com grande atraso recebi a sua carta de 15 de junho passado, pois, raramente vou à Universidade de São Paulo após a minha jubilação.

Passo a examinar as suas dúvidas. Como o sr. se apressa a declarar: Não sou indianista, sou admirador da língua do amerigena brasileiro, conhecendo alguns vocábulos, seria de todo indispensável que o sr. passasse de simples curioso de vocábulos a verdadeiro estudioso da gramática da língua geral, mais conhecida por tupiguarani. Todas as suas dúvidas desapareceriam com o manuseio atento, por exemplo, do Resumo da Gramática Tupi do seu muito ilustre conterrâneo Teodoro Sampaio, em seu O Tupi na Geografia Nacional, pg. 55, especialmente em sua 4a. e última edição revista e comentada por outro ainda mais ilustre conterrâneo Frederico Edelwiss da Universidade da Bahia; do Curso de Tupi Antigo do P. Lemos Barbosa; dos Estudos Tupi e Tupi-Guaranis de Fred. Edelwiss acima citado; de El Idioma Guarani do P. A. Guasch; do Tupi ou Nheengatu e Português de Protásio da Silva (Mauaus); das obras de Plínio Ayrosa, o primeiro a ocupar uma cátedra de tupi-guarani no Brasil, em nossa Universidade de S. Paulo. Isto para citar apenas os mais modernos porque temos ainda Anchieta, Montoya, Restivo, Batista Caetano já de aquisição difícil. De tais estudos veria o sr. que o som mais difícil e de impossível transcrição gráfica, ig, ao mesmo tempo laringal e nasal, grafado também hig, yg ou simplesmente y, com o significado da água, rio, tem dado confusão nos menos iniciados no assunto. Foi bastante minucioso o P. Luis Figueira: "O i, jota, serve como no latim, ora de vogal, ora de consoante. Costumáram os antigos línguas usar d'este mesmo i, jota, com dous pontos, um na cabeça, e outro no pé, e lhe chamávam i grosso: porque a pronunção é como entre u e i —. D'onde nasce que alguns o fazem u, e outros o fazem i: e forma-se na garganta, coma ig: mas porque na impressão não se pode meter este i com dous pontos, em lugar d'elle se poz y: o qual todas as vezes que se achar no meio ou no fim de alguma dição, se pronunciará como grosso no modo sobredito (Gram. Brasilica - pg. 11). Desta dupla possibilidade: y = u/i — provém numerosas transcrições: tyba (coletivo) = tiba, tuba: Itatituba, Itatuba, pedreira, duas cidades paulistas; anhangabay, anhangabaú, rio dos malefícios diabólicos; yuquery, Juquery, Juquerí, rio salobro, salgado, cidade paulista; petyma, petima,

petuma, fumo, etc. Este y (i grosso), indicante de água, rio, nunca se confunde com i, I (im) sufixo formador de diminutivo: é i fino, acentuado ou átono, sem a dupla possibilidade i/u. Por isto, jamais palavra alguma terminada em u foi diminutiva: jahu, hoje, jáú, de ya (aquele que) u come, é o nome do bagre, do mandi, grau normal. Pela abundancia de tal peixe em determinado rio, tomou êste o nome daquele comunicando ainda a mesma denominação à cidade edificada em suas margens. Não foi o rio que deu nome ao peixe, mas ao contrário. Em jahu não existe elemento algum que indique água, rio ou grau diminutivo. Pajeú está no mesmo caso: de payé, o feiticeiro, o médico da tribo, e u que come: é a denominação de uma planta medicinal, *Triplaris pajaú*, muito abundante no local. Devia ser mastigada pelo pajé e aplicada depois em curativos, daí payé-u que o pajé come. Da planta tomou nome o rio e todo o vale. É grau normal sem idéia alguma de rio. Maracanaú: maracanã, espécie de papagaio, psitaco, e u come: lugar onde costumam comer os maracanãs. Pelo costume de se reunirem tais pássaros nessa água, tomou esta o mesmo nome, sem que na palavra u possa indicar água, rio. Grau normativo. Cambuhy, cuja correta grafia há de ser cambuy, porque, procede de caá-mboy, a folha que se desprende, não é diminutivo de cambu como o sr. julga. Imbuhy, corretamente imbuy não é o diminutivo de imbu, o y indica rio: rio do imbu. Se fôsse diminutivo viria grafado imbuhí, imbuí, imbuim. Cajuy está dentro dos mesmos conceitos: rio do caju e não o cajuzinho. Jacarehy, rio dos jacarés, cidade paulista, poderia ser escrito jacarehu, mas nunca o foi. Toda a tradição local é de rio dos jacarés e sempre jacarey, hoje, Jacarei. Não é tão pouco diminutivo. Existe no Paraná Jacarezinho, cidade, mas é palavra híbrida, com o sufixo português e não tupi. Teodoro Sampaio escreveu: "Jacarehy-correto jacaré-y, o rio do jacaré, S. Paulo". Von Martius: "Jacarehy-agoa de crocodilo". Deste autor ainda: Pajehu, "Triplaris Pajeu et aliae".

Ficam, assim, explicados os vocábulos constantes da sua carta, mantendo-se corretamente no "Dicionário Escolar da Língua Portuguesa" desde a 1a. até a 7a. edição. Já que o sr. é curioso de etimologias, recomendo-lhe o meu Grande Dicionário Etimológico e Prosódico da L. P." edição da editora Saraiva, S. Paulo, em oito volumes. Só da letra A, 1.º volume, constam 36 mil vocábulos com suas origens. Pode encomendá-lo à editora, rua Fortaleza, 53, S. Paulo.

No mais, aqui me fico sempre ao seu dispor e à sua amizade.

(a) Prof. Dr. FRANCISCO DA SILVEIRA BUENO
Rua Pedro de Toledo, 195 — S. Paulo

NOTA DO PROVINCIANO

Não mencionei em minha primeira carta que, em Jahú haja elemento que indique grau diminutivo. Imbuhy sim, e imbuy não, são duas palavras de sentidos diferentes, o diminutivo era grafado com o sufixo hy.

S. Senhoria confessa que: "Jacarehy, rio dos jacarés, cidade paulista, poderia ser escrito jacarehu, mas nunca o foi".

Ajudou-me bastante quando confessou sem querer que, "RIO DOS JACARÉS", poderia ser escrito Jacarehu. Este vocábulo está certíssimo em ser traduzido como "RIO DOS JACARÉS", porque a desinência hú era designadora de rio, porém, JACAREHY não. Muitas pessoas crêem que Y, Yg, I ou Ig exprime rio.

Não, simplesmente designam água, porém em muitíssimos vocábulos o Y ou i com acento agudo, não são designativos de líquido composto de hidrogênio e oxigênio. O povo os tomava para designar água, outras vezes rio, o hábito indevidamente enraizou de tal maneira que, são classificados ora de rio, ora de água. Vejamos Ypiranga: Y (água), piranga (vermelho) = água vermelha. Isto é barrenta pela argila avermelhada. Os índios referiram-se a côr da água, não ao arroio.

A desatenção que os colonizadores deram aos dialetos amerígenas brasileiros, trouxe para o presente e futuro dificuldades.

Muitos vocábulos sofreram alteração, motivada pela evolução da estética linguística, outros pelo vício de linguagem, ocasionado pelo mau emprêgo da ortolexia dos colonizadores e o africanismo.

Por exemplo: Y-ARA-YG-BOY em seu original, presentemente ARARIBÓIA.

Todavia, os sufixos indicadores de diminutivo e aumentativo são os mesmos de outrora, simplesmente passaram obedecer a grafia do sistema ortográfico moderno.

Citou naquela carta como todos podem ver — “Imbuhy, corretamente imbui não é o diminutivo de imbu, mas o Y indica rio: do imbu. Se fôsse diminutivo viria grafado imbuhi, imbuí, imbuim. Cajuy está dentro dos mesmos conceitos: o rio do caju e não o cajuzinho”.

Em 1926, quando fui transferido para o Rio de Janeiro, lá encontrei Imbuhy e Imbuy. Este nome era denominação de um forte do Exército, aquêle outro de uma barca da Comp. Cantareira transportadora de passageiros entre o Rio e Niterói, e vice-versa.

Eram escritos assim, porque formam sentidos diferentes, não foram escritos por burrice de quem os grafou.

O Prof. Dr. Silveira Bueno, em linhas precedentes citou que, imbuhi, imbuí, imbuim, são diminutivos. No entanto, esqueceu que o i sufixado ao vocábulo imbu é o substituto do Y ou hy pela regra ortográfica atualizada, antes havia negado que Jacarei — Imbuí — Cajuí, não tinham participação com diminutivo. “Imbuhi a regra ortográfica condena, “imbuim” é termo nôvo que ainda não está conhecido.

Não tenho intenção de depreciar S. Sa., acato sua pessoa e curvo-me perante sua riqueza intelectual.

Tanto reconheceu a veracidade do fato que declarou: “Jacarei poderia ser grafado jacarehu, mas nunca foi”.

Não era e não é escrito como o Prof. Dr. Silveira Bueno citou, porque entre jacarei e jacarehu não existe paralelismo de sinonímia.

Jacarehy ou jacarei, é jacaré pequeno — Jacarehu ou Jacareú, é rio de jacaré.

S E G U N D A C A R T A

Juazeiro da Bahia, 26 de agosto de 1970

Ilmo. Professor Dr. SILVEIRA BUENO

Respeitosos cumprimentos.

Acabo de receber sua carta de 24 de julho, sofreu grande atraso do correio. Gostei imensamente da missiva por duas cousas: sua educação e os vocábulos da língua tupi enviados para mim.

Vamos perspectivar no assunto contido na minha carta anterior, que teremos a possibilidade de chegarmos a real conclusão. Eu como leigo e o Senhor atuando como douto, morfologista e etimólogo, assim o

considero, por ter conseguido organizar um Dicionário Etimológico e Prodico, obra de valor extraordinário. Mas, acresce uma circunstância, nós somos falibilíssimos em tudo.

Todavia, desde que descobramos rumo e orientação para afastar-se do erro, não devemos persistir nêle.

Não tenho propósito e capacidade de dizer que o Senhor está afastado do caminho certo. Estou procurando com respeito, clarear as trevas com a lógica incontida de quaisquer sofisma. Eu vivo naquelas intelectualmente e, o Sr. na luz intelectual.

Certo estou de que, haverá justiça de sua parte, por possuir raciocínio agudo e luzes das letras, fazendo-lhe discernir todo princípio certo, sobre tudo, à luz das provas que passo a expor.

Todo vocábulo tupi que tinha o sufixo *hy*, pela antiga ortografia, jamais deixou de exprimir diminutivo do termo.

Agora, pela ortografia simplificada, aquêle sufixo, foi substituído por *ai*.

Então, JACAREHY que era o assunto ventilado em minha carta de 15 de junho do ano vigente, e reiterado por esta, em virtude do Sr. não ter concordado com a realidade, segundo sua carta de 24 de julho, em resposta aquela minha.

Pela luz da coerência, Jacarehy ou Jacareí significa : jacaré pequeno. E, não, como o Senhor classificou de : "O RIO DO JACARÉ", em seu Dicionário Escolar da Língua Portuguesa, adotado pelo Ministério da Educação e Cultura.

O famoso indianista Theodoro Sambaio com *Th*, escreveu : Jacarehy e não de outro modo, porque a grafia correspondendo ao significado era aquela. Isto é, jacaré pequeno. Se fôsse um estrangeiro que tivesse grafado daquêle modo, poderíamos impugnar temendo inexatidão.

Outra corroboração da verdade, é que o povo paulista é culto e não bronco, manteve escrito o sufixo no topônimo daquela cidade, porque tinha convicção da exatidão. Se não tivesse, teria modificado para : Jacaré-y ou Jacarey, que nestes modos, toma sentido diferente de JACAREHY.

Agora vamos ao assunto do porquê daquela palavra e outras terem recebido o sufixo *HY* e não *Y* ou *I* grosso como primitivamente usava-se êste último. Para clareza e evitar confusão, os estudiosos do indianismo no passado, convencionaram o sufixo *hy* como primitivamente e substituíram o *I* grosso por *Y* com a mesma ortoépia e fonema.

Não entro em maiores pormenores, porque o Sr. é conhecedor mais do que eu. *Aquela desinência, foi substituída por í com acento agudo, depois de criada a nova ortografia ou simplificada. Donde deu origem : Jacareí em vez de JACAREHY. (Ita,(Itahy), Enxuí(Enxuhy), Cajuí (Cajuhy), Piráí(Pirahy), Piauí (Piauhy), etc.*

Portanto, meu prezado e ilustre Professor Dr. Silveira Bueno, aí está a verdade nua e crua, sobre o diminutivo de jacaré e outros termos homogêneos, que o Senhor não quis se conformar.

Não é inovação minha, é a representação fiel deixada pelos nossos estudiosos do passado, a quem devemos tudo do que sabemos.

Em sua carta citada no início desta minha, o Sr. afirma : "Tôda a tradição local é de rio dos jacarés e sempre jacarey, hoje, Jacareí".

Dr. Silveira Bueno, o nome daquela cidade, tinha o sufixo *hy* e não *y*.

A tradição só deve ser mantida de pé, enquanto não aparecer engano.

O senhor julgou que sou bahiano, quando citou Teodoro Sampaio como meu conterrâneo, pelo contrário, originaram-me na terra alencarina. Aqui fixei residência e estou aposentado.

Seria prazer para mim, em tê-lo como meu conterrâneo. Estou convicto de que, não precisaremos recorrer aos Acadêmicos da Majestosa Academia Brasileira de Letras. Medite, responda e faça a devida correção do termo, no Dicionário Escolar da Língua Portuguesa, adotado pelo Ministério da Educação e Cultura.

No caso de proceder assim, não pense que, o seu fulgor intelectual diminua, ao contrário, reacende.

Essa troca de correspondência entre nós, para elucidação de um vocábulo, não tem sentido polêmico, porque não somos polemistas.

Encerro esta com um abraço fraternal para o Senhor, pedindo-lhe desculpas.

(a) JOSÉ DOS ANJOS DIAS

TRANSCRIÇÃO DA RESPOSTA DO Dr. SILVEIRA BUENO

São Paulo, 16 de dezembro de 1970

Ilmo. Sr. José dos Anjos Dias

Bom Natal e Bons Anos.

Tendo sofrido grave intervenção cirúrgica, estive nas Águas de S. Pedro de Piracicaba a fim de restaurar a saúde abalada, donde somente há pouco regressei. Recebi a sua carta e como os seus argumentos de pessoa simplesmente curiosa dos assuntos de etimologia tupi-guarani nada de novo trouxeram ao problema já por mim largamente discutido, achei que não lhe devia responder.

A sua opinião tem contra si os estudos dos mais abalisados autores, tanto brasileiros quanto paraguaios e argentinos. Estes são especialistas em tais estudos: Bertoni, Jover Peralta, Padre Guash, Mallareth para citar apenas uruguaios, paraguaios e argentinos. Os nossos são já bem conhecidos. Nada, portanto, que lhe favoreça a opinião.

Desejo-lhe bom Natal e Feliz Novo Ano, com muita saúde e paz.

(a) Prof. SILVEIRA BUENO

P. S. — *Conhece o sr. "Grande Dicionário Prosódico-Etimológico da Língua Portuguesa", 8 volumes, edição Saraiva? É o meu trabalho mais alentado, tratando especialmente de etimologias. Deverá ser uma obra de agradável leitura para o amigo. A editora Saraiva vende-a a prestação. — S. B.*

P E Q U E N O E S C L A R E C I M E N T O

Não tendo conseguido afastar a bruma que envolve a significação do termo JACAREHY, através de correspondência mantida com o Prof. Dr. Silveira Bueno, resolvo pedir aos homens de letras que, tomem o caso para si, procurando com carinho patriótico, fazer com que o Dr. Silveira Bueno chegue a realidade, a fim de ser preservada para a geração vindoura, a sinonímia irrepreensível do vocábulo em tela.

Bem assim, solicito ao Dr. J. de Figueiredo Filho, Presidente do Instituto Cultural do Cariri, guarida na Revista Itaytera para mandar publicar as correspondências permutadas, sem finalidade, exclusivamente para esclarecimento. O vocábulo JACAREHY, não tem significação de

“O RIO DO JACARÉ”, assim como o Prof. Dr. Silveira Bueno que e vulgarizou no Dicionário Escolar da Língua Portuguesa, adotado pelo Ministério da Educação e Cultura. Aquêlê têrmo tupi era, é e será sempre “jacaré pequeno”, porque o sufixo *hy* designava pequenez, não rio.

Tanto reconheceu a veracidade do fato que declarou: “Jacarei poderia ser escrito *jacarehu*, mas nunca o foi”.

S. Sa. Dr. Silveira Bueno, em sua última carta citou Bertoni, Jover Peralta, Pe. Guash e Mallaret. Ao passo que, deveria ser mais claro, isto é, citar as desinências que empregavam no passado para indicar os graus dos substantivos que indicam tamanho físico, pequeno e grande.

Não mencionou, porque achou que tem contra si a verdade ou os desconhece, resolvendo de começo ao fim negar que *Jacarehy* não significa jacaré pequeno.

Em sua primeira carta, apresentou uma carretilha de vocábulos tupi, desnecessários, para tomar tempo e deixar o Provinciano cearense amaranhado. Achou que, se confirmasse a verdade apresentada por mim, sua projeção literária perderia o equilíbrio, porque alcunhou um sinônimo por equivocação. Não, continuaria no mesmo centro de gravidade.

Julgou-me um “ZÉ NINGUÉM”, apesar que reconheço em mim ausência de quantidade. Em sua última carta declarou: “Recebi a sua carta e como os argumentos de pessoa simplesmente curiosa dos assuntos de etimologia tupi-guarani nada de nôvo trouxeram ao problema já por mim largamente discutido, achei que não lhe devia responder”.

Com referência ao assunto debatido, acho que S. Sa. deveria ter recorrido aos entendidos do assunto de Norte a Sul, citando que, “ZÉ NINGUEM” como julgado, procura provar que antigamente os estudiosos da Língua Tupi, estabeleceram por convenção empregar o sufixo *hy* como diminutivo além do mirim, e esperar o resultado para poder emitir parecer.

Porém não foi assim, deu opinião à maneira sua, por desconhecer o papel representativo do sufixo *hy* naquêlê sentido, dando o assunto por encerrado, porque achou que o Provinciano cearense é discente dêste assunto.

Para evitar equívoco com as palavras terminadas em *Y* que não tinham sentido pequenino, porém idéias diferentes, então, ficou convencionado o uso do sufixo *hy* como diminutivo.

Daí então, passaram a grafar: *jacarehy* em vez de *jacarey*, *cajuhy* / *cajuy*, *itahy* / *itay*, porque tôdas elas e uma infinidade de outras, indicam tamanho pequeno.

Itahy era topônimo paulista, *jacarehy* filhote de jacaré e nome de uma cidade em S. Paulo, *cajuhy* os cajuzinhos.

Havia três maneiras usadas pelos índios para expressão de pequeno no final dos vocábulos, muita gente desconhece.

Ei-las: *MIRIM*, *Hy* e *Ry*, vou exemplificar algumas. *Cajá-mirim*, *Parnamirim*, *Aruá-mirim*, etc. *Jacuhy*, *Tatuhy*, *Araçahy*, etc. *Taquary*, *Araçary*, *Jaguarary*, etc. A fim de provar mais uma vez ao Dr. Francisco da Silveira Bueno que, o sufixo *hy* indicava tamanho miúdo, clareio para S. Senhoria mais um pouco. A ave *japu* existe em dois tamanhos, grande e pequena. Esta, os índios chamavam-na de *japuhy* e, aquela de tamanho normal *japuguaçu* (*japu grande*).

Deus irradiou luz e sabedoria aos brasileiros do Sul e do Norte, não reservou exclusivamente para uma extremidade.

A A B B

ASSOCIAÇÃO ATLÉTICA BANCO DO BRASIL

C R A T O

* * *

**MANIFESTA SEU REGOSIJO JUNTO A
INTELECTUALIDADE DO CEARÁ PELO
LANÇAMENTO DE MAIS UM NÚMERO DE
ITAYTERA — PRODUTO DO ESFÔRÇO E DA
CAPACIDADE REALIZADÓRA DOS HOMENS
CULTURA DE NOSSA TERRA**

* * *

**Visite sempre a nova
A A B B
símbolo pujante do
novo Crato!**

A Maior Riqueza Paleontológica do País

J. DE FIGUEIREDO FILHO

A chapada do Araripe, manancial perene de produção múltipla do Ceará e de outros estados nordestinos, na camada inferior, é forrada de calcáreo. As águas pluviais se acumulam nessa plataforma subterrânea e escoam-se pelos pés de serras, formando as célebres nascentes a irrigarem seus canaviais, fruteiras, ou outras plantações.

A erosão, através dos milênios, também escavou socavões e pôs ao nu, o depósito inesgotável de fósseis, das mais variadas espécies. Constitui o maior tesouro paleontológico do Brasil inteiro e talvez, da América Latina.

Não sou cientista. Apenas cronista de jornais e autor de livros em tórno da região. Leio bastante a fim de distrair-me, e de alguma forma ilustrar-me, dentro das limitadas possibilidades do meu intelecto.

Geólogos me informaram, através da leitura, que o Araripe, tão plano lá em cima, e revolvido cá em baixo, de um lado ou de outro, do imenso chapadão, foi vítima de várias convulsões na formação do globo terráqueo. Suas testemunhas sobrevivem e podem ser minuciosamente estudadas. Esta zona foi lagoa doce e depois comunicou-se com o oceano salgado. Há vestígios de peixes, arraiais cretáceos, vegetais, uns que viveram em meio fluvial e outro, no ambiente marítimo. Tudo isso constitui riqueza que fará, no futuro, o paraíso dos paleontologistas, ou geólogos.

Todo o Cariri, parte de Pernambuco, Piauí, estão atingidos por esse aglomerado de seres vivos, sarcófagos, os quais medraram há cerca de 100 milhões de anos.

Na lagoa de Santana, onde reside o poeta Patativa, no seu leito, há depósito de esqueleto de animais gigantes, antediluvianos. Em certos lugares, daquelas paragens sertanejas usam-se omoplatas enormes, a maneira de tamborête.

Espix e Martius identificaram fósseis do Araripe, em 29 e em 1838, o viajante inglês Gardner os descreveu, minuciosamente, em Santana do Brejo Grande, durante a sua viagem ao passar pelo Cariri cearense.

Todo esse acervo colossal de preciosidades, testemunhas autênticas das convulsões geológicas que prepararam o mundo para o homem habitar, está sendo disperso. São vendidos fósseis nas próprias feiras semanais. Outros são conduzidos em caminhões até ao sul, enquanto muitos são consumidos pelo fogo destruidor nas caieiras, no preparo da cal, ou óxido de cálcio.

Há dez anos, em Jamacaru, distrito de Missão Velha, o Pe. Nery Feitosa resolveu, com seus alunos, criar um Museu especializado. Levou avante seu empreendimento.

Muitos paleontólogos que o visitam, entusiasmados, classificam-nos e descrevem sua denominação científica admiram-se do esforço do Vigário e tornam-se propagandistas daquela obra que se faz, em pequena localidade, em revistas e jornais. Acusam, acima de tudo, a destruição crescente daquele acervo de preciosidades expostas, como se não tivessem leis a defendê-las. Advogam para que Jamacaru seja, em futuro próximo,

Comenda ao Senador WILSON GONÇALVES

POR MOTIVO DA OUTORGA DA COMENDA DA ORDEM NACIONAL DO RIO BRANCO AO SENADOR WILSON GONÇALVES, O ICC ENVIUO-LHE O SEGUINTE OFICIO :

Crato, 25 de Abril de 1972

Exmo. Senhor
SENADOR WILSON GONÇALVES
SENADO FEDERAL
BRASILIA — DISTRITO FEDERAL

Prezado Senhor :

O INSTITUTO CULTURAL DO CARIRI, que tem a satisfação de contá-lo em seus quadros, na qualidade de Sócio Bemfeitor, envia a V. Excia. congratulações pela outorga da Comenda da Ordem Nacional de Rio Branco, conferida pela Presidência da República.

É honra bem merecida, pois V. Excia. tem desenvolvido trabalho importantíssimo no Senado Federal, enchendo de orgulho a Cultura e Patriotismo do Crato, cujo passado é cheio de glórias, notadamente em sua valiosa contribuição nas lutas em prol da Independência.

A vitória de V. Excia. é desta nossa terra, que o tem entre seus filhos mais ilustres.

Pela Grandêza do Brasil,
Atenciosamente,

J. ALVES DE FIGUEIREDO FILHO — Presidente

espécie de PARQUE NACIONAL DE FÓSSEIS, cujo embrião, o Pe. Nery Feitosa iniciou com tanto calor e força de vontade.

O Instituto Cultural do Cariri, sediado em Crato, será de agora em diante, seu guardião, pelos jornalistas que possui em seus quadros sociais. Através de seu presidente, a sua defesa, de acôrdo com a lei esquecida, cujo trecho citaremos, será apresentada a guiza de MOÇÃO, no VI Simpósio de História, onde reunirá mais de 400 historiadores, a realizar-se na próxima Semana da Pátria, na capital de Goiás. Vejamos apenas seus dois primeiros quesitos :

“Artigo Primeiro. Os monumentos arqueológicos e pre-históricos de qualquer natureza existentes no território nacional e todos os elementos que neles se encontram ficam sob a guarda e proteção do Poder Público, de acôrdo com o que estabelece o art. 175 da Constituição Federal.

Parágrafo Único. A propriedade da superfície, regida pelo direito comum, não inclui as jazidas arqueológicas, ou pre-históricas nem a dos objetos nelas incorporados na forma do Art. 152 da mesma Constituição” (Lei de 26 de Julho de 1961).

Proposições para um Super-Herói

TIAGO FIGUEIREDO DE ALENCAR ARARIPE

Um estudante de arquitetura, chamado Poo, não acredita mais na faculdade e, ao mesmo tempo é persuadido a continuar nela. Num terceiro de macumba êle adquire as forças espirituais que lhe possibilitam transformar-se no Homem Toque, um anti-herói com emanações que se solidificam através da pele, transformando o jovem Poo em alguma coisa super, com aquêles poderes & babados. Nessa série de estórias, os vilões que o Homem Toque irá enfrentar não se assemelham em nada aos demais vilões que se conhece dos quadrinhos, tais como o Dr. Silvana (de "Capitão Marvel"), Luthor (de "Super Homem"), João Bafodeonça (de "Mickey"), Duende Verde (de "O Homem Aranha"), ou qualquer outro. Porque o Homem Toque é a sátira a êsses heróis, projeções símbolos do homem médio do stabilishment. Como Poo pertence ao sistema, será o grande bandido que o Homem Toque sempre enfrentará, em uma série de problemas metafísicos. Na lista estão também seus pais, seu analista, o pecado original, a faculdade, a labirinto de contradições de sua personalidade conturbada e esfacelada. Como personagem desmistificante, Toque avacalha com a modéstia de heróis íntegros como o Superhomem, se promovendo, dando entrevistas à imprensa, não fazendo questão de manter sua identidade secreta, num verdadeiro vôo de ego trip. Para que a coisa fique mais satírica e ridícula, nosso herói é o primeiro a ser assessorado por um empresário, o rato Suife, que, além de patrocinar suas lutas é ainda seu relações públicas, o super-herói assemelhando-se, aí, ao super-astro de televisão, noutra jogada gozativa. O rato suife também é usado metalinguisticamente, quando se dirige ao leitor para informar sôbre o Homem Toque, para fazer propaganda dêle e persuadir o leitor a comprar o próximo exemplar da revista.

Para brincar com aquela história sôbre o caráter bi-sexual de gente como Mandrake, cuja frieza com a bela Narda é bastante suspeita (e o que faz aquêle homem forte, Lothar, sempre em sua companhia?), o Fantasma (que raramente é visto beijando a linda Diana Palmer), ou mesmo Super-Homem, que nunca se decide sôbre Miriam Lane, o desenhista deu ao Homem Toque tôdas as características de desmunhecação, uma bichice aberta e sem subterfúgios, que contrasta ridicularmente com o próprio estudante Poo, que tem o aspecto de machote muito louco, sempre preocupado com seus problemas existenciais.

Utilizando-se da metalinguagem, o autor poderá estabelecer um elo entre seu personagem e um outro pertencente já a uma distribuição elaborada dentro dos esquemas morais e monetários do sistema. Como, por exemplo, uma troca de correspondência entre o Homem Toque e o Homem Aranha, de Stan Lee. "O que significa lutar contra o mal?", escreve Toque em uma de suas cartas. "Não é tudo uma enorme chaga? Como você pode ainda distinguir o que é bom do que é ruim?"

"O Homem Toque" é uma revista que poderá ser lançada nêsse primeiro semestre de 1972, em Recife, escrita por mim e desenhada/recriada por Rodolfo Mesquita. Acho sacal esquecer eu mesmo sôbre ela, mas creio ter deixado uma pista. Sua preocupação principal (e talvez única), é apenas a de ser uma revista criativa.

"Êle tem podêres que nenhum outro ser possui. São emanações

Crato, 20 de Abril de 1972

Exmo. Senhor

Cel. CESAR CALS DE OLIVEIRA FILHO

M.D. Governador do Estado do Ceará

Palácio da Abolição

FORTALEZA — CEARÁ

Senhor Governador :

O INSTITUTO CULTURAL DO CARIRI, que muito tem feito pelo desenvolvimento da Cultura, em toda esta zona, toma a liberdade de pedir a V. Excia. o máximo de interesse para a breve concretização do GINÁSIO POLIVALENTE, no antigo edifício do Seminário de S. José, em Crato. É escusado lembrar a V. Excia. que a juventude cariense precisa ser encaminhada a profissões que lhe garantam o futuro, neste Ceará e neste Brasil, em franca e acelerada evolução.

Só o ensino de letras não basta ao homem de hoje, especialmente quando ainda é diferente, como em qualquer outro recanto do Nordeste.

O prédio vasto e confortável, quase centenário, de tradição educacional elevada, dispendo de condições de higiene, oferece todas as vantagens para realização de tal monta.

Convém lembrar a V. Excia. que a Comissão encarregada desse empreendimento, está entregue a vultos eminentes de nossa sociedade, assim assegurando-lhe êxito completo, se não faltarem os recursos indispensáveis.

Todas as entidades locais e regionais estão sendo mobilizadas para o Ginásio Polivalente, desta Cidade.

O Instituto Cultural do Cariri, reconhecendo o valor e o patriotismo do atual Governo Cearense, deposita em mãos de V. Excia. o futuro dessa nova iniciativa de Crato, cidade que se caracteriza pelo inato espírito de pioneirismo das boas causas.

Pela Grandêza do Brasil.

Atenciosamente,

Dr. José Alves de Figueiredo Filho
Presidente

João Lindemberg de Aquino
Secretário Geral

espirituais, flúidos cósmicos que se solidificam através da pele. Ele pode voar, o que não é nenhuma novidade em matéria de super-heróis, pode atravessar paredes, etc., etc. O **HOMEM TOQUE É UM HERÓI META-FÍSICO**". (Rato SUÍFE, seu empresário).

Quem se interessar pela problemática dos super-heróis, ou mesmo sôbre quadrinhos em geral, no Brasil já temos uns livros bons, como : **BUUM — A EXPLOSÃO CRIATIVA DOS QUADRINHOS**, de Moacyr Cirne. Editôra Vozes.

A LINGUAGEM DOS QUADRINHOS (O Universo Estrutural de Ziraldo e Maurício de Souza), de Moacyr Cirne. Editôra Vozes.

SHAZAM!, coletânea dirigida por Álvaro do Moya. Uma espécie de Bíblia dos quadrinhos. Editôra Perspectiva, coleção Debates.

O **MUNDO DOS SUPER-HERÓIS**, número da revista "Vozes", com artigos de Moacyr Cirne, Ziraldo e entrevista com Maurício de Souza, além de um dicionário e classificação dos super-heróis quanto aos seus poderes.

APOCALÍPTICOS E INTEGRADOS, de Umberto Eco, onde consta um capítulo de 41 páginas sôbre "O Mito de Superman". Editôra Perspectiva, coleção Debates.

A Girândola

conto de

FRANCISCO ASSIS DE SOUSA LIMA

Sob a crosta, a girândola iniciou seu movimento. Um som grave rompeu a rígida membrana da terra e espalhou os ventos para além dos montes. Foi a gênese.

O vento varreu as pedras e os terreiros e penteou com sua mão os gramados remanescentes das planícies. Mas sobretudo habitou a areia, deu espírito à sua densidade vítrea, irrigando com seu sangue a pálida face das imensas superfícies.

Lembro-me bem, a primeira fonte nascera tímida, quase inofensiva por entre as locas de duas rochas escuras, e foi contemplada com alegria pelos conselheiros das populações. Depois novas fontes surgiram, minas vomitaram mais areia — muito escorregadia e fina — que foram calçando os vales e montanhas, percorrendo estradas, pavimentando ruas em tôdas as aldéias. Os conselheiros das populações pararam de sorrir. E as pessoas, olhando longamente a extensão amarela, esboçavam um pânico morno de dentro de suas máscaras mofadas.

Os pensamentos e desejos se confundiam na areia. Também os gestos o imobilizavam nos seus esconderijos. E a extensão dos ventos e dos homens transportaram dôres que se acumularam como em flocos de vácuo, para se incrustarem depois nos espiritos parados das areias.

Foi quando a noite cerrou-me as pálpebras para o grande sono: a girândola inverteu seu movimento, talvez, e me arremessou como um grão para longe das turbas inertes e para além das suas vociferações.

* * *

Quando acordei estava dentro do baú. Respirei o intenso cheiro das aranhas fossilizadas e as emanções de todos os insetos. Havia o zumbido acumulado de sobrevoantes morcêgos, pois seu aroma percorria o som em tôdas as direções como ondas invisíveis, mas pressentidas com incrível fôrça. O cedro rescendeu em mistura.

Andei com cuidado, para não acordar os espíritos latentes ou agnizantes e nem removê-los dos seus ninhos sujos. Mas em pouco tempo o meu leve passo ressoou na madeira, e um côro sonolento respondeu envolvendo o espaço e magnetizando-o.

Estavam reconstruídas as antigas correntes da vida. E comecei a mergulhar através delas em busca das próprias segregações e dos próprios limites, mas principalmente como reação às vozes das areias ainda não de todo caladas em meus ouvidos.

Deparei com o lampião, que me fitou com luz cinzenta por cima do seu frágil óculo. Projitou as antigas sombras — cinemas naturais bordando os outões das velhas casas — e as imagens representavam o sonho de alguma criança adormecida na unidade. Eram figuras imensas, deformadas, que duravam um segundo e logo depois morriam amargamente. O óleo queimava lento, mas se percebia um leve crepitar na chama. Isso evocava as antigas choupanas das serras cujo único traço

de vida é o fogo. O fogo é a luz e o calor assistindo o nosso tímido passo, olhando de perto e de longe a grande dúvida: o pasmio.

E por cima a pesada tampa do baú, cobrindo como um selo tôdas as mortes e tôdas as vítimas. Aos lados, tábuas verticais limitando um espaço pequeno, mas encerrando um enorme mundo de sombra, e no entanto real; velando um mundo extinto há décadas ou milênios, e no entanto tão próximo e único. Pois além dêle, restava apenas a lembrança lúgubre da areia e do vento, do sibilar intermitente dos açoites, da doentia e branca paisagem; acima de tudo, do desespero a morar no sangue e a percorrer os glóbulos para fixar suas pegadas para sempre.

Continuei a apalpar o espaço da penumbra e tropecei em velhas ferramentas. A foice, o ôlho de enxada, o caco de vidro e a espingarda, com a sua pólvora, o seu chumbo e a sua espoleta: estilingues prontos contra uma passarada humana, distante como aquêlo fogo, ou como o mesmo baú.

Houve um barulho, fazendo-se emergir dos silêncios os rústicos exércitos dos sertões. O tropel de cavalos poderia ser ouvido, e naquela transmutação do tempo no espaço também haveria lugar para algum grito anunciando a chegada da morte.

Mas no baú não se ouvia a morte; mas a revitalização das auroras morrentes. Havia o renascer de sóis em douradas manhãs, vibrando em cordas orgânicas no coração dos patriarcas adormecidos. Havia sinos tangendo mortos para além do domínio dos baús e das areias, pequenos mortos estreitados no peito das mães da geração.

Ainda ouço bem o som épico das cerimônias herméticas, elevadas aos céus para glória de deuses herméticos e ausentes.

Algumas vêzes me punha à escuta do que pudesse estar acontecendo lá fora. E sempre uma onda de náusea me ligava como um cordão umbelical aos ventos e ao rodopio das areias. Então me grudava com mais fôrça ao baú, como um menino que se protegesse no seu frágil brinquedo defendido por êle contra o mundo. E eu me colava mais às paredes, me estreitava nos seus recantos mais escuros tentando calar as vozes minadas do mêdo. Geralmente adormecia estristecido e caminhava para a companhia de sonhos inquietos que me falavam dos dois universos opostos então me revelados por obra e graça de uma girândola.

Continuaram as minhas andanças pelo baú. Abalroei num pequeno cofre de moedas antigas e vi tilintarem cifras insignificantes ao redor, e vi desacordadas as ilusões profanas de civilizações rústicas e singelas.

Era difícil acreditar, mas impossível também estar sendo enganado por todos os sentidos. O baú era cheirado, era apalpado, era sentido, e acima de tudo me abrigava. Nêle se encontrava o motivo da grande saudade pressentida naquelas tardes arenosas estendidas como um manto de dor sôbre tôdas as coisas. Sômente não me sentia só. À minha volta, havia a presença invisível de fantasmas vivos, e o espectro de um mundo encaixado.

No entanto, pairava no ar o pressentimento do fim: alguns pontos do baú transmitiam em fluxos pedaços de uma paz inquieta (como se me fôsse negado o direito daquele esconderijo) e o espanto começou a fazer morada dentro de mim. O ar se deslocava brandamente quando os espíritos dêbeis caíam através das frestas sôbre tudo. Tristes coisas me eram ensinadas acêrca da ferrugem, do deterioramento das dobradiças, dos pregos, da fechadura e dos cadeados.

Haveria, de fato, um mundo a preservar? Ou seria a areia o

BRASIL GRANDE

Ao General RAIMUNDO TELES PINHEIRO

G . L O B O

Escuta irmão :
Este Colosso é nosso
A Liberdade é nossa !
Nosso também
Esse lindo Pendão
Verde e Amarelo
Que tremula altivo,
Nunca foi cativo
Nem será jamais !
Vê bem, amigo :
Nosso céu é lindo,
Eternamente lindo,
Nosso céu de anil !
Nosso Brasil
Tem as mais lindas praias,
Ensolaradas praias,
Belezas sem par !
Tão grande o mar !
Florestas, rios,
Imensos, ricos !
E os minerais ?
Jazidas colossais
Muitas riquezas
Por explorar !
A Natureza,
Mãe dadivosa,
Tão generosa

Tanto em beleza
Como em favores,
Livra-nos sempre
De maremotos
De terremotos
E dos vulcões !
Sem nos dar desertos
Nem glaciares
Fez-nos eterna
A Primavera !
E ainda mais :
No solo fértil
Plantou amores,
Nasceram flores
— Prosperidade,
Nasceu a Paz
— Tranquilidade !
Vamos fazer
Nosso Brasil crescer
Sempre adorado
E respeitado;
E cada vez maior
E cada vez mais forte !
Do sul ao norte,
Unidos sempre
Vamos fazê-lo
Sempre melhor !

destino inexorável dos sobreviventes ? (Eu já sentia nos lábios as rachaduras sulcadas pelos ventos exteriores; era como assistir com a antecipação da tarde o pesadelo que me acometeria durante a noite; era suplicar um pouco de água no instante que antecede a morte).

Mas não ! Um homem pode permanecer em campo mesmo depois de finda a luta, quando já foram arrastados para os fossos e carcaça dos mortos e feridos. Mesmo sendo êle um fraco a sua presença irradiará um foco de desespero e espalhará a lividez nos arbustos e na folhagem. E eu ia conservar meus olhos atentos para o nada, e projetá-los vermelhos contra a areia.

Mas eu sabia : eram pequenas as minhas defesas.

Se uma criança nunca chora inútilmente, haveria um baú a transbordar.

* * *

Gradativamente a primeira noite correu para a madrugada. Apenas alguns orvalhos trouxeram a manhã.

De sob a crosta ouviu-se o eco de um grave ruído : uma girândola inerte iniciou a devastação.

Quixadá Felício

F. F.

A traiçoeira, a moléstia que tem desafiado a ciência mais adiantada do planeta, acaba de fazer outra vítima, em Fortaleza. E foi um médico e dos bons, tal o seu atrevimento. Trata-se do velho amigo Dr. Quixadá Felício que morou muitos anos, nesta cidade de Crato e aqui se radicou. Transferiu-se depois para a capital do Estado, onde continuou a clinicar e escrever belas crônicas na imprensa, particularmente no O POVO.

Conheci-o à primeira vez, em Salvador, quando estudava, com brilhantismo, conforme me confessou o dr. Fernando S. Paulo, na tradicional Faculdade de Medicina, forja dos melhores médicos do país. Trabalhava em jornal, para manter-se nos estudos e ajudar a família dos pais.

Vi-o depois, em Fortaleza. Foi encontro agradável para mim e manifestou êle vontade de transferir-se para minha cidade. Eu mantinha farmácia, naquele tempo, bem afreguesada. E foi a Farmácia Central a porta de entrada do Dr. Quixadá, em nosso meio. Pelos seus conhecimentos, dedicação à pobreza e critério no tratamento, num abrir e fechar de olhos, firmou clínica bem sólida. Visitavamo-nos de quando em quando. Meus primeiros netos tinham verdadeira veneração por êle e passou a colecionar caixas de fósforos vasiaas, só por um pedir-lhe.

Tivemos rugas. Não há amizades sólidas sem elas. Até os casais que se gostam imensamente, em certos momentos, não afinam os entendimentos. Tôdas tinham como origem Crato. Examinadas minuciosamente, mostraram que nossa cidade também era amada pelo filho adotivo, embora diferente de meu modo de pensar. Aqui organizou movimento literário que ficou inscrito nos anais da história literária do Ceará. Foi o conhecido CONGRESSO SEM POESIA no rigor da segunda e trágica guerra européia, quando Fortaleza encabeçou o CONGRESSO DE POESIA.

Há poucos dias, na Faculdade de Filosofia de Crato, com o escritor Otacilio Colares, do movimento fortalezense, recordamos aqueles dois congressos. Em palestra que pronunciou, chegou a vaticinar pesaroso o breve desaparecimento daquele vulto que encabeçou com brilhantismo invulgar o Congresso de Crato.

Graças a Deus, antes mesmo de ser conhecido o diagnóstico da doença que o roubou de nossa amizade, da família, da clínica e do jornalismo, fizemos as pazes em abraço que provocou lágrimas. Eu tinha nostalgia do convívio daquele bom amigo de tantos anos. Alguns dias depois, escrevi o caso de nossa reaproximação, em jornais de Crato e de Fortaleza.

Poucos meses depois, soube da infausta notícia de sua doença. Acompanhei-a contristado através de notícias da Professora Adalgisa, Pedro Felício Cavalcanti e Isabel Virgínia, todos seus amigos do peito. Mandeí visitá-lo, em meu nome, por Luís de Carvalho Maia.

Quarta-feira quando saí à tarde, Miguel de Brito deu-me recado de Pedro Felício dizendo que Quixadá havia falecido. Fiquei emocionado. Tenho o coração desmantelado, mas cercado, com a ajuda de Deus, de couraça resistente. Lembrei-me do seu netinho, de seu filho Aristides, da viúva, d. Eli, de sua mãe dona Eulália, além de suas irmãs. Ninguém foi melhor com a família do que Quixadá Felício. Nem um outro soube encarar a adversidade da terrível moléstia do que êle. Sabia que tinha os dias contados. Suportou o martírio com heroísmo invulgar. Crato

Icó dos Velhos Tempos

ZULEIKA PEQUENO DE FIGUEIREDO

A velha cidade do Icó, renovada com o progresso, lembra estórias antigas, de ancestrais ha muito desaparecidos.

Foi, com Aracati, as duas mais importantes vilas do Ceará, quando, Fortaleza de Nossa Senhora da Assunção era apenas um burgo.

Lá, aportaram portugueses que receberam o nome de *marinheiros*.

Na guerra dos holandeses, família radicada na Paraíba, com filhos casados e netos não querendo deixar o Brasil, traduziu o sobrenome Klein, para Pequeno. O nome flamengo daria nas vistas, tanto por perseguição política como pela religião protestante, como disse Assis Chateaubriand, em artigo publicado em jornal do Recife, sobre o Pe. Abel Pequeno, seu amigo e protetor. Não sei qual o motivo de um membro da família se transferir para o Icó. Já casado com uma Tavares Munís, meu bisavô, também de toda a família Pequeno com raízes no Ceará, cujos descendentes emigraram do Icó para Crato, Fortaleza, Minas, Rio e S. Paulo.

Poucos conservam Pequeno no sobrenome. Com alianças diversas, o velho nome vai desaparecendo.

Meus netos daqui, assinam Figueirêdo de Alencar Araripe. Os nascidos em Recife, residindo hoje na capital de S. Paulo, Costa Carvalho de Figueirêdo.

Por ouvir contar tantas estórias antigas, o Icó ficou assim, como se nós fossemos um pouco de lá.

Quando de passagem de ônibus para Fortaleza, vejo aqueles sobrados antigos, recorro o que não vi.

Começo a fantasiar dramas de amor, tragédias, dores e alegrias, em tantas gerações que já se foram.

A não ser em trânsito, lembro-me que permaneci um dia, no sobrado de Marcial Teixeira Pequeno, primo e muito amigo de meu pai. Enquanto os adultos passeavam pela cidade, visitavam as Igrejas, fiquei brincando com os meninos. Ao regressarem, encontraram as cadeiras da sala de visita, todas de pernas para o ar. Quando mais criança, em uma dessas idas para a fazenda de meu avô materno, uma das poucas horas, foi em casa da veneranda Matrona, Dona Janóca Dias, sogra do primo de meu pai. Vaga lembrança desse dia.

Uma rede de varanda, num canto da sala de jantar, a bondosa senhora, de cabelos de neve e seu trato fidalgo em nos receber. Havia ela mandado preparar um lauto almoço, com Perú recheado.

Aconteceu porém, coisa desagradável aos visitantes.

Uma galinha requentada, no último jantar da jornada de quatro dias, a cavalo, de Crato a Icó, perturbou o aparelho gastro-enterico da caravana, escapando apenas eu que era pequenina e *fastienta*.

Como em tudo ha a parte cômica, preta velha, lá de casa, a quem chamávamos Mãe Jacinta, com seus brincos de ouro balançando, apenas desceu do cavalo, sem pedir licença, nem cumprimentar a dona da casa, correu a pendurar-se no alto ferrolho do portão do terraço, em procura

em peso o chorou também porque nunca deixou de ser sua terra adotiva, por excelência e por escolha espontânea do coração, daquele médico que tanto soube minorar ou curar o sofrimento alheio.

de lugar apropriado a seu vexame.

Ninguém provou do belo almoço de Dona Janóca.

Toda a cidade antiga tem suas crônicas. Passados anos os que apreciam folclóre, gostam de ouvir.

Havia no Icó, entre outros, costumes interessantes, dignos de registro. Quando nascia uma criança bonita, colocavam-na em grande bandeja de prata, adornada de flores, e mostravam de casa em casa, o lindo nenem. Depois de adulto, a mãe, toda vaidosa, costumava dizer: "meu filho, fulano, foi menino de bandeja".

Visitas eram anunciadas com antecedência. À hora marcada, as senhoras que já haviam providenciado os *agrados*, mudavam de trajés à espera dos visitantes.

O esporte das moças, eram os passeios a cavalo, pelas ruas, à tardinha. Certa vêz, contava minha avó, o jasmim disparou com ela e não houve acidente, porque o animal esbarrou contra um muro, dos que ainda se vêem na cidade.

Havia tragédias a lamentar. Negrinho escravo, de gente muito rica, mas que tratava os miseráveis como irracionais, quebrou uma bacia de louça de Macáu.

Castigo desumano! O chefe da família, enfurecido, atirou-o do sótão de seu magestoso sobrado. O resultado se conclui. Talvez *um acidente*.

Em uma dessas invernadas na fazenda, meus pais visitaram conhecidos, em uma velha propriedade, à margem do Jaguaribe. Lembro-me da casa grande, com escadaria de tijolos gastos, um cruzeiro em frente. Piso de soalho na sala, janelas de guilhotina, com vidros pequenos, coisas que não havia no sertão.

Aquilo me impressionou, como também uma rua de quartos de barro, cobertos de telhas, vizinhos à mansão dos ricos. Uma porta na frente, outra dando para o mato. Disseram-me que era, antigamente a senzália. Num canto escuro, um amontoado de ferros velhos. Curiosa, perguntei:

— "E isso, com êsses ganchos?" — Capacetes, encimados por chocalhos. O feitor ficava a escuta se os negros não paravam de trabalhar".

Graças a Deus, não vivi nesse tempo de crueldade.

Creio que herdei um pouco, das tradições ou abtrações dos parentes do Icó. Às vezes se incorre em faltas involutárias, mesmo sem ser de nosso feitio desagradar ninguém.

Uma dessas aconteceu, em tempos idos, a uma senhora de boa educação, naquela cidade.

Morava ela num dos sobrados da rua Grande.

No térreo, uma farmácia. O dono do estabelecimento tinha um apelido um pouco depreciativo.

A senhora vinha da missa, com uma negrinha atrás.

Cumprimentou, com um sorriso amável, o boticário: — "Bom dia, sr. Cachorro Pelado". Quando no meio das escadas a negrinha falou: — "Madrinha, a senhora chamou seu Cachorro Pelado". Ela, muito aflita, volta, às pressas para se desculpar. No mesmo lugar, talvez magoado, permanecia êle, a falta de freguesia em sua botica.

Naturalmente que, com justa razão, êle deve ter se melindrado com tal tratamento de uma senhora bem nascida. Apressada, ela diz: "Seu Cachorro Pelado, me desculpe de ter lhe chamado seu Cachorro Pelado.

Pior a emenda do que o soneto.

Notas Autobiográficas

J. LINDEMBERG DE AQUINO

Ainda é cedo para fazer minha autobiografia. Espero viver muito e realizar muita cousa, ainda, para o futuro. Mas é sempre bom fazer um pequeno resumo autobiográfico — porque fica o registro, gravam-se detalhes, isso ajuda depois, quando a memória começar a fraquejar, e os fatos começarem a ser esquecidos...

Sei que tais notas não interessam a ninguém — mas tenho de dar êsses dados ao Instituto Cultural do Cariri, de cuja Cadeira número 1 sou ocupante, tendo como Patrono essa admirável figura do Padre Ibiapina, por nimia gentileza dos consócios da nossa entidade de letras locais. O registro dêsse roteiro biográfico de minha pessoa é essencial para os arquivos do ICC — daí a minha preocupação de fazê-lo.

Não me move nenhuma vaidade, não tenho títulos a mostrar aos 4 cantos, toda a vida fui humilde, como humildes foram as minhas origens, às quais me mantenho fiel.

Começo dizendo minha ascendência: de Paulo Pereira da Mota, casado com Raimunda Mota, nasceu Maria Pereira da Mota Carvalho, casada com Joaquim Pereira de Carvalho, de onde nasceu Maria Thomaz de Aquino, casada com Manoel Aquino de Bomfim, de cujo casal proveio meu Pai, Joaquim Patrício de Aquino, nascido em Santana do Cariri, aos 5 de Dezembro de 1900, casado em 25 de Julho de 1925 com minha Mãe, Maria Rosa de Aquino. Esta, a parte paterna.

A ascendência materna mais longe que conheço vem de Francisco Ribeiro do Nascimento, que foi casado com Josefa Maria da Conceição, pais de Abdon Ayres do Nascimento, casado com Ana Maria da Conceição, por sua vez, pais de Maria Rosa de Jesus, minha avó, nascida em 10 de Março de 1889. Ela foi casada com Pedro Alves de Oliveira, de cujo consórcio nasceu Maria Rosa de Aquino, minha Mãe, nascida a 29 de Abril de 1907.

De Joaquim Patrício de Aquino e Maria Rosa de Aquino nasci eu, em casa modesta, á Rua das Laranjeiras, hoje José Carvalho, em Crato, antigo número 42, hoje 150, aos 4 de Junho de 1933.

Batizado na Sé Catedral de Nossa Senhora da Penha, em Crato, aos 19 de Julho de 1933, pelo Rvmo. Pe. Manoel de Alcântara, batismo anotado á folha 108, do livro 56, de Registro de Batisados, daquela Igreja, tive como padrinhos dessa cerimônia os portugueses de Fróssos, Manoel Simões Loiro e sua mulher, Maria.

O meu registro de nascimento tem o número 247, no livro 20, folhas 15, tendo sido feito com algum atraso, em 28 de Setembro de 1942.

Primeiras Letras com a professora Vicência Garrido, escola particular. 1.º e 2.º primários no extinto Grupo Escolar Municipal, 3.º e 4.º primários no antigo Grupo Escolar Cratense, hoje Grupo Escolar D. Quintino, primeira e segunda séries ginasiais no Colégio Diocesano do Crato, e 2.º Ano Ginásial Básico de Comércio na Escola Técnica de Comércio, da Associação dos Empregados no Comércio do Crato.

Aos 19 anos integrei a representação cearense, na qualidade de "Águia Branca" do Crato, ao Primeiro Encontro Nacional de Águas Brancas, realizado no Rio de Janeiro. Era um movimento de jovens, de

inspiração integralista, seita política a que pertenceu meu Pai. Movimento fundado pelo sr. Plínio Salgado. Sessões no Colégio S. José, na Tijuca. Hospedei-me pela primeira vez na Cidade Maravilhosa na Praia do Flamengo, 14.

Depois do Congresso fiquei em São Paulo, onde pretendia fixar-me, e onde não deu certo. Ali permaneci até Março de 1953.

Fui Professor em 1953 e 1954, na Escola de Alfabetização mantida pelo antigo PRP, a princípio na Rua Dr. João Pessoa, atual 235, depois na Rua Senador Pompeu, prédio que depois foi Biblioteca Pública Municipal, depois Igreja Batista Presbiteriana, e atual Câmara Municipal, no número 468.

De São Paulo, onde permaneci de Outubro de 52 a Março de 53, em cartas para o Crato, inspirei as comemorações do Primeiro Centenário de elevação do Crato à categoria de Cidade, festividades realizadas com toda a suntuosidade, em Outubro daquele ano (1953). Foi o atual deputado estadual Wilson Machado quem deu a divulgação a essas cartas, pela extinta Amplificadora Cratense e pela nova (tinha só dois anos naquela época) Rádio Araripe.

Nos anos de 51 e 52 escrevi os primeiros programas no rádio — RÁDIO VARIEDADES, na Rádio Araripe. Sou, pois, praticamente, um dos fundadores da emissora associada do Crato. Em 1954 estreei na imprensa escrita, com o primeiro artigo, sobre o médico Napoleão Laureano, que, doente de câncer, percorria o Brasil, organizando clínicas contra êsse mal. Publicou êsse meu trabalho o jornal ECOS DA SEMANA, dirigido pelo jornalista Osvaldo Alves de Sousa.

Em 1955 estreei, como contratado oficial (Redator) na Rádio Araripe. Data dêsse mesmo ano a minha eleição para o Instituto Cultural do Cariri, e para as funções de seu Secretário (Outubro) cargo em que permaneci até 10 de Outubro de 1956, quando fui eleito seu Secretário Geral. Já em 17 de Outubro de 1957 passava da Secretaria para o cargo de Tesoureiro do mesmo Instituto, sendo eleito, no mesmo dia, pela primeira vez, para a Comissão da Revista ITAYTERA. Em eleição ali verificada, a 17 de Outubro de 1958, fui eleito, novamente, Secretário Geral do Instituto Cultural do Cariri, cargo em que permaneço até hoje, bem como membro da Comissão da Revista ITAYTERA.

Exerci, por muitos anos, o cargo de Secretário da Liga Cratense de Desportos. Fiz parte das Diretorias de dois clubes esportivos de minha terra, o Palmeiras Esporte Clube e o Crato Atlético. Fui o primeiro Delegado, em Crato, da Delegacia Regional do Sindicato dos Radialistas do Ceará. Na renúncia de Figueiredo Filho, ocupei o cargo de Delegado, em Crato, da Associação Cearense de Jornalistas do Interior ACEJI.

Sócio da Associação Cearense de Imprensa (A. C. I.) desde 27 de dezembro de 1961, carteira N.º 688. Também fui redator na Rádio Educadora do Cariri, em 1962-63. Presidente provisório do Clube de Imprensa do Crato, de 12 de abril de 1969 a 30 de março de 1972.

Meus documentos: Título eleitoral 5.216, da 27.ª zona eleitoral, Crato. Certificado de Reservista, 3.ª categoria, número 371.375, série E, emitido em 26 de agosto de 1963. Carteiras profissionais, tenho duas: Uma, de número 4.430, série 93, emitida em S. Paulo, em 26 de agosto de 1963, e a outra, de número 36.598, série 161.ª, emitida em 17 de Maio de 1965.

Carteira de identidade 81.406, série E-2.333, Secção I-2.222, emitida

em 28 de Julho de 1959. . Segunda via em 14 de Maio de 1970. CPF de número 02.387.853, contrôle 53, válido até 31 de dezembro de 1973.

COLABORAÇÃO E ATUAÇÃO NA IMPRENSA

Co-redigi o jornal "O IDEAL". Redator permanente do jornal "A AÇÃO". Colaborador de "FOLHA DA SEMANA", "IC REVISTA", "A PROVINCIA", "A CLASSE". Fundei, com amigos, a "FOLHA DO CARIRI", da qual fui Redator-Chefe e Diretor. Fundei, com Figueiredo Filho, em 1959, a sucursal do Crato do jornal "O ESTADO". Mantivemos o suplemento "O ESTADO DO CARIRI" durante 14 meses.

Redatorei o "O SATÉLITE" e o "JORNAL DO CARIRI". Desde 1957 sou correspondente dos Diários Associados, de Fortaleza, com notícias para o "CORREIO DO CEARÁ", "UNITÁRIO", PRE 9 CEARÁ RÁDIO CLUBE, e, desde 1960, da TV CEARÁ, canal 2.

Colaborei nos jornais "A MARCHA", do Rio, e "DIÁRIO DE PERNAMBUCO", do Recife, e "O NORDESTE", de Fortaleza. Colaborei nos jornais "O POVO" e "GAZETA DO NOTÍCIAS", de Fortaleza, e "CORREIO BRAZILIENSE", de Brasília.

Desde Novembro de 1971 mantenho coluna semanal, aos domingos, no jornal "O ESTADO", de Fortaleza, com noticiário regional. Colaborei no jornal "CORREIO DO INTERIOR", que foi mantido, algum tempo, pela ACEJI, em Fortaleza.

Em 31 de dezembro de 1966 recebi, do jornal "FOLHA DO CARIRI", o diploma de MELHOR REDATOR DA CIDADE. Em 28 de Fevereiro de 1970 recebi da Câmara Junior, em solenidade, na Festa das Personalidades do Ano, o diploma de MELHOR JORNALISTA DE 1969, de Crato, honraria que se repetiu, pela mesma Câmara Junior do Crato, em 7 de Abril de 1972 — como a PERSONALIDADE DO ANO, no setor Jornalístico.

O Jornal "A VOZ", de Barbalha, me elegeu o melhor cronista de rádio, da Região, em Dezembro de 1971. Em Junho de 1970 recebi no programa 7 DIAS EM DESTAQUE, da TV Ceará, uma Jangadinha, como um dos agraciados da semana, frente às câmaras da TV. Em 6 de Julho de 1971 o Lions Club do Crato-Centro, pelo seu então Presidente, Marcos Mathias, me conferiu um diploma de HONRA AO MÉRITO, pelos serviços prestados ao leonismo local, em bonita solenidade.

PASSAGEM PELO SERVIÇO PÚBLICO

Em 1959-61 fui Arquivista, da Prefeitura Municipal do Crato. Voltei á Prefeitura, como Oficial de Gabinete do Prefeito, no período 17 de Abril de 1970 a 14 de Junho de 1971. Fui funcionário do antigo IAPC em Crato, nomeado, interino, conforme ato publicado no Boletim de Serviço da repartição, número 2.326, de 15 de Julho de 1963. Empossado em 24 de Agosto de 1963, assumi o posto em 26 de Agosto de 1963. Demitido, como interino, de acordo com publicação no Diário Oficial da União, em 7 de Março de 1967, relação publicada no Correio do Ceará em 11 de Março de 1967, readmitido, depois, na forma de Servidor Eventual, em face do Decreto 57.630, de 14 de Janeiro de 1966, artigo 7, passando a prestar serviços conforme Orientação, interna, 602-12, do mesmo Instituto, a partir de 5 de Fevereiro de 1969. Isso em face da Resolução 602-7, de 26 de Dezembro de 1968. Mais uma vez demitido, desta vez pela Coordenadoria de Pessoal do INPS, conforme decisão publicada no BLS/SRGE 172, de 10 Setembro de 1969, deixando, defini-

tivamente, o cargo de escrevente datilógrafo, no Instituto, em 30 de Setembro de 1969 com a irrisória indenização de Cr\$ 1.942,00! Fui Reporter na Câmara Municipal do Crato, 1958-65.

Em 3 de Outubro de 1958 fui candidato a Vereador, pelo ex-PTB, obtendo, então, 125 votos, que me garantiu a quinta suplência. Mesmo assim cheguei a assumir uma das Cadeiras em nossa Câmara Municipal, por algum tempo.

L I V R O S

Em 1966, na revista ITAYTERA, publiquei trabalho sobre a vida e a obra do Pe. Ibiapina, que, tirado em separata, foi meu primeiro livro. Posteriormente refundido e ampliado, dele foi tirada segunda edição, sendo lançada na sessão solene do centenário da Casa de Caridade do Crato, em 5 de Março de 1970. Em 12 de Abril de 1969, na antiga Cantina Mil e Cem, lancei o meu livro ROTEIRO BIOGRÁFICO DAS RUAS DO CRATO, edições ITAYTERA, volume 4. Com esse livro, concorri aos PREMIOS LITERÁRIOS DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ, setor História, Prêmio Capistrano de Abreu, sem ganhar.

F U N Ç Õ E S

A maioria sem vencimentos, mas com o fim único e exclusivo de prestar serviços desinteressados, ajudar a promover o progresso da comunidade, participar, atuar, comunicar e ajudar, exerço as seguintes funções:

Secretário-executivo da Associação Comercial do Crato, desde 1 de Outubro de 1969, sendo redator do seu jornal noticioso — NOTÍCIAS.

Secretário-executivo do Rotary Club do Crato, desde 1 de Janeiro de 1970.

Secretário-executivo do Sindicato dos Bancários do Crato, desde 1 de Março de 1971.

Fui Secretário Geral da Comissão Organizadora da Exposição Centro Nordestina, em Crato, entre os anos de 1958 e 1968.

Fui Secretário Geral do Primeiro Congresso de Jornalistas do Interior, em Crato, em 1961, do segundo em Canindé, 1963, do 3.º, em Iguatu, em 1965, do 4.º, em Baturité, em 1967, e membro da Comissão Organizadora do 5.º, em Juazeiro do Norte, em 1969.

Fundador e redator Chefe da Revista REGIÃO.

Secretário-executivo do Clube Recreativo Grangeiro, desde 8 de Maio de 1970.

Diretor do Crato Tennis Clube, desde 29 de Outubro de 1970.

Acionista da CIMASA, IMOCASA e CECASA.

Secretário da Crônica Carnavalesca do Cariri, desde 14 de Janeiro de 1972.

Em 11 de Agosto de 1966, em sessão solene, presidida pelo comendador Luis Sucupira, e a presença do Prefeito Municipal do Crato, de então, prof. Pedro Felício Cavalcanti, tomei posse na Cadeira N.º 1, seção de Letras, do Instituto Cultural do Cariri, como Imortal, defendendo tese sobre o Patrono da mesma, Pe. José Antônio Ibiapina, conforme ata escrita em livro próprio, transcrita à página 97, da revista ITAYTERA, número 11, do ano de 1967.

Eis aí um pequeno resumo de minha vida, quando me preparo para ingressar no rol dos 40.

Nada fiz. Nada sou. O que tenho, o que possuo — é o meu

(FERREYRA DOS SANTOS)

O correio me traz o número 13 de "Itaytera", esta magnífica revista que o Instituto Cultural do Cariri mantém sob a orientação e o amor de José Figueiredo Filho, grande figura de folclorista nordestino, intelectual dos mais destacados do Ceará e, antes de tudo, um delicioso amigo fraternal perdido no turbilhão da maioria dos homens cuja inteligência e cultura não conseguem esconder o hipócrita e invejoso.

Preciso dizer que escrevo essas coisas não por mágoa de quem quer que seja, mas porque quando se encontra um amigo puro e leal, sobretudo se ele é homem de letras, isto é, se vive das letras, um homem sem perfídias e atitudes mistificadas, a gente tem vontade de louvar. Por isso, louvo o homem que é o Figueiredo Filho e louvo o escritor arguto, pesquisador paciente e correto.

O Instituto Cultural do Cariri é, por assim dizer, Figueiredo Filho. Não porque falte aos componentes da sua diretoria e aos que ocupam cadeiras acadêmicas nesse núcleo de sabedoria e inteligência, mas porque, Figueiredo Filho acorda com as coisas do Instituto nos olhos e adorcece com suas renovadas de trabalho fecundo. "Itaytera" é, sem dúvida, uma dessas publicações de uma região inteira que ensinam, divulgam, exaltam e dignificam os que adormecem sempre na História da gleba e incentivam os que começam a trabalhar pela sua terra e amar as coisas que ela tem.

O Cariri possui coisas admiráveis. Gente, Natureza, Comunidade consciente e entusiasta.

Estive na zona do Cariri, por ocasião dos comemorativos festejos de emancipação municipal, no ano passado. No alto da serra, inaugurou-se uma estátua da Virgem de Fátima que as mãos milagrosas de José Rangel modelaram. Houve festa, desfile juvenil, mostra do trabalho do prefeito Humberto Macário. Foi uma festa da juventude ansiando por uma Universidade e uma presença tocante da maturidade e até da velhice espoucando nas ruas e nos lares.

Vi o Juazeiro, Missões Novas e Missões Velhas, vi Barbalha, vi o Crato como um pernambucano e saí do Crato como um filho da terra. Tudo isso não se apagou nunca mais dos meus olhos. Mas, o que eu trouxe nas mãos e nos esconderijos do coração, foram mesmo os livros do Figueiredo e o calor humano que êsse sessentão lépido e contaminante de beleza interior transmitiu, despreocupado como uma criança, à minha emoção.

Figueiredo amigo, não deixe de mandar "Itaytera" para que eu não deixe de estar sempre com vocês. Obrigado.

(Diário da Manhã, Recife, 18.8.69)

grande amor ao Crato, a devoção á minha família, e a certeza de que tenho dado algo em prol de minha comunidade. Como bom cratense. Como bom brasileiro.

Amante da ordem e da paz, respeitador das leis, brasileiro, vacinado, solteiro — tenho um futuro á frente.

Não dizem que a vida começa aos 40? Começarei a viver, pois, em 1973...

TROVAS

Para ITAYTERA

IDELBRANDO SISNANDO

Quando o beijo é de amor,
nunca a ninguém satisfaz,
Por mais que tenha calor,
algo desejamos mais.

Desce a noite lentamente,
plange o sino ave-maria.
De saudade morre a gente,
de tristeza morre o dia.

Teu coração é convento
aberto sômente à Dor.
Foi baldado o meu intento
de abrigar nêle o Amor.

Quem diz moço — diz loucura,
quem diz velho — sensatez,
mas eu queria a esta altura
enlouquecer outra vez.

Desça mais um pouco a saia,
não ande assim siminua.
O que fica bem na praia
faz parar carro na rua.

Não me meto em vida alheia
mas faço observação.
Descobri que mulher feia
tem bem lindo o coração.

A sublime Natureza,
em manhã muito orvalhada,
por mera delicadeza
criou a flor perfumada.

Brilha no céu o Cruzeiro
sôbre o meu Brasil amado,
mas não é menor luzeiro
o Cristo do Corcovado.

Este romance tão lindo
que nossa vida encantou,
já de nós dois vai fugindo
como arrebol que findou.

Eu passei a noite inteira
lamentando a minha sorte:
tu já não és mais solteira
e eu sou teu até a morte.

Quando à tarde a namorada
na praia espera o seu amor,
ao divisar a jangada
o coração se abre em flor.

Apita o trem no Benfica
em madrugada sem luz.
A saudade de quem fica
nem mesmo o pranto traduz.

Como tudo é diferente
no jardim do meu amor:
perfume que lá se sente
vem dela — a mais linda flor.

Vou procurar quem me dê
disto plena explicação:
— por que o rapaz que te vê
olha logo a tua mão?

Marina me prometeu
o verbo amar ensinar.
Primeira lição me deu,
beijos de amor já sei dar.

Vela que a morto ilumina
também tem o seu fulgor,
porém é como a poesia
que a velho fala em amor.

Guardo n'alma o teu sorriso,
penhor da tua amizade.
Ele muda em paraíso
o inferno da saudade.

Borboleta é flor alada
no jardim do meu amor.
Ela amanhece irisada
dando beijo em cada flor.

Cantando a Minha Terra

NOTA — Poemeto inspirado na história de um povo destemido, que tem suas raízes mergulhadas no mais profundo do torrão sul-cearense, onde a alma se remira na beleza dos campos, bebendo inspiração na fertilidade da terra, como o colibri no cálice da flôr.

Pe. ANTÔNIO DE ALCÂNTARA

Olhando os rochedos,
a relva mimosa,
o campo, os balesdos,
os prados, os astros,
me ponho a sonhar
cos tempos passados,
e vejo a trotar,
nas asas douradas,
as tribos selvagens
dos mundos doutrora.

*

Os homens primeiros
das terras daqui,
seriam, de certo,
bravios guerreiros
do bel Cariri,
valentes tropeiros,
da côr de rubi.

*

Viris corpora nus,
que, ao certo, não viam,
como hoje nós vemos,
num jôro de luz,
a terra viçosa,
que ao longe reluz,
cantando a vitória
de amor a Jesus!

Deixai, meus amigos,
os sonhos passados!
Fitai, comovidos,
os mundos alados!
Fitai o futuro,
aos trinos davena
na fé de Deus puro,
que a nós, nos acena,
de punho seguro,
de face serena!

*

Que lindo é viver!
Mais lindo é vencer!
Glorioso é lutar
por Deus, pela Pátria,
tecendo um mantêu
de luz, de luar,
da côr lá do céu!

*

Na frente uma Cruz!
cercada de luz!
Alô, Cruz divina,
— lâmpada votiva —
que ao céu se destina!
Alô, Cruz destrêla!
Meu peito Calcina,
ditoso de vê-la!

Ipaumirim, 11 de Agosto de 1971

ANUNCIE EM "ITAYTERA"

Laboratório de Pesquisas Clínicas do Cariri

●

Dr. PAULO CARTAXO ESMERALDO

Dra. MARIA DO CARMO VALDEVINO

Dra. MARIA DO CARMO BRINGEL

●

EXAMES: SANGUE — FEZES — URINA

BIOQUÍMICA DO SANGUE

PROVAS DE FUNÇÃO HEPÁTICA

SOROLOGIA, CULTURAS E ANTIBIOGRAMA

EXAMES PRE-NUPCIAIS

SERVIÇO DE TRANSFUSÃO DE SANGUE

●

RUA SANTOS DUMONT N.º 29

ARTE E ESTILO

POMPEU BRASIL (S. Paulo)

I

A R T E

Em nosso ensaio *Arte e Expressão* na revista ESTÉTICA, N.º 1 fazendo uma pesquisa indutiva sobre aquele fato, embora incompleta, chegámos ao resultado de que arte é expressão.

Quem quer que julgue a natureza da arte atendendo apenas ás obras literárias, sobretudo as em prosa, repele esse conceito, em primeiro momento, mesmo violentamente.

— Não. As grandes concepções das obras primas são claramente a sua essência. Pantagruel e Gargantua, Orlando Furioso, D. Quichote, Sonho de uma noite de Verão, Fausto, etc. distingue-se, segundo e consenso geral, não pela linguagem, mas pela idéia.

Entretanto, se lembrar-se de certas descrições, como as de aspectos da natureza, não já paisagens propriamente ditas, mas pequenos trechos do meio físico, como um recanto de campo, de praia, um jardim, uma sala etc., mesmo quando mera parte de um todo bem mais complexo, logo abrandará sua opposição. Se, em seguida, atentar que a poesia tem somente utilizando restrito número de temas, geralmente curtos, sua dúvida crescerá. E se, ao fim lhe acorrer ao espírito que a pintura e a escultura em seus produtos mais diferenciados apenas expõem atitudes e gestos humanos, que a música traduz apenas emoções e sentimentos, que a arquitetura não vai além disso, que as *naturezas-mortas* constituem uma imitação de objectos mui triviais, não poderá de se render às nossas razões.

Apesar disso, a imagem na arte, sem dúvida, tem importância, porém indirecta e secundária. É ella o que se exprime. Conhecemos os meios de criá-la desvendados pela psicologia. São certas associações intellectuais e afetivas. Ambas seguem a lei de semelhança, sobretudo, dando aquelas especialmente personificações e metamorfoses e essas analogias e contrastes inaparentes. Conhecemos os meios de criá-las, adquiridos pela glotologia e contrastes.

São, em sua maior complexidade, as imagens vulgarmente ditas, as alegorias e os simbulo. Para Dumas, essas últimas se reduzem à metáfora, sobretudo a formal.

Consoante Vice, arte é a linguagem. Mas descreve os personagens fictícios como meras propriedades gerais (eternas), apresenta certos universais (fantásticos), dispõem de lógica *suigeneris* (poética), e tem por fim ensinar a virtude.

Todos os estéticas partidários da teoria de arte expressão, desde Aristóteles aos contemporâneos, vacilam, inseguros, entre os conceitos de arte linguagem e arte imagem (Scheiermacher, etc.).

Não se pode admitir que imagem e expressão sejam a mesma coisa.

Vê-se sem obstáculo que essa é produto menos central do que aquela, em parte muscular, entretanto que a imagem se elabora no âmago do espirito e aí fica ou é um estado mental centrípeto, a expressão, se não nasce em parte desse, é manifestação centrífuga, que tende a se exteriorisar.

Mesmo repulindo a hipótese de Broca, muito anatômica, quicá artificial, sem a dissociação das diferentes funções de linguagem, não se poderia explicar as afasias motoras ou se conseguiria fazê-lo mui difficilmente. Também o pensamento dito sem imagem, isto é, que parece se reduzir a estados cinéticos.

Os anacronismos e incongruências de Croce não se limitam a isso.

Para êle, arte é essencialmente o conhecimento do individual.

Só se torna também o da expressão, porque essa lhe parece igual àquela. Entretanto, identifica a estética à linguística.

No capítulo quarto da parte segunda de sua obra, onde expõe a teoria de Baumgarten, critica-o acerbamente, apesar dêsse haver sido um dos primeiros a conceber arte como conhecimento do individual, só porque descamba um pouco para o intelectualismo; acha que criou o nome de uma ciência, mas não essa. Enquanto o seu conterrâneo Vico, com o conceito de poesia-linguagem, não obstante haver incidido nos mesmos equívocos daquele, é alçado ao posto de inventor legítimo da estética.

Segundo Croce a arte não é substancialmente afetiva.

Isso não obstante depois sustenta que o sentimento é aquilo que lhe dá unidade (*Breviário de Estética*, 26 a 30,59 a 60).

Equiparada arte à criação da expressão, pois identifica estética à linguística, ao tratar de história de arte, sustentando que o seu progresso consiste tão somente no aperfeiçoamento da expressão da cada imagem.

Cumpre-nos verificar, entretanto, se arte não se ocupa exclusivamente de assuntos mais vagos ou simples, como emoções, sendo menos do que a linguagem.

Só se ocupa a arte do individual?

Sustentam Trublet, Du Bos e outros que a poesia é a expressão de sentimento.

Para Kant, consiste no agradável, mas desinteressado, ou na forma da finalidade, porém sem conceito. Já os estétas medievais julgam belo o moral.

Ora, sabemos que a *natureza morta*, quer em pintura, quer em escultura, capaz por si formar toda a obra de arte, não provoca emoção, salvo admiração pelo autor.

Igualmente, descrição em romance ou poesia, podendo nessa constituir o produto estético no todo, como vemos frequentemente na escola parnasiana.

Até na música, a mais afectiva das artes, várias de suas composições são exclusivamente intelectuais, como as do virtuoso, as descritivas, as onomatopaicas.

Dessas espécies ocorrem tantas, que alguns filósofos, provavelmente impressionados com isso, tem presumido a música como inapta para reproduzir a emoção (Hanslick etc).

Para Aristóteles, arte é a imitação, que equivale, como já o provámos algures, a expressão; belo (assunto da arte) é o individual sobretudo possível, menos vezes impossível, mesmo absurdo. A arte só deve se ocupar do particular.

Examinaremos o problema através da solução dada por Croce, incontestavelmente o mais notável representante actual dessa corrente filosófica.

Em sua *Estética*, define arte como intuição. Essa, conforme o capítulo primeiro de sua obra, é o conhecimento do individual. Entende-se

da percepção à imagem. Donde incluir o conceito (proposição), mas accessoriamente.

Até aqui, nesse particular, as idéias do pensador italiano não inteiramente aceitáveis. Mas depois emite juízos que não estão mais acordes com a ciência moderna: a intuição não abrange nem a sensação nem a emoção, porque não chega a ser conhecimento; noções de espaço e tempo, em todos os casos, são puros conceitos; imagem à identificação à expressão.

Ora, a sensação é conhecimento até superior à percepção, pois requer abstração, sendo-lhe posterior nas operações psíquicas. Antes de cada parte de um objecto, a consciência apreende-o no todo. Só depois passa a observar-lhe os elementos.

Alguns psicólogos, como James, acham mesmo que a abstração é precedida frequentemente, senão sempre, pela generalização. Uma impressão total, cujos elementos não nos tivessem sido dados à parte na experiência seria irrefratária à análise (Psicologia, 502).

A emoção posto que se não considere mais um conhecimento direto, dá-nos incontestavelmente algumas informações sobre o estímulo. O agradável e o desagradável localizam-se no espaço e no tempo. Além disso têm intensidade variável.

O espaço e o tempo não são produtos exclusivos do espírito, como criam Brekeley e Kant. Constituem caracteres dos objetos. Só se podem julgar formações preponderantemente intelectuais quando abstrações. Para Einstein, o tempo é quarta dimensão do espaço e êsse é anisótropo e limitado.

Podê a arte ser considerada um pouco mais que a expressão ou certa complexidade dela?

Examinemo-lo, mas sem minúcia supérflua.

Para Du Bos, a arte tem por objecto o sentimento (impressionamento com tendência ao maravilhoso), mas se manifesta pelo estilo.

Define-se êsse, geralmente como a maneira privativa de se exprimir de cada artista, encerrando o que de comum ofereçam nisso as suas obras, isto é, os diferentes recursos preferidos na construção da imagem ou inventados com tal fim.

Segundo a maioria dos estetas, êle traduz apenas relações dos diversos elementos superiores da imagem. Assim presumem sobretudo os que se ocupam de obras literárias. Nesse caso, o estilo somente é um emprego da sintaxe, especialmente de suas anomalias (figuras).

Consoante outros, com razão, abrange também a seleção dos termos da relação.

Diz Séailles que, em literatura, o estilo compreende ainda a escolha das palavras.

Antes dêsses pensadores Aristóteles, em um capítulo XX de sua Poética, já o ensinara.

Nas outras artes, êle abrange todos os seus elementos técnicos.

O estilo revela a personalidade, como o afirma Véron e antes dele Bufen outros (SÉNECA, PLATÃO, etc.), mas também e sobretudo, o aperfeiçoamento da expressão.

Para os que seguem a hipótese da arte-imagem, talvez assim devia ser.

Entretanto, os historiadores de literatura, em geral, ao lado dos poetas e prosadores de ficção, afora os poetas didáticos (Hesíodo, Lucrécio, etc), põem os oradores (Demóstenes, Cícero, etc.), e vários dos grandes pensadores (Platão, etc.).

Quem, ao dar a lista dos literatos franceses, por exemplos, poderia prescindir de Pascal, Buffon, etc.).

Mesmo Croce, contradizendo-se, e sem saber explicar, reconhece: "Toda obra de ciência é ao mesmo tempo obra de arte" (*Estética*, 70).

Com efeito, fôra injusto excluir da estética o racional.

O individual, quer físico, quer psíquico, é apenas uma parte do conhecimento da natureza.

O racional, em seus diferentes graus, constitui-lhe o resto.

Como significado, ainda o reproduz, embora fragmentariamente.

O geral é uma série de extratos iguais fundidos numa impressão única pela consciência. A interferência dessa não lhe elimina a natureza, pois o individual também o exige. A conclusão de silogismo é apenas um caráter inaparente, que, incluso noutro, se manifesta indiretamente.

A causa um é o efeito em fase anterior. O raciocínio, pois, nada mais representa do que uma visão da natureza, apesar de parcial, menos simples, porém mais profunda do que o individual, porque também é elemento dela.

A expressão do raciocínio também não apresenta diferença grande sobre a do individual. Apenas gosa de menor liberdade do que essa e tem a proposição como parte essencial.

Numa e noutra quando a arte, não é plástica, parte-se do mais para o menos visível.

Assim na dedução deve-se pospor a conclusão à premissas, mas se pode colocar qualquer dessas em primeiro lugar.

Na indução, exprimem-se inicialmente as relações de extensão, segundo sua amplitude crescente e ao fim a de casualidade, mas se podem apresentar as primeiras sem muita regularidade.

Estende-se sua noção às de escola e de gênero, sugerindo que a mesma tende a se socializar. Então, representa também o modo peculiar de exprimir tanto de grupos de espíritos, como de modalidades de arte. Equivaleria a uma complexidade da linguagem.

O estilo é, realmente, de difícil análise, porque consiste numa série de elementos um tanto vagos.

Entretanto, seus meios existem, sendo os seguintes aproximadamente:

- a) a seleção dos termos em geral (substantivos, verbos, etc.);
- b) escolha sobretudo dos adjetivos qualificativos, para a descrição justa dos fatos, quer nas causas, quer nos efeitos;
- c) o apuro das tropas;
- d) a expressão dos estados afetivos, quer objetivos, quer subjetivos.

Em sua estética, Aristóteles, aliás com muita clarividência, já trata os primeiros.

Além disso, ocupa-se da extensão e da unidade da ação, da perícia, reconhecimento e acontecimento patético, do nó e do desenlace do pensamento, que não mais oferecem importância para o estilo, sendo apenas aplicáveis à fábula e à cena.

Deve-se dar, todavia, um significado mais lato estilo.

Afora aquele elemento, compreende também todos os mais que concorrem para o efeito estético (harmonia, vernaculidade, concisão, originalidade, restrição das conjunções, etc.).

De todos os mais importantes é, sem dúvida, a expressão da série das imagens no seu todo em relação à realidade, ou realismo.

Distingue-se bem a conveniência das artes da imagem da de seu conjunto.

Impõe-se reconhecer que as escolas estéticas são essencialmente meros graus do realismo.

Pode o artista escolher um fato característico (Spalleti), também o assentuar um traço suposto assencial (Taine), mas com isso sacrifica em parte a realidade.

Ao trabalhar, sempre manifesta a sua afetividade (Vischer), a sexualidade (Platner) e outras tendências recalcadas (Freud), porém fôra preferível reduzi-las ao mínimo, a fim de não ser muito subjetivo.

Agindo daquele modo, sendo menos exato, prejudica o emprêgo dos fatores artísticos, salvo para um resultado querido afetivo.

Os elementos do estilo literário tem os seus equivalentes em todas artes visuais.

Ao substantivo, qualificativo, verbo correspondem necessariamente, volume, formas, cores, ângulos, curvas e certas deformações.

Atendendo que quem fala tem um estilo, mas passa despercebido, enquanto o artista se caracteriza pelo estilo e se define melhor do que a linguagem e lhe constitui o seu distintivo.

Arte é, pois, não a expressão mas o estilo.

Eis aí a sua única definição capaz de satisfazer a lógica, isto é, de compreender o máximo de caracteres comuns e estender-se a todas as espécies do gênero.

Chegamos assim à noção final, definitiva, sobre arte.

É instrutivo notar que o espírito humano, para conquistá-lo, partiu de conceito complexo e depois o reduziu para chegar ao mais conveniente possível.

Com efeito, apesar do enorme prestígio filosófico de Aristóteles, predominou na antiguidade e no medievo, o juízo de belo conhecimento silogístico implícito. Para Platão, é a Idéia ou a imagem geral. Mas segundo Aristóteles, equivale ao conjunto das sciências. Entre o renascimento e o fim do século passado a arte é concebida, aproximadamente como uma imagem, que oscila da geral (Herder, Goethe, Schelling, Hegel, Schopenhauer, Taine, etc. a particular (Baumgartner, Kant, Zola, etc.) e a afetivo (Du Bos, Mallarmé, etc.). Neste século, passa-se para a expressão, em virtude do esclarecimento de idéias anteriores (Aristóteles, Vico, Schelermacher, Croce).

Também em nós deu-se evolução semelhante; Começamos interpretando-a como um conhecimento complexo; Chegamos mesmo, aliás elaborando um conceito novo, a indução implícita (*As Bases Científicas da Estética*): Depois identificamo-la à expressão (*Arte e Expressão*). É agora, finalmente, o estilo.

II

C R Í T I C A

Crítica de arte é, como se sabe, a avaliação estética da obra de arte.

Livros de história, filosofia, retórica referem que ela já se exercia mesmo na mais remota antiguidade. Pode-se até admitir com razão que surgiu com a primeira manifestação estética. Seu autor, antes de mostrá-la a outrem, naturalmente, comparou-a com os esboços que criara e só ao fim lhe deu preferência.

Essa apreciação sempre tem sido aproximadamente uniforme através do tempo.

Habitantes de cidade, em reuniões públicas, teem eleito para consagração, em várias datas, outrora por aclamação, modernamente por escrutínio, quase unanimemente um mesmo artista, suposto o melhor dos contemporâneos. Premiam-no, reconhecendo a glória.

Desde que se utiliza a imprensa, compram de preferência seus livros, esgotando-lhes as edições.

O mesmo até se nota nos críticos profissionais, se não para as obras medíocres, ao menos para as tidas como superiores, sobretudo as geniais.

Estranha-se que tal aconteça, quando se atende que essa avaliação só se pode realizar mediante um conceito sobre a natureza da arte e que os críticos sempre os possuem diferentes, ao menos na aparência.

Mas, em relação aos produtos estéticos, mesmo desde a antiguidade, teem aparecido opiniões discordantes. Parecem ordinariamente apenas frutos dum pessimismo sistemático, outras vezes como que de críticos mesmos seguros. É de certa época para cá têm aumentado seguidamente.

Ao mesmo tempo, o juízo sobre a natureza da arte vem se modificando, sobretudo a partir do renascimento, como o vimos atrás.

Esses fatos provocam dúvidas sobre o conceito de consentimento universal em crítica estética. E chegou-se até a substituí-lo pelo oposto. Foi o que se deu logo após o advento da escola simbolista, com o impressionismo crítico, quando Lemaitre começou a emitir juízos sobre as obras de teatro.

Mas, depois, os estétas legítimos, imparciais, notaram que tal hipótese era illusória. Não só as emoções tendem a se tornar coletivas, mas também as opiniões dos mais ferrenhos impressionistas muito de comum entre si.

A crítica de arte é um processo lógico, cuja natureza só recentemente foi bem determinada. Na antiguidade não se tentou examiná-la. No renascimento designam-no pela palavra *gosto*, empregada metafóricamente. Aliás, essa adquire também outros significados (prazer estético, reprodução de arte, engenho). No século XVII, Gracion utiliza-a com o sentido de faculdade julgadora, sobretudo estética. Outros, com o de instinto.

Em domínios diversos do conhecimento emprega-se as expressões valor e juízo de valor, como em economia política (valor de troca, o das cousas em relação a uma mercadoria tomada como unidade; valor de uso, grau de utilidade para a vida, A. Smith, como em religião e ética (valor moral, adaptação do individuo à sociedade, quanto à conduta). Depois, o valor subjetivo foi definido como provocação de desejo e, se ao fim, comparando com o objetivo.

Recentemente, juízo de valor estende-se a todo juízo analítico quantitativo (relação entre qualidade e quantidade ou entre duas quantidades) (Warren).

A crítica é um juízo de valor, conclusão de um raciocínio quantitativo.

Para realizá-la, pois, torna-se indispensável um termo de comparação, ou unidade. Como conseguiu-la para arte?

Obter uma unidade prática, mesmo pouco exata, para ela, não é fácil; Afigura-se-nos quase impossível.

Brunetiére propôs uma que serviria para qualquer conceito sôbre arte: a obra prima, quer de gênero, quer de cada arte. Mas, como conhecê-la? Também, seu emprêgo oferecia muita dificuldade. Como estabelecer precisamente a equivalência dos defeitos, tão diversos em natureza? Impor-se-nos-ia um excesso de arbítrio. Só se atendessemos às diferenças mais aparentes para com o estilo dominante.

Uma critica perfeita não é possível em estética, ao menos por enquanto.

Contentemo-nos com uma apreciação apenas aproximada. Mas façamo-lo com o mínimo de imperfeição.

Desde que Du Bos lançou a sua teoria sôbre arte, vários estetas a teem abraçado alguns até com entusiasmo, mas infelizmente sem melhor apoio científico.

Para não nos ampliar infrutiferamente, vamos mencionar uma das adesões mais recentes, a de Fidelino, num ensaio publicado em "Estado de São Paulo", janeiro de 1939, sob o título "Arte é o Estilo" (Exemplo Eça de Queiroz).

Vejam-o. Diz que um estilo "é muito maior do que a sua expressão verbal", sendo a expressão plena dum espírito, que muito antes de exprimir com palavras construiu sua visão da realidade", "visão simplificador e deformadora do mundo", a ponto de dar-lhes o uso e o abuso dum artifício literário dileto".

A respeito de Eça de Queiroz, enuncia; É fácil recolher os elementos constitutivos desse estilo verbal... extensão de seu léxico, as suas palavras prediletas, agradação dos adjetivos, a economia dos advérbios, as formas várias de suas metáforas, a estrutura interna dos períodos, a ligação deles... o ritmo, a sonoridade suave da frase... o vocábulo como valor de posição... Seria isso definir o seu estilo?

Infelizmente não nos dá esses elementos técnicos do estilo. Limita-se àquela digressão metafísica sôbre imagens e a acentuar ao caráter pessoal de estilo. Isso em parte é certo, mas não é o mais importante. A definição do estilo como um produto individual não basta. Primeiro, porque, mesmo nos mais originais, não deixa de oferecer muitos vestígios dos autores anteriores, já em boa parte socializado, segundo, porque omitiria o aperfeiçoamento da expressão.

Sabemos, inegavelmente, que o estilo possui uma evolução.

III

EVOLUÇÃO DA ARTE

Há evolução?

É o primeiro problema.

Já dele nos ocupámos num de nossos livros (As Bases Científicas da Estética).

Ai expusemos a critica que lhe faz Lalande, em sua notável obra *Les Illusioneas Evolutionisteas*, e em seguida lhe acrescemos alguns comentários.

Evolução é termo que significa usualmente passagem para o heterogênio, quem do homogênio, quer de outro menos diferenciado.

Spencer julgou-a a expressão de uma lei. Mas lhe dá sentido mais amplo, juntando aquilo a dissipação de movimento e integração de matéria (First Principles, fim do capítulo XVII).

Lalande observa que isso não é nem lei, nem proposição, nem de-

finição, porque encerra apenas uma inconstante de fatos, um predicado idêntico ao sujeito e certas espécimes dela (os da evolução dita simples) não possuem todos êsses caracteres comuns.

Censura-lhe até ser em parte qualitativa, em parte quantitativa.

A crítica talvez seja injusta.

O filósofo francês admite somente evolução como heterogenisação, mas lhe exclue a criação e a considera mero acidente da inovação, deparável apenas nos seres vivos.

Não se pode garantir que a evolução seja inferior a involução, havendo-se apenas começo a desvendar a dinâmica do átomo. A desintegração de seu núcleo, apesar de exigir grande energia elétrica, acarreta quase infinita heterogenisação.

Evoquemos também os fenômenos, muito instrutivos: explosão e fermentação sobretudo de entre biológico e mineral, entre vírus, bacteriófago, etc.

São sistemas de forças em equilíbrio instável, bastando apenas pequeno acréscimo dinâmico a uma das partes, para levá-las a manifestar enorme energia que estava em potencial.

Há na matéria, pois, uma tendência espontânea para a homotero-genisação e mesmo em certas condições elétricas, para a heterogenisação. Enquanto se opera o nivelamento num sentido, dá-se o desenvolvimento noutro, simultaneamente, embora em sua profundidade.

Eis o processo presumível, apenas presumível, da reconstituição da energia.

Quanto à criação ou causa inicial, impõe-se-no admiti-lo: ou provém do nada (tal um efeito sem causa sendo a indução um conhecimento empírico) ou de algo que nossa lógica ou mentalidade atuais não podem aprofundar, por insuficientes. Inclínamo-nos preferentemente para a segunda solução.

Segundo os religiosos, a criação compreende dois mistérios: um ser que se faz por si, o que seria a causa inicial, enquanto para os cientistas se reduz a um mistério, sendo a origem de si mesma.

A evolução é inegável, ao menos como fenômeno capital dos seres não como adaptação ativa, porém como mutação e seleção.

Mas, manifesta-se na arte?

É o segundo problema.

Croce nega-o, salvo quanto à expressão de cada imagem ou impressão (*Estética*, trad. espanhola, p. 172 a 175).

A evolução estética é real, embora pouco aparente. Entretanto, não se deve confundí-la, bem como a do resto da cultura, com a da mentalidade.

A evolução do cérebro, ou a de suas funções, é idêntica a de qualquer outra viscera. Faz-se por mutação ou seleção. A evolução da cultura, produto da inteligência, nem vital, nem hereditário, opera-se não por processos idênticos, mas apenas semelhante. Sua mutação, não gênica, é pouco visível, sendo antes um desenvolvimento lento, progressivo. A sua seleção, em vez de física, é psíquica (consciente e voluntária), em suma uma escolha de tentativa de reprodução abreviada da natureza. Só aqui a evolução se aproxima do transformismo de Lamarck; mas, em verdade, abrange um efeito de causas locais, sobretudo internas, psíco-sociais, e a um efeito de causas mais ou menos distantes, por difusão.

Pode-se reconhecer a evolução da arte sob qualquer das hipóteses sobre sua natureza, ao menos das fundamentais.

A literatura teve no período pré-histórico um desenvolvimento técnico muito discreto.

Os greco-latinos não fazem uma escolha acentuada dos termos.

Descrevem os fatos por seus caracteres mais conhecidos, vulgares, segundo a percepção imediata ou imagem correspondentes.

Assim, Homero, em vez do artigo, utiliza o pronome ou adjetivo demonstrativo, porque o fazia a linguagem de então.

Os demais escritores reduziram os casos de 8 a 6, eliminando o instrumental e o locativo e começaram a substituí-los pela preposição, de acordo com a glotogenia. Igualmente, o início do abandono da 4a. e 5a. declinações pelos latinos, bem antes da decadência final do idioma, faz-se por influência do povo. O assunto então consiste numa elaboração convencional do comportamento humano e de seus determinantes. A epopeia e a tragédia, mesmo as mais afamadas emprestam aos personagens (deuses, heróis) desejos e intenções, idéias e emoções claramente arbitrarias. A comédia e a sátira, apesar de muito menos fantástica, visam sobretudo a crítica (Aritófanes) ou desenlace ridículo, para divertir a assistência (Menandro, Terêncio). A poesia lírica (o de, elegia, canção, etc.), entretanto, já encerra sentimento objetivo (Pindaro, Horácio).

Tentam inspirar um sentimento consoante o ideal do tempo, geralmente ingênuo, baseado numa moral vulgar.

O efeito estético é obtido graças aos processos observados e registrados por Aristóteles em sua *Poética*, aliás não complexos, com poucos artificios.

Do renascimento até os fins do século XVII, começa-se retomando enredo antigo, mas se temia preferindo as lendas medievais ou ficções sobre acontecimentos menos remotos da história (Dante, Rabellais, Molière, Cervantes, Shakspeare, Camões, Goethe, Hugo, etc.).

Exageram-se os sentimentos triviais (romantismo). Alguns no século XVII, até abusam das figuras de sintaxe (Marinno, etc.).

Do meado do século XIX por diante passa-se a reproduzir, não porque se presume ou quizera que fosse, mas o que se observa. Obtem-se assim a realidade, inclusive o do espírito (Flaubert, Poe, Dostoisvske, etc.) (realismo, psicologismo, parnasianismo). Necessitando a linguagem adaptar-se então ao fato em vez do contrário (isto é, do fato a expressão), o estilo torna-se mais complexo, em todos os seus elementos (inclusive a seleção das palavras).

Desde o último quartel do século passado, escolhem-se para assunto as nuances mais evanescentes do sentimento e os inequívocos traços da subjetividade (Mallarmé). Os simbolistas criaram vários processos a bem da exteriorização da afetividade.

Em pintura há um desenvolvimento sensivelmente paralelo ao da literatura.

Os pintores primitivos só consigo aprenderam a desenhar e descobriram as tintas menos vulgares. Os gregos empregam a perspectiva e os tons intermediários das cores. Os italianos subtilizam o claro-escuro ou sfumato. (Leonardo da Vinci, etc). Surgem então grandes pintores (Rafael Santi, Durer, Velasco, Rembrandt, Gainsborough, Delacreete). Só se tornam legitimamente realistas no meado do século XIX (Courbet,

1855). Manet (1863) justa põe as cores complementares: impressionismo. Manet (1875) recorre ao plenarismo, facilitando a cópia da natureza. O belga Ensor, a fim de melhor expor o sentimento, sobretudo subjetivo, restringe nas imagens ao mínimo as linhas e cores, dando apenas uma ligeira aparência da realidade: expressionismo. Também Morreau; simbolismo.

Os escultores aperfeiçoaram sua técnica, consistente sobretudo em manejos especiais, que se transmitiam outrora só pela tradição, nas oficinas relativamente depressa.

Essa arte teve boa parte de seu progresso na antiguidade.

Os egípcios conseguem reproduzir bem o corpo humano, primeiro, quanto ao tronco, depois, quanto á cabeça, mas conservam aquele apoiado nos dois pés e, quando de perfil, com espáduas e olhos de frente (lei da frontalidade, Lange). Os Caldeus e os Assírios nisso são mais realistas. Os gregos em suas estátuas apresentam-no nú ou de vestido de véu diáfano e esvoaçante: dispõem-no sôbre um único pé, inclinam-no, torsem-no, permitem-no correr de perna descoberta; inventam a mulher viril (amazona), a forma humana alada (Vitoria), grupam os indivíduos em tôrno dum protagonista, em ordem, mas livremente: compõem cenas familiares, juntam-lhe paisagens, fazem retratos, transmitindo-lhes todos os sentimentos (Fídias, Praxíteles, Lisipo, Scopas, etc.).

Na renascença a escultura, apenas concebe a mais um orgulho muito complexo, eminentemente intelectualizado, mais próprio dos deuses que dos homens. (M. Angelo). Os romanos restabelecem a cúpula. Os árabes empregam estalates, linhas mui entrelaçadas (arabescos).

* * *

Os arquitetos antigos fazem raros monumentos aos mortos, com pedras isoladas ou grupadas. Os egípcios constroem templos vastos de tetos firmados em colunas, paredes abertas no alto, mas muito longas, fechadas.

Os assírios chegam a dispor cúpula de tijolo sôbre sala quadrada. Os gregos dão aos edificios dimensões harmônicas e ornatos agradáveis (frontão, metope, triglifo, etc.) e últimam as ordens de colunas. Os cristãos adaptam a basilica romana para templos e depois lhe acrescentam uma nave transversal e torre, afora a cúpula (século X). Os celtas e os saxões transformam o semi-círculo arquitetônico em arco quebrado (século XI): estilo gótico.

Os italianos comunicam aos edificios linhas exageradas, sobretudo curvas, e adornos imprevistos (M. Angelo): estilo barroco. Os franceses decoram-nos com objetos sinuosos (palmas, grinaldas, etc.), mas depois abusam disso (primeira metade do século XVII): estilo recocó. No fim do século XIX, as modernas aplicam-lhes o cimento armado.

* * *

Os selvagens criaram os tipos fundamentais dos instrumentos musicais: à percussão, a atritos, a sópro. Os gregos representam as notas da música (intervalos dos sons com a tônica em cada gama) com letras do alfabeto.

Inicia-se a polifonia um pouco antes do renascimento.

Depois, os italianos, sobretudo, concebem as bases do sistema tonal moderno e deram os novos gêneros de música (Palestrina, Monteverdi,

Soarlati). Os germanos, em seguida, aperfeiçoam a composição, em suas diferentes formas (rotário, sonata, sinfonia, ópera, etc.) (Haender, Gluck, Haydn, etc.).

Eliminam a solução de continuidade entre as cenas do drama musical e utilizam sistematicamente a *leit-motiv*, acentuando-lhe a unidade (R. Wagner). Ao fim empregam-se as dissonâncias, admitindo o palitimismo (mais de dois tons intervalos entre as notas sucessivas, tons diversos, simultaneamente, maior, menor, semi tom, etc. (Milhaud, etc.) e o atonismo (afora o semi-tom clássico, várias outras e muitas frações menores de tom (Schoenberg, etc.).

Ultimamente tem-se inventado e combinado os timbres com muita variedade.

A arquitetura e música como quase só servem para traduzir o sentimento, ocuparam-se primeiro da forma objetiva dêsse e, por último, da subjetiva (Ictinos, M. Angelo, etc). (Bach, Mozart, Beethoven, Rossini, Bizet, Debussy, etc.).

* * *

As escolas estéticas são seguramente graus aperfeiçoadas do estilo. O classicismo é a representação da realidade segundo idéias preconcebidas; o romantismo, a direta do sentimento vulgar; o realismo, a dos fatos conforme a observação exata; o simbolismo, a indireta dos estados afetivos, pela metáfora formal.

É fácil ver a correspondência dos fatores literários com os das outras artes, plásticas e ritmicas.

Somos forçados a interpretar o romantismo, termo sensivelmente pouco preciso, como um pré-realismo.

Chegámos em arte à sua última forma. Pelo menos a psicologia não nos permite lóbrigar outra. Para Durkhein, ela tende a ser reservada à mulher.

Atingiu ela assim a seu ápice. Nisto a humanidade já satisfez a sua ambição.

Mas, como o que se consegue deixa de provocar interêsse, parece que vai ser relegada a plano inferior, como actividade mental, apesar de agradável a sua contemplação. Observa com razão Dostoievewasqui. Que o verdadeiro ideal é, não um fim, mas meio (*Espírito Subterrâneo*).

Tipografia ?

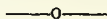
só a do CARIRI

Rua Dr. João Pessoa n. 380

Crato - Fone: 564 - Ceará

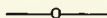
Organização Antônio Primo de Brito

DISTRIBUIDOR "SHELL" EXCLUSIVO NA REGIÃO

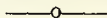


M A N T É M :

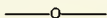
POSTO SHELL SANTA TERESA
AVENIDA PADRE CICERO — CRATO



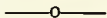
POSTO SHELL BATATEIRAS
Av. Joaquim Pinheiro Bezerra de Menezes - Crato



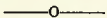
POSTO SHELL PERIMETRAL
Av. PERIMETRAL DOM FRANCISCO — CRATO



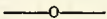
POSTO SHELL PADRE CICERO
Av. PADRE CICERO — JUÁZEIRO DO NORTE



POSTO SHELL MILAGRES
RODOVIA BR 116 — K 484 — MILAGRES - CE.



CHURRASCARIA ALGO MAIS — CRATO - CE.
CHURRASCARIA CAÇULA — MILAGRES - CE.



UMA ORGANIZAÇÃO COMPLETA A SEU SERVIÇO !

Um Advogado aí pelos Sertões

Rio de Janeiro, 17 de dezembro de 71

Erudito Confrade

Dr. WALDEMAR PEQUENO

1. Apraz-me trasladar para aqui o teor integral de minha carta de 29 de novembro: — “constituiu para mim agradável surpresa o haver recebido os dois livros que teve a amabilidade

NOS DOZE ANOS DE EUNICE

G. L O B O

Nasceu um botão
No jardim da existência,
Há doze anos atrás:
Um pinguinho de gente
Uma gota de essência,
Um quase nada
Ao mesmo tempo, um tudo
De Esperança e Amor!
Hoje, é botão quase flor,
É menina — mocinha,
É carinho, é ternura,
É desvelo dos papais
E dos padrinhos queridos.
É a doce Eunicinha
Alegre, mimosa,
Com jeito de rosa
Molhada de orvalho,
Em linda manhã.
Aceita, Eunicinha
Nossos parabéns!
Seja longa tua vida
E venturosa, também.
Rogamos a Deus
Guiar os teus passos
Na estrada do bem.

Crato, 07 de maio de 1972

(Eunice é afilhada-neta do General
RAIMUNDO TELES PINHEIRO)

de me enviar: “Raízes Mineiras e Cearenses” e “Um Advogado Aí pelos Sertões”. Ambos os títulos atraíram-me imediatamente, pois o primeiro sugeria o entrelaçamento de famílias dos dois grandes Estados; e o segundo, bastante expressivo, por si mesmo, convida-nos a uma pronta leitura. Na árvore genealógica de mineiros e cearenses, surgiram-me vários nomes conhecidos e com algumas das personalidades ali apontadas tive oportunidade de manter contacto. Claro é, portanto, que o assunto me interessou sobremodo e, mais tarde, vou examiná-lo, com maior detença, para integrar-me na fascinante matéria. Quanto ao segundo, coube-me, nesta data, ler-lhe alguns capítulos, por onde concluí ser obra de alto valor, sob os mais variados aspectos: a forma literária, a faceta histórica, o conteúdo sentimental, com a revelação de uma individualidade de escol, pelo caráter e pela inteligência e por haver possuído a força de defender seus ideais, com o sacrifício da liberdade e com perigo da própria vida — o que logo nos capta a admiração e o respeito. Correspondendo, pois, à nímia gentileza manifestada para comigo, é que fiz questão de escrever-lhe, hoje mesmo. Após ultimar a leitura, com a máxima atenção e simpatia, pronunciar-me-ei mais demoradamente.

2. O conhecimento integral de sua magnífica obra não fez mais que roborar a impressão primeira, ou melhor e mais apropriadamente, confirmar o julgamento inicial, que formulei

3. A personalidade moral revela-se, a cada instante, na maneira como viu os homens e testemunhou os fatos e, na simplicidade espontânea, com que narra episódios de alta dramaticidade, nos quais se viu envolvido, porque não abandonou os seus ideais, porque defendeu intransigentemente o nome e a honra, não ape-

nas em incidentes de natureza política, em que demonstrou brio e pun-donor, senão ainda em perigosos casos de caráter pessoal, a que foi ar-rastado, enfrentando, com impavidez, adversários rudes e primitivos, enga-jados para a emboscada e o assassí-nio.

4. A delicadeza de sentimentos transpira, também, em inúmeras oca-siões, como no interessante capítulo, em que nos relata a tocante história de O DOIDO, em seu eterno deamb-ular pelos corredores da mansão, em que vivia, alheio à realidade, cum-prindo o tristíssimo fado, mas com um inesperado e fugaz retôrno à ra-zão, para acariciar a cabeleira de uma criança e proteger outras con-tra risco iminente.

5. O "incidente político" com o Presidente de Minas Gerais, por si só, define e exalta o caráter do então Prefeito de Aimorés e a carta que, nessa qualidade, dirigiu ao supremo mandatário do Estado, por seu con-texto, pelos sentimentos de que se acha impregnada, pela serena altivez do signatário, constitui honrosíssimo documento, verdadeiro paradigma de grandeza cívica e, ao mesmo tempo, padrão literário, pela elegante forma, com que foi redigida.

6. Além disso, dentro das páginas de seu magnífico livro, palpita ainda, viva e onímoda, a ação de um idea-lista, que — no contacto com a rea-lidade, solene e decisiva, naquele mo-mento, quando irrompia uma conspi-ração patriótica — assume a inicia-tiva, toma das armas, alicia e distri-bui forças, dirige e providencia, ven-do, por fim, o triunfo de sua causa.

7. Ulteriormente, no decurso de outra campanha, de igual idealismo, mas de resultado desfavorável, mos-tra-se grande na adversidade, inspi-rando-nos, ante tudo isso, a admira-ção e a simpatia por sua bela e digna existência.

8. O estilo do escritor é claro e fluente, de graciosa simplicidade nas narrativas. A descrição de cenários

assume, frequentemente, feição de singular beleza, como no trecho que transcrevo, idêntico a numerosos ou-tros, esparsos por tôda a obra do brilhante escritor: — "Bem, lá esta-va eu também ante a sucessão poli-crômica dos cenários. Tudo, na sua-vidade dos matizes e na poética so-lidão das coisas, respirava bucolismo e doçura. A vida... Apenas a vida com o que há nela de harmonioso e belo. Mas... ah! — não fôsse aque-le encantamento natural rompido também, um dia, pelos monstruosos e frios tentáculos da desilusão..."

9. Deparam-se-nos, amiúde, refe-rências a livros e autôres, comenta-dos com grande propriedade, o que é corolário lógico de sua sólida cul-tura e da sabedoria que os anos transfundem no espírito dos homens.

10. As MEMÓRIAS são dedicadas precipuamente aos filhos. Pudessem todos os pais legar tão preciosa he-rança! Mas, não têm elas apenas êsse caráter sentimental, que tanto dignifica o autor. Trata-se de obra de real valor literário e histórico, in-dispensável para conhecimento de muitos episódios, que se desenrola-ram, em larga fase da vida política brasileira.

11. Mais uma vez, externo meu agradecimento pela preciosa oferta e aguardo ulterior ensejo para dizer algo a respeito de "Raízes Mineiras e Cearenses", quando me caberá aludir a várias pessoas ali nomeadas e transcrever uma carta que enderecei, há tempos, ao seu ilustre parente, o inclito brasileiro, Dr. Afonso Pena Junior, com quem tive a honra de privar, no decurso da última grande guerra, pois os Intervenores nos *Bancos do Eixo* (Banco Francês e Italiano, Banco Alemão Transatlânti-co) e Banco Germânico) nomeamo-lo Consultor Jurídico das três Interven-torias.

Cordiaes cumprimentos

JOSÉ ARRAES DE ALENCAR

TROVAS

DO GRANDE ESCRITOR CEARENSE

A M O R A M A C I E L

Eu vi a Felicidade.
Corri atrás, mas em vão :
Ficou a sombra — a Saudade,
Pôr do sol no coração.

A alegria que se sente
É a soma das abruras,
Como a dor de tôda gente
É a soma das venturas.

Cuidei ver teu coração
Bem por fora do teu busto :
Era o teu seio moreno,
Todo trememente de susto.

As tuas mãos tão alvinhas,
Guardando o teu coração,
Aparentam duas rosas
Sôbre um livro de oração.

A alegria que sente
É a soma das agruras,
Como a dor soma alegrias
No peito das criaturas.

Saudade — braços em cruz,
Sempre vistos nos abraços.
Dois entes que, separados,
De longe se vêem de braços.

Mãe, oração que se reza,
Sopro de Deus numa flor.
Santa que vive entre os homens,
Beijo de Nosso Senhor.

Mãe, oração que se reza,
Sopro de Deus numa hora,
Santa que vive entre os homens,
SOMBRA DE NOSSA SENHORA.

A própria dor nos dói menos
Quando há outro pra sofrer,
Pois assim é de somenos
A mágoa do padecer.

Mal de muitos é consolo
Neste viver de tormento,
Pois a alma sofre menos
Junto a outra em sofrimento.

Quem parte leva da gente
Metade do coração :
As sombras do sol-poente
Na cruz da separação.

Quem parte leva saudade.
Deixa saudade também :
Sombra da Felicidade
Que chora por querer bem.

Tristeza, lábios em prece,
Sempre abertos à Oração :
Dia que cedo amanhece
Sem estrelas na amplidão.

Tristeza — lábios em prece.
Sempre abertos à Oração :
Dia que cedo anoitece,
Noite só no coração.

Quando canta o violeiro,
Tudo pára pra escutar.
Até Deus é o primeiro
Que pára até de rezar.

A Mãe abrindo os seus braços
Para o Filho, com ternura,
Faz dos seus braços dois laços :
Unem Deus à Criatura.

Se a Mãe e o Filho se abraçam
Rezam só a mesma reza,
Pois os beijos que os enlaçam
São preces que a gente reza.

A mãe com o Filho nos braços
— Uma rosa entre dois ramos —
Pede a Deus que esses dois laços
Unam as rezas que rezamos.

Um coração sofredor
Quer junto a outro morar :
É que assim a mesma dor
Faz com dois o mesmo lar.

Se a Mãe beija tôda hora
O filho com tal ternura
Parece Nossa Senhora
Beijando Jesus na Altura.

Aspectos Interioranos

U L Y S S E S V I A N A

Iniciei minhas atividades jornalísticas há cerca de 20 anos, na cidade do Crato, Estado do Ceará, recebendo a orientação segura do primo e amigo J. de Figueiredo Filho, sociólogo e escritor de méritos indiscutíveis. Enfrentei, no início da existência, dissabores e golpes inomináveis do destino, culminando com o desaparecimento prematuro do meu pai, Vicente Ulisses de Oliveira, homem conhecido como trabalhador e de coragem acima do comum.

Esmagado, inicialmente, sob o peso de tantas provações, transformei-me num indivíduo revoltado, pessimista, enveredando para o caminho áspero da oposição sistemática dirigida a qualquer forma de Governo. Assim foi no triângulo caririense e esse comportamento foi adotado, também, em Exu, Vitória de Santo Antão e Barreiros.

Passando a exercer cargo de confiança no serviço público, recebi novas lições e conclui, afinal, que, na administração estadual, os homens de oposição esmorecem diante da complexidade dos graves problemas. Constatou-se, evidentemente, que administrar é tarefa árdua, difícil e saturada de incompreensões. Dirigir com acerto, na conjuntura atual, é declarar guerra contra tudo e contra todos. É muito cômodo, sem dúvida, fazer oposição permanente. É cômodo e fácil, porquanto desconhecemos as agruras da função pública e o campo se apresenta diante dos nossos olhos com dimensões incalculáveis.

Contudo, vez por outra é perfeitamente justificável a nossa posição assumida, contra determinados tipos de administração, em municípios de vastas possibilidades econômicas. No Crato, por exemplo, encontramos uma população desassistida, em matéria de ação executiva. Concentramos o nosso pensamento na terra de Bárbara de Alencar e verificámos, entristecidos, a ausência de obras de interesse coletivo.

Uma cidade situada, no extremo sul cearense, as suas condições sociais são relativamente boas em função do nível cultural existente no meio evoluído que conta com entidades de ensino respeitáveis.

Culturalmente falando o Crato atingiu os seus objetivos. Até faculdades já estão funcionando com êxito assegurado. A mentalidade do povo se identifica com o pensamento das civilizações mais adiantadas, radicadas nos grandes centros litorâneos.

Todavia, a administração municipal carece de sangue novo, no momento em que se renova, no Brasil, sistema de trabalho coincidente com o avanço de todos os ramos de atividades humanas.

Os habitantes do Crato têm responsabilidades definidas na escolha do futuro governante e de tal maneira que a sua opinião exerça influência decisiva junto aos organismos políticos. Nomes de idoneidade moral e técnica merecem o apóio do eleitorado cratense.

O aspecto geral da "Princesa do Cariri" é desolador mormente no serviço de pavimentação e iluminação pública. A cidade, de aspecto moderno e atraente, merece um futuro melhor, coerente, mesmo, com a inteligência e o dinamismo dos seus filhos. No processo de seleção deve preponderar: somente o interesse comum, abominando-se o velho ritual das castas superadas e em que os candidatos afloram a custa do arcáico regime patriarcal. NOTA: A luz só está ruim nos bairros.

As Tradições Nacionais Valores Permanentes e Valores Transitórios

GEN. DIV. R I RAIMUNDO TELES PINHEIRO

SÓCIO FUNDADOR DO INSTITUTO CULTURAL DO CARIRI E
CORRESPONDENTE DO INSTITUTO DO CEARÁ. EX-COMANDANTE DO
CPOR/10, DA ESCOLA PREPARATÓRIA DE CADETES E DO COLÉGIO
MILITAR DE FORTALEZA. EX-CHEFE DO ESTADO MAIOR DA 10a.
REGIÃO MILITAR E DAS SUBSEÇÕES DE HISTÓRIA E GEOGRAFIA,
RESPECTIVAMENTE, DA 5a. SEÇÃO DO ESTADO MAIOR DO EXERCITO

I — INTRODUÇÃO

Na conceituação hodierna, Estado-Nação é o elemento fundamental da Sociedade Internacional do mundo em que vivemos, constituído por um Corpo Político e um Território.

Representa o Corpo Político o Estado, como organização jurídico-política independente e soberana, integrada pela Nação, que abrange tódã a sociedade ou comunidade nacional submetida à jurisdição do Estado. E o Território é o espaço geográfico habitado pela Nação e no interior do qual o Estado exerce sua inteira e plena jurisdição de independência e soberania.

As relações necessárias existentes entre os órgãos que dirigem o Estado e a comunidade Nacional, ou entre governantes e governados, e a maneira pela qual os governantes assumem essa qualidade e exercem as atividades inerentes, compõem um conjunto de regras, normas ou leis que consubstanciam o Regime, ou, melhor dito, definem os direitos e deveres de cada um.

Esta é uma síntese da evolução através dos tempos, no decorrer dos quais se vai construindo a história de cada Estado-Nação, a fim de poder-se atingir tudo isso, bem como sua aparição e participação na Sociedade Internacional, com apreciável repetição de estágios e fatos, que são básicos para todos no decorrer da História.

Uma vez formado um grupamento humano, por aglutinação familiar e de seus descendentes, fixa-se êle a um território, normalmente em função de atividades econômicas primárias favoravelmente criadas ou facilitadas por fatores múltiplos aí existentes. E, então, vai aludido grupamento evoluindo progressivamente dentro de um processo histórico-cultural, até mais tarde configurar-se no que denominamos uma sociedade política, que passa a envolver e interessar a todos, de vez que são generalizados os problemas básicos, as condições de vida e o ambiente. E tomará, neste estágio, o aspecto de comunidade nacional, em substituição ao simples grupamento, ou seja, passará a ter coesão, consciência plena do interesse coletivo e um peculiar sistema de vida social, baseados em hábitos e costumes de origem.

Essa sociedade política, conseqüente da evolução de um grupamento, na sua convivência diuturna e espontânea, por ser a vida em sociedade inerente à condição humana, tem de estabelecer regras, uma vez que é uma realidade, também humana, tendente para o bem comum, anseio e aspiração de todos.

Composta por indivíduos reunidos espontaneamente, essa sociedade baseia-se na unidade doméstica que é a família, cujos direitos e liberdades essenciais serão os modelos dos direitos e liberdades desejadas pela sociedade como um todo, através das atividades familiares, econômicas, culturais, educacionais, religiosas, etc., que coexistem e se confundem com a própria vida política, ou seja, aquela que resulta de regras que se vão estabelecendo para todos, moldando a sua natural evolução.

Dentro do seu complexo vicejam instintos, paixões, reflexos, estruturas psicológicas e dinamismo, porém tudo tendendo para a comunhão livremente realizada, em consequência do devotamento de líderes naturais que aconselham, opinam, pregam e tudo empenham para o bem e o progresso da sociedade. É o sentimento de civismo que os dinamiza e faz brotar outros, como os de justiça e de lei, como norma generalizada de convívio, que se vão tornando indispensáveis e estabelecidas naturalmente.

As espontâneas normas grupais, tradicionais e não escritas, o respeito, o direito consuetudinário e, finalmente, a lei, na plena aceção do seu significado, vão contribuindo para a ordem vital da sociedade política, e surgem os líderes, as autoridades particulares e parciais, sobrepondo-se umas às outras, até engendrar-se a própria sociedade e os órgãos que lhe darão capacidade de governar-se livremente, o que constitui o processo de institucionalização do Estado.

Crescendo o número de indivíduos e de famílias, bem como as necessidades e disponibilidades, evoluindo em grau de conhecimentos e de politização, tornando-se complexo o exercício da chefia, vem, então, a delegação de poderes do chefe aos auxiliares o que se amplia e transforma, obedecendo, de um lado à do regime que vinha sendo seguido, fruto das influências tradicionais e de origem, e, de outro lado aos efeitos das influências e pressões internas ou externas que contam na politização, como sejam os contatos com outras sociedades, natural ou obrigatoriamente, daí resultando a natureza e funções dos órgãos que engendram e traduzem a capacidade de governar-se.

Numa evolução normal, nesta etapa, são criados livremente os órgãos de governo, sem qualquer controle de outras comunidades, estabelecendo elas próprias as limitações que, por ventura, devam ter nas suas atividades, bem como o órgão político e humano que as deverá acionar. E tem existência um governo independente e soberano com poderes e deveres estabelecidos livremente por toda a comunidade que assume, então, igualdade com os outros Estados-Nações já existentes, com os quais convive.

O Estado assim constituído tem algo de espontâneo que assemelha uns aos outros, porém tem muito de edificado e desejado por hábitos e tradições de origem, e de impôsto à sociedade política que o edifica, pelos exemplos e estudos dos demais já existentes, cuja influência é inevitável como processo de evolução.

Visto que na constituição do Estado-Nação, na evolução da sociedade que o compõe, há muito de tradições de origem, temos uma análise das que caracterizam a nacionalidade brasileira.

II — AS TRADIÇÕES NACIONAIS

O único país do Novo Mundo que fez a Independência com uma instituição monárquica foi o Brasil. E a emancipação política adquiriu a aparência de um desenvolvimento natural, reduzindo ou diminuindo as tendências à anarquia e contribuindo para conservar intato o patrimônio

territorial. Como consequência imediata da unidade, surgiu o gigantismo dos problemas e das tarefas que, a partir da Independência, tiveram que enfrentar os dirigentes, acrescidas de outras várias dificuldades para uma população dispersada, sofrendo o impacto do exclusivismo colonial e do isolamento nacional, que a tornaram insuficiente espiritual e economicamente.

Essa primeira ação política revelava, ainda, uma capacidade plástica de acomodação, ligada à contemporização e à capacidade de adaptação, facilitada pela constituição da sociedade patriarcal, dividida apenas em senhores e escravos.

Sendo a sociedade brasileira colonial e imperial baseada na aristocracia rural, que é um privilégio de sociedades envelhecidas, o Brasil, na América, não é um país jovem, se comparado com outros, como os E.E. Unidos ou Argentina, no tocante à influência do passado e das tradições na configuração política atual.

O patriotismo brasileiro comporta recordações e, neste sentido, é um país velho, cheio de tradições e constituído, em sua maior parte, de brasileiros de quase quatrocentos anos.

O Brasil recebeu 4.800.000 imigrantes entre 1850 e 1950, dos quais somente 3.400.000 permaneceram no país e, destes, a maioria é constituída de portugueses, cuja personalidade básica foi a predominante durante três séculos coloniais, acrescida das variações indígenas e negras, e que tem permanecido constante em algumas das suas peculiaridades, sendo reforçada pelo contingente imigratório.

Assim, tem havido uma continuidade de população, de personalidades e culturas, ao contrário do que ocorreu nos E.E. Unidos e Argentina, onde os povos de muitos países alteraram, fundamentalmente, às vezes, a personalidade, a cultura e a própria sociedade.

Mesmo na região sul do país, de maior migração estrangeira, com menor imposição de tradições históricas, predominam a personalidade básica luso-brasileira e sua cultura, razão por que a sociedade nessa região, mesmo a pioneira, procura ligar-se a uma tradição e criar uma história.

No Brasil existem uma cultura e uma nacionalidade únicas, de que os brasileiros se orgulham muito, embora representem duas faces bastantes diferentes, caracterizadas pelos níveis e modos de vida: uma é particularmente rural e conserva seus quadros tradicionais, e a outra é particularmente urbana.

A primeira é uma sociedade arcaica e a segunda um Brasil Novo; mas ambas, apesar da diferença social, estão estreitamente entrelaçadas e unidas pelo sentimento nacional e por outros valores comuns, não formando culturas diferentes, mas duas épocas de uma mesma cultura, atrazada de séculos, mas com seus elementos positivos e negativos, a força e a fraqueza da cultura básica brasileira nitidamente presentes nas duas sociedades.

Afirma o mestre José Honório Rodrigues, que nos vem guiando neste escôço, ter sido a dispersão precoce do povoamento no Brasil do século XVII que permitiu predominar a cultura básica brasileira, seus traços particulares e tradicionais, ainda hoje existentes, em que pése as variações provocadas pelas mudanças técnicas urbanas.

O Brasil Novo oferece uma estrutura social menos hierarquizada e uma espantosa mobilidade social e, dêsse modo, as tradições da sociedade colonial e arcaica encontram-se, hoje, em contacto crescente com traços

culturais novos, introduzidos pela rápida importação de novas técnicas de produção, novas culturas e modos de vida, que trouxeram a racionalização do trabalho, a valorização da vida econômica, o estímulo ao capitalismo e a superação do passado, a par de todos os males da propaganda, da mentalidade do consumo conspícuo favorável à inflação, a barba-rização do rádio e da T. V. comerciais, as angústias, as ansiedades, etc.

E a personalidade básica luso-brasileira de caráter arcaico entibi-cou-se, com o aparecimento de uma nova personalidade menos formal, menos personalista e mais objetiva; e estando a sociedade dividida em parte arcaica e parte nova, a vida política torna-se, inevitavelmente, uma luta entre duas concepções, no atinente às instituições políticas,

O ônus de três séculos de colonialismo, de quatro séculos de exist-ência da escravidão, de gigantismo dos problemas e de ausência de qua-dros dirigentes, gerou um sentimento de insuficiência que perturba, tam-bém psicologicamente, a decisão e escolha de tarefas e soluções primor-diais.

Passado o otimismo e a confiança dos primeiros momentos da In-dependência, quando ainda fascinado pelas drogas e minas, pela grandeza e possança de suas riquezas, que não estavam muito à mão como lhe parecia antes, e pelas suas próprias tendências, caiu o brasileiro no ir-realismo. E daí o ufanismo: riquezas e não tarefas, excelências e não suficiências econômicas e espirituais; não se reconheceu que o grande pecado era a pobreza, que seria vencida ou eliminada pelo trabalho e pela poupança. Entregou-se o trabalho exclusivamente a escravos, e não se deu importância à poupança, a fim de poder formar o capital nacional indispensável à disputa e gozo da riqueza que se trombeteava em discus-sos; fez-se uma Lei Máxima copiando trechos de Benjamin Constant, num casamento frustrado entre o irrealismo da doutrina e a realidade nacional, e que, com o tempo se foi ajustando mais aos interesses das elites que aos majoritários. Parece ser hábito da vida política brasileira adotar so-luções em resposta a doutrinas e não a situações.

A insuficiência era de quadros dirigentes e de formação de quadros dirigidos, acentuada com a vigência da República, à medida que as tare-fas foram crescendo, com as necessidades de bem-estar de 17.000.000 em 1.900 e hoje 93.000.000 de brasileiros e as imposições de progresso até às áreas retardadas do vasto e imenso território. A culpabilidade dessa in-suficiência estava no irrealismo e no verbalismo, no sacrifício da reali-dade à beleza da forma e da sonoridade, bem como no personalismo que caracterizavam nossa vida política e as nossas minorias dirigentes. Li-gava-se mais à personalidade básica brasileira que enfatiza as relações pessoais, simpáticas e diretas, e não categóricas, impessoais e práticas.

Mas o personalismo que historicamente se concentrava nas figuras políticas (bacharéis, eclesiásticos, militares, etc.), se dispersam nos mais diversificados grupos. Desde 1930, foram exaltadas as personalidades do grande comércio e da indústria que, através das suas associações, formam grupos de pressões e impõem suas reivindicações; e, com o rádio e a televisão, novas personalidades populares exprimem as forças do popu-lismo e contrabalançam as personalidades sociais que a crônica mundana revelou.

Dêsse modo, também, desvalorizam-se algumas personalidades no conceito geral, e valorizam-se outras pela aclamação popular ou social. Mas, se a grande subdivisão aparenta revelar sinais de democratização do processo histórico, traduz, por outro lado, a força tradicional do populis-

mo e, em oposição, o poder das classes conservadoras, mais interessadas nos seus do que nos interesses nacionais, a par do mundo da personalidade frívola e ociosa que enche as colunas sociais da imprensa; e o sacrifício do bacharel e do intelectual não significa um lucro, como não o significa a valorização da personalidade social caracterizada pela emulação pecuniária e pelo consumo conspicuo, astronômico, inútil, e contraditório às necessidades de poupança da fase desenvolvimentista que buscamos ansiosamente. Por isso, os momentos de suficiência da nossa história são aqueles em que as minorias tomaram o caminho da autonomia e deram determinado grau de impersonalidade à sua ação, somado a substancial conteúdo de ideias, problemas e soluções. E se a suficiência ou insuficiência, com a satisfação ou a insatisfação de um conjunto de exigências de determinado nível é um conceito econômico e moral, o jôgo é funcional e mútua a interdependência do comportamento; são indispensáveis determinadas suficiências psíco-sociais para poder-se atingir o desenvolvimento total desejado.

Sem regeitar o passado, pecado de que nos redimimos, felismente, soubemos conservar constantemente uma ligação com a nossa história e formar uma consciência histórica da unidade do nosso patrimônio territorial e espiritual.

A personalidade básica luso-brasileira tem pavor à violência e revela sempre uma maneira peculiar de acomodar as coisas e um comedimento que evita as rupturas definitivas. A habilidade, a moderação e prudência em fugir dos extremos, o esquecimento rápido, o riquíssimo senso de humor, a cabeça fria e o coração quente contornam, desbordam os momentos difíceis. Esses traços psíco-sociais estão rigidamente ligados ao personalismo da nossa cultura, à conveniência pacífica que a história processou, à paciência da personalidade básica que foi, evidentemente, incentivada pela prática da escravidão. E daí os compromissos que apararam as arestas, conciliaram, abrandaram e permitiram, com apreciável rapidez, a cooperação: na Independência, na Abdicação, na Maioridade, Abolição, na República e nos últimos movimentos.

A conciliação, mais que a revolução, dominou a nossa história, não só porque o povo, com o seu destacado espírito de concordia, prefere obter menos a recorrer à violência, mas, também, porque os grupos dominantes preferem ceder um pouco a arriscar muito, e, sobretudo, porque as Forças Armadas, democráticas, liberais e progressistas, representam um poder de equilíbrio, que modera as minorias sem subjugar as maiorias.

Nêste ponto da nossa longa exposição, apresentemos, em síntese, com o mestre José Honório Rodrigues, as Tradições Nacionais:

1 — POSITIVAS

- Sensibilidade nacional muito viva, que exige um processo de abraçileiramento às contribuições estrangeiras, a par de uma consciência muito alerta da herança histórica.
- Forte coesão nacional, proporcionada pela lingua comum.
- Vivência política liberal e civil, em que pésem intervenções no campo econômico.
- Homogeneidade religiosa, com a prática de um catolicismo flexível.
- Relações raciais ecentuadamente pacíficas.
- Importância das relações de família, que ainda permanece o núcleo da vida social.

- Espírito acessível e aberto, facilitando a capacidade de adaptação às aquisições da técnica e o uso desta na utilização dos nossos recursos.
- Franca permeabilidade ao desenvolvimento associativo geral, decorrente da forma de cooperação agrícola.
- Relativa ou pouca sensibilidade às ideologias, lentidão em revoltar-se o povo, constituindo população fácil de governar-se.
- Enraizado sentimento democrático, originado da profunda e essencial humanidade cristã, que desaprova as desigualdades.
- Espírito de conciliação que acomoda e evita os extremos, rejeitando as soluções violentas.

2 — NEGATIVAS

- Restos da tendência de adiar para amanhã o que pode ser feito hoje; resíduos do conservantismo português.
- Instabilidade social e política, provocada pela luta entre as tradições da sociedade colonial arcaica e os elementos culturais do Brasil Novo.
- Grande falta de quadros na administração e na política brasileira.
- Reduzido número de adultos e grande contingente de jovens que tornam esmagadora as tarefas da atual geração, mormente em face do gigantismo dos problemas.
- Corrupção administrativa e inautenticidade do sistema representativo.
- O personalismo da vida brasileira, que pode e deve ser corrigido pela ênfase dada aos problemas e não às pessoas. Devemos erradicar o filhotismo, o nepotismo, o genrismo e outras formas comuns de favoritismo ligados ao personalismo, à relação patrão-cliente do Estado, a que aderem os políticos em geral, desde os mais oligarquicos aos mais trabalhistas.
- Irrealismo das minorias dirigentes, que pode e deve ser corrigido pela capacidade de responder aos desafios com soluções e não com teorias.
- A crença na sorte e no jôgo — quase tódo negócio é jôgo e não negócio.
- Insuficiências de educação e do bem-estar.

III — VALORES PERMANENTES E VALORES TRANSITÓRIOS

Para melhor inteligência e compreensão do raciocínio, conceituemos VALOR, com Theobaldo Miranda Santos e José Denizar Macêdo de Alcântara: “Valôres são qualidades que colocamos nas coisas, ou são fins que procuramos realizar por intermédio de meios e processos que adotamos. As coisas valiosas ou portadoras de valôres chamam-se bens”. “Esses valôres são: *“relativos e acidentais*, que variam no tempo e no espaço, em função das circunstâncias especiais de ordem histórica e social; e *absolutos e essenciais*, válidos para todo homem, independentes das circunstâncias especiais de ordem histórica e social”. Em resumo: *transitórios* uns, e *permanentes* os outros.

Definida ou aceita a conceituação de VALOR, procuremos analisar, com a necessária humildade, aquêles que perseguimos e defendemos, constituem os nossos anseios, as nossas aspirações, e são própriomente, os OBJETIVOS NACIONAIS do Govêrno e Povo da Nação Brasileira...

Vimos que o Govêrno é a organização que utiliza o Estado para a realização política dos seus fins de promoção do bem-estar comum e a consecução e salvaguarda dos interêsses vitais da Nação, quer na área

interna, quer na sociedade internacional. Assim, é o órgão que, vivendo, vivifica e orienta as instituições para os seus fins ou objetivos.

Para atingir as suas finalidades e ser por elas responsável perante a Nação, é o Governo revestido de autoridade e dotado de meios de comando e de ação que garantam o funcionamento normal de toda a sua estrutura, por forma a impor a todos, igualmente, a vontade da Nação, manter a coesão, a disciplina social, a ordem pública, estabelecendo campo ou ambiente que permita a cada um trabalhar e produzir livremente, consoante o Regime adotado e respeitado, concomitantemente, pelo Governo e pelo Povo.

Possuído de autoridade legítima outorgada pela vontade do Povo, é o Governo Democrático o centro do comando da vida nacional, harmonizando as atividades individuais com os interesses coletivos, promovendo a aplicação e orientação mais conveniente à capacidade realizadora da Nação como um todo, a fim de que sejam preservados as metas ou objetivos já conquistados e alcançados aqueles outros ainda desejados e perseguidos, interna ou externamente, a despeito de quaisquer pressões que a tanto se oponham.

Além de orientar e decidir, promove o Governo, também, o equilíbrio das ações dos demais poderes integrantes da Nação, no que concerne ao esforço comum pelo bem-estar, progresso e segurança nacionais. E temos o legítimo funcionamento do Estado, na toda a sua plenitude, conduzindo a Nação ao seu destino histórico, à conquista dos objetivos de todo o Povo.

Dentro do processo histórico-cultural, evoluem, paralelamente, hábitos e costumes, aspirações e anseios ou interesses do grupo que evolue, constitui-se em Nação, implanta o Estado e surge como Estado-Nação no cenário internacional; e alguns desses hábitos e costumes, aspirações e interesses se generalizam, transformam-se em nacionais e vão influir na própria constituição do Estado.

Com a evolução surgem as aspirações da melhoria progressiva das condições existentes e de maior prestígio no cenário internacional, nas relações e competições com outros povos, tanto do Estado como de cada indivíduo, exprimindo os anseios de auto-determinação, liberdade e prosperidade, expressas com maior ou menor firmeza, em função do seu estágio de evolução e desenvolvimento atingido.

Embora tenham, no fundo, o mesmo sentido em toda parte, os anseios de auto-determinação, de integração nacional, pondo maior ou menor ênfase nos costumes, hábitos e tradições, de prosperidade e de bem-estar, e o próprio conceito de liberdade e de prestígio, variam bastante de Nação para Nação. Não há dúvida, entretanto, que toda comunidade nacional tem interesses e aspirações próprias, com sentido e expressões próprias, todos decorrentes da necessidade de sobrevivência, baseada no bem-estar geral e condicionada por uma constante preocupação de segurança, a par de uma crescente melhoria das condições de vida e cada vez maior prestígio do Estado no cenário internacional.

É no processo histórico-cultural que se revelam as verdadeiras energias espirituais, as forças econômicas e vitalidade política que podem manifestar e assegurar, de tudo aquilo que foram simples interesses e, a seguir, verdadeiras aspirações nacionais, o que a Nação, como todo, deseja; ou dito com melhor clareza: a cristalização dos interesses e aspirações de uma Nação ao longo da história, define os VALORES ou OBJETIVOS NACIONAIS.

Devem traduzir êles, positiva e explicitamente, as necessidades coletivas condicionantes da existência nacional, em torno das quais se devem desenvolver tôdas as atividades dos dirigentes, num esforço solidário, coordenado e coerente, de modo a alcançar aquêles objetivos, que devem expressar o que a Nação quer ser, internamente e nas suas relações com as outras Nações. É a tradução da vontade Nacional.

Através do comportamento, das manifestações e reações do povo, do pronunciamento dos homens que trabalham, lideram e opinam, no decorrer da história nacional, é que se fixam atitudes, pronunciamentos e movimentos que resultam no conhecimento da vontade nacional, que pode ser expressa em legítimos objetivos a alcançar, para satisfação ou como necessidade nacional.

E pode ser fixado por meio de palavras ou frases, que traduzem uma orientação prática, como fundamento de tôdas as atividades político-econômico-sociais destinadas a realizar as aspirações da comunidade nacional pelo Estado. Assim, a liberdade, a integridade territorial, a independência e soberania, o regime democrático, a integração nacional, o progresso e bem-estar, etc., são expressões de valores que traduzem perfeitamente uma vontade nacional manifestada através da sua história e têm um caráter de permanência mais ou menos longa, sem que, todavia, permaneçam eternas no seu enunciado; pois, naturalmente deve haver uma relatividade na permanência, de vez que a dinâmica da vida nacional e a influência de fatores diversificados, presentes e atuantes, provocarão uma prioridade, modalidades e hierarquização do que deve ser obtido em cada época, presente ou futura, próxima ou longínqua. Em outras palavras: a Nação deseja tudo, mas não podendo obter tudo em dado momento, deverá preservar o que fôr alcançado, enquanto porfia, cada vez mais, em conseguir o que deseja. Existem condições básicas e indispensáveis à sua própria sobrevivência, que impõem assegurar e, concomitantemente, alimenta outros desejos, ideais, objetivos ou valores que não são essenciais em dado momento. Somente o integral conhecimento e perfeita identificação das necessidades fundamentais e a perfeita interpretação dos ideais, desejos e pretensões das aspirações coletivas permitem o estabelecimento dos valores ou objetivos nacionais em consonância com tais aspirações e interesses.

Por sua tradição, constância ou continuidade temporal, podem considerar-se permanentes aquêles valores sempre desejados, por constituírem bases definidas dos caminhos a seguir pela sociedade política, que é a Nação, conduzida pela forma e órgãos que para tal livremente criou.

É óbvio que cabe às elites culturais da sociedade política o papel de traduzir, com fidelidade, através de um processo de racionalização e assimilação, as aspirações em objetivos ou valores permanentes, por enunciados sintéticos, aceitos por todos e a que todos oriente, bem como se ajustem às tendências do povo com simplicidade e autenticidade.

Cada Estado-Nação, como é natural, tem seus próprios objetivos, e a expansão e o progresso de um pode ser conseguido à custa da submissão, do entrave ou da abnegação de outros e, por isso, os atritos se sucedem, são quase uma constante no mundo moderno, onde nenhuma Nação conseguiu atingir a auto-suficiência e cada vez mais dependem uma das outras. E daí nenhuma conseguir a satisfação plena dos seus objetivos ou a segurança absoluta de usufruir em paz os valores ou objetivos conquistados. Além dos atritos, conflitos e pressões que podem advir do exterior, as atividades nacionais internas, por mais espontâneas,

dedicadas, entusiastas e patrióticas que sejam, nem sempre se processam com a eficiência desejável e permitem alcançar os fins almejados com facilidade. Podem, mesmo, existir circunstâncias capazes de prejudicar o seu andamento favorável e tendentes a limitar, retardar e ou impedir, no todo ou em parte, a consecução de um ou mais objetivos desejados. São circunstâncias e limitações de toda ordem na vida nacional, decorrentes de vários fatores adversos, de origem interna ou externa, cuja superação ou remoção vai exigir meios e esforços nem sempre disponíveis em condições e tempo úteis.

Dai a necessidade de PODER para alcançar ou manter os objetivos ou valores nacionais, o qual é definido pela capacidade de realizar, remover ou vencer tudo que se oponha aos designios da Nação, interna ou externamente, por intermédio de meios, medidas, providências, leis, regulamentos, etc.

Vimos a impossibilidade material de conseguir qualquer Nação a satisfação plena de todos os objetivos, que seria o ideal. Mas como não pode ela prescindir de seus objetivos vitais ou essenciais à vida nacional, o esforço do Estado deve perseguir a realização daqueles que estarão sempre na dependência: de um lado, da maior ou menor intensidade de fatores conjunturais adversos, e de outro, do maior ou menor grau de PODER que a Nação consiga dispor, acumular e manter, para, adequadamente e na devida oportunidade, enfrentar e vencer aqueles fatores adversos, oriundos de deficiências da própria Nação ou da ação de outro Estado, que se opõem à consecução de um determinado objetivo ou ameacem outro já conquistado.

O ideal seria a inexistência de tais fatores, ou uma disponibilidade de tal poder, porém isso não sucede na realidade conjuntural; pelo contrário, tudo, quase sempre perturba aquele ideal, e o esforço, a luta pelos objetivos é constante e cada vez mais difícil para todos os Estados-Nações. Por isso advém a necessidade de hierarquização e do estabelecimento de prioridade para os seus objetivos, de acordo com a importância que tenham para a vida nacional e a possibilidade de os conseguir ou preservar.

Nem sempre é possível a realização imediata, a concretização ou posse definitiva e segura daqueles objetivos. Haverá, sempre, em face da mobilidade das circunstâncias conjunturais de importância do poder disponível e da natureza dos obstáculos e antagonismos que se opõem, que acumular maior poder e empreender ações preparatórias; em suma: caminhar por etapas, até alcançar o desejado. Isto é, ter-se-á que alcançar ou realizar objetivos prévios, imediatos ou transitórios, como etapa para chegar-se ao que se deseja como valor ou objetivo nacional permanente. Aquilo que é possível fazer agora ou em futuro próximo, ou é preciso fazer já por força das circunstâncias, a fim de alcançar depois o objetivo nacional ou valor permanente, chama-se objetivo nacional atual ou valor transitório. Ele é eminentemente conjuntural, pois é uma imposição ou decorrência de circunstâncias presentes ou atuais, que devem ser removidas, liberando o caminho e conduzindo à conquista do objetivo ou valor permanente, cuja posse ou manutenção depende da realização ou da posse daquele valor intermediário.

Assim, cada objetivo nacional ou valor permanente, via de regra, estará na dependência da conquista de um ou mais objetivos ou valores atuais ou transitórios, que também são nacionais, posto que toda a Nação desejará como seus autênticos objetivos, porque de sua consecução estará dependendo aquele outro que estará constantemente buscando conseguir ou realizar.

A definição e realização dos objetivos ou valores transitórios que melhor conduzem aos permanentes, ou asseguram o desfrute por toda a Nação, é tarefa específica de cada Governo, cuja finalidade é movimentar e dar vida ao Estado.

Nesta altura da nossa prolixa arenga, podemos enunciar os principais valores ou objetivos nacionais permanentes, cristalização dos mais altos interesses e aspirações nacionais :

- Independência
- Soberania
- Integridade territorial
- Prestígio Internacional
- Integração Nacional
- Prosperidade Nacional
- Democracia
- Liberdade com responsabilidade
- Patriotismo, civismo, coesão, abnegação, autoridade
- Dignidade da pessoa humana
- Educação
- Saúde
- Paz social.

IV — CONCLUSÃO

O mundo contemporâneo é um mundo em transição. A vertiginosidade com que se vêm processando, após a última grande guerra, as descobertas provenientes das pesquisas científicas e seus consequentes reflexos na tecnologia aplicada nas atividades econômicas, projeta-as, obviamente, nos campos da atividade humana e na sua psicologia. Daí o acervo de novos condicionamentos do homem hodierno impôr-lhe modificações no meio natural e social, e as informações recebidas através da imensa rede de comunicações criadas pela técnica vir-lhe modificando a visão cosmogônica e sua compreensão dos fenômenos universais. Cria-se a necessidade de novas normas de conduta para adaptar-se ao meio e nele sobreviver; e sua problemática, suas aspirações, seu comportamento se alteram, e novas normas de conduta se fazem mister. Então, por tudo isso o homem moderno procura, acima de tudo, a reformulação das estruturas sociais e políticas, a fim de adequar-se à realidade de seus dias, isto é, a transição conceitual atinge as instituições e as estruturas sociais, na busca de novos rumos.

“Não obstante a transição ocasionar uma certa insegurança, apontamos, também, as perspectivas de um admirável mundo novo, na medida em que o homem souber usar o enorme potencial de recursos e do privilégio da inteligência de que foi dotado pelo Criador”.

Na realidade, os objetivos e aspirações da humanidade permanecem imutáveis desde a sua criação; o que muda são seus juízos de valor, sua visão do mundo em que vive. A meta do homem, desde a sua aparição até o requintado e intelectualizado homem moderno, foi permanentemente uma : a promoção da sua felicidade, a dignificação da sua pessoa, a busca constante do sempre melhor.

E para isto, através dos tempos, procurou ele organizar-se, investigar, obter normas de conduta que o levassem a persistir no meio, e a melhorar para si as condições deste próprio meio.

Desde suas origens, descobriu que sua sobrevivência, seu bem-estar e sua segurança estavam condicionados à cooperação e participação de

outros seres da espécie, e que para viverem em conjunto e em harmonia buscando objetivos comuns, necessitavam de organização, de liderança, de intercâmbio, do aproveitamento da experiência dos mais vividos, dos mais antigos, a par do entusiasmo, da agilidade dos mais novos, tudo numa síntese que produziria trabalho mais rentável, com maior eficiência dos seus objetivos primários: sobreviver e expandir.

O homem evoluiu em todos os seus complexos, a fim de tornar a vida melhor. Evoluiu em grau de associatividade, desde as formas primitivas do clã familiar até o complexo e gigantesco Estado Moderno; evoluiu nas relações sociais, na conceituação da norma de conduta, na conceituação de justiça, do poder político e do seu uso, tudo em longa e penosa caminhada empreendida pela humanidade. E se é verdade que os dias presentes são de transição institucional e de insegurança provinda da necessidade da reformulação das instituições asseguradoras da ordem jurídica e do equilíbrio social, é real, também, o valor altamente positivo do que existe e do que foi feito; o precioso trabalho realizado por pensadores, estadistas, administradores, etc., atestam que não é chegada, ainda, a hora do Apocalipse. O momento histórico exige, impõe a separação do joio do trigo, a fim de que se colham o fruto regado com tanto sangue e suor através das centúrias. O homem e sua sociedade se reformulam aperfeiçoando-se.

Mudam-se os tempos, reformulam-se os conceitos, abrem-se novos horizontes e perspectivas no campo social, mas os valores e os condicionamentos básicos perduram inalteráveis. A sociedade pressupõe uma organização e uma ordem, a ordem pressupõe um instrumento para mantê-la. Esta ordem se traduz nas normas de conduta coercitivas, que se denominam leis, que é o resultado do consenso médio do grupo social, o instrumento da ordem social, produto das necessidades dos componentes do grupo. Assim, como tudo na natureza está condicionado a uma ordem, o homem, na sua forma mais evoluída da sua sociedade, está condicionado à ordem jurídica. A esta deve estar ele sujeito, em benefício próprio e em benefício do próximo; a esta deve cingir seu comportamento, e a infração aos seus preceitos deve ser reprimida, por prejudicial à coletividade. Resumindo: a sociedade é indispensável à sobrevivência da espécie; a ordem e a autoridade são indispensáveis à sobrevivência da sociedade; o poder político é indispensável à sobrevivência da ordem e da autoridade, e a organização do poder político é o vértice da sociedade humana que, em sua forma mais perfeita, se denomina Estado.

Dentro deste panorama universal é que se deve situar os problemas brasileiros, com a finalidade de estudar-se profundamente a sua realidade contemporânea e dos rumos que devem ser tomados para a consecução das suas aspirações, quer sejam as permanentes, quer sejam as transitórias.

O fim precípua do Estado — em que pésem as elocubrações doutrinárias — é a realização do Bem-Estar do seu povo e, para tanto, os detentores do Poder Político são responsáveis pelo planejamento da Estratégia Nacional, ou seja, o estabelecimento das linhas de ação que, a curto, médio e longo prazo, impulsionam o Estado para a consecução daqueles seus fins ou objetivos ou valores.

Daí a razão da Doutrina criada pela vitoriosa Revolução de 31 de março de 1964, a qual deve traduzir os interesses mais prementes e as aspirações mais legítimas do povo brasileiro, e conjugar esses interesses e aspirações às realidades da geografia brasileira.

A avaliação dos interesses variáveis — necessidades mais relevantes, tais como indispensáveis à sobrevivência e evolução da caminhada nacional, dentro de condições compatíveis com a dignidade humana — e das aspirações nacionais — projeção e integração desses interesses na consciência da comunidade — permitiram a formulação dos objetivos Nacionais, sobre a consecução dos quais a Revolução estabeleceu a sua Doutrina e seu plano de ação político...

Senhores

Aqui temos a conceituação dessa Doutrina :

- 1.º — “Conquistar a todo custo e a curto prazo a integração nacional e a prosperidade nacional.
- 2.º — Defender obstinadamente o estilo de vida democrático do povo brasileiro, os valores morais e espirituais sobre os quais se assentam a consciência da nacionalidade e a paz social.
- 3.º — Preservar e valorizar a independência, a soberania, a integridade territorial e o prestígio internacional da Nação Brasileira”.

Com a finalidade precípua de alcançar :

- A — “A expansão acelerada de bens e serviços, a fim de assegurar, em ritmo rápido, o progresso social, corrigir as desigualdades de renda, absorver os contingentes de mão-de-obra que chegam ao mercado de trabalho, alcançar a paz e a tranquilidade social”;
- B — “A manutenção das condições de segurança indispensáveis, nos campos internos e externos, a fim de garantir a expansão econômico-social acelerada, acima preconizada, preservando e defendendo o estilo de vida do nosso povo”;
- C — “Combinando as duas metas acima, “arrancar com o país” transformando-o, no interregno de uma geração, numa potência politicamente respeitada, economicamente desenvolvida e socialmente estável”.

Jovens Universitários

Atentai bem. A vós — desprovidos de expressivo otimismo e de qualquer pessimismo mórbido — cabe a imponente tarefa de empolgar esse facho e de conduzi-lo ao tópo das aspirações máximas do Povo Brasileiro. Para a frente, custe o que custar !

Senhores

Aqui chegamos ao fim desta árida e cansativa caminhada. Perdõem-nos, absolvam-nos se não conseguimos arrumar convenientemente o material pacientemente faiscado, recolhido e compilado nas preciosas fontes, para nós plenamente válidas, de José Honório Rodrigues (“Aspirações Nacionais”), João Batista Viana (“Estado, Governo, Estado-Nação, Objetivos Nacionais”), Carlos de Meira Matos (“A Doutrina Política da Revolução”) e Armando de Oliveira Marinho (“Introdução à Doutrina”, em “Estudos de Problemas Brasileiros”).

Concluída esta maratona intelectual, resta-nos agradecer, o que fazemos penhorado, a estimulante atenção dispensada. Muitíssimo obrigado.

(Palestra proferida pelo Gen. Div. Raimundo Teles Pinheiro, na Faculdade de Medicina da Universidade Federal do Ceará, a convite do “Orientador da Disciplina Educação Moral e Cívica”, aos 5 de maio de 1971. Posteriormente, na Faculdade de Filosofia do Crato, em 15 de Junho e no C. P. O. R. de Fortaleza, em 23 de Agosto de 1971).

 **CECASA**

O REVESTIMENTO NO
PISO E NA FACHADA



BANCO DO NORDESTE DO BRASIL S/A

20 ANOS CRESCENDO COM O NORDESTE

SOMOS UM BANCO QUE CRESCER
FAZENDO O NORDESTE CRESCER

HÁ 20 ANOS CONTRIBUIMOS PARA O
DESENVOLVIMENTO DO NORDESTE

FOMENTANDO A AGRICULTURA

FINANCIANDO A INDUSTRIALIZAÇÃO

APOIANDO OS PROGRAMAS DE EMPRÉSTIMO
PARA A FORMAÇÃO DO CAPITAL SOCIAL BÁSICO

FAZEMOS CIRCULAR AS RIQUEZAS QUE
AJUDAMOS A CRIAR

E VEMOS, SATISFEITOS, O NORDESTE CRESCER

CRESCENDO COM ELE.

(BNB) Banco do Nordeste do Brasil S. A.

Melhoria da Agricultura no Sul do Estado

ANTONIO DE ALENCAR ARARIPE

Na reunião dos coordenadores e gerentes do Banco do Brasil no Nordeste, realizada recentemente em Brasília, para avaliação dos trabalhos do estabelecimento na região, nos dois últimos anos, disse o presidente Nestor Jost que o mesmo concentrará esforços visando especialmente a melhorar a agricultura, setor que acentuou ser o mais importante para desenvolver aquela parte do país.

Não há como se vacilar na afirmativa de que realmente constitui uma das providências mais importantes para o desenvolvimento do polígono das secas a melhoria das atividades agrícolas das respectivas populações.

Tendo em consideração, por exemplo, a área de terra componente da região do Cariri e suas circunvizinhanças, com cujos problemas tenho uma vivência de mais de meio século, vale indagar: como é que ali se poderia melhorar a agricultura? Pondo à margem as providências peculiares, tanto aquele, como a outros setores do país, referentes ao crédito, à assistência técnica e ao emprego das modernas práticas agrícolas, neste momento desejo reportar-me apenas aos ricos e incertezas acarretadas pela falta ou irregularidades das precipitações pluviais.

Sem que se removam, definitivamente, os perigos constantes a que se acham expostos, pela falta ou irregularidade das chuvas, os plantios agrícolas temerariamente realizados pelos rurícolas nordestinos, é incontestável inexistir a condição fundamental a melhoria das atividades de tal ordem.

Se os poderes públicos competentes querem realmente melhorar a situação da agricultura na área açoitada pelo flagelo das secas periódicas, tudo induz firmemente a crer que a providência salutar a ser preliminarmente tomada, neste tocante, deve consistir no estabelecimento de um sistema de medidas que importem, antes de mais, em assegurar, às sementes lançadas ao solo, quer faltem ou se irregularizem as chuvas, a umidade necessária à sua germinação e pleno desenvolvimento.

Nem todos os setores da dita área seca oferecem, por seu aspecto geo-econômico, condições propícias ao estabelecimento das medidas em aprêço. Em uns faltam cursos d'água de certa monta, com local adequado à construção de obras de represamento; em outros abundam solos sem profundidade e de baixa qualificação. Os grandes vales sulcearenses — do Carás, do Cariús, do Riacho de Porcos e do Machado — oferecem, a esse respeito, insuperáveis condições de aproveitamento.

Para se chegar à plena convicção da procedência desse asserto basta considerar:

- a) que se trata de terras de formação incomum no "hinterland" cearense: planas, profundas, de aluvião, com excelentes boqueirões a serem barrados a bacia irrigável, por gravidade natural, medindo léguas de extensão, e às vezes, quilômetros de largura, sem cortes ou oterros dispendidos;
- b) que ditos vales, servidos por rodovias públicas, situam-se em região de elevadas quedas pluviométricas nas estações invernosas e amplamente habitadas por população agrícola que ali, desde remotas eras, se consagra preferentemente ao cultivo do arroz.

"A CIDADE DE FREI CARLOS — Faz parte da Coleção ESTUDOS E PESQUISAS, da Faculdade de Filosofia do Crato - Volume V - Pe. Antônio Gomes de Araújo, Professor Emérito, membro do Instituto Cultural do Cariri, detém a áurea de mais fecundo e abalizado historiador do nordeste do País. Vemos agora reunidos em um só volume, alguns dos trabalhos do Pe. Antônio Gomes de Araújo publicados em revistas brasileiras, notadamente na REVISTA DO INSTITUTO DO CEARÁ. Trata-se trabalho de pesquisa, que requereu longos anos de busca, estudos e comparações. Serve-se o autor da farta fonte de dados — conseguida a duras penas em arquivos, paróquias e até na Torre do Tombo, em Portugal — e, assim, pode publicar um tanto isento de erros, seguro. A CIDADE DE FREI CARLOS se constitui a mais expressiva contribuição individual, nestes últimos anos, para uma melhor significação de historiografia cearense".

"Já saiu o n.º 15 da revista ITAYTIRA, órgão oficial do Instituto Cultural do Cariri, no extremo sul do Ceará. O ICC está sob a presidência do polígrafo J. de Figueiredo Filho, que também é diretor da revista. No material do emérito historiador do Cariri — Pe. Antônio Gomes de Araújo, além de importante estudo acerca do artesanato e da arte popular daquela região. ("Diário da Serra", Campo Grande - M. G. 2-4-72)".

Temos a vista, portanto, no setor em análise, imensa área plana de solos de aluvião de alta profundidade, com intensas culturas agrícolas sujeitas às consequências da instabilidade pluviométricas, em meio onde, pela densidade da massa populacional, tanto se impõem antecipadas providências para prevê-la dos gêneros alimentícios necessários ao consumo. O DNOCS dispõe de todos os elementos demonstrativos das vantagens excepcionais que às obras de açudagem oferecem os vales sulcearenses. Sobre o Carás, vejamos os levantamentos feitos pelo engenheiro Estevam Marinho no município de Juazeiro, e os estudos, projetos e orçamento do açude INCHU, sito em Crato; sobre o Cariús, consulte-se o processo relativo à construção do LATÃO, em Santanópolis, com obras em curso inexplicavelmente suspensas há vários anos; sobre o Riacho de Porcos, verifiquem-se os levantamentos do açude Atalho, em Brejo Santo, e os estudos, projetos e orçamento aprovados, do Poço da Volta, em Jati.

Na área objeto das presentes observações, embora os meios eficientes para realizar uma radical transformação do quadro da seca, com o represamento e irrigação das águas dos cursos mencionados, sejam de palmar evidência e há muito desafiem a ação dos poderes públicos competentes, o certo é que, infelizmente, nada se fez ali para assegurar a subsistência dos plantios agrícolas. Os arrozais e outros cultivos na dita área continuam sujeitos a perda total ou profunda redução, toda a vez que ocorre falta ou escassez de chuvas, e, por isso, constituem mera aventura, em vez de empreendimento de positivos resultados econômicos. Em face dessa situação, e tendo em consideração os firmes e reiterados propósitos do preclaro governador Cesar Cals de dar todo apoio às providências necessárias ao incremento das atividades agropecuárias, resta-me apelar para a sua patriótica e prestigiosa intervenção junto aos devidos órgãos federais, a fim de conseguir que os incriminados vales sulcearenses sejam habilitados ao cumprimento de sua natural função de nosso mais abundante e permanente celeiro da produção agrícola.

O Sesquicentenário da Independência do Brasil - 1822 - 1972

I S R A E L F E L I P E

Foi proclamada a nossa Independência política da Côrte Portuguesa a 7 de setembro de 1822 pelo então Príncipe-Regente D. Pedro de Orleans e Bragança.

O sentimento de brasilidade era remoto. Manifestou-se desde a expulsão do invasor Holandês do território da Capitania de Pernambuco -- 1644 -- 1654.

Muitos anos depois, na revolução denominada *guerra dos mascates*, já o sargento-mor comandante do regimento de linha dos Palmares, Bernardo Vieira de Melo, no Senado da Câmara de Olinda, no dia dez de novembro de 1710, propunha que "se declarassem em República *ad instar* dos venezianos". Proposta essa que, historicamente, ficou conhecida como o "brado Bernardo Vieira de Melo. (1) "Setenta e nove anos decorridos, mais uma manifestação de independência era revelada com a Inconfidência Mineira de 1789. Em 1817 outra revolução de finalidade republicana rebentou em Pernambuco; aliás, "a mais espontânea, menos desorganizada e a mais simpática das nossas inúmeras revoluções", no dizer de Oliveira Lima, e que tanto reflexo teve nos acontecimentos de 1822.

De sorte que, muito antes do Príncipe-Regente D. João chegar ao Brasil, em 1808, não como fugitivo covarde, conforme afirmativa infundada de certos historiadores, porém obedecendo a um plano elaborado, avigorou-se na alma do povo brasileiro o sentimento patriótico de independência.

Na sua obra D. JOÃO VI NO BRASIL, comemorativa do centenário da chegada da Família Real portuguesa, Oliveira Lima restabeleceu a verdade, esclarecendo as razões que levaram o Príncipe-Regente a trans-

(1) — A. F. Pereira da Costa — ANAIS PERNAMBUCANOS — Vol. V, pg. 183/184 Arq. Pab. Estadual — Re. 1953.

ferir a Côrte para a América — “escapava a todas as humilhações pelos seus parentes castelhanos” e ainda “mantinha-se na plenitude de seus parentes castelhanos” e ainda “mantinha-se na plenitude de seus direitos, pretensões e esperanças. Era como que uma ameaça viva e constante à manutenção da integridade do sistema napoleônico. Qualquer negligência, qualquer desagregação seria logo aproveitada. Por isso é muito mais justo considerar a transladação da Côrte para o Rio de Janeiro, como uma inteligente e feliz manobra política do que como uma deserção covarde”.

E, no decorrer dos anos, a crítica histórica (*) chegou à mesma conclusão. Procedendo como o fez, o Príncipe-Regente salvou a monarquia juntamente com as suas colônias ultramarinas da ambição desmedida da política napoleônica.

Antes mesmo do tratado de Fontainebleau, entre franceses e espanhóis, no sentido de depor a dinastia de Bragança, para dividir as colônias lusas com aqueles dois países, já existia entre Portugal e Inglaterra, uma convenção secreta, assinada em Londres, na qual ficou assentado que, dado o perigo iminente de invasão da sede da monarquia portuguesa, esta seria transferida para o Brasil.

Coerente com a situação política europeia e cumprindo o que ficara deliberado da Convenção de Londres, no dia 29 de novembro de 1807, quando as tropas franco-espanholas já marchavam para invadir Portugal, comandadas pelo General Andoche Junot, a Família Real partia de Lisboa rumo ao Rio de Janeiro, ocupando quatorze navios da esquadra lusa, comboiada por uma divisão naval britânica.

Em virtude de uma tempestade, ocorrida à altura do arquipélago da Madeira, alguns navios se desviaram da esquadra e foram aportar à baía do Salvador, inclusive o em que viajava o Príncipe-Regente. Isso se verificou no dia 22 de fevereiro de 1808. D. D. João então, resolveu desembarcar e permanecer na Bahia até o dia 26 do mesmo mês, data em que prosseguiu sua viagem para o Rio de Janeiro, onde já o aguardava os demais componentes de sua comitiva. Chegou a 7 de março, sendo recebido festivamente.

Assim, o Brasil que era apenas colônia, ainda que tivesse o título de Vice-Reino, a partir daquela data histórica, passou a figurar como sede da monarquia portuguesa.

Foi da mais alta significação político-administrativa para o Brasil, a transmigração da Família Real. D. João começou a tomar medidas que muito concorreram para o nosso desenvolvimento econômico. Abriu os portos brasileiros à navegação das nações amigas, revogou o Alvará de 5 de janeiro de 1785, que determinava a proibição de manufatura, instituiu o nosso primeiro estabelecimento de crédito, que foi o Banco do Brasil, proporcionando, conseqüentemente, o nosso desenvolvimento industrial. Outras medidas não menos importantes, que nos conferiu unidade administrativa, como fôra a instalação de repartições e tribunais, imprensa, biblioteca, Museu Nacional, teatros e estabelecimentos de ensino público, tiveram rápida execução. Operou, enfim, a estrutura da nacionalidade, imprimindo-lhe iguais vantagens às da metrópole, o que se verificou, oficialmente, a 16 de dezembro de 1815, pela Carta de Lei da mesma data, elevando “o Estado do Brasil a categoria de Reino” unido aos de Portugal e Algraves *de maneira a formarem um só corpo político*.

A permanência de D. João VI no Brasil, durante doze anos, cuja administração foi das mais proficuas que, entre outros benefícios, evitou a fragmentação do nosso território.

Tendo havido uma revolução na cidade do Porto, em 24 de agosto de 1820, que logrou triunfar, organizada uma Junta do Governô. As tropas promotoras do pronunciamento do Porto não demoraram a marchar para Lisboa. Ali também irrompeu idêntico movimento em 15 de setembro, logo vitorioso. Foram destituídos os governadores nomeados pelo Rei e criada uma Junta Provisional do Governô Supremo, que imediatamente passou a exercer o poder, convocando as Côrtes Constituintes.

Chegadas no Rio de Janeiro, em outubro, as notícias dos acontecimentos de Portugal, foram recebidas com manifestação de entusiasmo pelos portugueses contrários à política de D. João. Pouco depois, por intermédio do Ministro, Conde de Palmela, vindo da Europa, D. João VI teve conhecimento mais pormenorizado da situação. Opiniava Palmela a conveniência de retorno imediato do Rei a Portugal. Este, no entanto, ficou indeciso. Enquanto isso, as guarnições do Grão-Pará, em 10 de janeiro daquele ano de 1821, e as da Bahia, em 10 de fevereiro, aprovaram a Resolução de Lisboa, provocando grande agitação, não somente naquelas províncias, tanto mais no Rio de Janeiro.

Em face do estado de coisas, pensou-se na iniciativa de mandar o Príncipe Real D. Pedro a Portugal "para ouvir as representações e queixas dos povos e para estabelecer as reformas, melhoramentos e 'eis que possam consolidar a Constituição Portuguesa", que, se aprovada, receberia a sanção real. Considerando, no entanto, que a nova Carta poderia não ser adaptável às condições do Brasil, fôra cancelada a viagem de D. Pedro e convocada uma Comissão de vinte membros, na maioria brasileiros. Não estando, porém, de acordo com a referida resolução, o Ministro da pasta da Guerra e Estrangeiros, demitiu-se. A medida, do mesmo modo, não agradou a alguns portugueses civis e os da guarnição das tropas locais, que tramavam a realização de outro pronunciamento, em apoio à Revolução do Porto e convocação das Côrtes.

No dia 6 de fevereiro, no Largo do Rosário, atual Praça Tiradentes, comandada pelo Brigadeiro Francisco Joaquim Carretti, a tropa da guarnição portuguesa tomou posição, rum a atitude de indagação. Compareceu ao local o Príncipe D. Pedro, que leu um novo Decreto Real, revogando o anterior, na presunção de que a situação fôsse acomodada. No entanto, o Padre e também Bacharel, José Alves Macamboa, que era grande agitador, fez sentir-lhe que a tropa e o povo, também desejavam que o Rei jurasse a Constituição que se estaria redigindo em Portugal. Exigiam, do mesmo modo, fôsse substituído o Ministério e os ocupantes dos mais altos cargos, conforme sugestões contidas numa lista de doze nomes que apresentou ao Príncipe. Este, imediatamente, se dirigiu ao palácio de São Cristovão onde o pai aguardava o resultado da missão que o encarregara.

Era manifesta a intenção dos portugueses de continuar a considerar os brasileiros na condição de colonos. D. João, depois de ouvir o Conselho, principalmente a opinião de Tomás Antônio, aceitou o que lhe fôra sugerido, nomeando todas as pessoas indicadas na lista, que eram o Vice-Almirante Joaquim José Monteiro Tôrres, na pasta da Marinha e Ultramar. O vice-Almirante Inácio da Costa Quintela, na do Reino; o publicista Silvestre Pinheiro Ferreira na de Estrangeiros e da Guerra, e o Conde de Louzã, D. Diogo de Menezes, Presidente do Real Erário, dias após transformado em Ministério da Fazenda. Nos altos cargos públicos, figuravam dois brasileiros natos — Antônio Luís Pereira da Cunha, depois Marquês de Inhambupé, nomeado Intendente-Geral da Polícia e José

da Silva Lisboa, depois Visconde do Cairu, Inspetor dos Estabelecimentos Literários. Foi, aliás, o instituidor da nossa imprensa política, com o **CONSILIADOR DO REINO UNIDO**, que fôra o terceiro jornal brasileiro.

Com relação a Constituição (certamente obedecendo a tática política) foi aprovada por D. João VI por antecipação, posto que ainda estava sendo redigida em Lisboa, que, juntamente com os filhos, os Ministros recém-nomeados, a tropa, a municipalidade e o povo, jurou-a, no Paço da Cidade, revestindo-se o acontecimento de entusiásticas manifestações de regosijo pelos portugueses civis e militares.

Tendo em vista o estado de coisas e, considerando que toda a ação legislativa estava afeta às Córtes, reunidas em Lisboa, não mais se justificava a permanência do Rei no Brasil. Nessas circunstâncias, por decreto de 7 de março, decidiu-se o regresso de D. João VI a Portugal, ficando o Príncipe Real D. Pedro como Regente. Foi então determinada a eleição dos deputados brasileiros que deveriam comparecer às Córtes Gerais Extraordinárias e Constituintes da Nação Portuguesa.

Segundo alguns historiadores D. João VI deixou o Brasil cheio de saudades, porque já havia se afeiçoado à terra brasileira. Conforme ensina Hélio Viana — “Embora o período colonial tenha terminado, praticamente, com a vinda da Família Real Portuguesa para o Brasil, em 1808, é costume de prolongá-lo até a elevação do país à categoria de Reino Unido aos de Portugal e Algraves, em 1815, e mesmo até à Proclamação da Independência, em 1822”.

D. Pedro assumiu oficialmente a Regência por força do Decreto de 22 de abril de 1821. Esse diploma legal aprovou as instituições para o exercício do cargo, facultando-lhe o direito de decidir sobre assuntos de alçada administrativa, em colaboração com quatro Ministros, assim constituídos: do Reino e Estrangeiros, o Conde dos Arcos, Marcos de Noronha e Brito, da Guerra o Conde de Louzã, da Marinha o Marechal-de-Campo Carlos Frederico da Cunha, da Fazenda o Major-General da Armada Manuel Farinha, mais tarde Conde de Souzel.

O Conde dos Arcos, não sómente por ter ocupado os cargos de Vice-Rei do Brasil, Governador do Pará e da Bahia e também o de Ministro de D. João VI, tanto mais por sua reconhecida experiência e habilidade no trato dos negócios de Estado, exercia muita influencia sobre o ânimo do jovem Príncipe-Regente. D. Pedro, não obstante talentoso, consoante relata o Visconde de Porto Alegre, “porém sem muita instrução e, além disso volúvel e algo vaidoso, era todavia, franco, generoso, liberal e ativo”.

Desde o retôrno de D. João VI a Lisboa, o ambiente político brasileiro, no Rio de Janeiro e São Paulo, principalmente, e na maioria das províncias era de tendência separatista. Essa tendência ainda mais se acentuava com a pressão exercida pelas Córtes de Lisboa, querendo a todo custo, relegar a autoridade do Príncipe-Regente a condição de simples subordinado, impondo-lhe toda sorte de restrições, até mesmo elaborando as bases da futura Constituição à revelia da representação brasileira, cujos deputados não a aprovaram. Agravando ainda a situação o fato do Príncipe e o Conde dos Arcos, se oporem a novo juramento da Constituição imposto pela guarnição portuguesa do Rio de Janeiro que, a 5 de junho de 1821, pondo-se em armas, formou no largo do Rossio, sob o comando do General Jorge Avilez Zunarte de Sousa Tavares. D. Pedro, porém, com prudência, foi entender-se com o comandante da tropa. Fez ver a este que sómente depois de ouvido o pronunciamento dos

eleitores de deputados e o Senado da Câmara, é que poderia concordar ou não com a sugestão. Essa resposta tinha a finalidade de justificar que a "formalidade" imposta não fôsse unicamente exigência do comando da tropa.

Além do juramento da Constituição, D. Pedro, com habilidade política, atendeu o pedido de substituição do Conde dos Arcos, seu particular amigo e conselheiro, Desembargador Pedro Álvares Diniz. Também foi solicitada a criação de uma Junta composta de nove membros que, do mesmo modo, o Príncipe atendeu. Constituída a Junta sob a presidência do Bispo D. José Caetano da Silva Coutinho, ela, por não ter nenhuma função, não demorou a dissolver-se.

Quanto mais as Côrtes tomavam posição contra D. Pedro, por meio de decisões, muitas vezes humilhantes, à sua condição de Príncipe-Regente, até mesmo decretando que êle voltasse para Portugal *a fim de completar a sua educação em viagens pela Europa*, mais se intensificava a campanha no sentido de tornar o Brasil independente de Portugal. No Rio de Janeiro, por ordem de D. Pedro, reabriu-se oficialmente a loja maçônica Comércio e Artes, fechada ao tempo de D. João VI. Dizemos oficialmente, porque em verdade ela nunca deixou de funcionar ocultamente, através de clubes, congregando não só brasileiros, como muitos portugueses que amavam o Brasil. Aliás, todas as nossas revoluções de caráter emancipacionista da Côrte Portuguesa, foram promovidas pela maçonaria, usando os meios mais hábeis para dispistar a terrível vigilância das autoridades.

Enquanto outras atitudes não menos hostis eram manifestadas, através de decretos das Côrtes, a maçonaria trabalhava ativamente no Rio de Janeiro, nas Províncias e em Portugal sempre através dos seus membros, procurando induzir o Príncipe hesitante, a tomar decisão.

Foi assim que o maçom José Clemente Pereira, Presidente do Senado da Câmara, em 9 de janeiro de 1822, num vibrante discurso, analisou a situação do país em face da perspectiva da retirada de D. Pedro para Portugal. Advertiu que êle estava apoiado pelo povo, pela maioria das tropas de linha, pelo clero, pelas Juntas Governativas de São Paulo e Minas Gerais e outras províncias.

Achando-se grandemente apoiado pela opinião pública, D. Pedro então, mandou que se tornasse público a seguinte resolução: "*como é para bem de todos e felicidade geral da nação, estou pronto; diga ao povo que fico*". Naquela mesma data êle escreveu ao pai, justificando as razões pelas quais houvera tomado aquela decisão.

Tendo conhecimento da resolução do Príncipe-Regente, o Tenente-General Jorge Avilez Zuzarte, membro da Comissão Encarregada do Governo das Armas, pretendeu forçá-lo a obedecer as ordens das Côrtes de Lisboa, regressando a Portugal. Com essa intenção, assumiu o comando da Divisão Auxiliadora Portuguesa e ocupou o Morro do Castelo.

Em represália, todas as tropas de linha e a Marinha de Guerra, o povo em geral e até elementos do clero, dispostos a lutar pela manutenção da Decisão do Príncipe, hipotecaram-lhe a solidariedade. Reuniram-se no Campo de Santana, atual Praça da República, as forças de terra, juntamente com o povo. O Tenente General, ainda que tentasse dispersar as tropas de linha e o povo em armas, não obteve sucesso. Tendo ficar encerrado, com sua guarnição, no Morro do Castelo, achou prudente retirar-se para a Vila Real da Praia Grande, hoje Niterói, lá aguardar a chegada das tropas portuguesas que estavam sendo esperadas e que vinham substituir as que se encontravam sob seu comando.

D. Pedro mostrando-se resoluto, concedeu as exonerações solicitadas pelos Ministros portugueses da Regência que eram o Marechal Carlos Frederico de Paula, o Conde de Louzã e Francisco José Vieira, respectivamente, da Guerra, da Fazenda e do Reino e Estrangeiros. Para substituí-los, foram nomeados José Bonifácio de Andrada e Silva, estão Vice-Presidente da Junta Governativa da Província de São Paulo, para a pasta do Reino e Estrangeiros, em 16 de janeiro; para o Ministério da Guerra, o Marechal-de-Campo Joaquim de Oliveira Álvares; para a da Fazenda, o Desembargador Caetano Pinto de Miranda Montenegro, futuro Marquês de Vila Real da Praia Grande, que já houvera sido Capitão-General das províncias de Mato Grosso e Pernambuco. Continuou como titular da pasta da Marinha o Major-General da Armada, Manuel Antônio Farinha. Todos os Ministros exonerados eram portugueses, porém partidários entusiastas da causa dos brasileiros, tanto que, depois da Independência, adotaram a cidadania da nossa pátria.

Entre muitas outras medidas tomadas pelo Governo, uma das mais importantes foi a convocação, em 16 de fevereiro, de um Conselho de Procuradores-Gerais das Províncias, para representá-las no Rio de Janeiro. As reuniões desse Conselho eram presididas por D. Pedro, nas quais também compareciam os Ministros de Estado, com direito de voto, por isso considerado o primeiro Conselho de Estado do Brasil.

Em dias do mês seguinte a esquadra portuguesa que trazia tropas destinadas a render as que se encontravam na Praia Grande comandadas pelo Tenente-General Zuzarte, surgiu no mar alto. Vinha sob o comando do Chefe-de-Divisão Francisco Maximiliano de Sousa. Quanto as tropas tinham como comandante o Coronel Antônio Joaquim Rosado.

Recebendo, porém, intimação, foi obrigada a fundear o largo, distante da barra. Havendo entendimento com as autoridades da Regência, o comandante da esquadra concordou em transpor a barra e ficar fundeado entre as fortalezas e os navios de guerra a serviço do Ministério da Marinha brasileira.

Os dois oficiais, responsáveis pela esquadra e pelas tropas, foram chamados à presença de D. Pedro. Este, mantendo-se seguro de sua autoridade, ordenou que eles deveriam regressar imediatamente a Portugal, ficando, todavia, autorizados a desembarcar os oficiais e praças que desajassem servir ao Brasil. Além de 400 soldados, que representavam uma terça parte da tropa recém-chegada, um dos navios também ficou incorporado à marinha de guerra da Regência. Os demais levantaram ferro rumo ao Tejo, levando de regresso a soldadesca que trouxe e a do Tenente-General Jorge Zuzarte.

Tendo notícias de que o governo das Minas Gerais estava recusando-se a acatar e dar execução as suas ordens, D. Pedro viajou para lá. Foi recebido com a mais viva demonstração de entusiasmo nas povoações por onde ia passando. Prevendo encontrar hostilidade em Vila Rica, foi convocando milícias, principalmente em Barbacena, São João e São José D'El-Rei. No entanto, não encontrou nenhuma reação na própria sede do Governo da Província que, da mesma maneira como havia se comportado as outras localidades, o recebeu com manifestação de regosijo. Quanto aos elementos que foram apontados de por dúvidas à sua autoridade, destituiu das respectivas funções.

No dia 30 de abril o jornal O REVERBERO, entre outras coisas, escreveu: "não desprezes a glória de ser o fundador de um novo Império".

Perfeitamente consciente do seu poder, por uma Portaria publicada

em 4 de maio, o Príncipe-Regente determinou que somente tivesse execução, no Brasil, os decretos das Côrtes que levassem o seu "Cumpra-se".

No dia 13 de maio, o Senado da Câmara, por proposta da Maçonaria, ofereceu a D. Pedro o título de Protetor e Defensor Perpétuo do Brasil, no que foi aceito, embora ele disesse que o Brasil "a si próprio se protegia".

Por iniciativa de brasileiros e também de portugueses partidários da emancipação do Brasil, o Senado da Câmara e o Conselho de Procuradores Gerais das Províncias, concordaram em solicitar do Príncipe-Regente realizar uma reunião para que fôsse convocada uma Assembléa Legislativa para o Brasil, independente das Côrtes de Lisboa. Coube ao Padre Januário e a Joaquim da Cunha Barbosa Gonçalves Ledo a incumbência de redigirem convincente representação. Aceita pelo Senado da Câmara, este então, em reunião de 23 de maio, por intermédio da palavra vibrante e enérgica de José Clemente Pereira, dirigiu-se a D. Pedro, com apoio unânime, no dia 3 de junho, do Conselho de Procuradores Gerais. Aceitando a sugestão proposta, o Ministério resolveu, naquela mesma data, mandar lavrar o decreto de convocação.

Enquanto isso, chegavam notícias de alterações políticas nas províncias. Em São Paulo apenas uma revolta contra Martin Francisco Ribeiro de Almeida, que era Secretário da Junta Governativa, motivo pelo qual ele resolveu transferir-se para o Rio de Janeiro, onde foi nomeado Ministro da Fazenda, pasta que ficara vaga por ter Caetano Pinto ido ocupar a da Justiça criada por sugestão de José Bonifácio.

Na Bahia a situação tornou-se muito séria. O Governo provincial declarou-se obediente às Côrtes de Lisboa. De sorte que os luso-brasileiros fiéis a D. Pedro, reagiram energicamente, havendo choques armados, principalmente, na Vila da Cachoeira. O governo da Regência, a 14 de julho, enviou forças para socorrer os patriotas, na expedição naval do Mestre-de-Divisão Rodrigo Antonio de Lamare e por terra, tropas comandadas pelo Brigadeiro francês Pedro Labatut.

Em algumas outras províncias também houve reação por parte das respectivas guarnições e portugueses insubmissos à autoridade de D. Pedro. Verificaram-se motins em Pernambuco, Alagoas, Ceará e Maranhão. Essa reação, todavia, não foi suficiente para conter o entusiasmo patriótico dos brasileiros em cooperação com portugueses favoráveis à atitude do Príncipe Regente, cujo prestígio ia ganhando intensidade por todos os quadrantes do território nacional.

Naquele agitado mês de julho de 1822, José Bonifácio fôra eleito Grão Mestre do Grande Oriente, do qual faziam parte outros personagens de grande relêvo no cenário político da Regência — os Ministros Oliveira Álvares, Brigadeiro Luís Pereira da Nóbrega de Sousa Coutinho, sucessor do primeiro, no Ministério da Guerra, Padre Januário, Gonçalves Ledo, José Clemente Pereira e muitos outros entusiastas propagadores da Independência, brasileiros e portugueses, inclusive o próprio Príncipe-Regente. José Bonifácio, com a colaboração de muitos maçons ilustres, que estavam em divergências com outros filiados do Grande Oriente e, orientado por um jornalista italiano radicado no Rio de Janeiro, naquela época, José Estevão Frondosa, fundou um clube secreto que tomou o nome de Nobre Ordem dos Cavalheiros da Santa Cruz, cujo chefe-supremo era o Príncipe D. Pedro. Essa sociedade que, aliás, ficou mais conhecida como o Apostolado, prestou relevante cooperação à política separatista.

José Bonifácio, merecidamente, figura na História do Brasil como

o Patriarca da Independência, por isso que foi o maior vulto da campanha emancipacionista, não só pelo seu grande amor à pátria, tanto mais pela sua vasta cultura.

No mês de agosto surgiu um manifesto assinado por D. Pedro, dirigido aos brasileiros que, entre outras considerações, dizia que "estava acabado o tempo de enganar os homens", concitando a necessidade da união de todos, para que se conseguisse a nossa independência. Esse manifesto se atribui tenha sido redigido por Gonçalves Ledo. Outro documento que não deixava a menor dúvida, quanto a intenção do Príncipe-Regente, foi o Decreto datado de 1.º daquele mês, proibindo, em território brasileiro, desembarque de tropas portuguesas, consideradas inimigas. O Ministro José Bonifácio, por seu turno, também lançou um manifesto endereçado às "nações amigas do Brasil", no qual criticava a política colonial que Portugal vinha impondo ao Brasil e solicitava que continuassem a manter relações comerciais diretas com o nosso país.

Continuando ainda desentendimento político em São Paulo, conseqüente da agitação que se verificou em maio daquele ano, D. Pedro, depois de ouvir a opinião de seus Ministros, deixou com eles, sob a presidência da Princesa D. Leopoldina, o governo da Regência e partiu apressadamente para a velha Piratininga.

Na sua viagem foi encontrando nas povoações grandes e pequenas, até chegar à sede da província, sempre manifestação de solidariedade e reconhecimento à sua condição de Príncipe-Regente. Deixando tudo em perfeita ordem, ele resolveu ir à Vila de Santos. No seu regresso, quando já se aproximava da capital da província, nas imediações do Riacho Ipiranga, foram ao seu encontro mensageiros do Ministro José Bonifácio que lhe entregaram correspondência vinda de Portugal, juntamente com a de seus Ministros e da Princesa D. Leopoldina. Considerando da maior importância, D. Pedro apressou-se em ler. As notícias vindas de Lisboa eram as mais alarmantes. O irmão de José Bonifácio, Antônio Carlos, deputado, às Cortes, fazia um relato da condição humilhante que os seus colegas portugueses pretendiam relegar a autoridade do Príncipe-Regente, com uma série de medidas que, praticamente, o destruíam da condição de Regente, porque em verdade, ele ficaria subordinado ao Rei e às Cortes, até a promulgação da nova Constituição; Seria também destituído o seu Ministério e nomeado outro pelo Rei. Quanto ao Conselho de Procuradores-Gerais das Províncias, ficaria D. Pedro responsável pelos atos que as Cortes julgassem ilegais e, ainda, deveria ser processado o governo de São Paulo por ter postulado a permanência do Príncipe no Brasil.

Na sua extensa carta, o deputado Antônio Carlos concluiu dizendo que ele, D. Pedro, era muito criticado nas Cortes e que o Rei e seu Ministério estavam sob o domínio delas.

A mensagem da Princesa D. Leopoldina e a do Ministro José Bonifácio, advertia D. Pedro do perigo de chegarem novas tropas portuguesas, como aliás, já haviam chegado pouco tempo antes à Bahia.

Acabado de ler a correspondência, ante o seu séquito, inclusive a Guarda de Honra, composta de jovens paulistas, D. Pedro, que durante a leitura mostrou-se exaltado, segundo o testemunho dos presentes, passou as cartas ao Padre Belchior Pinheiro de Oliveira, que as leu rapidamente. Pedindo-lhe opinião, o sacerdote ter-lhe-ia dito que era chegado o momento de D. Pedro fazer-se Rei do Brasil, porque se assim não o fizesse, talvez viesse a ficar prisioneiro das Cortes de Lisboa e corresse o risco de ser deserdado.

Depois de tecer acerba crítica às Córtes, concluiu o Padre Belchior que não havia outra solução, a não ser a separação. Concordando, D. Pedro, referendando a mesma crítica, declarou que a partir daquele momento estavam rompidas as relações do Brasil com Portugal.

Passado um instante, repetindo, em voz alta, para que todos ouvissem, acrecentou que as Córtes queriam escravizar o Brasil, razão pela qual "separavamo-nos". Em seguida, retirou do chapéu em côres azul e encarnado, constitucionais portuguesas, atirando-as para o lado.

Como se fôra uma só vez, todo o seu séquito viveu a Independência e ao Príncipe D. Pedro. Este, em seguida, desembainhou a espada, erguendo-a acima da cabeça e gritou INDEPENDÊNCIA OU MORTE!

À noite daquele 7 de setembro histórico, no teatro da capital da província, D. Pedro foi entusiasticamente ovacionado, tendo sido saudado pelo Cônego Ildefonso Xavier Ferreira como o *primeiro Rei do Brasil*.

Embora que em algumas províncias elementos favoráveis às Cortes houvessem reagido contra a nova ordem política até o ano seguinte, sendo a Cisplatina a última a se submeter, o Brasil separou-se definitivamente.

Enquanto no Brasil o Príncipe-Regente resolvia proclamar a Independência, em Portugal se concluiu a elaboração da Primeira Constituição Portuguesa. Os deputados brasileiros se recusaram a assiná-la, partindo imediatamente para o Brasil. Foram êles Antônio Carlos, Diogo Antônio Feijó, Francisco Agostinho Gomes, Antônio Manuel da Silva Bueno, José Ricardo da Costa Aguiar de Andrada, Cipriano Batista e Lino Coutinho.

Dando conta dos acontecimentos que culminaram com a proclamação da Independência do Brasil, D. Pedro, no dia 22 daquele tumultuoso mês, escreveu ao pai, D. João VI, cuja carta achamos oportuno transcrever na íntegra :

"Rio, 22 de setembro de 1822.

Meu Pai e Senhor.

Tive a honra de receber de Vossa Majestade uma carta datada de 3 de agosto, na qual Vossa Majestade me repreende pelo meu modo de escrever e falar da facção luso-espanhola (se Vossa Majestade me permite, eu e os meus irmãos brasileiros lamentamos muito e muito o estado de coação em que Vossa Majestade jaz sepultado); eu não tenho outro modo de escrever, e como o verso era para ser medido pelos infames deputados europeus e brasileiros do partido dessas despóticas Córtes executivas, legislativas e judiciais, cumpria ser assim; e como eu agora, mais bem informado, sei que Vossa Majestade está positivamente preso, escrevo esta última carta sobre questões já decididas pelos brasileiros, do mesmo modo por que, com perfeito conhecimento de causa estou capacitado que o estado de coação, a que Vossa Majestade se acha reduzido, é que o faz obrar contrariamente ao seu liberal gênio.

Deus nos livrasse se outra coisa pensássemos.

Embora se decreta a minha deserção, embora se cometam todos os atentados que em clubes carbonários foram forçados, a causa santa não retrogradará, e eu antes de morrer direi aos meus caros brasileiros: "*Vêde o fim de quem se expôs pela pátria, imitai-me!*"

Vossa Majestade manda-me, que digo! mandem as Córtes por Vossa Majestade que faça executar e execute seus decretos; para eu os fazer executar e executá-los era necessário que nós brasileiros livres obedecêssemos à facção: respondemos em duas palavras — *Não queremos.*

Se o povo de Portugal teve direito de se constituir — revolucionariamente — está claro que o povo do Brasil o tem dobrado, porque se vai constituindo, respeitando-me a mim e as autoridades estabelecidas.

Firme nestes inabaláveis princípios, digo (tomando Deus por testemunha e ao mundo inteiro), a essa cáfila sanguinária, que eu, como Príncipe-Regente do Reino do Brasil e seu Defensor Perpétuo, hei por maquiavélicas, desorganizadoras, hediondas e pestíferas Côrtes, que ainda bem declarar a todos os decretos preteritos dessas facciosas, honrosas, não mandei executar, e todos os mais que fizerem para o Brasil, nulos, irritos, inexecuível, e como tais com veto absoluto, que é sustentado pelos brasileiros todos, que unidos a mim, me ajudam a dizer: *De Portugal nada; não queremos nada.*

Se esta declaração tão franca irritar os ânimos desses luso-espanhóis, que mandem tropa aguerrida e ensaiada na guerra civil, que lhes faremos ver qual é o valor do brasileiro. Se por desocôo se atreverem a contrariar nossa santa causa, em breve verão o mar coalhado de corsários, e a miséria, a fome e tudo quanto lhes podermos dar em trôco de tantos benefícios, será praticado contra esses corifeus; mas quê! quando os desgraçados portugueses os conhecerem bem, eles darão o justo prêmio.

Jazemos por muito tempo nas trevas; hoje vemos a luz. Se Vossa Majestade cá estivesse seria respeitado, e então veria que o povo brasileiro, sabendo prezar sua liberdade e independência, se empenha em respeitar a autoridade real, pois não é um bando de vis carbonários, como o: têm Vossa Majestade no mais ignominoso cativoiro.

Triunfa e triunfará a Independência brasileira, ou a morte nos há de custar.

O Brasil será escravizado, mas os brasileiros não; porque enquanto houver sangue em nossas veias há de correr, e principalmente hão de conhecer melhor o — *Rapazinho* — e até que ponto chega a sua capacidade, apesar de não ter viajado pelas Côrtes estrangeiras.

Peço a Vossa Majestade que mande apresentar esta às Côrtes! As Côrtes, que nunca foram gerais, e que são hoje em dia só de Lisboa, para que tenham com que se divirtam, e gastem ainda um par de moedas a êsse tísico Tesouro.

Deus guarde a preciosa vida e saude de Vossa Majestade, como todos nós brasileiros desejamos.

Sou de Vossa Majestade, com todo o respeito, filho que muito o ama e súdito que muito o venera.

Pedro”.

BIBLIOGRAFIA

- Janatas Serrano — História do Brasil — Rio de Janeiro — 1951.
J. Capistrano de Abreu — O Brasil do Século XIX — in Ensaios e Estudos (Crítica Histórica) — Rio de Janeiro — 1958.
Oliveira Lima — Dom João VI no Brasil — Rio de Janeiro — 1945
H Handelmam — História do Brasil — Tradução do Ins. Histórico e Geográfico — Rio de Janeiro — 1931.
J. Pandiá Calógero — Formação Histórica do Brasil — São Paulo — 1945.
Hélio Viana — História do Brasil — São Paulo — 1965.
Pedro Calmon — História do Brasil — Rio de Janeiro — 1948
Luis Norton — A Côte de Portugal no Brasil — São Paulo — 1938
A. F. Pereira da Costa — Anais Pernambucanos — Arq. Public. Estual — PE — 1953.

Muitos mundos visitei
levado por meu destino.
— Mas nunca mais encontrei
o meu mundo de menino.

Não sei, das flôres da vida,
as que sejam de teu gosto.
As do meu — ninguém duvida —
São as rosas do teu rosto.

Não há fonte neste mundo
rolando por entre escolhos
que tenha o choro tão fundo
como a fonte dos teus olhos.

Uma rosa em minha cova
talvez brote deste amor,
como se fora uma trova
sob o feitiço de flor.

Duas coisas neste mundo
bastam para meu agrado:
— pito de fumo de rôo,
mulher cosendo ao meu lado.

Em meu tempo de estudante,
se algum mal me acontecia,
não sei como, tão distante,
minha mãe logo sabia.

Se o sonho se foi, Maria,
não julgue o mundo medonho:
— depois de um dia, outro dia,
depois de um sonho, outro sonho.

não castigues teu filhinho!
Olha, êle era sem saber:
— quer encontrar o caminho
que terá de percorrer.

A vida só pela infância,
só por ela é bem vivida,
pois é o tempo em que se vive
mais ignorante da vida.

Neste mundo de viajeiros,
que vão por montes e valos,
uns vão como cavaleiros,
outros vão como cavalos.

Bandeira de minha terra,
não te veja alguém jamais
icada em tendas de guerra,
mas só em templos de paz.

Já posso morrer sem queixa,
eu que vivi tão sem brilho,
pois nem tôda gente deixa
um livro, uma árvore e um filho.

Um cacho de uvas, Maria,
bom é de ver-se na vinha!
— a côr, o olhar aprecia,
— o gosto, a gente advinha.

A colcha escura da noite
já foi por Deus estendida.
A terra é um imenso leito
em que adormeceu a vida.

Minha casa tão singela
possui também sua alminha.
— Ora acho que a minha é a dela,
ora acho que a dela é a minha.

Vem embalar minha rêde,
vem a mim com o teu afago.
Eu sinto por ti a sêde
do deserto pelo lago.

Entrando em coração,
um canário fêz seu ninho.
Dentro dêle, desde então,
como canta o canarinho.

Tôda manhã me desperta
um passarinho a cantar.
Obrigado, passarinho,
pelo alegre despertar.

Uma graça tatalante,
passando ante os olhos teus,
possa lembrar-te, distante,
meu lenço dizendo adeus.

A água que jorra da fonte,
brilhando como cristal,
desenrola pelo monte
seu murmúrio musical. *(Da Bíblia)*

Ninguém consegue com fel
no mundo fazer amigos.
Não há cupim que dê mel,
não há cardo que dê figos.

Ninguém me soube dizer
por que me perdi na vida
quando vi aparecer
a Maria Aparecida.

Que delito, Armstrong, nefando,
luxúria sem nome a tua!
Que lucraste, enfim, violando
a virgindade da lua?

Sereno luar espraia
lá das alturas a lua,
alvo lençol de cambraia
velando o sono da rua.

Na tarde aromal e amena,
passou por mim, tôda graça.
Passou por mim, tão serena,
como uma sombra que passa.

Quando vier, não voltará
sem um presente, em seu giro.
O que eu tiver, levará:
— o meu último suspiro.

Novena de Sontotonho

GERSON DE VASCONCELOS

Treze de junho chegava :
final de reza e de sonho !
treze moças enfeitavam
o altar de "Sontontonho".
Esposa o fogo-de-ar !
o sino grita da igreja !
um carnaval de andorinhas
por rebeldia voeja !
Por mágica ou por milagre,
em pouco tempo, se via
um povoado inteirinho
concentrado na matriz.
Lá dentro, um mundo imitado
o vento que sopra o mar ;
lá fora, somente havia
o fervor da canzoada.
Aurora quando saía,
seu Diamante ficava ;
era o dia mais festivo
pros cachorros da cidade !
Vez por outra a canzoeira,
ao clarão daquelas velas,
se misturava aos devotos,
pra farejar a cadela.
O padre parava a reza
pedia que Seu Ontonho
acabasse bem depressa
aquele fervor medonho !
Era tudo paz e amor,
"premissa", pedido e canto !

mocinhas e vitalinas
testando, mas só com os olhos,
descobrir o pé do santo,
pois se espalhou entre todas :
num mundo de flor e pano,
quem o pé do Santo visse
casaria nesse ano !
Dentro, um mundo de prece ;
de erotismo, o de fora ;
"rogai por nós !" soa dentro ;
na rua : "AU-AU-AU-RO-RA !"
Os cachorros, não se sabe
se estavam (por ciumada !)
gaguejando ou soletrando
o nome de sua amada.
Tudo se foi por encanto !
O Santo, no seu altar...
o padre, no presbitério...
a vida volta ao normal !
a criação, a seus ninhos...
as andorinhas à torre...
o lugarejo vazio
se encorpa mais uma vez !
E a cadelinha Aurora,
aurora de tantos fãs,
tão sebitinha inda agora !...
foi conversar Diamante,
contrita, sim ! de verdade !
quem sabe ! jurando até...
Essa vida de cidade !...

ANUNCIE EM

"ITAYTERA"

A REVISTA QUE JÁ ESTÁ COM GRANDE
CONCEITO NO BRASIL E NO EXTERIOR

INTERCAMBIO CULTURAL NO CRATO

J. DE FIGUEIREDO FILHO

Compareci às duas palestras prorrunciadas, em Novembro de 71 na F. de Filosofia do Crato. Ainda, em resultado de recente convalescença, não pude ir ao restante do programa, organizado, em minha cidade, pela Secretaria de Cultura do Estado. Senti bastante não presenciar a exibição do MORRO DO OURO, no Cine-Educadora, provocando o encantamento de toda a sua numerosa e seleta assistência.

Contentei-me e fui feliz em estar presente à sessão da Faculdade de Filosofia. Ali falaram o General, Prof. Oswaldo Riedel, que eu conhecia através de amigo do Rio, o cientista Prof. Oswaldo A. da Costa, vulto de prof da Academia Nacional de Farmácia e o bom poeta e escritor — Otacílio Colares.

Cantadores, dos mais hábeis do Nordeste, dessa Paraíba, viveiro de poetas populares, abriram a sessão, quase repleta de alunos e professores. Tinham sentimento, certos conhecimentos, além do improvisador normal. Tiveram o condão de emocionar todos os presentes. A cultura popular, incontestavelmente, não pode desvincular-se da erudita. O povo tem sua sabedoria inata que mostra ser o Brasil dominado por gente hábil e inteligente.

Pronunciou palavras ainda, o Dr. Raimundo Borges, que está conduzindo com todo o grupo, a obra iniciada pelo Prof. José Newton Alves de Sousa, sendo também dos intelectuais mais em evidência da zona cariense.

O Prof. Oswaldo Riedel falou, prendendo a atenção de todos, sobre o magno problema dos tóxicos, especialmente em torno dos entorpecentes. Disse de seus malefícios, especialmente entre a juventude. Cientista, conhecedor profundo do assunto, soube transmitir seus conhecimentos, com palavras simples, ao alcance de qualquer nível intelectual. Ninguém pestanejou ao ouvi-lo. Ensinou como a maneira melhor de se combater o viciado. Salientou o problema importante do ambiente familiar para melhor erradicação do mal, sobretudo, na fase da recuperação, após tratamento. Fêz síntese perfeita de todo esse momentoso e crucial problema que inquieta todos os governos. Aconselhou medidas humanas com o fim de extirpá-lo. Nem a prisão é aconselhável e sim, o tratamento adequado, embora dispendioso para os poderes públicos.

Ainda estabeleceu diálogo com os presentes, respondendo com precisão todas as perguntas que lhe foram dirigidas. Em suma, sua palestra foi aula proveitosa, dentro dos modernos métodos pedagógicos, dessas que ficam perenemente gravadas na mente do ouvinte.

A segunda conferência coube ao homem de letras cearense e professor de literatura — Otacílio Colares. Traçou, com dados precisos, em cascatas de palavras, a história literária do Ceará, desde os OUTEIROS do Governador Sampaio. Falou na Academia Francesa de Fortaleza, iniciativa de combate ao excessivo culto às letras germânicas, predominante em Recife, com Tobias Barreto e outros. Dissertou sobre os movimentos jovens e em torno da Academia Cearense de Letras, a mais antiga do Brasil, sem solução de continuidade. Acentuou que os movimentos literários do Ceará eram de caráter coletivo, todos representavam inovações e forneciam vultos ilustres ao país. Ao encerrar, sob aplausos, foi convidado pelo Diretor Dr. Raimundo Borges, a ministrãr curso de literatura,

A Meta é Educação

JOSIO DE ALENCAR ARARIPE

Nenhum administrador público deixou de incluir a educação entre as suas metas de governo. Por certo, procuram sintonizar com os anseios da coletividade, que a todo custo busca no aperfeiçoamento intelectual o único meio para vencer a pobreza e a miséria. Atrazo e subdesenvolvimento econômico vivem de mãos dadas. O Nordeste é bem um exemplo dessa verdade. Aqui, os índices de analfabetismo são os maiores do País. Na mesma progressão marcha o empobrecimento da região, a despeito dos maciços investimentos feitos pela SUDENE no setor industrial e na agro-pecuária. Sem que o povo se instrua, poucos resultados têm dado os programas de ajuda econômica. O dinheiro dos incentivos fiscais que se derramou em Crato, está aí enferrujado, em cinco ou seis indústrias fechadas e em fase de liquidação judicial. A essa conclusão chegaram os americanos, quando, recentemente, apreciaram o resultado da colaboração econômica que vêm prestando, há mais de dez anos, na Tailândia. O País continua quase tão pobre quanto antes. Muitas das indústrias instaladas estão hoje sem funcionar, por incapacidade de seus dirigentes. Quando a matéria prima era abundante, o mercado consumidor não tinha condições de absorver os produtos manufaturados. Outras fábricas pararam, por imperícia do seu pessoal técnico. Nos investimentos públicos verificou-se o mesmo, e somas imensas foram assim desperdiçadas. O povo atrasado e ignorante, não soube aproveitar tão valiosa ajuda.

Um programa de educação para o Crato, seria realização do maior vulto para o futuro do nosso Município. No que compete as atribuições da Prefeitura, engatinhamos ainda no primitivismo das providências que vêm do início do século. Escolas isoladas, instaladas precariamente e sem nenhuma aparelhagem, existem muitas por aí. Professóras percebem vencimentos inferiores às varredoiras de rua da cidade. As nomeações se fazem atendendo mais ao interesse de contemplar o afilhadismo político. Fracionam-se, assim, os recursos, em função do maior número possível de candidatas. E o analfabetismo vai continuando, como doença incurável, a entraravir nosso progresso.

Em Pio IX, no vizinho Estado do Piauí, construimos na fazenda um prédio para a instalação de uma escola. As carteiras foram fornecidas pela Prefeitura, que paga também a professora oitenta cruzeiros

em momento oportuno, na Faculdade de Filosofia, de nossa terra.

Fui eu o encarregado e saudá-lo, em nome da Faculdade e do Instituto Cultural do Cariri. Lembrei-lhe que sou apenas professor de história regional e na qualidade de regionalista era que lhe falava. Naquela escola de ensino superior, a literatura nacional, lusitana ou até mesmo a francesa, eram bastante familiares. Os filhos do Ceará só se tornavam conhecidos, quando seus nomes vinham do Rio, ou São Paulo, à maneira de José de Alencar, Gustavo Barroso e outros. Vivíamos em meios estancos, dentro do Estado. Fortaleza, Sobral, Crato pouco sabiam do movimento intelectual uma das outras. Só agora é que em minha cidade nos aproximamos dos intelectuais de Juazeiro, cidade bem vizinha.

A Secretaria de Cultura do Ceará inicia essa aproximação que só trará grandes benefícios a todo o Estado.

FILHOS ILUSTRES DE MARANGUAPE

PEDRO GOMES DE MATOS

Maranguape não é apenas a pátria de Chico Anísio, a maior manifestação de humorista que o Brasil ainda teve; de Djacir Meneses, sociólogo e atual reitor da Universidade Federal da Guanabara; de Belo da Mota, jornalista e homem de letras; de Hélio Gaspar, professor jubilado da Faculdade de Direito do Ceará e cronista dos mais festejados; de Sebastião Fernandes Vieira e Hélio Bessa, pediatra e cardiologista, respectivamente; de Braga Montenegro, primoroso contista — mas, sobretudo, de Capistrano de Abreu, “a inteligência mais aguda e pronta que as letras brasileiras já tiveram a seu serviço nos domínios da história”.

Terra berço do Pe. Heitor Vieira, espírito enobrecido por vasta erudição e cultura; do Pe. Mauro Herbster, poeta e orador de largos dotes, e operoso vigário da Paróquia; do Pe. Raimundo Pinto, intrinsecamente vinculado à terra por trinta anos de serviços no setor educacional, — deu-nos Maranguape fervorosa abolicionista na pessoa de Elvira Pinho, e políticos do porte de Antônio Eotelho, de Napoleão Leocádio de Lima e de Manuel de Paula Cavalcante.

Em Gotram Nascimento, figura das mais preeminentes no comércio e nos meios sociais de Fortaleza, e, inclusive, em José Pessoa de Araújo, diretor da Rádio Uirapuru, tem Maranguape destacados propugnadores dc seu progresso.

Na Medicina, avultam Olavo Fernandes Vieira, Antônio e Laerte de Paula Colares; Airtton Cirino, José Maria Nascimento Pereira e Anibal Nascimento Pereira (que vêm enriquecendo a literatura médica com preciosas monografias no campo da Psiquiatria); e o Dr. Argeu Herbster, renomado clínico, e homem de excepcionais qualidades de espírito e de coração.

Na prática Médica, destacam-se ainda Napoleão Lopes; clínico geral e coordenador da Assistência Médica do INPS em Maranguape; o Dr. Rômulo Nascimento, cirurgião com estágio nos Estados Unidos; Maria Silva Sucupira, endocrinologista; e os Drs. Antônio de Pádua dos Guimarães Façanha e Manuel Prata.

Na Bioquímica, citam-se Aramicy B. Pinto, Anastácio Braga, Socorro Rodrigues Tavares, João Campos Paiva Neto e Aúreo Bessa, além da

mensais. Não uma professora diplomada, mas uma simples mestra de alfabetização, aperfeiçoada, embora, para o exercício profissional, em frequentes cursos mantidos pela municipalidade. O exemplo vem do Estado do Piauí, de um Município pobre. Não se justifica que a Prefeitura cratense pague poucos cruzeiros a uma professora. Com tal padrão de vencimentos, vemos fracassar no nascedouro a principal meta de realização da atual administração municipal. Nada se pode esperar de um funcionário mal pago, e sem que disponha de ambiente de trabalho satisfatório. Uma professora que percebe ridículos vencimentos, que não tem condições sequer para se manter, não tem condições para ensinar nem ajudar ninguém. Muito menos se ensina num prédio vagabundo, sem as mínimas exigências de conforto e aparelhagem adequada. Naturalmente, outras nomeações serão feitas e o anunciado programa educativo se resumirá na distribuição das cadeiras entre os mais destacados cabos eleitorais, sem qualquer atenção aos reais objetivos da campanha.

Dra. Lígia Nogueira Cavalcante, dotada, inclusive de apreciáveis qualidades artísticas, oriundas de seus genitores pelo lado paterno.

No tocante, à música, merecem menção o professor Nelson Eddy de Meneses, violinista, com marcantes qualidades de regente, e a Sra. Maria José Herbster, professora do Conservatório e virtuose do piano.

Dentre os valores jovens de Maranguape, destacam-se Francisco José Colares e Argeu Herbster Filho, ambos compositores e orquestradores, e que já conquistaram valiosos prêmios em memoráveis concursos de âmbito nacional.

O Dr. José Nascimento é figura das mais representativas de Maranguape, e orador de apreciáveis qualidades.

Filha de Maranguape, é a Dra. Huguette Braquehais, Juíza de Direito em Caucaia. Também, a professora Mirtes Campos, Secretária da Educação de Fortaleza, e Valéria Fernandes, engenheira civil.

Aliás, — registre-se — a professora Mirtes Campos foi a primeira mulher, no Brasil, a assumir a prefeitura de uma Capital — a de Fortaleza.

Filhos de Maranguape são o Cap. Jeová de Paula Colares, Superintendente da CHENOSA; os Drs. José Bonifácio e Cândido Jucá, Jaciné Cidark, o professor João Nunes Pinheiro, o jurista Paulo Fernandes Vieira, Paulo Campos, industrial, e Pedro Paula Cavalcante, pecuarista, além dos Drs. Valter Gaspar, José Maria Bessa, Narciso Pessoa, Helém Bessa, o Dr. Valdir Pessoa, atual Secretário da Agricultura, e os odontólogos José Maria Câmara, Odmar de Castro, Fernando Duarte Vieira e Francisco Nogueira Cirino.

Na política, destaca-se o Sr. José Mário Barbosa, deputado estadual pela ARENA, presidente da Cooperativa Agrícola de Maranguape e da Cooperativa Central do Ceará. Muito ao aludido parlamentar deve o Município de Maranguape no setor da instrução pública. Uma das suas maiores realizações é o Hospital Albaniza Sarasate a ser inaugurado em Maranguape breve, sob os auspícios da Sociedade dos Amigos do Progresso de Maranguape, e da qual é presidente o Sr. Antônio Gomes Bessa. O aludido nosocômio tem como administrador o professor Ivaldo Silva e terá como seu diretor clínico o Dr. Argeu Herbster.

Além do Sr. Evandro Ayres de Moura, gerente do Banco do Ceará, e do professor Carlos da Silva Lacaz, micologista de renome internacional, e atual secretário da Saúde da Prefeitura de São Paulo, filhos adotivos de Maranguape são os Srs. Luís Girão e o Dr. Tomás Pompeu Filho (esses já falecidos); e ex-secretário da Educação e Saúde.

Com uma filha de Maranguape, é casado o atual Comandante da 10a. Região Militar, o Sr. General Oscar Jansen Barroso. Na poesia, um dos valores mais autênticos de Maranguape é o poeta Pedro Mavignier.

De Maranguape é Álvaro Cunha Mendes, fundador do "CORREIO DO CEARÁ"; e, à terra natal, o prefeito Paulo Cirino, com a ajuda de sua digna esposa, Sra. Zimar Cirino, tem dado o máximo em termos de desenvolvimento, desfazendo o pressuposto de que, por um determinismo histórico retardadas, na sua marcha para o futuro, são as cidades vizinhas aos grandes centros urbanos.

Finalmente, Maranguape — como já o disse Paulo Aragão — é um viveiro, em florescência, de valores intelectuais. E, não faz muito um filho de Maranguape — Walder Colares Vieira, foi nomeado reitor da Universidade Federal de Vitória, no Espírito Santo (Lido no Programa Gente que a Gente Gosta — TV Ceará — Canal 2, em 20-10-71).

**COMÉRCIO
E
IMPORTAÇÃO
DE
BEBIDAS LTDA.**

**DEPÓSITOS DE BEBIDAS, ESTIVAS E CEREAIS DAS
MELHORES QUALIDADES**

**PRODUTOS PARA PRONTA ENTREGA E COM OS
MELHORES PREÇOS**

M A T R I Z :

RUA MONSENHOR ESMERALDO N.º 725

F O N E : 5 8 9

C R A T O — C E A R Á

F I L I A L :

RUA SÃO PAULO N.º 866

JUAZEIRO DO NORTE — CEARÁ

POLICLINICA ODONTOLÓGICA DO CRATO

SERVIÇOS DENTARIOS COMPLETOS

CLÍNICA

CIRURGIA

PRÓTESE

RADIOLOGIA

DR. ANIBAL VIANA DE FIGUEIREDO

DR. FRANCISCO AILTON ESMERALDO

*R. Bárbara de Alencar, 903
esquina com Dr. João Pessoa*

CRATO

—

CEARÁ

Folclore da Aguardente

(ESBÓÇO PARA UMA INTERPRETAÇÃO)

JOÃO CHIARINI

1. "Pinga" significa, aqui e agora, a aguardente de cana-de-açúcar. Porque as há de laranja, de banana, de milho, de arroz, de batata, de mandioca, etc. Estas são "produtos da fermentação alcoólica e posterior destilação, de sucos, maceratos e de gostos vegetais, que apresentem 1 teor de álcool variável de 38 a 54% (Valsechi, Octávio — "Aguardente de Cana-de-açúcar" — pág. 5 — Piracicaba, 1960).

2. A aguardente de cana-de-açúcar é o produto da fermentação e posterior destilação do caldo de cana. Em síntese: é a destilação do caldo de cana fermentado (Valsechi).

3. Cachaça, é outra coisa, o produto da fermentação alcoólica e posterior destilação, do mel final das usinas de açúcar (Valsechi).

4. "Pinga" é expressão genérica, popular, já folclórica. Pinga é bebida, é aguardente ou cachaça, corresponde a um milhar e meio de nomes de lh'a dão no Brasil. Dão-lh'a nos botecos, que marcas registradas, que rótulos passam de 5 milheiros.

5. Por exemplo: "Tatuzinho" é marca registrada. Mas, brasa, gramática, mata-bicho, remédio, uca e do populário. Pinga é o tal termo mais nacional-popular, brasileiríssimo. Cachaça é espanhol.

6. A patologia social a envolveu, como lhe cuidou o "A medicina dos excretos", em "Namoros com a Medicina", de Mário de Andrade, Livraria do Globo, 1939.

7. A bibliografia de medicina popular no Brasil é soberba, quase 150 volumes cuidam dela. Especificamente sobre "pingaterapia" não há nada. Aparece a pinga no receituário geral, nas garrafadas, meirinhas, nas superstições e até em algumas lendas. Há 2 no folclore brasileiro e de outras terras e outras gentes.

8. Há mesmo, porque, os senhores não ignoram o fato dos dois compadres que se encontram no Arraial de São Bento. Um, queixa-se que está doente. O segundo, diz-lhe de pronto, que conhece um santo remédio. O primeiro rápido, pergunta-lhe: — pinga com que?

9. Vejam, os senhores, que os sintomas não foram revelados, nem gestos de indicação foram feitos e o remédio já estava rotulado e embalado.

10. Há tempos ouvimos que "medicina é mágica em garrafa". Escutámos a frase de um amigo nosso, terrivelmente talentoso, inteligência funcional. Eça, o mestre, escreve coisa igual.

11. A pinga tem vida individual e coletiva. A polimorfa como os ingleses. Nada geométrica, simétrica, pensando-se em André Maurois, quando compara Paris e Londres.

12. A pinga é proletária, porque tem, já lhe dissemos, uma tonelada de nomes. Mas tem requintes burgueses e aristocráticos no Brasil. O azar é nosso, porque infelizmente ela chama-se pinga mesmo, disse-o Mário Neme. Os senhores já pensaram que aceitação universal não teria se ela se chamasse: whisky, vodka, rum...?

13. É nacional-popular porque é o mais barato dos nossos produtos engarrafados. Em Piracicaba uma firma engarrafa e vende 300.000 por dia. Bebe-se mais pinga do que água neste País.

14. Falávamos que é poligâmica. Americana do norte, sobremodo, situa-se com tudo: com plantas, com animais, com rezas, com superstições, com substâncias, associadas com produtos, sem se preocupar com o equipamento hereditário, fator Rh, pele, graduação, sexo.

15. Universalmente é a mais comunista das bebidas. Desconfiamos, que o velho Marx a tenha conhecido antes de nós.

16. Logo que Giuseppe Addôno trouxe a caña-de-açúcar ao Brasil, os nossos índios, por processos empirios, já a fermentavam e tomavam cada porre maciço, sem luar e sem sabiá. As palmeiras não haviam ainda. Foram criadas pelo Gonçalves Dias, um espécie do Pelé da poesia indianística. Mas graças a Ogum, que este não gostava de pinga, não entendemos nada de Gonçalves Dias nem de Pelé. E creiam, a sorte também é nossa.

17. Há uma medicina campestre que apanha flôres, frutos, fôlhas, caules, raízes, frutescências, condimento, legumes e junta-lhes a pinga na coisa. Evidentemente, resultará cada explosivo, ainda que produtos de laboratórios caseiros.

18. Para cada doença receita-se infusões, cocções de fôlhas de ramos, de talos, de raízes de determinada planta. Há-as para combater dôres de dentes, de garganta, de ouvido, afecções diversas, etc.

19. Quem teria sido o papai de tudo isso? Os invasores portugueses, a sua pior gente, que delapidou o Brasil-Colônia! Os franceses, os holandêses, gente de elite, que jogámos fora, os negros, os selvícolas.

20. Os indígenas faziam sua farmacopéia sem medo. O Brasil era deles. Não havia contravenções, nem caixinhas, nem espadas, nem vassouras, O céu era bem brasileiro e até mais azul. Dava gôsto vê-los. O Cruzeiro do Sul juntinho da gente, dando a mão pr'a gente. Nós somos o povo mais afastado de nossas usanças, de nossas artes e tradições populares. Levanta-se, vive-se e dorme-se com futebol. Ignoramos, que a U. R. S. S. põe anualmente 90.000 médicos na sua vasta área. Aqui louvamos e entoamos hinos aos homens que pensam com os pés. São surdos de alma, falta-lhes nacionalismo sadio, cooperativo, altruístico, de boa vontade. Se pudéssemos usar aquêle pleonasmo do médico do interior, diríamos que o Brasil tem conjuntivite nos olhos. Andamos de tapa e dormimos de botina.

21. Então, meus senhores, muitíssimas plantas possuem virtudes curativas positivas. Há uma vasta flora que se junta ao ambaí, à quina, à herva, ao jaborandí etc. Há as estornutatórias e texteis: o tanino, resinas e incensos. Há as purgativas, eméticas, vermífugas, insetífugas, contravenenosas.

22. A pinga acumplicia-se com muitas delas. Junte-se a tudo isso a zooterapia tão abundante, neurosíssima como a fitoterapia. Em 1948, pelas colunas de "A Gazeta", de São Paulo, empregámos em vários artigos "pingaterapia". Na forma nacional popular. Nada de "pingoterapia", clássica, correta. Dêste modo, não estaríamos fazendo folclore. O aspecto era panorâmico e universal. O que selvícola fêz com a pinga, os lusos já o faziam, os espanhóis, os franceses, os holandêses, os negros, os mulatos, os cupibocas, os mestiços, os pardos, o fizeram.

23. A coca, mais uma aguardente, o era usada e usa-se ainda no Perú. Nô-lo diz Sérgio Quijada Lara. em seu "La Coca".

24. Nós dissemos que há aguardente de banana, de laranja, de milho, de arroz, de mandioca, de batata.

25. Há umas aguardentes burguêsas, "acontecem": o "conhaque" vem do caldo de uva fermentado (vinho) e destilado; a "graspa" ou "baga-ceira" (bagaço) de uva; o "kirsch" (cereja); o "quetsh" (ameixa) a "cidra" (maçã); o "wisky" (cevada); o "Pulque" (pita); o "Saque" (arroz), etc.

26. O latino, mais supersticioso, do que o mês de agosto inteiro, suggestionável trouxe consigo a aludida prática. Naturalmente, conhecendo outras plantas e outros animais, caminhou mais nos seus empirismos.

27. A ação alcoólica deverá ser mínima. O que cura é a sugestão. Tôdas as curandeiragens, feitiçagens, magias são eminentemente auto-sugestivas. O que cura é a fé. Eramos criança. Devíamos tomar de 3 em 3 horas, uma colher de um determinado xarope. Mas o nosso papagaio não poderia ficar sem ser empinado. O tempo avançava e eis que corriamos à nossa casa para novamente tomá-lo. Era penoso e trabalhoso. Um dia tomamos o resto, uma boa porção. Não morremos nem melhoramos.

28. O que cura é a mística, é a observação às exigências do horário. Este processamento, isto é, o tamanho da colher, às vezes que o remédio é tomado, após ou antes das refeições, certos regimes alimentares, as combinações de preparados indiscutivelmente fatores auto-sugestivos. Fé, mística, seriam substituídos pela sugestão.

29. Esses mecanismos no folclore, principalmente em medicina popular, na medicina campestre, na pingaterapia, foram substituídos por regras complicadas e complexas.

30. Ao invés dessas técnicas, se tomarmos a *chicha*, bebida alcoólica do noroeste da Argentina e dos altiplanos da Bolívia e Perú, que resulta da fermentação do milho, acelerado com o emprêgo de uma levedura especial, obtida com milho fervido e mastigado por pessoas, que se dedicam exclusivamente a este ofício (Coluccio-Schiaffino), deparamo-nos com o anti-higiênico.

31. Mas é a regra, o tabu. Sobremaneira diurética, expele cálculos da bexiga. Atribuem-lh'a virtudes prolíficas.

32. A *cana*: bebida típica nas ruidosas festas do noroeste argentino. Deu origem a uma dança crioula: a *mediacana*. Preparação difícil, cheia de lineamentos.

33. Observa-se mais a regra em fazê-la. Não se afasta da rotina e do ritual. Estes é que substituem aqueles. No vinho de Roma houve as libações. Na pinga as há. Até os choques anafilácticos pertenciam às garrafadas. Quando este se não davam, não foram observadas fielmente as manipulações.

34. Vejam os senhores, que a paisagem humana brasileira é reduzida. Não tivemos guerras modernas, não temos vulcões, terremotos, maremotos. Os homens vanguardeiros, a terra e o mar são-nos pacíficos. O Piauí não tem paisagem humana. Não há angústia nem dôres. Não deu renome. A revolução paulista de 32 deu 300 obras, entre ensaios, romances, poesias, estudos vários. Só se não escreveu sobre a fala do soldado constitucionalista. E se tivéssemos uma guerra, teríamos 2.000 obras.

35. A paisagem, os contrastes, a exuberante silvicultura do País, fo-

mentou muitas medicinas populares. No que se refere à medicina mágica, esta ainda se subdivide em advinhatória, talismânica e simpática e, falando-se em termos de pinga.

36. Pais com todos os climas, exige ao mortal uma resistência folclórica de gato. Por isso que, quando está frio — cachaça quando está quente — cachaça.

37. Nas “festações” onde predominam instrumentos membranofônios, se consome pinga. As danças e os bailados de nossa Pátria, ainda que seja um produto coletivo, um mosaicamento de raças e nacionalidades, tem uma constante que assina o ponto — a pinga.

38. A incultura, o atraso mental que nos envolve e os curandeiros são os organismos de manutenção da pingaterapia.

39. Os curandeiros são u’a mincria. Mas os benzedores ultrapassamos. Há-os em todos os cantos. Estabelecemos 3 classes de medicina mágica: 1) medicina advinhatória (prática de diagnóstico e pesquisa do remédio); 2) medicina talismânica (preservativos por meio de talismã, etc.) e 3) medicina simpática (terapêutica mágica).

40. A base da medicina talismânica é o feiticismo.

41. Certos laboratórios ilustram os seus produtos com desenhos magníficos dessas casuísticas do narcisismo. São-no acompanhados de textos, até com validade científica. Revistas de outros laboratórios estampam mais amiudadamente êsses processos.

42. Velórios fazem-se com pinga. Mas grande parte dos ritos funerários também. A psicanálise tem interpretado estas práticas. Arthur Ramos esmiuçou o problema do ponto de vista antropológico, liquidando a marcha lenta e conservadora da antropologia clássica brasileira.

43. A pinga leva vantagem sôbre a urina e sôbre os excrementos. Compõe mais. Às vezes, aparecem pinga e urina juntas.

44. No “País das Carinaúbas” de Martins de Oliveira (37, 23) a gente encontra: “É serão. Logo qui chega em Boa Vista, é só tomá uma pinga de fumo, urina e cachaça, e, ela vai embora”.

45. A escatofilia, a cropolalia dão-se mesmo à pinga. Ambas, resultantes dos grupos mais atrasados mental e alimentariamente.

46. Sabemos que, nas abluções, a pinga junta-se à água. Na cozinha folclórica borraça-se o peru para que a carne amoleça.

47. Quantos “eufemismos” se não empregam, quando um “bebado” faz “arruaças”. Bebado sempre faz sujeiras, dá bronca, principalmente se a bebedeira fôr a de tipo de leão, que ainda as há de cabra e de carneiro.

Êsse “sujeira” aí proveio dum eufemismo primitivo. Que mãe que não terá dito que o seu filhinho “sujou no cueiro”.

48. As “comadres” são responsáveis também pela pingaterapia.

49. O folclore da matemática, isto é, dos números pontificando-se os sacrais, contribui para o exorcismo, objeto desta conversa.

50. Cura-se a *embriaguez*, colocando caldo de limão no ouvido daquêlê que estiver embriagado. Mas deixará o vício de beber, aquêlê que tomar uma infusão diária de pinga, misturada com excremento de galinha... uma vez, que ignore qual a composição do remédio... Êste, uma vez, é o efeito auto-sugestivo de que já nos aludimos.

51. A *maleita* é curada, tomando-se 1 litro de pinga de uma só vez.

52. *Sangue fraco, sangue sujo*: usa-se geralmente: raiz de velame,

com 5 folhas de Chanana e casca de bordão de Velho em 1/2 litro de aguardente.

53. Para que não surjam complicações aos picados de cobras venenosas, aconselham a tomar aguardente até que se embriaguem.

Por 2 vêzes, um suicida "encheu a cara" e atirou-se no serpentário do Butantã (1950), fazendo um "footing" dando com as cobras. Não morreu na 2a. vez, porque os acudiram em tempo, com 17 carimbadas das Botrops e Crotalus Terrificus.

54. Para aliviar as dores da ferrada de lacrau, mandam que se beba aguardente com alho.

Georges Gardner, "Viagens ao Brasil", pg. 41, registra o exemplo anterior, em Pernambuco. Mas há os de Minas, nas cidades e em toda zona rural brasileira.

As picadas de coral, cascavel ou jararaca eram curadas com aguardente. Registra o fato, em 1850, no seu livro "Memórias" pág. 15) o "Culto da Serpente Venenosa do Alto Mar", uma espécie de teatro cômico". A serpente aí é a cachaça.

55. Não estranhem que há um decálogo de páu d'água, com: 1.º — entrar; 2.º — mandar; 3.º — beber; 4.º — pagar; 5.º — cuspir; 6.º — sair; 7.º — voltar; 8.º — repetir; 9.º — tombar; 10.º — cair". Assim, nô-lo diz Calasans (ob. cit. pág. 16).

56. Nos botequins, vendolas e bares notamos quadras para os "pinduras", que costumemente mandam marcar. Versos de advertência alusivos ao freguês e de exaltação à aguardente.

57. Em contacto com velhos fabricantes de cachaça, alinhamos no que se refere à bôa pinga, que ela não deve ser podre, ácida e áspera (macia).

58. Entretanto, há os que a conservam nos mais diferentes recipientes: em "coretes" de sassafráz, de canela, de cerejeira, de carvalho. Há botijas vidradas, em côco (hoje indústria), em gomos de bambú, que serão enterrados em areia (informação de Archimedes Dutra, quando de nossa palestra no Rotary Club de Piracicaba, 17.1.1959), etc.

59. Não nos chegou às mãos algum estudo especial da resistência da madeira à ação da pinga. A experiência da "Pingateca" instalada pelo "Centro Folclórico de Piracicaba", na "Feira Folclórica", no Parque da Água Branca (6.1.1949 a 6.3.1949), revelou-nos que os "coretes de carvalho eram os mais procurados e menos comprados os de guaratã, que nos diziam que fortificavam a pinga, davam fortidão às mesmas.

60. Dissemos antes da dicionarização da cachaça. Falamos-lhe que a "pingateca" do I. Z. traz nos rótulos de suas centenas de litros e garrafas, nomes curiosíssimos. São marcas de fabricação de registro. Mas imaginem que cachaça é *cana*, *caninha* industrialmente para o consumidor), *caiana*, *água de cana*, *sumo de cana*, uma perfeita genealogia. Há os parentes da aguardente: pai da cachaça diz-se do bebereão; pai e mãe da cachaça para o mais do que êste último. Certa vez apresentara-nos uma pessoa, dizendo-nos isto "êste aqui é meu irmão da cachaça".

61. Sobre o parentesco da cachaça já escreveram Afrânio Peixoto, Guilherme dos Santos Neves, Antônio Batalha Reis, José Calasans, Pires de Lima (Portugal), etc. Entre nós aqui, existem os amigos da aguardente, ainda que não seja "santo remédio".

62. Crê-se na cachaça com obsessão. O compadrio intensifica o uso da pinga. Ao compadre se não lhe pode negar nada.

(por ordem de importância)

1. CURURU — Combate poético improvisado, em que tomam parte quatro (4) *canturiões*, ao som de viola, reco-reco e pandeiro, sem pratos ou guisos. Inicia-se o “*pedreste*”, que coloca o verso (redondilha maior), auxiliado pela *segunda* (2a. voz).
2. CANTURIÃO — diz-se improvisador de cururu. O mesmo que rimeiro, trovador, rimancista, esquireiro, etc.
3. CANTURINO — (não aparece na palestra) — é tropeiro neófito, sem muitas apresentações ao público.
4. PEDRESTE -- acompanhante, colocador das *carreiras, linhas ou linhações*.
5. CARREIRAS — rimas.
6. LINHAS — rimas.
7. LINHAÇÕES — rimas.
8. VIOLA — instrumento de madeira, codofônio, podendo ser de dez (10), doze (12), quinze (15) cordas, conforme a região em que é feita. Está sofrendo aculturações materiais, eliminando-se o caráter ergológico da referida peça (tarrachas ao invés de cravelhas) caixas de ressonância elétrica, caixas dinâmicas, substituíram o único orifício da caixa por quatro (4) a até (5) cinco, outros encordoamentos de “nylon” em lugar de cordas capeadas, ou de aço, brancas e amarelas, “trastijo” de tarracha), etc.
9. CATERETÊ OU CATIRA — conhecido por bate-pé. “É uma dança de opulenta coreografia” (Roger Bastide). Outros movimentos são: *beta-não, corta-jaca, serra-acima, e recortado* (versos improvisados, caçoístico, depreciativos, acompanhados dos meneios e trajectos). Participam: duas (2) violas ou *auréolas* (aureólas, os ponteiros).
10. SAMBA CAIPIRA OU SAMBA RURAL PAULISTA — entram membranofônios ou percussões (caixas: alta, média e baixa, tamborim, repique conga (acrescido depois), chocalho (idifônico), agogô (idem) e triângulo.

CRISTO NA LUA

À JOSÉ ESMERALDO

Reli no Catecismo esta verdade,
Que Deus está na Terra, está nos Céus;
Está em toda parte em Magestade,
Envolto no esplendor de finos véus!

O Pai Eterno nos poderes seus
E o Espírito Santo em igualdade,
São com o Filho que também é Deus
Formando um só, na força da Trindade!

Contudo, o Filho quis ficar no mundo
Sob outro veu na Santa Eucaristia,
Para alimento nosso todo dia.

E, nesta Fé, sentido tão profundo,
Um Astronauta por lembrança sua,
Levou a Hóstia e comungou na Lua!

O JANGADEIRO

DANDINHA VILAR

Lançando ao largo a indomita jangada
Contra a fúria incontida do oceano,
Parte ao raiar da luz da madrugada,
Sobre lençóis de espuma arfando o pano.

Lindas canções de amor entoando
Corajoso e feliz no seu veleiro;
E os segredos do mar vai desvendando
A quem se apega o bravo jangadeiro.

Nas águas busca o pão na dura lida
E ao lar regressa a palmar contente
Quando o sol já descamba lá na altura.

Faz do mar o seu mundo, sua vida;
E se as ondas lhe colhem de repente
Encontra nele a doce sepultura.

A Cultura Brasileira e o Desenvolvimento Nacional

PEDRO GOMES DE MATOS

País de dimensões continentais, com sensíveis diferenças geográficas a atuarem sobre o homem, a cultura brasileira não pode ser uniforme. Necessariamente, há de refletir as expressões do meio ambiente.

Com certeza, o homem como se tem pretendido afirmar, não é, de um modo geral, produto do meio. O meio físico, porém, exerce larga influência sobre o homem, as sociedades e as nações.

Como ocorre no Norte e Nordeste brasileiro, o indivíduo ora é agredido pelo meio, ora este lhe facilita o passo e a ação, como foi o caso da colonização nos Estados Unidos.

Se o Egito é uma dádiva do Nilo, como já o dizia Heródoto, Israel — república proclamada em 1948 por ocasião do término do mandato britânico sobre a Palestina e após a divisão da Palestina entre judeus e árabes, segundo a conclusão dum Comitê Especial das Nações Unidas — é uma conquista da técnica, através do vasto sistema de irrigação artificial que tornou cultiváveis as suas terras desérticas.

Submetido o Brasil durante quase quatro séculos aos interesses políticos da Corte Portuguesa, só muito tardiamente dela se libertou o povo brasileiro por força do sentimento de nacionalismo de uma raça que se fundiu e plasmou ao sol dos trópicos, afirmando-se vitoriosamente.

Do largo e tão explorado período de dominação da Metrópole, disse, numa síntese à Fustel de Coulanges, FREI VICENTE DO SALVADOR: “Usam da terra não como senhores, mas como usufrutuários”.

Assim o foi, com certeza, e notadamente porque “a alienação constituiu a essência do complexo colonial. A colônia é um “instrumento” e existe em função do “outro”.

Pretender-se o contrário é desconhecer a história, o critério com o qual, por sua vez, foram também tratadas as possessões inglesas e francesas, mercê não apenas do “clima espiritual” de uma época, como, inclusive, das injunções econômicas das quais ainda se não libertou, de todo, o nosso País.

Escreve ROLAND CORBISIER :

“O “ser” do homem se “revela” nas obras que produz, no que realiza ao longo de sua existência. Devemos, porém, observar que o trabalho pelo o qual o homem se revela a si mesmo é o trabalho livre e não o trabalho escravo, porque neste embora transforme o dado material, o homem se comporta como um simples instrumento a serviço de projetos e interesses. No trabalho escravo o que se revela não é o ser do escravo, reduzido à mera condição de instrumento, mas o ser do senhor. Que é pirâmide egípcia senão o túmulo do Faraó?”

Aliás, do ponto-de-vista da história da civilização, não procede a ênfase que se dá aos excessos da Corôa no período do colonial.

Nela, vale antes o efetivo processo de transculturação levado a efeito pelo pequeno e obscuro emigrante.

Não falta quem maldiga os reis e capitães-mores portugueses que nos levaram o ouro e os diamantes das Gerais. Nem quem estenda a maldição à própria colonização portuguesa. Mas é atitude materialista, de um materialismo rasteiro”.

E adianta :

“Muito mais que as arrobas de ouro e os quilates de diamantes, vale a palavra do Evangelho aqui pregada e pegada, vale a beleza plástica da língua romântica, vale esse ecumenismo étnico, que tanto nos honra. Se os reis levaram riquezas materiais, se exauriram o subsolo, como dizem, eles mesmos e, principalmente, os missionários e os “miúdos”, sempre os portugueses, nos legaram riquezas que não têm preço, porque são de outra natureza, são espirituais”.

E onde, senão nestes legados espirituais, na escola profissional, e no positivo, inclusive, vamos encontrar as bases de nossas instituições ?

Pelo trabalho anônimo, pela língua, pela religião, o Brasil é obra de Portugal. Um príncipe português, romântico e impulsivo, proclamou a nossa independência, e não afronta a verdade o afirmar-se seja o Brasil “o maior laboratório de caldeamento étnico do mundo e da história”.

Sem sombras de dúvidas, apressado o foi Euclides da Cunha quando vaticinou que nunca teríamos unidade de raça.

Efetivamente — escreve CAPISTRANO — “a desafeição entre as três raças e respectivos mestiços lavrava dentro de cada raça. O negro ladino e crioulo olhava com desprezo o parceiro boça, alheio à língua dos senhores. O índio catequizado, reduzido e vestido, e o índio selvagem ainda livre e nu, mesmo quando pertencentes à mesma tribo deviam sentir-se profundamente separados.

O português vindo da terra, o reinol julgava-se muito superior ao português nascido no Brasil, o mazombo, sentia e reconhecia sua inferioridade.

Em suma, dominavam forças dissolventes, centrífugas, no organismo social; apenas se percebiam as diferenças; não havia consciência de unidade, mas de municipalidade”.

Pouco a pouco, porém, a dispersão foi cedendo. Vencido o invasor holandês, numa luta começada em 1624 e levada ao fim sem desfalecimento durante 30 anos, — eis que tinha início a formação de uma raça nova, com a consciência de sua força e do seu valor.

Fixa o fato, com apurada agudeza sociológica, o autor de “Capítulos de História Colonial”: “Vencem o espírito nacional. Reinóis como Francisco Barreto, ilhéos como Vieira, mazombo como André Vidal, índios como Camarão, negros como Henrique Dias, mamelucos, mulatos caribocas, mestiços de todos os matizes combateram unânimes pela liberdade divina. Sob a pressão extrema operou-se uma solda, superficial, imperfeita, mas um princípio de solda, entre os diversos elementos étnicos. Vencedores dos flamengos que tinham vencido espanhóis, algum tempo senhores de Portugal, os combatentes de Pernambuco sentiam-se um povo, e um povo de heróis”.

Apresentando-se-nos como um intruso, pela diversidade de língua e de religião, e em contraposição com tôdas as características que nos são peculiares, teve o flamengo a virtude de representar a força catalítica na formação da nossa nacionalidade.

Culturalmente e economicamente, a inautenticidade foi a nossa característica até 1922.

Em se tomando 1922, e 1930, inclusive, como o exato momento a partir do qual começamos a tomar conhecimento de nós mesmos, a integrarmo-nos na consciência de nossas necessidades, a sentir o vazio que era o Brasil do litoral para o centro, a aperceber-mo-nos da nossa incultura e da nossa pobreza, longe estamos de subestimar o primeiro e grande movimento literário brasileiro que foi o Romantismo, movimento que sem demora se aliou ao indianismo e que teve em José de Alencar, Gonçalves Dias e Machado de Assis, entre outros, as suas figuras máximas.

O Atlântico — já se disse — é uma rua. Larga, mas rua. Do outro lado da rua, está a Europa.

Encharcados de literatura européia (Eça, Anatole, Victor Hugo, Lamartine, Chateaubriand), o advento do romantismo realizou, no consenso unânime da crítica, a rutura da "inteligência" brasileira com Portugal, e teve, sob o aspecto cultural, tanta influência quanto a Semana de Arte Moderna de 1922. O romantismo foi o Ipiranga das letras.

Conhecendo toda a extensão da nossa dependência, fato para o qual contribuíram decisivamente a primeira e a segunda guerra mundial, eis que a realidade apontou-nos um caminho: o da luta contra o subdesenvolvimento, empenho no qual participa a SUDENE (Superintendência do Desenvolvimento do Nordeste) e, simultaneamente, o Ministério da Educação e Cultura, acelerando e orientando o processo de desenvolvimento econômico, tarefa comum por constituir-se hoje aspiração de todos os brasileiros.

Ainda agora — ressalte-se — a propósito da lei que "fixa Diretrizes e Bases para o ensino do primeiro e segundo graus" (e cujo projeto recebeu na Câmara e no Senado, 357 emendas, tal o inusitado interesse dos parlamentares que nêlo trabalharam) assim se manifestou o Presidente Médici, definindo-a: "Ajusta a nossa organização escolar às condições sociais da época e às peculiaridades do País, alarga, pela distensão do ensino primário, a faixa da educação obrigatória, prevê quanto à preparação para o trabalho e modela o sistema educacional no primeiro e segundo graus, de maneira a permitir a sua constante atualização e reforma".

Um artista do porte de Niemeyer contruiu Brasília; e, com a Transamazônica, estamos escrevendo a última página das Bandeiras.

Na verdade, desenvolvendo o potencial das grandes centrais elétricas redimindo o Nordeste, impulsionando o desbravamento da Amazônia, dando integração social ao trabalhador, fomentando a educação, rasgando estradas, edificando casas para o povo, incrementado, com impulso novo, a agricultura, o governo brasileiro enceta uma marcha de liberdade e de libertação.

É um fenômeno histórico, autônomo, que independe da vontade de grupos. Dai, a famosa afirmativa do Presidente Médici: "Ninguém segura mais este País".

Tanto no Norte como no Sul, ostentam-se duas literaturas como expressões de valores nossos. Que o digam as obras de Jorge Amado, de Rachel de Queiroz, de José Lins do Rêgo, de Graciliano Ramos, de José Américo de Almeida, e as do mais vigoroso dos nossos ficcionistas — Érico Veríssimo.

E saliente-se que os ficcionistas do Nordeste, a partir da publicação de "A Bagaceira", em 1928, e de "O Quinze", em 1930, anteciparam-se à

literatura de tendências regionalizantes surgida entre os anos de 30 e 40 deste século nos Estados Unidos e que, como a nossa, enfocando misérias e desníveis sociais, visou a despertar a atenção para os problemas de vida que afligiam as populações dos Estados sulinos daquele País e aos quais não havia chegado, sem atritos, o processo social do enriquecimento pela industrialização. Dessas produções, uma peça teatral "Um bonde chamado desejo" foi aqui no Brasil encenada com o nome "Uma rua chamada pecado" (Wagner Barreira).

Jackson, Milliet, Tristão de Atayde, Monteiro Lobato, Artur Ramos, Euclides da Cunha, Lúcia Miguel Pereira, Gilberto Freire, são nomes cuja personalidade ninguém pode deixar de reconhecer. Inconfundíveis são os merecimentos de um artista plástico como Antônio Lisboa — o Aleijadinho.

Escreve VIANA MOOG :

"Por mais que se percorra o Brasil, e não apenas o Brasil, mas as duas Américas, inclusive o Peru e o México — em cujas igrejas se encontram prodígios de barroco — em busca de obras de arte, para efeitos de contemplação, aferição e confronto de valores artísticos, nada se encontrará comparável, em matéria de escultura, à obra por êle realizada. Para descobrir algo semelhante ao conjunto de monumentos que o cinzelador de Vila Rica legou à posteridade, sob a forma de estátuas de santos, frontispícios de igreja, lavabos, volutas, medalhões, altos-relêvos, púlpitos e altares, executados ora na parede ora na madeira, é preciso transportar-se um pouco mais longe do espaço e no tempo. No espaço, talvez seja necessário estender a investigação ao Velho Mundo; no tempo, remontar à Renascença, porque talvez só no Velho Mundo e na Renascença, e não em outra parte ou em outra época, poderemos identificar obras equivalentes ou semelhantes".

Como a arte não é estática, mas dinâmica, aí temos Augusto Frederico Schmidt, a maior figura da segunda fase do Modernismo. Dêle procede "o verso livre, amplo e melódico" e vultos como Guimarães Rosa e Gustavo Corção, de par com a criação de Universidades, expandindo e ativando os estudos críticos e filosóficos, permitem-nos antever um imenso florescimento na literatura brasileira.

Em originalidade, Portinari, na pintura, corre parilha com Vila Lobos na música.

A "criação" de Vila-Lobos, escreve o folclorista e crítico musical Renato Almeida, "é de uma audácia extrema. (...) É um dominador da matéria musical, que modela com violência e rudeza, da forma que sabe contorná-la com sutileza e finura. Eis porque não se pode falar a rigor de uma maneira de Vila-Lobos, característica e específica. A sua expressão pessoal varia a cada passo e êle busca incessantemente novas trilhas e diretivas, não raro desnordeantes. Na sua música não se detém nunca em aperfeiçoar processos, a sua ânsia constante é a descoberta. Isso explica a vastidão de sua obra, o seu valor e a sua riqueza (...) A música de Vila-Lobos é essencialmente brasileira. A afirmativa pode parecer ousada e concedo que há alguma coisa difícil de explicar, desde que não se pode definir o que seja música brasileira. Tudo o que quero dizer é que encontro na música de Vila-Lobos uma substância profundamente nacional, que não está somente ao aproveitamento ou deformação da temática ou de certas formas e modalidades do nosso populário, mas sobretudo no ambiente que cria, traduzindo uma palpitação especial, per-

feitamente sensível, muito embora refulgindo a precisões definidas. Esse sentido nacional não é uma limitação (...) E a prova é que sua obra tem obtido a maior repercussão em toda a parte, exatamente por encerrar uma mensagem nova, como até então não contivera a música brasileira.

Realmente, "a mensagem de Vila-Lobos não se restringiu ao Brasil, Foi mais além. Ultrapassou as fronteiras pátrias. O mundo civilizado a escutou. As nações de reconhecida cultura artística ouviram-na reverentes. Ele mesmo, com luta e sacrifício, a conduziu, com as próprias mãos, a Paris, Berlim, Londres, Roma, Madrid, Nova Iorque, ao mundo inteiro. Sua música verde amarela, impregnada dos nossos ritmos, cheirando a floresta virgem, possuída de nossos motivos populares, de nossas canções de roça, vestida com fragmentos de samba, de choro, de módulo de batuque, enfeitada de milhares de temas folclóricos, penetrou nos mais distantes auditórios das cultas cidades da Europa e da América, provocando surpresa, admiração, protestos, para afinal ser acolhida, com admiração, pelo rosário de plateias que êle, o gênio, a conduziu e plantou, como se conduzira e a hasteara a bandeira brasileira".

Com Vila-Lobos, que teve como precursores Alexandre Levy e Alberto Nepomuceno, afirma-se a originalidade da música brasileira, reagindo e sobrepondo-se às influências italianas e alemãs de que tanto se ressentem as óperas de Carlos Gomes. "Esse môço começa por onde eu acabo" — exclamou Verdi no Scala de Milão quando da triunfal apresentação de *IL GUARANY*, extraída do romance de José de Alencar.

Em Francisco Braga e Luciano Gallet, tiveram Levy e Nepomuceno os seus mais autênticos continuadores.

Através do tupi, enriqueceu-se o nosso léxico; e a herança africana sobrevive em manifestações diversas, sobretudo na música popular das quais são exemplos típicos o samba-de-morro, os batuques, de Camargo Guarniere, a Congeda, de Francisco Mignone. Por outro lado, o mestiçamento é o tipo mais sutil da influência africana em nossa cultura.

Como forma de expressão plástica, sonora e crônica, é de destacar-se o cinema, que pode descrever qualquer tema, e presta-se para exprimir quaisquer emoções humanas; e todo êsse admirável conjunto de comunicação entre os homens, que é a imprensa (oral, escrita e visual).

Valores os temos, e muitos, no teatro. Sofre êste, porém, não apenas a concorrência de outros meios de entretenimento mais acessíveis ao povo como o refléxo de problemas circunstanciais que lhe impedem o desenvolvimento.

Além de uma música, de uma literatura nossa, de uma arquitetura nossa, temos também e por igual uma poesia nossa, e instituições nossas.

Como expressões de cultura nova, aí temos o Instituto Biológico, o Instituto Agrônomico, o Butantã, o Adolfo Lutz, o Nina Rodrigues, o Manguinhos e o Instituto de Antibióticos da Universidade Federal de Pernambuco, dirigido por uma equipe que tem à frente o médico Osvaldo Gonçalves de Lima (e ao qual se deve a descoberta de oito-antibióticos extraídos da flora e fauna nordestinas e capazes, todos êles, de exercerem atividade restritiva direta sobre a proliferação e maturação das células neoplásticas, além de instituições outras voltadas para a pesquisa e o estudo das ciências naturais.

Há — todos o sabemos — um tremendo esforço no sentido de desnacionalizar a nossa cultura e, inclusive, de subverter a ordem através de atos que tomaram a forma radical do terrorismo. Mas as forças que

nos unem e que nos levam à defesa das maiores tradições são mais fortes do que as inspiradas na cartilha marxista e as oriundas do exacerbado nacionalismo antiamericano.

Ainda agora, ao assumir o comando da Escola Superior de Guerra, disse o General RODRIGO OTÁVIO BRANDÃO: "Não nos entibiam, nem hão de delongar a nossa marcha para o futuro, o terrorismo cruento e desumano, envolvendo tristemente parcelas de uma juventude desavisada, tisonada pelo mao-anarquismo e conduzida por sectários fanatizados, aliados a alguns políticos inconformados — em seu saudosismo e revanchismo — e ainda a alguns apóstatas renegados, transmutando-se da pregação evangélica da caridade e da renúncia, da doce e pacífica fé cristã, para a dialética violência da fé marxista".

E lembrou com NILO PEREIRA, eminente mestre: "Se recusarmos esse caminho é porque preferimos as veredas; mas um povo não tem o direito de trocar a estrada pelos seus maiores pela sedução de horizontes escuros e incertos. Um povo que se nega perde o rumo. Renega-se de si mesmo à glória que o fez povo, cultura, civilização, dignidade humana".

Quaisquer que sejam os entre-choques de nossos interesses, e por mais variado que se mostrem os nossos aspectos ecológicos, o Brasil é uma nação una: historicamente, geograficamente, culturalmente.

FONTES CITADAS

- 1 — Capistrano de Abreu: CAPÍTULO DE HISTÓRIA COLONIAL.
- 2 — Néelson Werneck Sodré: SÍNTESE DE HISTÓRIA DA CULTURA BRASILEIRA, 1970.
- 3 — Roland Corbisier: FORMAÇÃO E PROBLEMA DA CULTURA BRASILEIRA.
- 4 — Gladstone Chaves de Melo: CULTURA BRASILEIRA.
- 5 — José de Castro: "O REGIONALISMO E A CULTURA BRASILEIRA", in DOCUMENTÁRIO DO NORDESTE.
- 6 — Roger Bastide: BRASIL — TERRA DE CONTRASTES.
- 7 — Valdemar de Almeida: "Vila-Lobos", in EDIÇÕES CADERNOS CULTURAI, Recife, N.º 1, 1971.
- 8 — Vianna Moog: BANDEIRANTES E PIONEIROS.
- 9 — Wagner Barreira: "DUAS CANDIDATURAS A PRÊMIO NOBEL", artigo no jornal O POVO, 7-7-71.

NOTA — Palestra realizada em 31-08-71 no Conservatório de Música Alberto Nepomuceno como parte do calendário elaborado para a Disciplina "Estudos dos Problemas Brasileiros" (Educação Moral e Cívica).

Fortaleza, 22 de Agosto de 1971

Prezado GOMES DE MATOS

Com a minha admiração, agradeço-lhe o agradável presente que me fez, de "ITAXTERA", tradicional anuário representativo da cultura cariense, da qual é você colaborador dos mais brilhantes.

Muito cordialmente:

PAULO ARAGÃO

NOSSOS MUNICÍPIOS

U L I S S E S V I A N A

O município do Crato, vinculado a região caririense, situada ao sul do Ceará, vem mantendo, nêstes últimos anos, índice de desenvolvimento admirável. Trata-se de comuna integrada no sistema evolutivo dos órgãos governamentais.

As principais fontes de riqueza são caracterizadas pelo progresso da agricultura diversificada, aliada ao fomento da pecuária, atividade que floresceu em consequência do colapso verificado na produção de rapadura. No Crato impera mentalidade avançada, através do incremento efetivo ao ensino. Estabelecimentos educacionais de largo prestígio conseguiram, dentro de pouco tempo, imprimir fisionomia moderna numa região em que os seus habitantes valorizam os múltiplos tipos de cultura intelectual.

O Instituto Cultural do Cariri, entidade dirigida pelo sociólogo J. de Figueiredo Filho, congrega homens devotados às ciências e às artes. Prepondera, por outro lado, o desejo de promoção das áreas estudantis, através de diretrizes eminentemente progressistas.

A referida instituição vem editando, anualmente, conhecida revista, intitulada "ITAYTERA", instrumento representativo das características de um povo politizado e voltado para as grandes causas do espírito.

Essa importante revista conta com a colaboração de nomes respeitáveis, destacando-se, entre outros, o Pe. Antônio Gomes de Araújo, J. de Figueiredo Filho, José Newton Alves de Sousa, Quixadá Felício, Raimundo Borges e Antônio de Alencar Araripe.

O jornalista Osvaldo Alves de Sousa dirige, com rara dedicação e inteligência, a revista IC REVISTA (Indústria e Comércio), já tendo oferecido números impressionantes e de boa feição literária. Recentemente o aludido órgão circulou com matéria informativa de primeira categoria, avultando trabalhos qualificados de conhecidos intelectuais da terra.

No campo da assistência social o Crato atingiu posição de liderança, contando, atualmente, com dezenas de organizações que realizam obra de reconhecido vulto. A vida social da cidade é idêntica à dos grandes centros nordestinos e denota o religioso interesse do povo no aprimoramento da juventude, intimamente ligada aos problemas gerais da comunidade.

Até mesmo no setor de divulgação encontramos emissoras de rádios executando programas elaborados cuidadosamente pelos seus dirigentes. O teatro, por sua vez, encontrou campo propício para se desenvolver, influenciando positivamente na formação moral e cultural dos seus integrantes.

A prosperidade das classes menos favorecidas representa capítulo bem significativo na vida econômica do Crato. As empresas industriais, recentemente implantadas, exercem tarefa de verdadeiro desbravamento, construindo novos mercados consumidores, utilizando métodos técnicos no processo de industrialização e expansão comercial.

Na realidade as modificações constatadas na estrutura econômico-financeira do município cratense servem para comprovar, de maneira irrefutável, as qualidades afirmativas de sua gente, aliada a essa nova civilização que vem contribuindo para a conquista de melhores dias, no futuro. (Jornal do Comércio 4.6.69).

A REVOLUÇÃO DE 1932

Ao mais honesto e cuidadoso historiador escapam, às vêzes, detalhes ou aspectos muito significativos de determinado acontecimento histórico, que tornam a sua pesquisa, ou obra dela oriunda, incompleta, inacabada. Alguns escapam propositadamente, por considerados de menor valor, e que, no entanto, no contexto da obra exerce sua justa e real significação. Isso tem ocorrido, mormente aos que pesquisam sobre fatos recentes de repercussão nacional, tais como a Revolução de 32 e sobre ela escrevem obras que, se não êles, pelo menos nós, leitores, considerávamos definitivas, esgotando o assunto. Valiosa, todavia, tem sido a participação de alguns pesquisadores ou historiadores de província na literatura dessa Revolução. Há bem pouco, o cearense Otacilio Anselmo publicou uma obra que narra um dos capítulos da Revolução de 32 no Ceará, até então menosprezados pelos historiadores "oficiais". A obra de Otacilio Anselmo restabeleceu o valor da contribuição cearense nesse movimento. Daí não se poder, de modo algum, desconhecer o valor dos subsídios que prestam a história êsses pesquisadores regionais.

Além do trabalho de Otacilio Anselmo, um outro de real importância, acaba de chegar-nos às mãos, de autoria do historiador tietense Benedicto Pires de Almeida, membro dos Institutos Históricos de São Paulo e Sorocaba, intitulado *A Revolução de 32 (Episódios Documentados da Revolução da Cidade de Tieté)*, um retrato ampliado da participação do "Batalhão Tieté" naquele movimento constitucionalista deflagrado em S. Paulo, com repercussão em todo o país. Trabalho de pesquisa de fôlego, enriquecido com numerosas e históricas ilustrações, que, de certo, prestar-se-á para compor a obra inacabada, dos que escrevem sobre o histórico movimento constitucionalista. — J. J. O.

L I T E R A T U R A

PATATIVA — O escritor cearense J. de Figueiredo Filho é, no momento, uma das maiores autoridades em folclore cearense, notadamente da região do Cariri, uma das mais ricas de valores folclóricos do Nordeste, dados a conhecer através de alguns livros seus em que aborda a matéria. De sua autoria acaba de sair, pela Imprensa Universitária do Ceará, mais um trabalho de inestimável valor folclórico: PATATIVA DO ASSARÉ, livro sobre o maior poeta popular vivo do Ceará, Antônio Gonçalves da Silva, apelidado de "Patativa". Embora um livro sobre o grande cantador de viola, não se trata de obra biográfica. O livro, diz Figueiredo Filho não ser somente seu. É obra de parceria. E aponta o próprio Patativa como o primeiro autor. "Sou apenas seu comentarista", diz F. F. Realmente são os numerosos versos de um acompanhados dos comentários do outro que compõem PATATIVA DO ASSARÉ. E aí está, de fato, o grande valor da obra. Pesquisador emérito das manifestações de cultura popular, Figueiredo Filho traz para o livro de Patativa a grande contribuição cultural, realizando uma interpretação sociológica do sentimento cabôclo manifestado em cada verso do poeta, como quem traduzindo as mensagens que se contêm em cada canto seu, apontando-lhes, inclusive, as suas motivações e origens. Em cada verso, o vate do Assaré converte-se em síntese de sua gente, na dor e na tristeza, e a alma sertaneja do homem cearense está inteirinha, em todos os seus aspectos e manifestações, descritas, de modo fiel, nos cantares do PATATIVA DO ASSARÉ, um livro biográfico do sentimento cabôclo da gente nordestina.

DISCURSO

MARTINHO DE LUNA ALENCAR

Senhoras e Senhores, minhas caras Professoras :

Não escondemos a alegria de estar aqui, convosco, partilhando do contentamento de tódã a Barbalha pela nova e esperançosa safra de recursos humanos que representais, neste nosso ainda tão carente Nordeste.

Muitas emoções nos assaltam neste instante.

É que poderíamos abordar tantos pontos de vista, tantos conselhos, tantas advertências, mas nossa própria experiência ensina que, de ordinário, aprendemos mais pelos êrros em que incorremos do que pelas lições que nos são transmitidas. Os êrros cometidos são, por assim dizer, lições onerosas que o tempo, a vida e o convívio social, nos ministram.

Contudo, não é necessário que o êrro seja nosso, e melhor será que aprendamos com os êrros alheios. É mais barato.

Há duas gerações, apenas, distanciado da vossa, sentimo-nos tão distantes como se vários séculos nos separassem, — na maneira de ver, no modo de sentir e na forma de interpretar os fatos políticos, sociais e econômicos. Vimos de longe, não no espaço, mas no engajamento do processo evolutivo. Participamos de uma geração que mal iniciava o seu andar a uma velocidade de 50 km/hora, e no entanto sentia-se orgulhosa e satisfeita tal “proeza”, enquanto vós sois partícipes de uma geração que atingindo os 50.000 km/hora, na corrida espacial, ainda aspira a muito mais.

É de grande valia essa insatisfação; com ela levareis o mundo ao desconhecido, ao desejável, ao paroxismo ou ao Eldorado.

Não renegastes, contudo, o passado — *foi o que demonstrastes com a escolha deste vosso padrinho*. O convite que nos fizestes, e a nossa presença nesta solenidade, revelam o vosso desejo, o desejo que realizastes de prestar uma homenagem a um passado de seis décadas e que tanto se distancia da vossa geração, na vertigem da evolução e da técnica.

Não se pode negar que o mundo, no âmbito material, evoluiu mais neste meio século posterior à 1.^a Guerra Mundial, do que em vinte séculos a ela. Quanto mais se procura confrontar os dias atuais com outros já vividos pela humanidade, mais nos convencemos de que, em nenhuma outra época encontramos semelhança com os dias ora vivemos nós, no tocante à evolução científica e à importância transcendental das mudanças por que passam os próprios fundamentos da sociedade moderna.

Sei que desejais de mim, do vosso paraninfo, uma orientação, uma palavra amiga e experiente nas lides da vida.

Não chamastes um teogorista para indicar um Deus à altura das vossas aflições, das aflições que assoberbam a vossa geração. Não. Mantivestes no relicário dos vossos corações o Deus dos nossos antepassados, o Deus amor, o Deus bondade, o Deus justo, o Deus que a todos salvou pela expiação no Gólgota, e chamastes, num gesto de requintada galantaria, o mais humilde dos filhos desta terra, para, na grandeza deste dia, no esplendor de vossos corações em festa, dizer-vos um pouco do mundo que há lá fora, onde ides viver sob a proteção dos preceitos normais e dos conhecimentos científicos hauridos até aqui.

É justamente a consciência desta responsabilidade que nos faz sair do nosso natural recolhimento para tocar convosco em aspectos dos mais sérios da sublime profissão que abraçais, relacionados com o mundo em que ireis pôr em prática os ensinamentos aprendidos de vossos professores, no tradicional estabelecimento de ensino em que vindes de ultimar os vossos estudos.

Impressiona-nos, para não dizer amedronta-nos, a potencialidade e o desconhecido que residem na era mal apenas começada, e que ficará a vosso cargo ampliar.

No tempo em que nós tínhamos vossa idade, os caminhos eram conhecidos e mais fáceis de serem trilhados. Viamos, diante de nós, a senda deixada pelos nossos pais e pelos nossos avós, pertencendo tôda cultura e tôda gente, a um mundo que até então não sofrera grandes transformações em sua essência. A vida, a profissão, a família, o futuro, podiam ser antevistos quase que com facilidade, e o jovem partir com a segurança de que, se conservasse alguns delineamentos básicos, chegaria fatalmente ao marco que assinala o sucesso, à plenitude e, a seguir, ao termo de uma existência produtiva e feliz.

Que vemos hoje ?

O impacto trazido pelos conflitos mundiais, o desenvolvimento da ciência, que avança quase sempre na frente do humanismo; a busca da realização material como finalidade única na vida; o desagregar da família; o desabono da honra; a perseguição de fins ilícitos, tudo de permeio com o prodigioso desenvolvimento moderno. Não somos pessimistas: somos realistas. Não somos puritanos. Somos respeitadores dos valores morais, principalmente quando têm aplicação social e política.

Em todos os pontos onde se assentava a segurança da vossa geração, alguém tocou — *às vezes nem sempre bem.*

Chegou-se a dizer que os jovens queriam ou teriam derrubado os deuses de nossos altares.

O mais dramático, é que, se fizeram isso, não providenciaram, nem tiveram a oferecer quaisquer novos deuses para os sempre necessários altares.

Busca-se uma resposta, uma definição, um sentido para a vida, renovando velhas inquietações que nossos antepassados procuraram responder na medida do possível, e não se encontra nada, se não o vazio, a desolação, a esterilidade, a fossa.

Verdade é que surgiram realidades novas que ninguém pode ignorar mas não temos delas, ainda, um delineamento no âmbito social, nada aproveitando, por isso, à pessoa humana.

No entanto, continuam a ser válidas algumas constatações, que tentaremos reproduzir.

Nós falamos primeiro à pessoa, depois à professora.

Sai da frente de si mesmas! Deixai envolver-vos pela vida, pela quantidade de coisas boas que estão aí para serem feitas! Atravessai vossos "eus, alargai vossas vistas, expandi vossos horizontes! Acertai que a sabedoria da vida está em saber-se que perder também faz parte do jôgo, na mesma maneira que *ganhar*. Como disse, com felicidade, um cronista, "quem não sabe perder não ganha nada, e terá sempre as

mãos vazias. Quando a gente chega a aceitar com verdadeira e profunda humildade as regras do jôgo existencial, viver se torna melhor do que bom: se torna fascinante”.

Viver bem é consumir-se, é queimar os carvões do tempo que nos constitui. Somos feitos de tempo, e isso significa: somos passagem, movimento sem trégua, finitude. A quota de eternidade que nos cabe está encravada no tempo. É preciso garimpá-la com incessante coragem para que o fulgor do ouro possa refulgir à nossa vista. Se assim acontece, somos alegres e bons, e a nossa vida adquire maior sentido.

O mundo está aí, feio e hostil, mas é nele que a gente tem de “se virar” — como dizeis vós. Sobrevivem os mais fortes, como sempre.

Ser mais forte, hoje, é ter consciência da sua posição de individuo frente ao murdo, sem medo e sem antagonismos.

É só esse mundo, é só essa vida — que tendes de resolver da melhor maneira possível.

Parti para o mundo com vontade, e dispostas a conquistardes vosso lugar. Não há dúvidas de que êle não é bonito nem justo, mas vós não tereis escolha; é aqui mesmo que tendes de sobreviver, e serdes as melhores criaturas humanas possíveis.

Permiti que aqui interrompa estas minhas palavras desataviadas, para os ler uma oração de Alberto Schweitzer, que vem a propósito nesta hora.

“BEM AVENTURADOS OS MANSOS

Empenhei-me sinceramente por conservar jovem o meu pensar e sentir, e lutei contra os desmentidos da experiência para guardar intacta a minha fé no bem e na verdade. No tempo de hoje, quando a violência, sob a máscara da mentira, mais ameaçadora de nunca, ocupa o trono do mundo, não permaneço menos persuadido de que a verdade, a caridade, a indulgência, a mansidão e a bondade são forças superiores à qualquer outra força. A elas pertencerá o mundo, contanto que haja um número suficiente de homens que guardem na sua alma, e pratiquem na sua vida, com pureza e constância, o espirito de caridade, de verdade, de paz e de mansidão.

Tôda violência tem em si mesmo seu limite, porque ela produz a violência contrária que, mais cedo ou mais tarde, se igualará a ela, e talvez a sobrepuje. A bondade, porém, age por meios simples e constantes. Ela não produz resistência paralizante. Ela até desfaz tensões existentes, dissipando desconfianças e equívocos, e se fortalece a si mesma, produzindo bondade. Por tudo isso, ela constitui a força mais direta e intensiva.

Tôdas as sementes de bondade que um homem espalha pelo mundo, brotarão um dia nos corações e pensamentos de outros homens. Incorremos numa tola perda de tempo se não ousamos instituir decididamente o regime da bondade. Teríamos a pretensão de mover a massa bruta sem recorrer à alavanca que centuplica a força.

Uma verdade imensurável está contida na fantástica palavra de Jesus: — “Bem aventurados os mansos, porque êles possuirão a terra”.

Reclamai amor, mas sêde as primeiras a amar. Discordai, mas primeiro ajudai na obra comum.

Atacai, mas participeis do lado de dentro da batalha.

Liderai, mas aprendeis a obedecer.

Fazei uma avaliação serena dos valores que possuíamos *família, respeito, patriotismo, dignidade, honra* — e vide que permanecem imutáveis. Fora dêles só encontrareis a frustração, o caos. antes que novas soluções nesses campos sagrados sejam balizadas pela experiência, e abençoadas por Deus, não vos arrisqueis a praticá-las, para que vossas vidas percam em consistência.

O mundo competitivo em que ides viver não é mais aquêle em que se dizia que, *não sei onde, não sei quem* teria dito que um tal produto já estaria sendo vendido a *não sei quanto*. Não. Partis para um mundo afirmativo, que já não permite indefinições, que exige uma avaliação exata, ao invés de “talvez”, um plano bem pensado e bem delineado ao invés de “darmos um jeito”, um método científico e experimentado, ao invés de “algum modo”, uma data precisa, ao invés de “a qualquer momento”.

Sem que seja necessário colocar o coração abaixo do estômago, urge que o subordinemos à razão e nos convençamos de que “necessitar e querer”, “crer” e “criar”, são os quatro estágios de um processo que, somado à nossa capacidade de realização, leva-nos da carência à satisfação.

Tendes um mundo em renovação do qual sois artífices. Vencereis na medida em que subordinardes o instinto à razão, na proporção em que o desejo de realizar, o amor, a fé e a esperança retemperarem a vossa vontade, isentando-a de dúvida e tibieza.

Se outra recomendação nos permitissemos fazer eu diria: Não malbarateis os bens materiais pois que pertencem à sociedade, tanto que a sua posse eventual por alguém só é justa e confessável quando decorre da troca por coisas ou serviços prestados à coletividade: — Não malbarateis o tempo que é vida. Não malbarateis a vida que é um bem confiado por Deus à vossa guarda.

Permitais que vos recomendemos uma conduta que é crucial em todos os atos e em todos os empreendimentos.

Estudai minuciosamente todos os ângulos e todos os aspectos das questões que vos forem submetidas, antes que sobre elas vos pronuncieis. Examinai o *porquê*, o *como* e o *quando fazer* ou *quando realizar*, de tal modo que a vossa ação não seja embaraçada por imprevistos.

Depois é a execução. Daí de vós tudo resolutamente, com todo esmero, com toda confiança, com todo amor.

Tende em conta, a cada instante que, sem amor, nada se constrói, nada se edifica, nada se realiza.

— Lembrai-vos da 1.^a Epístola de Paulo o Apóstolo dos gentios aos Coríntios em que diz: “Se eu falar as línguas tôdas, dos homens e dos anjos, e não tiver amor, tenho-me tornado como o bronze que soa, ou como cimbalo que retine. — Se eu tiver o dom de profecia, e souber todos os mistérios e tôdas as ciências; se tiver toda a fé a ponto de remover montanhas, e não tiver amor, nada sou. — Se eu distribuir todos os meus bens em sustentos dos pobres, e se entregar o meu corpo para ser queimado, se todavia não tiver amor, isto de nada me aproveita”. — O amor é o supremo dom, sem o que de nada vale a palavra do mestre, o trabalho do homem, as descobertas científicas, a esmola ao mendigo, o sacrifício a Deus.

Educadoras

Tendes o dever de ensinar para o amanhã.

Um amanhã que ninguém sabe direito como vai ser. Chegamos ao ponto — disse Margaret Mead — em que “temos de educar as pessoas naquilo que ninguém sabia ontem e prepará-las em nossas escolas para aquilo que ninguém sabe ainda, mas que alguns terão de saber amanhã”.

Tomai consciência de que a educação é um processo de comunicação e as melhores possibilidades de didática no futuro que bate à nossa porta residem na “teoria da informação”. Vossa própria profissão terá sua sobrevivência ameaçada, se não vos atualizardes com as profundas mutações pedagógicas que estão ocorrendo nos países mais adiantados e que também vão sobrevir ao Brasil.

Convencei-vos desta verdade, por dura que seja : os alunos, imersos na cultura de massa, que atingirá Barbalha como já atingiu grandes cidades, vêem no professor “tradicional” uma caricatura dos modernos instrumentos de comunicação de massa. Observou um eminente educador, atento aos novos tempos, que “o professor-emissor (informante) é um triste arcaísmo dentro de um contexto de informação saturada”.

Ora, mudando a relação “aluno-professor” (célula básica tradicional do sistema escolar), todo o processo escolar terá de sofrer radical mudança, industrializando-se, pode-se dizer, a fim de significar a saída da base “artesanal”.

Tudo leva a crer que a educação será uma *auto-educação* e que o Homem passará toda a sua vida na Escola ou em aprendizagem fora da Escola. Serão colocados no contexto os *meios* de que se servirão os alunos para sua finalidade auto-educativa. Desta forma, prevê-se, todos poderão desenvolver, isoladamente ou em grupos, um processo educativo em massa, *independentemente* da presença do professor e da existência de escolas. Educar-se, do ponto de vista do educando, será no futuro, um processo de *informar-se*, isto é, processo de *re-agir*.

Que formidável desafio para vós ! Não vos iludais com a falsa crença de que se situarão à margem do processo. Não e não : hoje, graças às mesmas comunicações de massa, *cada pessoa é uma condômina do mundo*. Ninguém mais tem o direito — nem lhe deixam ter esse direito — de colocar-se à margem da estrada.

Essa missão, que nós não invejamos, tão repleta de sacrifícios, irá consistir em descobrir fórmulas no sentido de dotar a atmosfera cultural de elementos que a possibilitem selecionar a quantidade de informação disponível, a fim de que não haja *saturação*, levando então a Escola, como está organizada nos moldes atuais, a se tornar uma peça anacrônica e inútil.

Atentai, minhas jovens, que haverá um dia — se já não o estamos vivendo — em que as crianças apresentarão muito mais e rapidamente em contato com o mundo exterior do que no recinto da Escola.

Não desperdiceis vossas energias preparando escolares para um mundo que já não existe, embora não vos possais esquecer dos valores permanentes já referidos.

Preparai-vos para a revolução que haverá no que concerne aos papéis do aluno e do professor.

O professor-informador e o aluno-ouvinte serão substituídos pelo *professor-animador* e o *aluno-pesquisador*, mutação que já poderá vir amanhã.

O problema da pesquisa versus ensino será superado pela generalização da *pesquisa* : tudo na Escola do futuro será uma atividade de indagação e desafio para a descoberta de soluções novas.

Não desejo terminar sem lembrar Marshall Mc Luhan: "...Um dia passaremos nossa vida na escola; um dia passaremos nossa vida em contato com o mundo exterior, sem que nada dêle nos separe".

Professorandas :

Seria fácil e válido recomendar-vos, "abnegação", "ânimo", "disposição", "coragem" e terminarmos agora estas ponderações, mas, um dever de consciência impõe-nos que rendamos as nossas homenagens a tôdas as educadoras e religiosas da instituição em que vos licenciastes, pertencentes a uma ordem tão cara a todos nós barbalhenses, a que estamos particularmente ligados por laços afetivos. — É que, daqui saíram dois parentes nossos, Salustiano e Bardú, que ingressaram na ordem de S. Bento com os nomes de Dom Joaquim e Irmã Benta. Foram êles grandes amigos desta terra e o desaparecimento de ambos, de entre os vivos, representou uma perda imensa para todos nós e para a religião que professamos.

Queremos também, nesta hora de festa para os vossos corações, render as nossas homenagens a tantos filhos notáveis desta terra, que se colocam nos últimos longes da nossa meninice, para o conjunto dos quais nos criaríamos um simbão na pessoa de um ilustre e impoluto varão, grande em tôdas as dimensões do espírito, que amou e engrandeceu Barbalha e que em vida se chamou José de Sá Barreto Sampaio, seu Zuca — como era conhecido e por nós chamado.

Combatei o bom combate, professoras! Dedicai-vos a profissão que escolhestes e guardai a Fé. Como filhas, como mestras, como espósas e mães, assumi a responsabilidade de instruir e educar o Brasil jovem, o Brasil nascente representado pela criança de hoje que ides preparar as lides da vida e que garantirá o amanhã desta nação, quando meus contemporâneos já não atenderem ao chamamento dos vivos.

Sentimos que já nos tornamos enfadonho e monótono. Queremos nos despedir de cada um de vós que motivou ou que veio abrilhantar esta solenidade — mas, ao fazê-lo Permitti-nos, queridas afilhadas, que vos leia algumas palavras em Ação de Graças, escritas por Michel Quoist sobre as quais deveis meditar nos momentos difíceis e antes que se aluam os alicerces da vossa fé, da crença e da esperança que deveis nutrir em vossos corações :

A Ç Ã O D E G R A Ç A S

— É maravilhoso, Senhor, ter
Braços perfeitos,
Quando há tantos mutilados !

— Meus olhos perfeitos,
Quando há tantos sem luz !

— Minha voz que canta,
Quando tantas emudeceram !

— Minhas mãos que trabalham,
Quando tantas mendigam !

— É maravilhoso voltar para casa,
Quando tantos não têm para onde ir !

— É maravilhoso :

Amar, viver, sorrir, sonhar !

Quando há tantos que choram,
Odeiam, revolvem-se em pesadelos,
Morrem antes de nascer.

— É maravilhoso ter um Deus para crer,

Quando há tantos que não têm
O consôlo de uma crença.

— É maravilhoso Senhor, sobretudo,

Ter tão pouco a pedir
Tanto a oferecer e agradecer.

ITAYTERA, N.º 15

O último número de "Itaytera", como no caso das EDIÇÕES anteriores, merece, de nossa parte, um registro especial. A revista que vem sendo publicada há quinze anos pelo Instituto Cultural do Cariri, do Crato, tendo à frente essa grande figura de líder que é J. de Figueiredo Filho, representa, sem a menor dúvida, uma contribuição realmente notável à vida intelectual do nosso Estado, valendo sobretudo como um esforço — e esforço bem sucedido — no sentido de colocar a região ao nível do que existe de melhor, no Ceará e em todo o Nordeste, em matéria de atividade cultural. A revista é, diga-se de passagem, o próprio Instituto, uma vez que uma não é mais do que a expressão do outro, completando-se ambos dentro do mesmo contexto. O volume de "Itaytera" saído este ano contém 200 páginas — o que aliás não é novidade — de matéria compacta, assinada na sua maior parte por gente que mora no Cariri ou a ele ligado por nascimento e/ou por laços de família. Destaquemos algumas das colaborações: Gomes de Matos: o advogado que marcou época, por Pedro Gomes de Matos (discurso de posse no Instituto); Guerras platinas no segundo reinado — Projeção de Caxias na guerra contra o governo do Paraguai, trabalho exaustivo e muito bem documentado do General Raimundo Teles Pinheiro, lido em solenidade no CPOR e a convite da UFC; Os lanceiros negros farroupilhas e a Abolição, pelo major Cláudio Moreira Bento; A Divina Comédia, o Cruzeiro do Sul e Os Lusíadas, erudito estudo de José Arraes de Alencar; Alguns aspectos do artesanato e da arte popular no Cariri, por Francisco de Vasconcelos; Cariri sob diversos aspectos por J. Lindemberg de Aquino; Euclides da Cunha, um civilizador do sertão, por J. de Figueiredo Filho, que assina outros trabalhos; Um sertanejo — um dos maiores soldados do Brasil, pelo major Cláudio Moreira Bento; O Granja, seu Dudu e os primeiros automóveis chegados a Crato, por Tomé Cabral; Contribuição do Cariri cearense à historiografia do Nordeste, estudo de grande interesse de autoria do Prof. José Newton Alves de Sousa, que infelizmente deixou não faz muito a direção da Faculdade de Filosofia do Crato, transferindo-se para Bahia; Os vales do Sul do Estado e a serra do Araripe, por Antônio de Alencar Araripe, justificando projetos apresentados ao Congresso Nacional, convertidos em lei. Nomes outros, também ilustres, aparecem na revista, tais como Ulisses Viana, Djanira Filgueiras, Pe. Antônio de Alcântara, Tiago Araripe (assinando um mini-conto pelo menos curioso), Sampaio de Alencar (poesia), J. Caliope, Rachel de Queiroz (A propósito de José de Alencar, transcrição), Carlyle Maritns, Felix Lima Júnior, G. Lobo (poesia), Dandinha Vilar (poesia), General Tácito Teófilo (discurso), Zuleika Pequeno de Figueiredo, Valdemar Alves Pereira, Ildebrando Sisnando (poesia), José dos Anjos Filho, Joarivar Macêdo, Eloi Teles de Moraes (poesia), Kleber Maia Cabral, José Fernandes P. Sobrinho (poesia), Carmen Silva, Abdias Lima e Lúcia Dore, assinando versos em homenagem a J. de Figueiredo Filho, o professor que é ao mesmo tempo escritor, responsável número um por toda essa saída e auspiciosa agitação intelectual que se desenrola no Cariri, particularmente no Crato, repercutindo em todo o país. Finalmente, queremos mencionar também transcrição de entrevista de Nertan Macedo ao jornal "O Povo" intitulada "Nertan Macedo enfrenta a tentação do romance", na qual aborda, entre outros assuntos, o problema do cinema brasileiro.

(Edit. de Suplemento Letras e Artes de "Unitário", Fort., 19.12.72)

Imagens do Sertão

DJANIRA FILGUEIRAS

A viagem que realizei, ultimamente, à minha terra para rever os meus familiares e amigos, foi, por assim dizer, um roteiro sentimental e se não estivesse com a alma enlutada pela perda irreparável de minha irmã diria que fora maravilhosa.

A estrada de breves dias, motivada por ângustia de tempo, mal deu para matar as saudades daquela vivência de outrora que permanece inalterável dentro de mim não obstante o "struggle for life", da dinâmica metrópole em que habito, há vários anos.

Lamentei no entanto, que em alguns setores, excetuando os sociais, tivesse regridido sensivelmente, e, é pena que isto aconteça em Crato, a cidade-moçelo, a princesa do sul cearense, decantada pelos seus verdes canaviais, lindas avidências, a par de edifícios seculares que falam de lendas, tradições e vultos imortais.

Suas manhãs poéticas e cheias de sol, suas tardes amenas sob horizontes extintos, suas noites enluaradas cuja viração parece uma canção distante e que enche de encanto a cidade adormecida, tudo isto perdeu a beleza característica com o abandono das praças, maximé a Siqueira Campos, o coração da cidade, onde teem "encontro marcado" os casais amorosos, os amigos e, talvez, como na minha mocidade, os seesteiros românticos em madrugadas sentimentais.

Desapareceu o colorido da floração, o poder verde que enchia de alegria os nossos olhos e de onde se desprendia o estranho perfume, sobressaindo, apenas, as palmeiras estioladas na rudez do sol caresticante.

No entanto, para contrastar, vemos entusiasmados, os Clubes de Campo com piscinas, de aspectos pitorescos, constituindo nota de real óstaque para a sociedade que os frequenta e se diverte bastante.

O Colégio Agrícola, de feição moderna com os diversos setores bem organizados, Celeiro de instrução para os jovens que idealizam dedicar-se à agricultura — a nossa maior fonte de riqueza, achei um espetáculo e é digno de admiração de todos.

Aos que dirigem os destinos daquela cidade privilegiada faço um apelo: lutem com amor cívico pelo seu soerguimento, de primazia sob o ponto de vista da instrução e educação não se decurtando de seus jardins, verdadeiros "pulmões da cidade" na expressão original de um engenheiro norte-americano.

Visitei ainda Juazeiro do Norte, em progresso vertiginoso, subi até o monumento do grande Patriarca, Pe. Cícero de onde se decortina um soberbo panorama que merece a atenção dos turistas, reporteres ou jornalistas, sempre ávidos de sensações novas, de espírito renovador, de idéias que atravessem gerações e se perdem no infinito dos tempos.

Recife, janeiro de 1972.

N. R. — Crato tomou novo impulso, no corrente ano.

Família Duarte Pinheiro

Pe. ANTÔNIO TEODÓSIO NUNES

BERNARDO DUARTE PINHEIRO c. c. d. Ana Maria Bezerra, pernambucana, filha do alferes Antônio Bezerra do Vale e d. Maria Alvares de Medeiros. Ana Maria Bezerra era irmã do Pe. José Bezerra do Vale e do capitão-mór João Bezerra do Vale, c. c. Ana Gonçalves Vieira, f. do coronel Francisco Alves Feitosa e d. Catarina Rocha Rezende, dos Inhamuns. BERNARDO DUARTE PINHEIRO e ANA MARIA BEZERRA foram os pais de :

- F 1 - Francisco Duarte Bezerra, c. c. Barbara Vieira da Rocha, f. do cap. Gabriel de Moraes Rêgo, do Piauí e d. Catarina Pereira de Almeida, dos Inhamuns, Pais de :
- N.º 1 - Isabel batizada a 22 de 8 de 1771.
 - N.º 2 - Manoel, nascido a 13 de 10 de 1775.
 - N.º 3 - José (?)
 - N.º 4 - Crispim, nascido a 15 de 10 de 1784.
 - N.º 5 - Raimundo Duarte Bezerra, c. em 20.8.1778 com Teresa Maria de Jesus, f. de Felix Gomes de Oliveira e Ana Maria da Conceição, do Riacho do Machado.
 - N.º 6 - Francisco Duarte Bezerra, c. em 16.11.1794 com Antonia Correia Lima, f. do capitão Tomaz Duarte de Aquino e Victorina de Souza Lima, em Lavras.
 - N.º 7 - Bernardo Duarte Pinheiro (2.º) c. em 10.1.1795 com Francisca Clara Macedo, f. de Felix Gomes de Oliveira e Ana Maria da Conceição, em Lavras.
 - N.º 8 - Antônio de Moraes, c. c. Maria de Araujo (?)
- F 2 - Manoel Duarte Passos c. c. d. Francisca Lopes Leitão, f. do capitão João Leite Arnosso, de Igarassu e d. Luiza Pereira de Trucuinhaem, Pais de :
- N.º 9 - Maria, nascida a 24 de 8 de 1762.
 - N.º 10 - Ana, batizada a 25 de 12 de 1760.
 - N.º 11 - Francisca, batizada a 10 de 12 de 1764.
 - N.º 12 - Teresa, nascida a 6 de 10 de 1770.
 - N.º 13 - Josefa, nascida a 31 de 12 de 1773.
 - N.º 14 - José, nascido a 17 de 7 de 1776.
 - N.º 15 - Luiza Pereira de Lira, c. c. Baltazar Belchior de Oliveira Campos f. do capitão Francisco Xavier de Oliveira Campos e d. Anacleta da Silva Carvalho.
- F 3 - José Bezerra da Costa, c. c. d. Maria Alvares, f. do cap. Gabriel de Moraes Rêgo e d. Catarina Pereira de Almeida, Pais de :
- N.º 16 - Leonarda (?)

- F 4 - Luiza Pereira de Lira, c.c. João de Souza Rêgo, f. de Jeronimo de Souza Nogueira e Antonia Correia Lima, Pais de :
- N.º 17 - José, batizado a 21 de 7 de 1764.
 N.º 18 - Maria, nascida a 20 de 2 de 1768.
 N.º 19 - Manoela, nascida a 7 de 3 de 1770.
 N.º 20 - Bernardo, nascido a 2 de 10 de 1772.
- F 5 - Inocencia Duarte Pinheiro, c.c. Felix Camelo, f. de Francisco Camelo Pereira, Pais de :
- N.º 21 - Gonçalo (?)
 N.º 22 - Isabel, nascida a 13 de 4 de 1739.
 N.º 23 - Teresa, batizada a 25 de 12 de 1760.
- F 6 - Bernarda Duarte Pinheiro, c.c. capitão Inácio Dias Quaresma, Pais de :
- N.º 24 - Atanásio, batizado a 13.5.1759, c.c. Brázia *Monteiro* digo *Maria* da Conceição.
 N.º 25 - Maria José do Espirito Santo, c.c. João Soares Azevedo, f. de João Soares de Melo e Joana Ramos de Oliveira, Pais de:
 B 1 - João, nascido a 15 de 7 de 1768.
 N.º 26 - Francisco Duarte Vieira, c.c. Antonio Vaz Carrasco, f. de Nicacio Aguiar de Oliveira e Maria Carrasco, Pais de :
 B 2 - Antonio, batizado a 10 de 3 de 1762.
 N.º 27 - Simôa Duarte Pinheiro, c.c. Silvestre Alvares, f. de Antonio Alvares de Carvalho e d. Mariana Pereira.
 N.º 28 - Sebastiana Dias de Paiva, c.c. Amaro da Costa Pereira, Pais de :
 B 3 - Agostinho, batizado a 22 de 6 de 1760 e
 B 4 - Manoel, nascido a 8 de 12 de 1766.
 N.º 29 - Alexandre Dias Quaresma, c.c. Maria Ferreira, em 9.9.1767, f. de Caitano de Meio e Joana Ferreira.
- F 7 - Tomaz Duarte de Aquino, c.c. Vitorina de Souza Lima, f. de Jeronimo de Souza Nogueira e Antonia Correia Lima, Pais de :
- N.º 30 - Cosma e Ana, gemeas, batisadas a 26 de 5 de 1763.
 N.º 31 - José, batizado a 7 de 12 de 1764.
 N.º 32 - Tomaz, batizado a 3 de 7 de 1763.
 N.º 33 - Sebastiana, nascida a 3 de 1 de 1777.
 N.º 34 - Vicencia, nascida a 15 de 4 de 1770.
- F 8 - Joana Maria dos Anjos, c.c. Francisco Ferreira Lima, f. de Bento Ferreira Lima (português) e Maria Ferreira Gomes, Pais de :
- N.º 35 - José, nascido a 18 de 3 de 1762.
 N.º 36 - João, batizado a 22 de 1 de 1764.
- F 9 - Isabel Alvares de Medeiros, c.c. Francisco Pinheiro Tôrres, f. de Manoel Pinheiro Tôrres e d. Maximiana de Souza, Pais de :
- N.º 37 - Francisco, nascido a 12 de 10 de 1772.
- F 10 - Valentina Duarte Bezerra, c.c. Luiz de Oliveira Lima, f. do cap. Francisco Xavier de Oliveira Campos e d. Anacleta de Carvalho, em janeiro de 1767.

DISCURSO AGRADECENDO A CIDADANIA DE CRATO

FILHO DO CRATO

EDUARDO CAMPOS

Não me encontro aqui para vos recontar o vosso passado! Nem para vos engrandecer. Quem se engrandece sou eu, o mais sequioso de todos os cearenses, cobiçoso de vosso verde, de vossas fartas e cristalinas águas, e, sobretudo, de vossa qualificação honorífica de gente amiga, hospitaleira.

Quem primeiro chegou a essa divina terra — tocado pelo bandeirantismo dos irmãos Lobato Lira veio no rastro da água, afundando os pés nas margens do rio Salgado, numa preciência da fartura por se plantar, fartura que, um dia, haveria de inspirar o mais rude e o mais espontâneo de seus repentis-

tas, entretecendo abastança, amor, exaltação e sensibilidade telúrica, nesta louvação que me aproprio:

BOA TERRA É O CARIRI
É terra de agricultura,
Tudo o que se planta, cria,
Muita laranja madura.
E em cima desta fartura
Mora na serra o piqui,
Tem mangaba e cajui,
Corre água na levada,
Grande nascença no Calda,
Boa terra é o Cariri.

Permiti-me repetir, com outras palavras, a impressão que aprendi em 1941 chegando ao Crato, — de-

OUTROS DADOS IMPRESSIONANTES

Em 2 de agosto ano (?) o Pe. José Tavares de Oliveira Campos batiza a NICOLAU, filho de Idelfonso Ribeiro Campos e Antonia Juliana de Lima, naturais da freguesia de S. Mateus, neto paterno do capitão Nicolau Tavares, natural da freguesia de Itamaracá e de d. Juliana de Oliveira, natural do Icó; neto paterno do capitão Antônio de Santana e Albuquerque Cavalcanti e d. Mariana de Almeida Pedroza que foram os padrinhos.

O mesmo sacerdote a 1 de maio de 1802 batiza uma criança, filha dos mesmos pais sendo padrinhos o sr. Joaquim de Oliveira Bastos.

A 18 de 4 de 1810 o Pe. Manoel Fernandes Vieira batiza a MANOEL f. do cap. Manoel Matias de Oliveira Bastos e d. Ana Juliana de Caldas e Oliveira Campos, moradores na povoação da Cruz. PP.: Manoel da Costa Braga e Pe. José Fernandes Vieira.

A 26 de 6 de 1765, casa o capitão Belchior Baltazar de Oliveira Campos e d. Anacleta da Silva Carvalho com Luiza Pereira de Lima filha do cap. Manoel Duarte Passos (Pinheiro) e d. Francisca Lopes Leitão.

parando o Salgado correndo, vago-roso, no limiar de janeiro, tão diferente dos minguados córregos e riachos de meu território geográfico e sentimental, a Pacatuba que me viu nascer. Nesse primeiro contato, logo pensei na abundância próxima, no tudo que a brejeirice do poeta José de Matos soube descrever, e, em vendo tanto verde, exclamar perplexo :

— Terra feliz a que não sente o travo da desgraça !

Dizer que sois donos do oásis do Ceará, é dizer pouco: sois donos do paraíso. Quem percorre o sertão, atravessando a soalheira do verão incandescente, não pode conter a admiração, a inveja — mesmo que não seja sã — de ver vossa paisagem de árvores altanadas, verdes, plantada no riscado das levadas que tornam ubérrima a serra, despertando-nos um desejo enorme de ficar, de não mais voltar.

De outras vezes, vim e voltei. Mas, hoje, aqui estou, diante de vossa grandeza, de vossa hospitalidade, de vossa generosidade, para ficar. O admirador de vossos passados, nobres e expressivos, tem na memória que encanecê mas não se degrada para admirar os fortes, a lembrança de tantos feitos históricos que são vosso sustentáculo — a proclamação da República, por D. Bárbara de Alencar, a partida das tropas de Tristão Gonçalves de Alencar Araripe, para pelejar e ocupar a cidade de Caxias; o mesmo Tristão Gonçalves que apoiando a República do Equador — movimento irrompido em Recife, em agosto de 1824, proclamar-se-ia senhor de barão e cutelo, govêrno da Província.

É merecimento que me envaidece e me tonteia saber que posso considerar-me, doravante, um vosso filho, não obstante adotivo. Saber-me ter direito ao mesmo céu, ao mesmo sol, ao mesmo clima que tem propiciado o florescimento de homens que vêm dando ao Ceará

— porque não dizer ao Brasil? — uma demonstração de extraordinária capacidade criadora, política, literária e científica.

Terra de cultura, onde o Saber prevalece, em que a Educação é benesse que se oferece a todos. Terra de movimentos literários, de efervescente e constante inteligência em que o chão é mais chão; — terra, deixai-me elogiar ao meu modo — do Instituto Cultural do Cariri, padrão aferidor de estudos e pesquisas que honram o Ceará.

Terra cheia de ontem, mas que tem hoje. Terra que cultiva a memória brava que tem sabido, ao correr do tempo, construir a História com exemplos que permanecem mercedidamente respeitados.

Jeira de tradições, onde a riqueza dos "folkways" não se limita à vida da cidade, mas o de sua própria comunidade, com o dimensionamento que legitima cada vez mais o homem, tornando-o mais sensível ao seu mundo, às suas origens, à paisagem milagrosa que Deus concedeu de modo especial, num oitavo dia de criação do Universo, o dia da do Crato.

É essa terra, melhor dizendo, é esse o paraíso que me acolhe como filho. Não vos trago glórias. Sou plebeu de outra serra, da Aratãha, eterno aprendiz da arte de dizer e escrever; homem experimentado nos novos tempos, mas firme na solidariedade à sua infância. Menino sempre. Por isso mesmo cada vez mais querente de afeto, como o que encontro em vossa homenagem, que agradeço comovido na pessoa dos Ilustres vereadores desta casa e de vosso honrado Prefeito.

E para fecho destas palavras, permiti parafrasear, a meu modo, os versos de Zé de Matos :

“Ó Serra do Araripe,
Serra minha predileta,
Manda tuas fontes cantar
O nome do teu novo filho”,
Manuel Eduardo P. Campos !

O Ceará antecipa-se à Abolição, no País.

A sêca ainda faz Escravos no Nordeste

JOSÉ ALVES DE FIGUEIREDO FILHO

Professor de História do Cariri e do Ceará
na Faculdade de Filosofia do Crato
e Presidente do Instituto Cultural do Cariri

O Ceará, após intenso movimento abolicionista, partido de sua capital, onde houve lances de heroísmo de abnegação, libertou seus cativos, antes de todo o Império, a 25 de Março de 1884. O fato é muito discutido e explicado pelas condições econômicas do meio, ocasionadas pela grande sêca de 1877 a 1879, desarticulando tôdas as fontes de produção da província ou dizimando, pela morte, ou pela imigração, parte importante de seus habitantes. Mas, o instinto do cearense, em geral, foi sempre abolicionista. Já em 1850, o representante do Ceará, Pedro Pereira da Silva Guimarães, na Câmara Geral, apresentava decreto a fim de facilitar a abolição total, a curto prazo. Propunha a lei do ventre livre, a libertação dos sexagenários e a proibição da venda, em separado, de cativos casados. Suas palavras receberam sarcasmos, e o próprio presidente da Câmara, Barão de Cotegipe, com o pêso de seu prestígio, comandou o ataque: "aquele homem não está em ordem", expressão que a maioria gritava encolerizada" (Abolição no Ceará, 1956 — Raimundo Girão).

Na realidade, a sêca facilitou a venda de escravos no interior cearense. E êsse comércio infame, após o decreto proibindo o tráfego de cativos, procedente da Africa, era feito por mascates italianos. Compravam mercadoria no sul do país e trocavam por escravos, no interior do Ceará, despachando-os em navios, até São Paulo, onde os cafezais tinham fome de braços. Então, as cargas e descargas se faziam na capital cearense, através de jangadas, ou botes. Foi o grito de simples jangadeiros, até com prejuizo em seus ganhos, comandados por Nascimento, filho do povo, a demonstração mais viva e mais heróica do abolicionismo, em terras cearenses.

— "Aqui não se embarcam mais escravos", disseram êles, secundados pelas sociedades emancipadoras e pelo povo em geral. E nenhuma embarcação, quer de pequeno calado ou grande, daí em diante, transportou sequer um cativo para o sul, ou mesmo os poucos que deveriam seguir para o extremo norte. A policia, com tôda a sua prepotência, não foi capaz de impedir tão heróica e decisiva resolução, apoiada, acima de tudo pela audácia da Sociedade Libertadora Cearense. O batalhão do exército, aquartelado em Fortaleza, com tendência abolicionista foi transferido para o Norte.

O movimento anti-escravocata, com intensidade, não se limitava só à terra alencarina. Inflamava o Brasil inteiro, especialmente a classe intelectual. José do Patrocínio enxergou bem o Ceará, em abolição contangiante, saiu de sua intensa luta no Rio e visitou Fortaleza. Joaquim Nabuco impressionou-se com o caso cearense e deu-lhe o completo apóio,

com tóda a sua veemência. Tôdas as classes, exceção única das vinculadas na manutenção da escravatura, pelo lado econômico, ou de caráter oficial, aderiram à campanha abolicionista. Particulares e instituições múltiplas libertavam seus negros. As mulheres organizavam festas beneficentes ou vendiam as próprias jóias e com o produto compravam escravos a quebrar-lhes os grilhões.

Alguém tenta esquecer a Igreja, naquela campanha. O segundo bispo do Ceará, paulista da gema, escolhido em Campinas, ainda naquela opulenta cidade em 9 de Dezembro de 1883, antes da libertação dos cativos em tóda a diocese que iria dirigir com tanta sabedoria e abnegação, enviou pastoral a seus futuros diocesanos, parte dela exaltando a luta anti escravagista, que já se fazia sentir em todos os recantos do país. Vi e copiei trecho daquêlê bem feito documento eclesiástico, do livro de Tombo da Paróquia de Várzea Alegre,, a mim cedido gentilmente, pelo vigário — Pe. João Mota. Citarei o mesmo, colhido na Pastoral de D. Joaquim José Vieira, por mercê de Deus e da Santa Igreja Católica, bispo de Fortaleza, do Conselho de sua Magestade, o Imperador :

“Dentro de poucos dias nossa Diocese formará uma só família de irmãos com irmãos com os mesmos direitos e iguais deveres: não haverá mais um só escravo, todos serão cidadãos brasileiros. A nós talvez esteja reservado a alegria inefável de entoar o TE DEUM LAUDAMUS em ação de graças por tão assinalado benefício: os desejos e aspirações da Santa Igreja Católica ficarão assim realizados.

Ao cearense está por certo reservado um lugar de honra na História da Pátria agradecida. Não basta assim, porém, que tenhais procedido tão nobremente, Amados Diocesanos; é necessário ainda continuar a vossa grande obra, educando essas criaturas no conhecimento dos deveres religiosos e sociais e ensinando-lhes a trabalhar para serem úteis a si e a seus semelhantes.

Saudamos-vos, pois, Amados Filhos, pedimos ao Divino Salvador vos conceda a graça da perseverança, em tão levantados sentimentos.

Sem esta virtude, vossa grandeza de alma desaparecerá e a benção de Deus se apartará de vós, deixar-vos-á entregues a vós mesmos e vosso caráter degenerando-se, trará a corrupção e pusilanimidade; vosso nome, ora glorioso, perderá tantos louros colhidos. Perseverai na Fé que transmitiram vossos pais, porque aquêlê que perseverar será salvo”.

Essa consideração tão sensata era igualmente a preocupação dos homens de certa visão que lutaram pelo abolicionismo, não só do Brasil, como dos Estados Unidos da América. Como encarariam a vida aquêles habituados à prepotência dos potrões, sem ofício certo e totalmente analfabetos? Até entre beneficiados pela emancipação, excepcionalmente já instruídos, preocupavam-se com tão melindrosa questão.

A influência nefasta da escravidão se fez sentir no meio dos homens livres do Brasil e no sul dos Estados Unidos. Escusavam-se do trabalho pesado, achando-o desdouro, digo apenas para o elemento servil. S. Paulo, com sua intensa infiltração de imigrantes, vindos da Europã, foi a primeira unidade nacional a livrar-se desse preconceito. No Nordeste perdurou por muito tempo na classe mais afortunada. Com o exemplo do estado líder da Federação e com as vias de comunicação, que se multiplicam em todo o país, o velho tabu está em vias de extinguir-se. O prêto, só agora, depois de parcialmente educado, tem demonstrado suas habilidades em todos os ramos da atividade humana, notadamente no esporte, música, outras artes, e na própria literatura.

Não pode ser considerado de raça inferior, como os sulistas da América do Norte o julgam erradamente, pagando a grande nação, com isso, pesado tributo de sangue e de prestígio.

D. Joaquim José Vieira não errou na profecia, ao anunciar que rezaria o TE DEUM LAUDAMUS, no dia da festa da abolição do Ceará. Não só o entoou solenemente, como trabalhou em prol dos anseios de toda a população cearense, ou por outra, de quase a totalidade da população brasileira. Vejamos parte de sua Pastoral, de 3 de Maio de 1884, com o sub título TRABALHO, e datada da sede da Diocese — Fortaleza:

“Abristes, Amados Diocesanos, uma nova era nos fastos históricos da Pátria querida: cumpristes com a Religião do Crucificado, restituindo o direito de igualdade a todos os nossos irmãos; na vossa província não há mais escravos, todos são irmãos. Que belo espetáculo! Que triunfo esplêndido! Que vitória invejada pelas províncias irmãs!

Não há expressões bem enérgicas, nem louros bastantes para coroar-vos só a história, só a posteridade saberá agradecer-vos e fazer a devida justiça.

Mas, queridos Diocesanos, depois de glórias tantas não deveis adormecer-vos no meio dos louros, no ruído das palmas; há muita coisa a fazer, o trabalho é inerente à natureza humana; por mais que faça o homem, jamais poderá libertar-se dessa pena imposta pelo Criador no “paraíso terrestre”, tu comerás o pão com o suor do teu rosto”.

Esta sentença fulminada pelo Criador contra a criatura rebelde, deve cumprir-se sem que pese o egoísmo humano.

Tu violaste o meu mandamento, disse Deus ao primeiro homem. Eu te condeno a suportar o jugo servil de uma vida laboriosa”.

Esta sentença divina que vimos repetir na boca de um prelado vigilante, inteligente e santo, o segundo Bispo a ocupar a diocese cearense, poderia ser destinada a toda a humanidade. Por isso, o mais forte não pode dominar o mais fraco, se não lhe oferecer as condições para viver, com ombridade.

A luta emancipacionista foi monumental e não exclusivamente emanada da classe intelectual. O povo humilde em si, tomou parte ativa, na mesma, tendo por cérebro a sua capital — Fortaleza. O decreto de emancipação teve a assinatura do então presidente da Província, o baiano Sátiro Dias. O Bispo, natural de S. Paulo, como vimos, ajudou-o no coroamento da campanha. Este presidiu o comovente ágape oferecido aos mendigos da cidade fortalezense, em comemoração ao dia glorioso da abolição, que repercutiu por todos os quadrantes da Pátria. Antes de 25 de Março de 1884, municípios, particulares e entidades associativas, emanciparam seus cativos. Senhoras vendiam suas próprias alianças para tão alta finalidade.

A comuna pioneira foi Acarape, que recebeu o novo topônimo de Redenção em homenagem ao grande feito. O abolicionista José do Patrocínio e o herói cearense da guerra do Paraguai, intelectual, General Tibúrcio, assistiram o grande ato, que teve a participação e o regosijo de toda a população da vila, além dos principais anti-escravagistas, de Fortaleza.

No tempo da ocupação holandêsa no litoral cearense, narra-se a presença de negros cativos, não só entre portugueses, como entre flamengos. Estes alimentaram a escravidão durante o seu domínio no Nordeste, aprovada e incentivada pelo tão decantado — Conde Maurício de Nassau.

No Cariri, que fica no sul do Ceará, tudo indica que teve início com a vinda para a exploração de mineração de ouro, em Missão Velha. Após o fracasso da extração do precioso metal pelo governo de Pernambuco, então administrando o Ceará, foi organizada sociedade por quotas, em Recife para tal finalidade. Na História do Ceará de Raimundo Girão, narra à página 134 em tórno dessa Companhia do Ouro:

"Redigida as cláusulas do contrato da Companhia do Ouro, datada de 3 de Agosto de 1756, coube o cargo de administrador, ao sócio capitão Antônio José Viçoso, que a 19 de Novembro de 1756, saiu de Recife, com uma expedição, levando 74 escravos dos quais chegaram apenas sessenta e nove".

Dita mineração fracassou por falta de rendimentos e péssima direção. Muitos daqueles negros foram alugados pelo dirigente a agricultores e criadores locais. Retornaram depois a Pernambuco, não deixando de ficar, na terra tão boa, alguns deles, como igualmente sua influência.

O engenho de rapadura ou de aguardente, de rendimento econômico diminuto, não permitiu a importação de crescido número de negros. Parece-me que vieram mais, na qualidade de mestres de rapadura ou especializados em certas coisas peculiares a moagem, procedentes da zona da mata pernambucana, ou do Recôncavo Baiano, onde imperava, onipotente, a cana de açúcar. Na realidade, porém é que a quantidade relativamente diminuta dos escravos que o sul cearense possuía, alcançavam preços exorbitantes, em relação à cotação de qualquer produto, a ser negociado. Para melhor comprovar o fato, ouviremos o emérito historiador caririense, já falecido, Irineu Pinheiro, em seu livro "O Cariri":

"Só era caro o escravo, cujo preço atingia a centena de mil réis. Do inventário que li, deduz-se que, no Cariri nunca houve proprietários de cativos".

Os negros não se tornaram indiferentes à luta contra sua própria escravidão. Houve quilombos, em Sobral, como em qualquer outro recanto do país. A guerra dos Palmares, em Alagoas, abalando a dominação portuguesa e holandesa, durante quase um século de verdadeira epopéia de cativos, foi seguida de vários quilombos, prova evidente de que a raça, procedente da Africa, ansiava pela liberdade, como qualquer outra, que egoisticamente se proclama detentora exclusiva da civilização e dos princípios de independência.

Não se pode falar no abolicionismo do Ceará, sem salientar os rasgos de temeridade da Libertadora Cearense, que chegava até a roubar escravos, escondê-los e depois encaminhá-los ao interior, a lugares protegidos por correligionários influentes. Certa feita, firmaram documento de ameaças até de morte, a senhores do Piauí, oferecendo como salvo conduto a negros que foram capturados, no Ceará, e forçados ao retórno a suas fazendas. E nada sofreram os miseráveis, pois temeram a vingança que os atingiriam, mesmo longe, de Fortaleza. O modo de agir da sociedade anti escravagista corria longe e espavalha-se pelas províncias vizinhas.

No Ceará houve trabalho livre, bem difundido, antes de 1834. José Martiniano de Alencar, herói da revolução de 1817, proclamando em Crato a independência e república, a 3 de Maio daquele mesmo ano, sofrendo com a família e amigos, longa prisão em Fortaleza e na Bahia, ocupou, entre 1834 e 1837, a presidência do Ceará. Tentou êle a introdução de

colonos estrangeiros na província, então em grande interregno do fenômeno das sêcas. Nos homens aliciados para a defesa da efêmera república pernambucana de 17, a defendê-la em minha cidade, não havia um único escravo, entre os moradores da opulenta família Alencar. Por ocasião da guerra de Secessão dos Estados Unidos da América, quando o algodão do Sul faltou para a indústria do Norte dominado por Lincoln, o produto passou a ser procurado fora do país, em conflito. Pelo comércio intenso com o exterior, o Nordeste, sobretudo, aumentou seus algodoads e não foi com o trabalho escravo, e sim com braços remunerados e relativamente compensadores, para o tempo. Terminada a luta no Norte América, houve naturalmente o colapso da cultura algodoeira, entre nós. Em tudo há exceção, que aparece para destoar da unidade.

Milagres, município, bem do Cariri cearense, não sintonizou com o decreto abolicionista de 25 de Março de 1884. Bolsista americano, em suas pesquisas de arquivo, descobriu documentos reveladores da infração e encaminhou-os ao Instituto do Ceará, entidade que congrega os principais cultores da História, no Estado. Houve sérios debates, em torno do assunto. A respeito do caso sensacional, o professor Djacir de Menezes, dos vultos de destaque da cultura cearense, de nome internacional, atual reitor da Universidade Federal da Guanabara, escreveu artigo minucioso. Ele mesmo adquiriu parte do jornal, rasgado, sem o nome, comprovando as pesquisas de Bil Chandler, bolsista da Universidade Americana e que se casou até, na cidade de Juazeiro do Norte. Para melhor elucidação, convém passar a palavra ao jornal do Rio, cujo nome ficou olvidado :

“Com imenso júbilo abrimos espaço à seguinte carta, que ontem recebemos do Ceará: “Não resta mais escravo algum no Ceará. Cerca de 180, que estavam retidos em Milagres, na extrema dessa Província com a Paraíba acabam de ter suas cartas alforriadas, como os demais da Província, segundo comunicação do respectivo coletor ao Presidente Sátiro Dias, e trancada a matrícula do município, aqueles infelizes deixaram todavia de ter suas cartas. Sustentavam os pretensos senhores, no seu arrependimento, o juiz municipal do termo, o Dr. Cartaxo, que se comprometia pelas anulações das alforrias como preço da eleição do Dr. Ratisbona.

Perdida, porém, a esperança de que êste conseguisse a restauração da sacrílega propriedade, os detentores abriram mão da presa! — Concorreu também para êste resultado o fisco provincial, apertando-os pelo pagamento das taxas, que em tais casos deviam pagar. Já o presidente Torreão teve comunicação dêste fato, deixando de instruir-se em Milagres o registro de matrícula do regulamento Prado. — Está pois, completa a obra de remissão dos cativos no Ceará se é que 23.000 escravos, postos em liberdade, não bastavam, fazendo mal à glória da Província aquela parcela diminuta. — A demora na conclusão dêste negócio deve-se à preponderância do partido Zé, que afinal foi vencida. Ceará, 21 de Dezembro de 1886. — Um amigo”.

Conclui o jornal dizendo que esta carta está “firmada por um cearense notável, a quem deve a Província muitos e importantes serviços”.

Os senhores de engenho, com exceções, mantiveram por muito tempo, outro gênero de escravidão, fora da lei, assenhoreando-se de toda a vida do morador, dando-lhes o mínimo de direito. Na zona da mata pernambucana e nos brejos da Paraíba, conforme denúncias de intelectuais do porte de Gilberto Freire, ou de José Américo de Almeida, su-

cedida o mesmo, com a agravante de não darem os senhores, nem uma nesga de terra para outras culturas, fora da cana de açúcar.

Para salvar os acontecimentos de Milagres, devo citar o modo de proceder anti-escravagista do Cel. Antônio Leite Rabello, proprietário do sítio Socorro, hoje sede de distrito. Conforme me disse pessoalmente o historiador — Pe. Antônio Gomes de Araújo, dos maiores pesquisadores da História, no sul cearense, aquêle recebia os escravos fugitivos, em sua fazenda e às ocultas, os enviava ao Icó, onde parentes seus, tão abnegados e corajosos quanto êle, os recambiava para Fortaleza, onde a luta abolicionista estava em apogeu.

Infelizmente, a sêca periódica no Ceará, como aliás em todo o Nordeste, tem sido a causa de muitas condições nefastas para fazer de suas vítimas novos escravos, até nos tempos atuais. Nos seringais da Amazônia, até há bem pouco tempo, isolados do mundo, os pobres homens, fugidos da calamidade climática nordestina, em condições adversas, ilhavam-se a tirar borracha, dependendo exclusivamente do patrão. Este, cercado de capangas armados, tinha o direito de vida e de morte sobre aquêles infelizes, isso quando os inglêses não haviam eliminado pela concorrência aquêle produto extrativo brasileiro. Após a queda da borracha, foi a debandada geral daqueles confins, sem dinheiro, parte daquela gente retornado ao Ceará a outra ali permanecendo sob mil agruras, como verdadeiros párias, em pleno século XX.

Ainda há poucos dias, vi reportagem em jornais, relatando fatos de vendas de cearenses em paragens longinhas, para o trabalho escravo, como se estivessemos antes de 1888. No matutino associado, de Fortaleza, o "UNITÁRIO", que circulou a 18 de Julho do presente ano, página inteira relatava fato sensacional, com os seguintes títulos e subtítulos, em letras garrafais: RICO FAZENDEIRO REIMPLANTA ESCRAVATURA — PAU DE ARARA VENDE CEARENSES NO MARANHÃO.

A reportagem, documentada com clichês mostrava ao vivo as desventuras daquela gente fugitiva da calamidade de 1970. Simples trecho da reportagem que copiarei, fala bem alto do caso:

"Trabalhadores cearenses estão sendo transformados por um rico proprietário de terras no Maranhão e passando as maiores privações, num regime de cativeiro dos mais inclementes. São levados de Fortaleza, em pau de arara, despertados pela possibilidade de melhorar de vida e com passagem gratuita. O intermediário afirma que naquele Estado, terão diárias altas e refeições, além de outras vantagens garantidas para um trabalho que não será excessivo. Com essa expectativa, muitos foram para a fazenda SANTANA DO PIAUI, submetidos a regime de escravidão e sem condições de mudar". O jornal relata que, pelo emprêgo de estratagemas, conseguiram fugir e retornar ao Ceará.

Não há maior contraste e nem fato mais entristecedor, do que escravizar-se a mesma gente que se tornou a pioneira da emancipação do elemento cativo em todo o Brasil. Tudo isso é o efeito natural da calamidade climática que nos açoita, de quando em quando.

Mas, acredito em Deus que tudo tende a transformar-se. As vias de comunicação aceleram-se e estão a ligar o Brasil de norte a sul, de leste a oeste. Os novos planos do governo são animadores em todos os setores da vida nacional. Já se pode respirar otimismo. O trabalhador, em breve, terá promissoras condições de vida. O trabalho livre, bem compensador, prevalecerá no país, destruindo por completo, todo o resquício de escravidão, desta opulenta nação brasileira.

Dizia um escritor português que os indivíduos de meias letras são, infinitamente, mais perigosos do que, propriamente, os letrados. É que o meia-letras possui o grave complexo de pensar que já sabe tudo no que diz respeito às letras e às ciências. Pobre diabo!... Sei de um que, por ser rasteiro e mal ouvido, chama os de letra de bôboides e obscuros. Obscuros, retraídos e indiferentes... são as pessoas felizes deste mundo. Como sempre acontece, criam o seu ambiente, onde não é permitido a entrada de extrovertidos imbecis. O obscuro é chamado pelos gaiatos de insociáveis, burro e desprezível. A ciência do semi-letrado está no fingir que compreende, que está sendo visto e até mesmo aplaudido. O obscuro, que você pensa quem é, acredite: é um homem feliz. Seu nome não sofre discussão e nem, sequer, passa pela lembrança de ninguém. O obscuro é a Esfinge de Gíseth: atrai e assombra. Édipo, vez por outra, passa a mãozinha por sua juba. Ela se enternece mas não agradece e ama viver na solidão do deserto: gosta da obscuridade. O obscuro tem o prazer de ser esquecido para poder pensar, para poder aprender. Sua filosofia é epicurista: tem a volúpia do saber. Não conhece ninguém e admira, sinceramente, os que têm cultura. Para ele, o extrovertido, que tem por hábito falar mal dos outros, é tábua rasa. Para conhecer o mundo, nesta época de tanta publicidade, não é preciso ouvir os sabichões de banco de avenida. Pode-se amar o próximo sem, contudo, ser regra geral. Só Jesus Cristo teve o privilégio de poder senti-lo. O comum de todos nós é não ter amor a ninguém. A Natureza é como sóe ser: um campo de batalha. Os seres se destroem nos entreveros sangrentos da conservação da espécie. O canibalismo é, positivamente, legal pela força dos instintos que não chegou a ser razão. Nossos semelhantes só têm um do outro a forma e vence o atleta por se chamar com razão o "herói". Não quero invocar Nitch, que era um teórico; lembro Espártaco, que era um gladiador. A inveja pueril dos que se não conformam em ficar só é pusilidade. Sei de um notável escritor que fazia o culto dos leões por serem amigos do isolamento e da solidão. O forte é, por natureza, insociável e obscuro. Ele ri da inânidade palhaçada dos cabotinos ou "derramados" do mestre Machado de Assis. O extrovertido não tem consciência de si mesmo; vivem da miragem ou dos sonhos, criados por sua inteligência medíocre e por isto chama os outros de OBSCUROS. Pobre diabo!... Obscuro, para o cabotino, é o que não dá escândalo; o que não furta; o que não tem mania de grandeza; o que não tem vida de respeito e austeridade; o que não gosta de ver o nome nos jornais, quer como bom quer como mau; o adverso de Eróstrato; o que evita, por detestar, o "bate-papo" das esquinas; o que sabe, por convicção absoluta, que das "rodinhas" não tira proveito; o que sabe, por certeza, certíssima, que o amigo de ocasião é falso e prejudicial. O obscuro, meu caro, é o asceta que se mortifica por aprender e mesmo assim, quando pensa que sabe, sabe menos do que aprendeu, na expressão clássica de Sócrates "que só sabia que nada sabia". Sei que citar Sócrates para os doutores de porta de bodéga é, simplesmente, uma blasfêmia. Mas, não posso deixar de fazê-lo. Citei Eróstrato' comentado, maravilhosamente, pelo grande José Igenieros, e poderia a propósito dos pernósticos, que chamam os outros de obscuros, citar muita gente e muita coisa. Ficará para melhor oportunidade. É fácil a psicanálise fria dos pitátiacos e safardanas.

um Poeta, um Músico e a Independência

EVARISTO FERREIRA DA VEIGA (Poeta)
D. PEDRO I (Músico)

PROF. LUIZ RÓSEO

Segundo algumas versões, o "Hino da Independência" teria sido composto e executado no próprio dia 7 de Setembro, data da emancipação política do Brasil.

O véu de mistério, apenas mais tênue do que o que encobre a gênese do "Hino Nacional Brasileiro", também escondeu, por muito tempo, do nosso conhecimento, as origens do "Hino da Independência".

Não é certa a versão, acima mencionada, de haver sido êsse hino composto na própria tarde da Independência. É impossível conceber-se que o Príncipe responsável pelos destinos do País, que acabava de declarar independência, e logo após debruçar-se sôbre um papel pautado, nas poucas horas que passou em S. Paulo, entre a sua chegada e o espetáculo de gala a que compareceu na "Casa da Ópera", de laço verde e amarelo no braço, atando dístico de ouro que mandara confeccionar com a inscrição "Independência ou Morte", e de um só fôlego, como quem garatuja um bilhete, escreveu a sua belíssima melodia.

Luiz Ferreira da Veiga, irmão do imortal autor do poema do "Hino da Independência", no trabalho intitulado "Comentários sôbre os versos do Hino da Independência", afirma que o poeta, aos 22 de agosto de 1922, escreveu uns versos de sua autoria interpretando os anseios dos brasileiros quando os fatos se pronunciavam em prol da nossa liberdade.

Evaristo mandou imprimir vários exemplares e, denominando-os de "Hino da Independência", por intermédio do seu irmão Luiz Ferrei-

ra da Veiga, ofertou ao Príncipe Regente D. Pedro I doze exemplares, quando então resolveu musicar.

Naquela época, quem apenas se pronunciasse contra o domínio de Portugal seria condenado a um exílio perpétuo.

Evaristo Ferreira da Veiga, no ímpeto de um brasileiro sonhador pela nossa independência, num brado vibrante e de arrogância, contribuiu para que fosse o seu poema um brado de independência econômica, política e social, hoje visto e sentido no poema inspirado e intitulado "Hino da Independência do Brasil".

No dia 7 de Setembro de 1822, após o Grito do Ipiranga, foi cantado, pela primeira vez, o "Hino da Independência", na Casa da Ópera, em São Paulo, por um grandioso côro popular. O Príncipe Regente, participando do espetáculo, cantou a música de sua autoria e depois foi aclamado pelos presentes Imperador Constitucional e Defensor Perpétuo do Brasil.

I

Já podeis da Pátria filhos,
Ver contente a mãe gentil !
Já raiou a liberdade
No horizonte do Brasil

(
(BIS

Estribillo

Brava gente brasileira !
Longe vá... temor servil !
Ou ficar a Pátria livre
Ou morrer pelo Brasil

(
(BIS

II

Cs grilhões que nos forjava
Da perfidia astuto ardil...
Houve não mais poderosa :
Zombou deles o Brasil.

(
(BIS

Campanha de Defesa do Folclóre Brasileiro

CENTRO FOLCLÓRICO FILGUEIRA SAMPAIO

FUNDADO EM 23 DE MAIO DE 1972

CRATEÚS — CEARÁ

Crateús, 31 de maio de 1972

OFÍCIO N.º 1

Comunicação

Exmo. Snr.

Apraz-nos comunicar a V. Excia. que, em magnífica solenidade realizada às 20 horas de 23 de maio corrente no pátio interno do Quartel da 8a. Companhia da Polícia Militar, sediada nesta Cidade, realizou-se a fundação do CENTRO FOLCLÓRICO FILGUEIRA SAMPAIO, cuja diretoria, eleita por aclamação, ficou assim constituída:

Presidente: Capitão JOSÉ ISRAEL CINTRA AUSTRAGÉSILO

Vice-Presidente: Professor LUIZ BEZERRA

Secretário: Professora ROSA MORAIS

2.º Secretário: Dr. OSVALDO BEZERRA DO NASCIMENTO

1.º Tesoureiro: Mons. JOSÉ MARIA MOREIRA DO BONFIM

2.º Tesoureiro: Dr. ANTONIO CARLOS BARRETO

Orador Oficial: Jornalista RAIMUNDO NONATO MOREIRA BONFIM

No decorrer do Festival, assistido por autoridades civis, militares e eclesiásticas, instituições educacionais e centenas de convidados, houve demonstrações de números artísticos, representações de atos folclóricos e um empolgante desafio entre os cantadores Otacílio Batista e José Mota Pinheiro. Vários discursos foram proferidos e a banda de música do 4.º Batalhão de Engenharia executou melodias regionais e canções tipicamente patrióticas.

Crateús — a proclamada PRINCESA DO OESTE — consciente do seu progresso e patrimônio histórico, solidifica assim a sua grandeza baseada nos valores do espírito e na sua indômita vontade de firmar-se na civilização do Novo Nordeste. Integrada nas realizações da cultura, organiza, com os mais elevados propósitos cívicos, um núcleo que objetiva a defesa e a difusão de seus folguedos e artes populares, elo intenso e prestimoso da continuidade tradicional brasileira.

Aproveitamos o ensejo para apresentar a V. Excia. os nossos protestos de alta estima e distinta consideração.

Atenciosamente

a) Dr. OSVALDO BEZERRA DO NASCIMENTO — 2.º Secretário

Estribilho	Brava gente brasileira! etc.
Brava gente brasileira! etc.	IV
III	Parabéns, ó! brasileiros
Não temais ímpias falanges	Já, com garbo juvenil,
Que apresentam face hostil:	Do universo entre as nações (
Vossos peitos, vossos braços (Resplandece a do Brasil. (BIS
São muralhas do Brasil. (BIS	Estribilho
Estribilho	Erava gente brasileira! etc.

THOMAZ OSTERNE DE ALENCAR S. A.

(COMÉRCIO — INDÚSTRIA — AGRICULTURA)

PARA AVIAMENTO OU PEQUENAS INDÚSTRIAS

MOTORES YANMAR DIESEL

UMA ORGANIZAÇÃO TRADICIONAL NO CARIRI

OUTROS PRODUTOS QUE ESTÃO A SUA ESPERA :

Motores Elétricos GENERAL ELECTRIC

Moto-bombas MONTGOMERY e YANMAR

Geladeiras GENERAL ELECTRIC e CONSUL

Liquidificadores ARNO e WALITA — RÁDIOS

Radiofones PHILIPS, ABC, PHILCO e TELEVISORES

MATERIAL ELÉTRICO EM GERAL

MATRIZ :

RUA DR. JOÃO PESSOA N.º 405 — FONE : 583

FILIAL :

RUA BARBARA DE ALENCAR N.º 796 — FONE : 584

TELEGRAMA : OSTERN — CRATO — CEARÁ

PAULISTA

AMIGO DO NORDESTE

J. DE FIGUEIREDO FILHO

A lenda que correu, por muito tempo, de que o paulista não gosta do nordestino, já é tempo de ser radicalmente destruída. Exarcebou-se isso, após os acontecimentos de 1932, com a derrocada da Revolução Constitucionalista, após a invasão de S. Paulo por forças oriundas do Nordeste então passando por terrível crise climática, e do Rio Grande do Sul.

Conheço cearenses, residentes na terra das Bandeiras, quase inutilizados, em combates ao lado de S. Paulo, contra Getúlio. Recebem pensão e assistência do governo estadual. S. Paulo, embora vencido, implantou a Constituição.

Nenhuma pessoa, desejando trabalhar, procedente de qualquer parte do globo, deixa de ser bem acolhida, naquele pedaço privilegiado do Brasil. No lar paulista não reina antipatia. Há o mesmo espírito de hospitalidade do que, em outro ponto do país. Não são eles fofoqueiros e nem se abrem para quem lhes é desconhecido, especialmente se tem falhas morais.

Ninguém é menos cheio de pôse, com ar de superioridade sobre os outros do que o intelectual de Piratininga. Eu gosto de S. Paulo. Já visitei, na Paulicéia, o Instituto Histórico e Geográfico, a Academia Paulista de Letras, a Sociedade Geográfica, a Associação Brasileira de Folclore, com seu MUSEU DE ARTES TECNICAS E POPULARES, a sede da Associação de Professores Universitários de História. As três últimas entidades me fizeram sócio efetivo das mesmas. Em tôdas me trataram com o máximo de urbanismo e até com êsse carinho sobrio, do filho de S. Paulo. Todos me pediram informes do Nordeste, especialmente do Ceará e ouviam-me atentamente. Têm eles sede de conhecimento desta região.

Dou-me bastante com o escritor Alceu Maynard de Araújo a quem muito admiro. É professor de ensino superior e homem que se multiplica, em mil atividades, tudo com proficiência. Não se enfada, é otimista por natureza, sendo a simpatia em pessoa. Folclorista dos mais notáveis do País, com renome internacional, fez das melhores enciclopédias do assunto, enfeixada em três grossos volumes. Está totalmente esgotada. Quase todos os anos, é convidado, a 22 de Agosto, para dirigir o festival folclórico de Brasília. Conhece a ciência do povo, em profundidade, e faz pesquisas de norte a sul do Brasil. Acha que está no Nordeste o mais original folclore nacional, especialmente no tocante ao artesanato. Não cessa de tecer elogios á inteligência e tenacidade do nordestino.

Já estive em Crato, estudando as coisas e os tipos regionais e não esquece nossa paisagem humana e natural. Fêz conferências. Presen-

ciou exposições de reisados milindô e ouviu música cabaçal.

Em pesquisa de campo, no Rio S. Francisco, demorou temporada, no meio da população humilde e sem conforto, exposto a doenças próprias daquelas parágens. Publicou o resultado de seus exaustivos trabalhos, na Coleção SIA, do Ministério de Agricultura, a mesma que editou meu "ENGENHOS DE RAPADURA DO CARIRI". Residente na cidade mais progressista da América Latina, não temeu expôr-se ao desconforto da beira de rio São Francisco, a fim de expor ao público e ao govêrno, as mazelas de nossa gente humilde do interior.

Certa feita, na Paulicéia, fazia programa cultural na TV Cultura. Convidou-me para o seu progrma. Entrevistou-me sôbre o Cariri e apresentou aos teleouvintes a revista, "ITAYTERA", classificando-a, entre as melhores, no gênero, em todo o país. No Govêrno Ademar de Barros foi Diretor da DEAR que congregava cêrca de 200.000 funcionários públicos. Convidou-me para fazer visita àquela instituição, acompanhado de minha esposa. Atendi-lhe o convite prontamente. Ofertou-nos lanche, mostrou-nos as principais dependências daquele colosso e ainda fomos homenageados por um coral de funcionários, em salão especial. No entanto, não passava eu de mero escritor do interior cearense. Ainda levou-nos à Academia Paulista e, dias depois, ao Instituto Histórico e Geográfico, dos quais é sócio. Não tivemos acanhamento de penetrar no recinto dos maiores intelectuais de S. Paulo, tal o carinho com que fomos recebidos.

Ao passar eu, na Paulicéia, com destino a Buenos-Aires, escreveu carta ao folclorista de nomeada mundial — Felix Collúcio, recomendando a minha humilde pessoa. O resultado foi a citação de trechos de meus livros, O FOLCLORE NO CARIRI e FOLGUEDOS INFANTIS CARIRIENSES, em ANTOLOGIA DEL FOLCLORE LATINO AMERICANO, daquele acatado autor argentino.

O Prof. Alceu Maynard de Araújo, piracicabano de quatro costados, quando fui a Aguas de S. Pedro, encantadora estação d'água, perto de sua opulenta cidade, recomendou-me a amigos e conterrâneos intelectuais. Fui convidado para membro da Academia de Letras de Piracicaba e como ali, o sócio pode escolher para patrono escritor vivo, não vacilei, um só minuto. Escolhi Alceu Maynard de Araújo, para patronizador da cadeira 35, a ocupá-la, oportunamente.

Sabendo respeitar os sentimentos católicos dos amigos, como eu, é Grão Mestre e muito acatado na Maçonaria.

Confesso-me grande admirador de S. Paulo, de seu dinamismo, trabalho construtor, cultura e de sua sóbria hospitalidade, isenta totalmente de hipocrisia.

Homens, do quilate do escritor Alceu Maynard de Araújo, merecem ser conhecidos e admirados, no Nordeste, pois, são nossos fiéis amigos e divulgadores pelo mundo afora, dessa região que também começa a despertar para seu integral desenvolvimento.

Crato, 5 de Novembro de 1971.

JOSÉ ALVES DE FIGUEIREDO FILHO

O Crato, não obstante seus gravísimos pecados originais, é uma terra boa, de bom clima, de boa água, de boas frutas, como dizem que assim era o lugar habitado por nossos primeiros pais. Caiu, mas não caiu de repente; algumas feras ficaram, e, vez por outra, querem morder a gente por intuição errada de que os obscuros são da quinta coluna de Jeová. A maldição do Criador, pois, ficou assim provada, não foi de um modo absoluto. Nosso povo é no momento o que a humanidade vai sendo: inquieta, impulsiva, precipitada, escandalosa e desajustada. O fim desta civilização está próximo. A HISTÓRIA prefixa os ciclos de progresso desta velha e peripeçiosa humanidade. Tudo está indo muito depressa. O que foi imoral nos costumes ou barbáries dos povos primitivos e os catecismos procuraram corrigir vai voltando em queda vertiginosa. Nos lugares pequenos mais facilmente se vê isto. O instinto solto absolutamente despolicidado foge à lei sagrada da compostura e básica da formação da família e célula inicial da sociedade. No Crato, os que não infringem as leis do respeito são considerados insociáveis e lançados, sem remédio, no limbo do esquecimento. Quando se usava da violência, sem consideração a categoria do infrator, as coisas corriam mais favoráveis ao respeito da dignidade social. Pode o governo com a força da polícia de costumes reprimir a bestidade dos que não tiveram educação necessária nas suas casas e nos colégios que frequentaram. Mas, esperar de governo numa democracia de caboclo é pedir ao Sol com seus raios fulgurantes que deixe em paz a inércia das topeiras. O que acontece é que entra governo e sai governo e tudo fica no mesmo ou significativamente pior. O lenocínio entre nossa gente é a putrefação dos costumes em toda a extensão do nosso país. O carnaval famoso do Brasil é a fonte viva da depreciação dos nossos costumes; tornou-se turismo essa bacanal desenfreada de 3 dias de loucura da caboclada brasileira. Ninguém crê em nós e zomba de nós e abusa de nós por isto mesmo porque somos frívolos e débeis mentais. No Norte, com 10 anos se ama, com 12 arma casamento e com 14 se assiste a morte dos filhos por falta de alimento e medicamento. Os povos de uma origem só, de sangue igual e caracter uniforme são coerentes, unidos e valorosos, assim na paz e na alegria, como na guerra e no sofrimento. Como exemplo, a raça amarela é típica (China, Coréia, Vietnan ou Japão)... Raça de heróis... É difícil acreditar-se na grandeza das raças mestiçadas, pobres de sangue e da bioquímica das espécies superiores. Há quem diga que não há raça superior. Os fatos com o testemunho da História se encarregam de desmentir... Não quero falar de arianos, que isto não passa de uma hipótese. Porém, missigenização de raças brancas, com perfeição de corpo e inteligência nos organismos do mais alto grau de evolução da espécie humana... isto não se discute mais. O velho Darwin já entrevia isto na "EVOLUÇÃO DAS ESPÉCIES". Defrontem, se quiserem, um homem do Senegal e um outro da Escandinávia. Demais, um gênio da raça preta pura ainda não se viu. De raça branca é o comum e o mais recente foi, sem dúvida, Einstein, alemão de Wutemburgo. Há mestiços dotados, como o brasileiro José do Patrocínio, que, sem dúvida, forçou uma janela da História e ficou por demais conhecido. Foi a sublimação do sangue branco, que herdou. No mais, foi a regra geral das mediocridades parlengas insatisfeitas no inane esforço de ouvir e admirar estrelas a quem suplicam a esmola de uma inspiração impos-

HOMENS, IDÉIAS E PAISAGENS

A B D I A S L I M A

Gentilmente ofertado pelo General Raimundo Teles Pinheiro, historiador dos mais ilustres do Brasil, o 15.º número da revista "Itaytera", órgão do Instituto Cultural do Cariri, sediado em Crato. A revista mantém intercâmbio com várias publicações do Brasil e do estrangeiro e em suas páginas fulgem penas de escritores cratenses e de todo o país. Aqui, o grande intelectual J. de Figueiredo Filho fala de Euclides da Cunha; Pedro Gomes de Matos, modesto e talentoso, bom prosador, comenta o livro de J. de Figueiredo Filho, "Euclides da Cunha, um Civilizador do Cariri"; lê-se a palestra do General Raimundo Teles Pinheiro sobre as guerras platinas no segundo Reinado; o discurso de posse no Instituto Cultural do Cariri do escritor Pedro Gomes de Matos; Nertan Macedo dá uma entrevista em que confessa o desejo de ser romancista. A maioria dos trabalhos, excelentes são de penas cratenses. O Crato enche o Brasil de cérebros privilegiados: Tomé Cabral, José A. de Alencar e muitos outros.

MOÇÃO Sendo a zona de pés-de-serra do Araripe, entre o Ceará e Pernambuco, o maior depósito de fósseis do Brasil, ou América do Sul, esse imenso acervo de testemunhas de cem milhões de anos de convulsões geológicas, estupidamente malbaratado, pela venda nas feiras, sobrecarregando caminhões ou queimado em CAIEIRAS, urge providências urgentes com o fim de conter tal destruição. No entanto, tudo isso é vedado pela Lei de 26 de Julho de 1961, de acordo com o Artigo 152 da Constituição Federal.

Em Jamacará, no Município de Missão Velha, há um MUSEU DE FÓSSEIS, organizado, recentemente pela dedicação de seu vigário Padre Nery Feitosa. É o primeiro guardião a preservar tão imenso cabedal de preciosidades paleontológicas.

Rogo ao VI Simpósio de Professores Universitários de História a cooperar para que se cumpra a Lei que protege nosso riquíssimo patrimônio de fósseis, vindos de séculos infindos, tesouro precioso do Brasil e dos mais imensos do Globo, já entrevisto por Spix e Martius, em 1826 e por Gardner, em 1838. — J. DE FIGUEIREDO FILHO — Goania, Set. de 1971.

sível... O "obscurão", que eu sou, graças a Deus, reconheço os graves defeitos da mestiçagem nacional. Sou, infelizmente, mameluco da raça ruim que colonizou o nosso rico Brasil. É inútil querer defender Portugal, que nos herdou, para colônia, calcêtas, marginais e meretrizes da escória de sua terra. Não tem Gama que apague esse borrão. "Nem os astros, as noites e as tempestades"... pedidos pelo poeta para os navios negreiros que faziam o tráfico da escravidão. Sou contrário a integração das raças inferiores. Não é que pense como Malthus no perigo da proliferação, sem dúvida muito maior na mestiçagem de procedência camita. Malthus só viu a extensão sem perceber bem a contra-expansão, representada pelas guerras, epidemias, terremotos, inundações e outros mais cataclismos mundiais. Hoje, as coisas são outras. A evolução acelerou o passo e se tornou aguda, premente, extratõesférica, etc. Marchamos para a verdadeira época do mais forte. Nietzsche previu isto. Sei que é inútil lutar-se pela recomposição moral, política e social do mundo, que se esfarela na efervescência de uma Civilização de milênios que está prestes a se transformar.

Centenário de Nascimento

José Carvalho

J. DE FIGUEIREDO FILHO

Ainda conheci, pessoalmente, o escritor cratense — José Carvalho. Após a revolução de 1930, despojado do seu cartório, em Belém, do Pará, mudou-se para Fortaleza, a convite de seu grande amigo, então Interventor do Ceará, dos forjadores principais da luta que derrubara a situação política de então, Dr. Távora.

José Carvalho fôra apenas vítima de sua fidelidade partidária. É preciso abrir um parêntesis. O Pará, na babúrdia administrativa antes do movimento que eclodiu de norte a sul, relutou em aderir à revolução, pois era o único Estado, bem orientado do momento.

O escritor cratense, tão radicado à Amazônia, ficou com o mesmo cargo que tinha na terra marajoara — tabelião. Se não me falha a memória, instalava-se com seu novo cartório, à rua Barão do Rio Branco, em 1931. Lá o encontrei, palestando com o conhecido poeta e romancista cearense — Antônio Sales. Acompanhava-me Teófilo de Siqueira Cavalcanti, muito conhecido no Cariri, como farmacêutico, pela inteligência e anedotas. Apresentamo-nos aos dois. Velho amigo de meu pai, José Carvalho abraçou-me efusivamente. Teófilo, muito loquaz, tomou conta da palestra, recitou versos de sua própria autoria. Os outros pouco tiveram oportunidade de falar.

José Carvalho foi dos maiores cratenses, ou caririenses, que existiram. Talento multiforme Poeta, prosador, historiador, folclorista, ainda sobressaiu-se pelo acendrado patriotismo. Herói da revolução acreana. Cooperou para a integração daquele imenso território ao todo nacional. Não foi figura secundária. Com punhado de seringueiros cearenses, antecedeu-se a Plácido de Castro. Expulsou do Acre, a primeira invasão do exército boliviano. Escreveu essa epopéia em PRIMEIRA INSURREIÇÃO ACREANA. Não colheu os loiros imediatos de sua ousadia e bravura, em enfreitar e vencer fôrças apetrechadas, militarmente. Percorreu rua de amargura, preparada por políticos, sem escrúpulos, do próprio Brasil. Era dos nossos grandes folcloristas, quando não se falava quase nada dessa nova ciência, que nascera em Londres. No MATUTO CEARENSE E O CABOCLO DO PARÁ, entre várias pesquisas de vulto, revela a bela quadrinha popular que ouviu, pela primeira vez, de um matuto a cantar, no sítio Burity, de Crato :

“SE EU FOSSE PÔDE DE RICO
NÃO MORAVA, LÁ NO MATO,
MORAVA MAIS A LORINDA
ALI NA RUA DO CRATO”.

Foi José Carvalho quem lançou ao Brasil, no Pará, o grande vate — PATATIVA DO ASSARÉ. Escreveu a peça teatral, em forma de poema, sob o título — DONA BARBARA. É o enaltecimento, dos feitos de sua antepassada — Barbara Pereira de Alencar. Tentamos, no Instituto Cultural do Cariri, arranjar grupo de amadores a representá-la. Não foi possível, até agora.

Sustentou polêmica, na imprensa, a defender a heroína contra cá-lúnia histórica vinculada, naquela época, pelo ilustre historiador Mário Melo, de Pernambuco. Arranjou dados e publicou-os, defendendo a honra de sua avoenga. Padre Antônio Gomes de Araújo, com dados irrefutáveis, comprovou que Bárbara de Alencar e o vigário Padre Manuel Carlos, os dois apontados no adultério que deu origem a dois filhos, viviam separados a muitas léguas de distância. Ele ainda não era ordenado, na época do nascimento dos mesmos, sendo um deles, José Martiniano de Alencar, futuro herói de 1817 e estadista do Império. A versão do Pe. Gomes, publiquei em trabalho na REVISTA DO INSTITUTO ARQUEOLÓGICO E HISTÓRICO DE PERNAMBUCO, do qual tenho a honra de fazer parte. É a mesma publicação, outrora dirigida por Mário Melo, homem que encheu época na vida literária, do vizinho Estado.

José Carvalho, como etnólogo, publicou vários trabalhos sobre ameríndios e seus costumes, da região amazônica. Escreveu ETNOGRAFIA INDIGENA CEARENSE, no ALMANAQUE DO ESTADO DO CEARÁ, de 1932, em torno, especialmente, do CARIRI.

Será transcrito, em Fortaleza e na próxima edição de ITAYTERA.

O Instituto Cultural do Cariri, além de outras homenagens, ao grande cratense, que faleceu no Rio, a 15 de Novembro de 1932, criou a cadeira que tem o seu nome. Será preenchida, condignamente, pelo seu parente — Dr. Antônio de Alencar Araripe que muito conhece sua biografia. Fêz êle parte de muitas instituições culturais. Patrono de outra cadeira na Academia Cearense, que foi dos fundadores, na segunda fase, é ocupada atualmente pelo Dr. Manuel Fernandes Távora que pronunciou bela e inesquecível oração, ao preenchê-la.

José Carvalho foi fundador da PADARIA ESPIRITUAL, célebre na história das letras no Ceará. Tomou o nome de guerra de CARIRI BARAÛNA. Tal pseudônimo define o homem e o seu amor entusiasta à sub-região que o viu nascer.

Ia esquecendo, a êle se deve a divulgação de um dos maiores poetas populares do Nordeste, José de Matos. A Imprensa Universitária do Ceará deveria reeditar sua obra, que ainda é utilizada, pelo menos em parte. Fica a sugestão.

Crato, 17 de Fevereiro de 1972.

FAÇA SEU ANÚNCIO EM

“ ITAYTERA ”

Para mostrar toda
a sua alegria pela
fabricação do 1.000.000º
Fusca,
a Volkswagen está
distribuindo
10 Fuscões zero.
Um deles será de quem tiver
o Fusca mais antigo fabricado
no Brasil.



Os outros 9 são para os que vierem até nossa
Revenda preencher um simples cupom.
Venha logo. O prazo termina em 15.8.72.

DRASA - Distribuidora Regional de Automóveis S. A.

RUA RATISBONA Ns. 282/296 - CRATO - CEARÁ



REVENDEDOR
AUTORIZADO

Cerâmica Noronha S. A.



Produzindo ladrilhos
cerâmicos da
melhor qualidade

Estamos exportando para o
Norte e Nordeste!

RODOVIA Pe. CICERO

Crato

—

Ceará

O Lago que se tornou sangrento

MARIA DILMAR SOARES DE OLIVEIRA

Era uma vez um lago tranquilo, iluminado, cheio de pássaros e flores. Cheio de canto e amor. O lago estava situado, ao sopé das serras. No lago existia uma imensidão de aves, que viviam sempre voando para suas serras, campos e sítios. Em determinado dia todos se reuniam e sorriam de alegria. A maior ave gorda e alva, estava cercada de filhotes e ouvia-lhes suas vozes e até cantava. E até rezava salmos. Em uma noite, após ter escurecido o bosque e o lago, depois de haverem saído todas as aves que eram os machos de penas, ali no lago, ouvira-se uma oração, um salmo ao Deus Criador. Quem o ouvia era a velha ave branca, gorda e macia, a ave que era o pai de todas as avezinhas daquele lago. Quando estava bem atento, ouvindo aqueles salmos, foi surpreendido por uma rajada de balas que vinham do lado da rua. Eram os ratos que armados destruíam o sossego da rua e do lago. E quebraram a tranquilidade do lago claro e as sinfonias tornaram-se tristes e magoadas. O "Sol" escondeu-se, a floresta escureceu. E duas rajadas de balas foram disparadas dentro do lago. Assombraram-se as avezinhas meigas do lago. Choravam e sacudiam as peninhas arrupando-se nervosas, frias e tremendo de medo. Uma delas, correu para fechar a porta do lago e as balas continuavam sua direção, prontas a matar a única ave macho que ali havia: a ave branca e gorda. E as aves fêmeas choravam porque havia sido atingido e no chão semi-morta se encontrava a maior ave do lago. O pai do bosque. Aquêlo que trabalhava e protegia as outras avezinhas todas. As aves gritavam assustadas ao ver o sangue correndo sobre o lago e correndo para a rua. Gritavam. O gatinho branco, inimigo tornou-se naquela hora inimigo dos ratos animais nocivos. Subiu a janela do lago e rosnou: "Você não escapará da justiça. Eu direi que foi você quem tentou matar o meu pai e se ele não escapar, você pagará caro". O sangue do meu pai não ficará impune. Eu direi a justiça que foram vocês". Gritava por socorro, a ave maior e todas as outras aves da região voltaram-se para o lugar do lago ensanguentado.

E depois de tanta injustiça iam procurando fugir os ratos quando uns bichinhos que chamam por aí de macacos verdes, prenderam-os. Levaram os ratos malfetores e nocivos para uma ratoeira e deixou-os prêsos. Como porém eram medrosos os macacos verdes temendo a família dos ratos falou: Eu só prendi você, ratinho, porque não sabia quem era você e vinha armado...

A bicharada solidária levou a ave ferida para ser socorrida n'outro lugar. Mas continuava o clima de intranquilidade e do sofrimento tudo por causa de dois ratos sem consciência filhos dos ratos maiores.

Desde aquele dia acabou-se a tranquilidade do lago e ao menor ruído do vento, as aves amestradas pensavam que eram os ratos barulhentos dos telhados malfetores. Seriam os ratos dos telhados que voltavam para os lagos?

E os gatinhos brancos ficaram inimigos dos ratos sujos e vagabundos. E as avezinhas que estudavam ouviram esta história verdadeira de sangue, tragédia, perseguição e traição e mandaram que a infância brasileira procurasse a pedagogia para contá-la suavemente as criancinhas a justiça, e aos chefes da nação, para escutar um canto triste da ave menor do lago claro que se tornou sangrento e turvo. E a ave maiorzinha ao escrever a história repetiu as palavras de um cordeiro manso: "*Porque turvas oh, lobos a água que bebo*"?

Para ITAYTERA

Francisco Agatângelo de Crato

ENCONTREI-OS BRINCANDO JUNTOS

A BEIRA DE UM RIACHO.

ELE CORRIA ATRAZ DAS BORBOLETAS.

ELA, A SORRIR, OS PEIXES CONTEMPLAVA.

TUDO O QUE ELE FAZIA, ERA PENSANDO NELA.

E CONTENTE SE SENTIA COM O SORRISO DELA.

ELE LUTOU, ESTUDOU, FORMOU-SE.

SEU PENSAMENTO AINDA ERA ELA

A MERECE-LHE MAIS QUE UM SORRISO.

ERA SEU CORAÇÃO QUE ELE DESEJAVÁ.

ELA LUTOU, ESTUDOU, TAMBEM FORMOU-SE.

UM ENCANTO DE JOVEM SE TORNARA.

EM SEU CAMINHO, MUITOS MOÇOS ENCONTRARA.

MAS SEU AFETO, SÓ A ELE DEDICARA.

FESTAS. ALEGRIA DE FORMATURA.

E MAIS QUE ISTO,

FESTAS, ALEGRIA DE CORAÇÕES

FELIZES PELO NOVO ENCONTRO.

EILOS DE NOVO ALEGRES E FELIZES

COMO OUTRORA, A BEIRA DO RIACHO.

A INFÂNCIA, A ESCOLA, OS PASSEIOS,

COM NOSTALGIA, RELEMBRARAM.

TUDO FÔRA TÃO BELO, MAS PASSARA.

AGORA TUDO MAIS BELO DEVIA SER.

ELE NÃO MAIS CORRIA ATRAZ DAS BORBOLETAS.

MAS SEU PENSAMENTO NÃO MUDARA,

ERA O MESMO, ERA ELA,

LOUCO PARA TUDO CONFESSAR-LHE.

ELA, AINDA A CONTEMPLAR OS PEIXES,

ERA NELE QUE PENSAVA,

LOUCA POR OUVIR-LHE A CONFISSÃO.

NAQUELE MOMENTO ROMÂNTICO DO CREPÚSCULO

A BEIRA DO RIACHO, A LUZ DA LUA,

UM ESPETÁCULO SÓ SE VIU,

UM MURMÚRIO SÓ SE OUVIU:

UM ABRAÇO SENTIMENTAL DE JOVENS,

UM BEIJO ARDENTE DE NAMORADOS.

"TE AMO!", CONFISSÃO SINGELA

DE PROFUNDO AMOR.

Feira de Santana — Ba.

ASSINATURAS DA ATA DE 1.º DE SETEMBRO DE 1822

Eu Francisco Miguel Pereira, escrivão escrevi. Assinados — Lago, Quintal, Costa, Rabelo, Tristão Gonçalves de Alencar, Vicente José Pereira, vigário interino, padre Pedro Pinheiro ex-Silva, Leandro Bezerra Monteiro, José Pereira Filgueiras, Romão José Batista, José Vitoriano Maciel, José Félix de Mendonça, João Lobo de Menezes, Pedro José de Carvalho, Manuel Francisco de Mendonça, Antonio Jacinto de Sousa, João Gonçalves Pereira de Alencar, Francisco Cardoso de Matos, Antonio de Macedo Pimentel, Amaro Velho de Vasconcelos, Antônio Moreira da Costa, Francisco João da Silva, Vicente Ramos da Cruz, Francisco José César, Antonio Correia Lima, Raimundo José de Carvalho, Antonio Jácome de Araújo, Alexandre Raimundo Pereira, Vicente Amâncio de Lima, Antônio Leite de Silva, Joaquim Ferreira Nobre, Manuel da Assunção da Silva, José Pereira da Silva".

E. C. A. P.

ESCRITÓRIO DE CONTABILIDADE, ADMINISTRAÇÃO E PLANEJAMENTO

SUPERVISÃO DE

José Primo de Brito

ECONOMISTA E TÉCNICO EM CONTABILIDADE

F O N O : 2 6 1

CONTABILIDADE (PÚBLICA
(
(COMERCIAL
(INDUSTRIAL
(
(AGRO-PASTORIL

ORGANIZAÇÕES E MODIFICAÇÕES DE SOCIEDADE

DEFESAS DE MULTAS E RECURSOS FISCAIS

CONSULTAS E PARECERES FISCAIS, CONTÁBEIS, TRABALHISTAS

E PREVIDENCIÁRIA

ASSESSORAMENTO MUNICIPAL

PLANEJAMENTO E

DEMAIS ASSUNTOS CORRELATOS

ATENDEMOS CHAMADOS PARA OUTRAS CIDADES

RUA JOSÉ DE ALENCAR N. 139

NO CRATO PARA SERVIR A REGIÃO

Banco do Brasil S. A.



AGÊNCIA DO GRATO

*36 anos produzindo riquezas
através do crédito orientado!*

*36 anos fomentando o
desenvolvimento regional!*
